

Carmen Seganfredo & A. S. Franchini

FÚRIA NÓRDICA

SAGAS VIKINGS

artes
e Ofícios

FÚRIA
NÓRDICA

Carmen Seganfredo & A. S. Franchini

FÚRIA NÓRDICA

SAGAS VIKINGS



© A.S. Franchini e Carmen Seganfredo, 2011.
1ª Reimpressão, 2012

Coordenação Editorial **Elaine Maritza da Silveira**

Capa **Marco Cena**

Revisão **Renato Deitos e William Boenavides**
(Conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa)

Editoração **Editoras Associadas**

F89f

Seganfredo, Carmen, 1956-

Fúria nórdica : sagas vikings / Carmen Seganfredo & A. S. Franchini. - Porto Alegre, RS : Artes e Ofícios , 2011.

ISBN 978-85-7421-186-2

1. Mitologia nórdica. I. Franchini, A. S. (Ademilson S.), 1964-. II. Título.
10-3188.

CDD: 293

CDU: 257.8

05.07.10 - 06.07.10 - 022803

CIP - Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Reservados todos os direitos de publicação para
ARTES E OFÍCIOS EDITORA LTDA.
Rua Almirante Barroso, 215 – Floresta
CEP 90220-021 – Porto Alegre – RS
(51) 3311.0832
arteseoficios@arteseoficios.com.br
www.arteseoficios.com.br

Da fúria dos nórdicos, livrai-nos, ó Senhor!

(Oração cristã, comum em fins do século IX.)

Se cem cabeças de ferro endurecido pudessem crescer num só pescoço, e se cada cabeça possuísse cem línguas aguçadamente indestrutíveis de metal temperado, e se cada língua gritasse incessantemente com uma centena de inextirpáveis altas vozes, elas nunca seriam capazes de enumerar as desgraças que o povo da Irlanda – homens e mulheres, leigos e sacerdotes, jovens e velhos – tem sofrido nas mãos destes guerreiros vikings.

(Texto extraído de uma crônica contemporânea cristã, de autor desconhecido.)

Sumário

[Prefácio](#)

[Parte 1 – A saga de Erik, O Vermelho](#)

[I – Os Exílios De Erik](#)

[II – Thorbjorn Vifilsson vai à Groenlândia](#)

[III – A profetisa](#)

[IV – Leif, o Sortudo, encontra a Vinlândia](#)

[V – A morte de Thorstein](#)

[VI – Um noivo para Gudrid](#)

[VII – Um ataque feroz](#)

[VIII – Em busca do Velho Pagão](#)

[IX – O fim da saga](#)

[Parte 2 – A Saga de Egil Skallagrimsson](#)

[I – O Lobo Noturno](#)

[II – As conquistas de Harold, o Peludo](#)

[III – Um ultimato para Úlfr](#)

- [IV – Os filhos de Hildirida](#)
- [V – A promessa cumprida](#)
- [VI – A festa para o rei](#)
- [VII – A ruína de Thorolf](#)
- [VIII – A dança dos drakkars](#)
- [IX – Um Ragnarök pessoal](#)
- [X – Uma *vendetta* viking](#)
- [XI – O Lobo Noturno em ação](#)
- [XII – Um esquife à deriva](#)
- [XIII – Bjorn e Thora](#)
- [XIV – O Machado Sangrento](#)
- [XV – Erik torna-se rei](#)
- [XVI – O assassinato de Bard](#)
- [XVII – Saqueador e violador](#)
- [XVIII – O banquete do conde Arnfid](#)
- [XIX – O fim de um orgulhoso](#)
- [XX – Uma careca estriada de sangue](#)
- [XXI – Nova briga com o rei](#)
- [XXII – Egil mata o filho do rei](#)
- [XXIII – O machado destronado](#)
- [XXIV – Egil duela com Ljot](#)
- [XXV – Outro duelo](#)

[XXVI – Fúria em Varmland](#)

[XXVII – Os rancheiros nórdicos](#)

[XXVIII – A morte de Egil](#)

[Glossário](#)

[Apêndice \(Os Poemas de Egil\)](#)

Prefácio

A cultura ocidental foi tão profundamente influenciada pela cultura nórdica que é raro encontrar alguém que não conheça ao menos alguma de suas histórias. Até mesmo a palavra “saga”, tão utilizada em livros, filmes, *animes* e jogos virtuais, vem dos nórdicos e significa “o que é dito”, “conto” ou “história” em islandês.

A natureza do viking parece se resumir a nomes engraçados de muitas consoantes, longas listas de linhagens, navegações, batalhas sangrentas, reinados, casamentos, reprodução abundante e morte violenta. Certamente, isso faz sentido, exceto que há aventura, glória e superação a cada passo desse processo – e é aí que se encontra uma grande fonte de fascínio por essa cultura de pagãos barbudos e mal-lavados.

A saga de Egil Skallagrimsson, uma das duas sagas aqui adaptadas, é, sem dúvida, uma das aventuras mais intensas e sangrentas já contadas. O anti-herói escandinavo Egil é um protótipo exemplar dos heróis anabolizados hollywoodianos de hoje, fazendo, muitas vezes, os seus sucessores parecerem simples amadores pelo nível de brutalidade de suas batalhas. Para exemplificar, este

guerreiro *berserker* mata, num confronto, de uma só vez e ao mesmo tempo, 25 homens que o emboscavam numa floresta sueca, como pobres moscas indefesas. E na falta de uma espada ou outra arma, Egil pula no pescoço do inimigo e, indo além da prática de um inocente vampiro, arranca-lhe o sangue e a própria carne.

Apesar de ser o mais cruel dos guerreiros bárbaros, no entanto, por mais bizarro e contraditório que pareça, foi também um célebre poeta viking – massacrava e recitava poesias, antes, durante e depois de suas carnificinas.

Já a saga de Erik, o Vermelho, tornou-se célebre por vários motivos: ela conta como Erik descobriu, nomeou e colonizou a Groenlândia. Além disso, conta sobre seu filho Leif, o Sortudo, que acidentalmente encontrou a América, cinco séculos antes de Cristóvão Colombo, tendo sempre por pano de fundo as disputas entre os pagãos vikings e os primeiros católicos nórdicos, os “vira-casacas” de Odin. Para se ter uma ideia do tipo de fama que esta saga abarca, a banda Led Zeppelin fez uma música dedicada ao filho de Erik, Leif Eriksson, chamada “The Immigrant Song”, cantada pela perspectiva dos vikings pagãos remando para o oeste da Escandinávia na busca de novas terras – mesmo que, historicamente, Leif tivesse sido convertido ao catolicismo pelo rei Olaf, não sendo mais tão pagão assim. (Talvez Robert Plant, que compôs a música na viagem de ida da banda para uma turnê na Escandinávia, achasse que ninguém iria gostar de ver o Valhalla trocado pelo Paraíso e “o martelo dos deuses” pela “cruz de Cristo”).

A saga de Erik, O Vermelho, ao contrário da composição de Plant, chegou até nós como um relato escrito sob a ótica cristã, que estava sendo forçosamente transmitida na época – o que acaba criando um estranho impasse na história, uma vez que começa narrando os feitos dos heróis pagãos. Em vez de “descristianizá-lo” ou de “repaganizá-lo”, exorcizando partes fervorosamente cristianizadas, decidimos apenas realçar o fogo viril dos trechos pagãos, mantendo o restante do texto intacto quanto às referências cristãs. (Em algumas partes, a saga fala sobre o descontentamento dos nórdicos em relação ao cristianismo, bem como a defesa da sua cultura. Como sabemos, historicamente o cristianismo acabou “vencendo” o paganismo nos países escandinavos, convertendo a esmagadora maioria da população à nova fé.)

Alguém já disse que o barroco é o “bárbaro ornamental”. Estas duas sagas foram recontadas aqui

num clima que remete, em alguns momentos, a este estilo muito observado, por exemplo, nos velhos *westerns* italianos dos anos 60, em que a exacerbação e a extravagância imperavam num feitiço de ornamento (muitas vezes burlesco). Transplantamos para estas páginas algo deste clima feroz e irreverente, em muitos pontos assemelhado ao do espírito viking, ao mesmo tempo em que aproveitamos as lacunas históricas e textuais dos relatos originais, escritos em nórdico antigo, para exercitarmos a adivinhação e a interpretação criativa, sempre em nome da boa e velha diversão.

Os autores

Parte 1

A Saga
de Erik, O Vermelho

I

Os Exílios De Erik

Erik, O Vermelho, foi assim chamado graças à cor do seu cabelo e da sua barba, e também por causa do seu temperamento de lobo raivoso.

Erik foi muito além de um simples viking encrenqueiro – ele foi aquilo que hoje chamaríamos de um homicida fora da lei. Dentro dos padrões viris da cultura nórdica, no entanto, estava apenas sendo um bom filho, seguindo o exemplo benemérito de seu pai.

Enquanto foi criança, Erik morou na costa sudoeste da Noruega, no distrito de Jaedar, local onde nasceu. Certo dia, porém, no ano de 960, seu pai, Thorvald, filho de Asvald, chegou em casa e correu até ele, gritando-lhe as seguintes palavras:

– Erik, junte as tralhas! O mar nos chama, garoto!

– O que houve desta vez, papai? – perguntou o jovem, reunindo calmamente as suas coisas. Aquela história de juntar as tralhas e atender aos chamados misteriosos do mar já não o impressionava mais.

– Oh, não se preocupe, não foi nada sério! – disse o pai, com um arrego que pretendia passar por um despreocupado sorriso. – Só acertei umas continhas antigas com alguns velhos camaradas. Agora que está tudo resolvido, podemos tirar umas belas férias! Que acha de um *tour* pelas ilhas?

– Sei, sei... continhas antigas, velhos camaradas... Qual deles levou a pior desta vez?

– Oh, meu filho. Fala como se não tivesse o mais cordato dos pais!

– Sobrou alguém vivo, *ou inteiro*, pelo menos?

– Bem, você sabe como se passam as coisas entre velhos camaradas: uma mesa-redonda ligeira, as taças viradas, alguns excessozinhos com o machado, e logo está tudo acertado!

E assim, por conta desses excessozinhos, Thorvald e Erik tiveram de abandonar às pressas o território norueguês – um fato, de resto, corriqueiro e nada prejudicial ao desenvolvimento moral de um viking jovem e saudável.

Erik seguiu com seu pai para a Islândia, onde ocuparam terras em uma

colônia nórdica em Hornstrandir, o braço de terra no extremo-norte islandês. Sua morada era Drangar.

Cerca de vinte anos depois, o turbulento Thorvald finalmente morreu. Erik, então, casou-se com Thjodhild, filha de Jorund, que era, por sua vez, cria de Atli e Thorbjorg, a Tetas de Nau, que depois se casou com Thorbjorn da família de *Haukadarl*, ou família do “Vale do Gavião”.

Mesmo depois de casado, Erik não levou uma vida tranquila nem sedentária. Quando não corria atrás de confusões (algo que geralmente fazia), as confusões corriam atrás dele. Certo dia, os escravos de Erik causaram um deslizamento de terra “acidental” na propriedade de seu vizinho Valthjof, enquanto este estava fora (muitos negaram que o deslizamento tivesse sido acidental, mas ninguém conseguiu negar que fora maravilhosamente providencial a Erik).

Eyjolf, O Imundo, parente e vizinho de Valthjof, presenciou o episódio e não teve dúvida em tomar, com lágrimas nos olhos, as dores do parente. Erik proporcionara uma boa diversão a Valthjof, e era preciso, agora, retribuir, levando uma boa diversão a Erik, com o complemento indispensável de uma caprichada efusão de sangue.

– Em nome do respeito que devo ao meu parente, capturem imediatamente esta ralé infratora! – ordenou O Imundo ao pequeno exército que fizera reunir às pressas.

Em pouco tempo a turba armada capturou os servos de Erik, imobilizando-os no solo, ao lado das ladeiras da estrebaria da grande propriedade.

– Não pode nos julgar, nem matar, pois Valthjof detém esta prerrogativa! – exclamara um dos servos.

– Silêncio, verme! – exclamou Eyjolf. – Na ausência de Valthjof, o juiz sou eu! E só há uma pena à altura do dano que causaram... Cortem-lhes as cabeças!

Os escravos imobilizados reboaram sobre o pó como verdadeiros vermes, no afã de escapar, mas foi tudo em vão. Um a um, foram sendo calados pela lâmina afiada dos sequazes de Eyjolf, até o ponto em que suas bocas já não deixavam escapar mais nada a não ser as golfadas de um sangue rubro e espumante. Quando, na ladeira, o chamado “suco das batalhas” escorria abundantemente, Eyjolf rugiu:

– Isso irá mostrar a nosso vizinho bastardo a maneira como Eyjolf costuma

punir os ladrões de terras!

Mais tarde, Erik ficou sabendo do ocorrido.

– O quê?! – esbravejava Erik ao informante. – Ele ousou chamar-me de bastardo?!

O Imundo chamara-o, também, de “ladrão de terras”, mas para um viking daqueles dias jamais passaria pela cabeça levar a coisa para o lado da ofensa.

– Sim, meu senhor. Chamou-o de bastardo – respondeu o informante.

– E, não satisfeito ainda, privou-me de doze servos robustos?

Na verdade, não eram doze, e muito menos robustos.

– Eram quatro, meu senhor – corrigiu o informante, de olhos fitos no chão.

Erik decidiu, no mesmo instante, visitar O Imundo. Após tomar o seu machado gigante de lâmina dupla, com o qual não pretendia exatamente presentear o seu rival, reuniu uma turba muito parecida com aquela que acabara de chacinar os seus servos.

– Uma ótima ideia, meu senhor, a de retribuir a visita – disse o informante, em má hora. – Isso ensinará o atrevido a nunca mais ofender ao maior senhor desta região!

– Que bom que pensa assim, porque você também vem comigo! – disse O Vermelho, atirando o informante, com um único braço, para o meio da malta armada.

– M-mas que hei de fazer lá? – gemeu o desgraçado, com sua frágil compleição de caniço.

– Vai confirmar diante do vilão tudo quanto ouviu ele latir a meu respeito!

Erik tomou a frente, e a súcia armada partiu logo atrás, vibrando os ferros e grunhindo brados de guerra ininteligíveis.

Durante o trajeto, as árvores tremiam sob os passos de Erik e de suas hostes, deixando cair as folhas remanescentes que o vento ainda não arrancara com seus dedos maníacos.

Erik, de machado em punho, caminhou decididamente até a morada de Valthjof. Chegando nos limites da propriedade, bradou com toda a força pelo “Cão Imundo”, dando a entender, definitivamente, que não se tratava de uma visita amistosa.

Eyjolf mandou um servo conduzir Erik até si, no interior da casa. Erik aceitou o convite, porém sem abandonar as armas, levando consigo, também, uma boa parte dos seus homens.

Erik abriu ele mesmo a porta de cedro com um golpe poderoso do seu

machado. As duas partes fendidas caíram, uma para cada lado, revelando, mais para o fundo do salão, a figura de Eyjolf, O Imundo, comodamente instalado numa imensa mesa retangular, a sugar placidamente o tutano do osso de algum animal vagamente assemelhado ao homem.

Apenas duas velas colocadas dentro de uma enorme caneca de hidromel iluminavam o anfitrião, deixando o resto do salão às escuras. Eyjolf mastigava alguma coisa e suas barbas encharcadas reluziam, enfeitadas com fiapos de carne que ele, instantes atrás, extraíra com extraordinária perícia dos panelões cariados dos seus dentes.

– Seu grande filho de uma *óthokkuligr bikkja!* – rugiu Erik, numa demonstração exemplar da rude cortesia nórdica, que é o que estas duas palavrinhas cheias de “k” querem proclamar.

O Imundo manteve-se inalterado. Após atirar o osso num prato dourado, abriu a cova negra da boca, por detrás da barba encharcada, e introduziu nela, outra vez, os dedos em pinça, extraíndo rapidamente um naco remanescente de carne. Após estudá-lo de todos os ângulos – era um belo naco –, Eyjolf achou melhor não ornar com ele a sua barba dourada.

Erik, ser bárbaro e viril, autor de muitas e terríveis coisas, ainda assim não pôde deixar de sentir um nó subir-lhe pela glote ao ver o destino final que O Imundo deu à imundície.

Com um chacoalhão, Erik fez o seu informante lançar ao anfitrião o desafio.

– Como ousou, verme pútrido, matar os doze melhores servos do senhor absoluto de Drangar? – gritou o informante, numa voz esganiçada que tirou boa parte do efeito pretendido.

Então, Eyjolf finalmente pronunciou alguma coisa.

– *Doze?*... Ha, ha, ha!... Este seu laçao deve estar bêbado como uma bilha, ó Vermelho, pois não passavam de quatro! E se eram os seus melhores, bem malservido anda de servos!

O Imundo viu, de longe, o rosto de Erik adquirir rapidamente a mesma coloração das suas barbas, algo que não deixou de inquietá-lo.

– Levante-se, porcalhão, e venha lutar como um verdadeiro viking!

Quem disse isso, desta vez, foi o próprio Erik, que não ficou só nas palavras, suspendendo com extraordinária velocidade o seu temível *hraeda-*

øx¹, algo que deu a certeza a Eyjolf, afinal, de que seu visitante não estava para pilhérias. Antes, porém, que O Imundo pudesse fazer alguma coisa, Erik arremessou o machado na sua direção, obrigando-o a virar a mesa e a esconder-se atrás da madeira maciça. Ainda assim, a lâmina varou boa parte da proteção, abrindo um talho de maravilhosa simetria, de alto a baixo, não só na madeira nodosa como no rosto sulcado de cicatrizes de Eyjolf.

Este revés dramático obrigou Eyjolf, finalmente, a buscar as suas armas, de *rasshøt*² na mão.

– Eia, turba! À luta! – rugiu ele, com os lábios fendidos de um leporino.

No mesmo instante surgiu de todos os cantos escuros do salão um bando de trogloditas de cabelos amarelos, armados de machados idênticos àqueles que os anões das lendas carregavam ao contornarem os fiordes cobertos de névoa para mais uma ronda de rixas e pilhagens.

Em resposta, Erik lançou um rugido por cima do seu ombro. Um grupo de rufiões do mesmo estilo surgiu instantaneamente às suas costas, prontos para tudo.

E então começou, para valer, a arruaça.

Num passo seguro, O Vermelho avançou em direção à mesa com seus homens. Os guerreiros de Eyjolf, o Imundo, arremessaram-se, num tropel, barrando-lhe o avanço. O machado de Erik desceu, num silvo, sobre a cabeça do primeiro oponente, rachando-lhe o crânio como a um ovo. De dentro da cara fendida escorreu algo parecido com requeijão. Em resposta, cerca de duas dúzias de machados entraram em ação, de ambos os lados, afiando uns nos outros os seus respectivos gumes. Os golpes produziam faíscas prateadas que ajudavam a iluminar a fraca iluminação do salão. Não satisfeito, porém, um dos homens de Erik apanhou uma das velas que ainda ardia no chão e arremessou-a sobre o fustão de uma enorme cortina. Um clarão providencial iluminou completamente a cena, acendendo um sorriso unânime de gozo em todas as barbas. Agora já era possível acertar o adversário com mais exatidão e, mais que isso, admirar o estrago provocado pelos golpes. Imediatamente, uma espécie de frenesi demoníaco tomou conta de todos, fazendo-os urrarem, num mesmo tom selvagem, invocações e imprecações a Odin, Thor, Loki e a toda a chusma dos deuses que, dos altos escalões do Valhalla ou das profundezas obscuras do Hel, assistiam deliciados à contenda. Drogados pelo cheiro do sangue e pela adrenalina corrente em suas veias, os combatentes só

se permitiam desabar ao chão após sete ou oito poderosos golpes. A partir daí já podiam entregar, sem remorso, as suas almas às valquírias, emissárias de Odin que, ao redor dos combatentes, espreitavam o momento certo para arrebatá-los às mansões sobrenaturais do Valhalla – ou, ao menos, para alguma taberna próxima, onde os espectros de baixa linhagem deviam prosseguir as suas rixas em meio a rodadas infinitas de hidromel. Pisoteando sobre os corpos estertorantes de comparsas e rivais, Erik avançava, circundado por seus homens, como num arremesso selvagem de rugby, na direção do bastião de madeira onde Eyjolf fora buscar refúgio. Seu machado *hraeda-øx* ainda estava cravado na madeira da mesa emborcada, e foi com infinito deleite que ele desencravou-o do cedro. Apavorado, Eyjolf recuou de costas para as profundezas do salão, protegido apenas pelo escudo e a lâmina dupla do seu machado. Erik saltou por cima da mesa e avançou para ele. Os dois machados cumprimentaram-se rudemente no ar, cuspidos faíscas um sobre o outro, enquanto, atrás deles, prosseguia a carnificina, com evidente vantagem para os agressores (se é que se podia aplicar o termo a somente um dos lados). Erik e Eyjolf presentearam-se reciprocamente com uma chuva devastadora de golpes. Lá pelo trigésimo, o escudo de Eyjolf, O Imundo, esfarelou-se em suas mãos como se esfarelara a porta da sua casa, obrigando-o a aparar os golpes Erik com o cabo do machado. Endurecido pelas feitiçarias de uma bruxa caolha, o cabo conseguiu resistir razoavelmente aos golpes, até o instante em que, finalmente, vencido, também ele rompeu-se. Cansado, afinal, do brinquedo, Erik agarrou Eyjolf pelo crânio e passou sua lâmina, de orelha a orelha, na garganta do rival, tingindo-a da sua cor preferida.

– Sem a carantonha, já não parece mais tão imundo! – disse Erik, juntando-se aos demais.

Após a morte do rival, Erik e seus homens investiram casa adentro, onde encontraram Hrafn, O Duelista, sentado numa mesa de jogos de olhos esbugalhados e apavorado com a barulheira. Já que também estava ali, Erik não viu motivo algum para não fazer um serviço completo. Chegou até o homem e atravessou a lâmina do seu machado no pescoço dele também.

Erik ficou ainda mais agradado com esta bela cena de se ver, em sua opinião deveras viking, pois não havia nada que ele gostasse mais do que ver cabeças rolando e a justiça feita pelas suas próprias mãos – considerando

tudo o que fez como bastante justo, tal como julgaria seu falecido pai.

– Dois nobres pelo preço de doze servos robustos me parece algo razoavelmente justo – disse ele, antes de retornar para casa, não sem antes autorizar uma pilhagemzinha em regra nas terras do rival – afinal, era preciso recompensar a dedicação dos seus homens. Junto com os saques e os incêndios, seguiu-se uma bebedeira homérica, com o complemento necessário dos assassinios e dos estupros, sem os quais nenhum daqueles valorosos guerreiros teria se sentido *realmente* recompensado.

* * *

Em resposta ao ataque, dois parentes de Eyjolf, Gerstein e Odd de Jorfi, resolveram arrumar uma punição para Erik. Um resto de prudência, no entanto, os fez convocar um conselho dos clãs para que se procedesse ao julgamento do assassino. Um velhote de barbas encardidas e trançadas como as crinas de um cavalo ficou encarregado de conduzir os trabalhos deste arremedo de tribunal. Ele era tido como o homem mais sábio daquelas terras – o que não significava, de modo algum, que fosse o mais justo, mas apenas o mais hábil em acomodar as coisas com o menor número possível de cabeças rachadas.

– Ordem! Ordem aqui, já disse! – gritava o sábio, sovando a mesa com uma marreta.

Apesar de ter sido guarnecida com mais quatro pares de pernas sobressalentes, a mesa, desta vez, quase foi ao chão diante da virulência dos golpes.

– Parece haver um consenso entre os pares de que Erik Thorvaldsson é o culpado – gengivou ele.

Setenta e oito barbas mal-lavadas subiram e desceram, grunhindo algo que sugeria uma concordância razoavelmente unânime. Um sujeito, porém, metido a letrado, entendeu de corrigir o sábio.

– Ainda não “culpado”, nobre ancião, mas apenas “réu”.

O velhote lançou um olhar de esguelha ao intrometido.

– “Réu”, é claro – corrigiu-se, quase inaudivelmente. – O réu é Erik Thorvaldsson, acusado das mortes de Eyjolf e Hrafn, da casa de Valthjof.

– Nem réu, nem acusado, mas assassino! – urrou Gerstein, um dos

parentes sedentos de vingança, na direção do estrado onde se sentava o acusado.

Erik lançou-lhe um olhar frio como o amanhecer num fiorde. Seu olhar falava mais alto que qualquer voz e cortava mais fundo que a lâmina do seu machado.

– Um momento, nobre ancião! – disse o sabichão do primeiro aparte. – Não seria justo perguntarmos antes ao acusado o que tem a declarar?

– Ora, mas este é o filho de Thorvald, homem! Isto não é declaração bastante? – disse o velhote, que parecia não ter entendido direito o que pretendia o outro. – Está bem, diga lá, Erik Thorvaldsson, como se declara em relação à decapitação de Eyjolf e Hrafn!

Todos os olhos se voltaram para O Vermelho.

– Aqueles dois filhos de uma porca mataram meus doze melhores servos – falou o ruivo. – Queriam que, além dos servos, perdesse também a honra, ao não lhes dar um revide à altura?

– Não foi à altura! – berrou Odd, possesso. – Do seu lado pereceram meros servos! Do nosso, dois guerreiros da mais nobre casta!

– Dois filhos de uma porca, que não valem um único dos meus servos! – repetiu Erik, sem mostrar o menor sinal de intimidação.

A temperatura começava a alcançar rapidamente o ponto de ebulição que a alma viking adorava. Do jeito que a coisa ia aquela pantomima chata não custaria a encerrar-se, dando início ao “juízo do machado”, o único ao gosto real daquelas mentalidades.

Erik declarou, sem pudor algum, ter gargalhado quando as duas cabeças rolaram pelo chão.

– Aí está! – exclamou Gerstein – Já temos a confissão aberta do assassino!

– Erik é realmente um bastardo! – complementou Odd, inconformado.

Um grito estridente de gaivota estrangulada pôs fim aos comentários.

– Silêncio! Sabemos todos que as vítimas provocaram um prejuízo considerável a Erik, e isso é lamentável. Contudo, não é desculpa para o assassinio de dois nobres guerreiros. Portanto, declaro os assassinatos de Eyjolf e Hrafn como pertencentes à classe dos assassinatos ilegais, e Erik, O Vermelho, como culpado!

Novo tumulto ergueu-se, enquanto Odd e Gerstein congratulavam-se, puxando-se risonhamente as barbas.

– Erik será sentenciado com um banimento de *Haukadarl* – disse o ancião, esmurrando sua marreta outra vez até conseguir, finalmente, colocar abaixo a mesa.

E foi assim que Erik, O Vermelho, foi banido do Vale dos Gaviões, que era o que queria dizer *Haukadarl*. Sua morada perto das margens da água, *Eiriksstadr*,³ ficou para Thorbjorn, o homem casado com Thorbjorg, a Tetas de Nau, avó da esposa de Erik.

Então Erik mudou-se para Brokey e Eyxney, e morou em Tradir, no primeiro inverno, o que não significa que tenha mudado seu temperamento. Erik mudou de lugar, mas não de alma, continuando com o mesmo espírito buliçoso do pai.

* * *

Foi naquele inverno que Erik emprestou umas tábuas, um machado, uma plaina e outras ferramentas para que seu vizinho Thorgest – um viking gigantesco e incomparavelmente hábil na luta – pudesse fazer alguns bancos. Tendo se mudado logo em seguida para Eyxney, Erik esqueceu de pedir de volta tudo quanto emprestara, até o dia em que, precisando derrubar umas árvores, lembrou-se, afinal, e retornou à casa do antigo vizinho para exigir a sua restituição.

A porta da casa do tal Thorgest era novinha em folha, e parecia ter sido feita com as toras de cinco carvalhos, emparelhadas porcamente uma ao lado da outra.

– Como está, Thorgest? – disse Erik, alçando o olhar.

– Nada mal, Vermelhinho! Nada mal! – respondeu o gigante.

– Ótimo! Lembra-se dos materiais que lhe emprestei?

– Que materiais? – disse a criatura, coçando a barba.

– Ora, as tábuas, o machado, a plaina, e tudo o mais!

Thorgest continuou a cavoucar a barba, como se tivesse guardado tudo ali.

– Ah, as ferramentas...!

O gigante levou um tempão nisso, e quando Erik viu que nada saíria do interior daquela maçaroca, voltou à carga:

– E então?...

– Sinceramente, não lembro.

As veias rijas do pescoço de Erik começaram a intumescer-se.

– Escute aqui, meu camarada, *eu lembro perfeitamente*, e as quero de volta, entendeu?

– Sabe, Vermelhinho, eu também quero de volta um monte de coisas que as Nornas não se cansam de me tirar todos os dias. O problema é que as danadas nunca me devolvem nada!

Nornas eram as fiandeiras do destino, divindades muito apreciadas pelo gigante, especialmente por suas artes mágicas de enredar.

Erik demorou um pouco a entender o negócio, mas podemos estar certos de que teria respondido algo à altura caso a porta de cinco toras não tivesse estourado, de repente, a dois milímetros do seu nariz.

Durante alguns instantes Erik pensou no que faria: a solução mais lógica e atraente era ir até a sua casa para pegar o *hraeda-øx*, seu machado assassino, e retornar para botar tudo abaixo.

De repente, porém, Erik resolveu ser mais sutil e tático, só para variar: Thorgest lhe dera alguma satisfação? Não. Então Erik também não se preocuparia com tais cerimônias. Espremendo-se pelas frestas das cinco toras mal enjambradas, ele entrou sem anunciar-se, e após retomar tudo quanto julgava seu, partiu assoviando.

Thorgest tomou conhecimento da perfídia quando, ao sentar-se no banco novinho para degustar a brilhante curva que dera no visitante, terminou com as nádegas depositadas no solo gelado.

– Ué, onde foram parar as danadas? – disse ele, procurando as tábuas novinhas que lhe tinham servido tão bem, até ali, de assento.

As tábuas haviam sumido, isto ele constatou sem excessiva demora. A seguinte associação de ideias, no entanto, custou mais algum tempo até estar completa no seu cérebro: *tábuas* → *plaina* → *machado*.

Quando o complexo processo concluiu-se, no entanto, ele ergueu-se rapidamente e disparou num galope frenético em busca da sua caixa de ferramentas. Uma frialdade aflitiva, que parecia haver-se comunicado rapidamente das nádegas ao cérebro, lhe fez porejar um suor frio nas raízes dos cabelos.

– Aí está!! – disse ele ao descobrir sua mais que amada caixa de

ferramentas sem ferramenta alguma.

Não fora por um ato falho que Thorgest gritara “Aí está” ao ver a caixa vazia, pois nas profundezas daquela caixa miseravelmente deserta havia algo, sim: *havia a constatação do mais odioso furto!*

Tomado por uma paranoia proprietária, o homem-montanha abandonou a caixa vazia e correu a fazer um inventário aflito de todos os seus bens, encontrando ausências súbitas e consecutivas que caíam sobre o seu coração como punhaladas dilacerantes: *sumira uma pá, também!... um martelo!... uma enxó!... pregos de todos os tamanhos!... cunhas!...* (ele nem sabia direito o que eram cunhas, mas agora tinha a certeza de ter possuído, um dia, uma caixa cheia delas).

Neste momento, a sua velha divisa moral brotou iradamente dos lábios:

– Ninguém rouba de Thorgest o que Thorgest roubou primeiro de alguém!

Erik já ia longe, mas não o bastante para deixar de escutar o grito do esbulhado. Mesmo assim, continuou assoviando e carregando o que era seu para o seu lugar de direito.

Ele já estava no campo de feno, em Drangar, quando viu Thorgest correr em sua direção como um búfalo selvagem. Na sua mão faiscava um machado de lâmina dupla, cujo cabo tinha o comprimento de um carvalho médio. Diante disso, Erik teve de largar tudo e sacar a única coisa parecida com uma arma que possuía naquele momento: a pá do gigante, que ele jurava, agora, também ser sua.

Mas não era só o gigante quem vinha espalhando o feno em todas as direções. Logo atrás, açulados pelos gritos, vinha a rataria inteira dos seus filhos, os filhos de Thord Gellir e de Thorgeir (seus vizinhos da esquerda e da direita, respectivamente), toda a coleção de primos do Vale Quente (*Hitardarl*) – uma gente gritona e apaixonada por rixas, cujos nomes começavam sempre por Thor –, e, fechando a trupe, bem mais atrás, o velho Aslak do Vale Comprido (*Longadarl*), puxando pela corda solta do manto a Illugi, o seu filho cego e desmiolado, que ele nunca deixava sozinho.

Todos chegaram correndo e formaram rapidamente um círculo animado ao redor de Erik e Thorgest, que já estavam postados furibundamente um diante do outro, de armas na mão.

– Fora, Erik! Você não é páreo para Thorgest! – gritavam, eufóricos, os

primos do Vale Quente.

– Ei, ladrãozinho de pregos! Será que Odin o deixará entrar no Valhalla de pá na mão? – gritou o mais velho, um Thor-não-sei-o-quê de nariz batatudo e engraxado que parecia ter sido retirado há pouco, com um garfo, de uma conserva de azeite.

Um coro estrepitoso de risos animou ainda mais a assistência, até o instante em que Thorgest arremessou o primeiro golpe. Imediatamente, os risos converteram-se em cuspidas arremessadas na direção de Erik, pois o golpe não passara nem perto do seu alvo.

– Vamos, covarde! Lute, não fuja! – rugiu o agressor.

Erik, porém, limitava-se a iludir a atenção do gigante com malabarismos da sua “arma” improvisada, evitando todo contato.

– Liquide com ele! – gritou a turba do Vale Quente, ávida de sangue.

Mas Thorgest, por mais que despedisse seus golpes, não conseguia liquidar com ninguém.

– Está muito pesado, Barriga de Pipa! – disse Erik, em resposta. – Me empreste o machado para eu retirar quinze arrobas de graxa da sua cintura. Só então você terá alguma chance!

Este gracejo incendiou ainda mais a ira do gigante.

– Vou tirar a sua barriga inteira, falastrão!

Thorgest lançou o seu machado como se fosse um martelo de arremesso. A arma rodopiou no ar feito uma serra elétrica, porém Erik desviou o curso do projétil com um toque hábil da sua pá. Numa fração de segundos o machado voou na direção dos curiosos, partindo em dois um dos dezenove Thors ali agrupados.

Por alguns instantes, houve um silêncio maravilhoso em todo o vale, quebrado logo em seguida pelo recomeço dos gritos da plateia, a clamar por vingança.

O machado de Thorgest retornou às suas mãos, melado até o cabo de sangue, sob um coro alegre de hurras. Ninguém ali parecia interessado na morte do Thor infeliz, mas apenas no prosseguimento do sangrento duelo.

– Vamos, Thorgest! – bradou, com todas as forças, o Nariz Lustroso. – O sangue heroico de Thorvüng clama agora por vingança!

Morrer para um viking não significava nada, desde que se tratasse de uma morte honrosa. Felizmente, o primo se saíra bem na tarefa de reabilitar aquela morte que quase beirara o ridículo.

A luta recomeçou com uma troca furiosa de golpes. O gigante continuava a errar todos os seus arremessos, enquanto Erik acertava alguns com a pá, porém sem causar grandes estragos, a não ser coisinhas menores, como o dedo menor do pé do gigante amputado ou uma orelha estranhamente dependurada. No exato instante, porém, em que Erik acabara de acertar a cabeçorra cabeluda de Thorgest com uma certa mas inócua pazada, um grupo de partidários de Erik, O Vermelho, surgiu campo afora, indo formar fileiras ao lado do guerreiro. (Entre os homens que haviam ocorrido para o lado de Erik estavam Styr, Eyjolf de Sviney – obviamente, um outro Eyjolf que não o assassinado –, Thorbjorn Vifilsson e os filhos de Thorbrand, do fiorde do Cisne (*Alpafjord*). Nenhum deles ousou interferir no duelo, limitando-se todos a incentivar Erik, enquanto estudavam, de dentes arreganhados, o grupo contrário.

Os partidários do gigante, por sua vez, não conseguiam esconder a satisfação com a chegada do grupo rival, pois, qualquer que fosse o resultado da disputa principal, estava já assegurada a continuação do conflito sob a forma de uma gloriosa batalha campal.

* * *

Apesar de não ter sido nem de longe letal, a pazada que o gigante recebera na cabeça afetara ligeiramente os seus reflexos. Graças a isso, Thorgest acabou provocando mais uma defecção no número dos seus partidários, ao lançar uma machadada ainda mais impensada na direção do rival. Thorgest errou e acabou acertando o peito de um dos seus filhos, que perdeu a vida no mesmo instante.

– *Minn sonr...!* ⁴ – urrou o gigante.

Deste ponto em diante não foi mais possível aguardar o final do duelo. Ao ver a dor do gigante ameaçar extravasar em lágrimas, os partidários de Thorgest lançaram-se preventivamente para cima de Erik e de seus homens, dando início à Famosa Rixa do Campo do Feno.

Cego de ira, um outro filho de Thorgest pretendeu vingar a morte do irmão aproximando-se velozmente de Erik para dar-lhe uma estocada. Styr, porém, impediu seu avanço, fatiando-lhe as costas com a sua espada. Outro filho de Thorgest morreu logo em seguida, enquanto Erik e seu bando permaneciam

praticamente incólumes, com apenas alguns ferimentos leves.

A luta estendeu-se por muito tempo – apesar dos gritos de ira e de dor, ninguém parecia mais feliz sob o Sol do que aqueles homenzarrões a testarem, no limite supremo, a força dos seus braços e a destreza dos seus movimentos –, até que Styr conclamou Erik a abandonar o campo de luta.

– Não há mais nada a fazer aqui, Erik! A lei desta terra está ao lado dos Thorgests!

– Matemos, então, todos os Thorgests, para que ela não esteja nunca mais ao lado de um clã de ladrões! – esbravejou Erik, disposto a exterminar no berço até o último da malfadada raça.

– Não! Fuja! – insistiu Styr. – Jamais o perdoarão pela morte de tantos destes cães!

E foi assim que Erik tornou-se fora da lei em Thorsnes Thing, passando a ser perseguido por toda parte como um lobo, até finalmente conseguir embarcar num navio, em *Eiriksvagr* (o Canal de Erik).

Eyjolf, o homem que tinha o mesmo nome do primeiro homem que Erik assassinara, escondeu-o em *Dimunarvagr* (o Canal de Dimunar), enquanto Thorgest e seus homens o procuravam ensandecidamente pelas ilhas. Erik disse a todos que pretendia procurar pela terra que Gunnbjorn – o filho de Ulf, o Corvo – acidentalmente avistara quando fora levado pelo oceano em direção ao oeste. Ela chamava-se *Gunnbjarnarsker* (o Recife de Gunnbjorn), e foi neste rumo que Erik partiu, não sem antes prometer que voltaria para visitar seus amigos, caso realmente encontrasse a terra.

Thorbjorn, Eyjolf e Styr acompanharam Erik até um trecho além das ilhas, e dali em diante ele seguiu viagem sozinho em busca da sua Terra da Promissão.

* * *

Erik navegou por várias semanas, até alcançar *Snaefellsjokull* (a Geleira Montanha de Neve) e, depois de muito velejar, estendeu seu curso até a geleira chamada *Blaserkr* (A Camisa Azul). Isso queria dizer que ele estava perto do Recife (ou Escolho) de Gunnbjorn, terra que logo alcançou, percorrendo-a inteira, no rumo do sul, para ver se havia nela algum habitante.

Gunnbjorn já havia feito isto em sua passagem pela ilha, porém jamais chegara a pensar em nela estabelecer-se. A verdade é que nem Erik nem Gunnbjorn haviam sido os primeiros desbravadores do lugar. Antes dele, nórdicos muito mais antigos já haviam pisado nestas terras e tentado até colonizá-las. Acontece que eles haviam sido perfeitamente inábeis em seu propósito, algo que, decididamente, Erik não pretendia ser.

– Uma terra somente minha! Uma terra que ostente, gloriosamente, o meu nome! Uma terra onde eu possa punir à vontade os meus inimigos, sem ter, por isto, a minha cabeça posta a prêmio!

Um paraíso privado onde Erik fosse soberano único e absoluto, eis, em resumo, tudo quanto o bravo filho de Thorvald almejava. Para alcançar este propósito ele estava disposto a revolver a terra inteira com as mãos, deslocando montanhas e alterando o curso dos rios como um gigante dos mitos, até torná-la algo efetivamente *seu*.

Assim que desembarcou, Erik tratou de firmar dois assentamentos: no primeiro deles passou o primeiro inverno, batizando a grande ilha com o nome mais belo que pôde encontrar: Ilha de Erik (*Eiriksey*). Passado o inverno, seguiu em frente, até topor com um majestoso fiorde. Que nome melhor ele poderia colocar neste lugar de encanto senão o de “O fiorde de Erik”? Erik assim fez, e quando o verão chegou empreendeu nova e arrojada expedição, desta vez aos confins gelados do Oeste, onde não havia vivalma. Apesar da desolação do lugar, Erik ficou por lá um longo tempo, consumindo-o inteiro na divertida tarefa de presentear com seu nome qualquer acidente geográfico digno de nota que encontrasse.

O segundo inverno ele passou nas *Eiriksholmar* (As Ilhotas de Erik, é claro!), um lugar ameno situado perto do Pico do Desaparecimento (*Hvarfsgnupr*, hoje chamado Cabo do Adeus).

No terceiro verão, lançou-se de corpo e alma na direção do norte, onde se deparou com outro gigantesco fiorde, que ele, para provar o quanto seu espírito de desbravador podia ser criativo, resolveu chamar, desta feita, de fiorde do Corvo (*Hrafnsfjord*).

Finalmente, no terceiro inverno, depois de chegar à conclusão de que já havia descoberto e nomeado terras bastantes, decidiu colocar os pés novamente numa terra conhecida. Após orientar suas velas na direção da Islândia, foi passar o verão na morada de um velho amigo seu, o Gordo

Ingolf, localizada na Ilha-Detrimento (*Holmlatr*).

Erik passou um bom tempo ali, até que, certo dia, ao cortar com seu machado um carvalho nas proximidades da morada do Gordo, escutou uma voz catarrosa soar a apenas alguns passos de si:

– Ora, ora, se não é o passarinho fujão...!

Erik estava encurvado, e continuou assim, virando apenas levemente, para a esquerda, a cabeça. Quatro pares de pernas lambuzadas de barro, com algumas folhas aleatoriamente aderidas, estavam postadas bem ao seu lado. Apesar de imóveis, as pernas balançavam-se graças ao riso que, lá por cima, alegrava os seus donos. Erik permaneceu de cabeça baixa e machado na mão, e preparava-se para arremessar um novo golpe na base do carvalho quando escutou outra vez a voz melada de catarro:

– Nem mais um movimento, passarinho.

Erik, agachando-se, apoiou o peso do corpo sobre a perna direita e olhou novamente para o lado. A lâmina dupla de um machado ia e voltava, à frente da coleção de pernas sujas, à maneira de um pêndulo, enquanto o riso, lá por cima, aumentava. Não demorou muito e a voz catarrosa soou outra vez, ligeiramente contrariada.

– Thoradem, pare de morder a mão, ou vai terminar sem dente nenhum.

Thoradem ouviu, mas foi em frente. Dali a pouco Erik viu cair, a poucos passos de si, um fragmento de algo amarelado e pontiagudo que só podia ser o caco repugnante de um dente.

Um riso ululante explodiu quilômetros acima. Erik escutou-o inteiro, apoiado ao cabo do machado.

– O que eu disse, Thoradem? – disse a voz, serena. – Foi o último?... Vamos ver isto.

O riso recomeçou, enquanto o homem do catarro – *cuidem disso aí* – fazia o inventário.

Na frente, só mais três, concluiu, silenciosa e desalentadamente.

– Ah, Thoradem, esse negócio de morder a mão. O que vai ser da sua boca?

É, não era certo nem bom. Mas tinha uma coisa: Thoradem não tinha vícios. Feio como um raio, mas vício nenhum – nem beber bebia (um viking, imagina). Mas gostava de morder a mão. Apreciava demais morder a mão. Fazia isto em duas ocasiões: nos acessos de raiva ou nas culminâncias do

prazer sádico. (Às vezes exagerava, mas fazer o quê? Uma criatura velha, dona do seu nariz.)

“Disso não abro mão!”, dizia sempre o nojento, arreganhando os tocos, num trocadilho vil.

Erik, agachado e mudo, não reconheceu em nenhuma daquelas vozes a voz de Thorgest, o causador do seu exílio. Observando sempre as pernas dos visitantes, lembrou-se, então, das suas. Um formigar crescente daquela sobre a qual se apoiava avisava-o do que devia fazer – *e fazer já*.

– Que tal arrancar alguns dentes do passarinho fujão? – disse, de repente, o Morde-Mão.

– Idiota, você. E passarinho lá tem dentes? – disse o líder.

– Não tem dentes, não. Mas tem asas.

– Então está na hora de cortar estas asas.

Erik aguardou o machado ser erguido para a execução da sentença. No exato instante em que isso começou a acontecer, o pé no qual se apoiava girou para a direita, fazendo seu corpo, como uma mola atarraxada que se desenrosca subitamente, rodar velozmente sobre si mesmo. Seu braço esticado acompanhou o movimento com tal rapidez que ele não sentiu resistência alguma sobre o punho quando a lâmina do seu machado passou pela cintura dos quatro adversários, partindo cada um deles em duas partes iguais.

Os quatro torsos caíram ao mesmo tempo sobre o solo musguento e ficaram ali, de pezinhos e lado a lado – quatro novos anões, de bocas escancaradas e exageradamente gritonas.

Neste momento Thorgest chegou. Ao ver seus homens colados ao chão como velas parcialmente derretidas sobre a cera vermelha, o gigante começou a bufar como um touro à vista do próprio sangue. O pesado machado que estava em suas mãos tombou ao chão, e em seu lugar surgiu uma espada – uma arma muito mais leve e prática, ideal para um ataque mais rápido.

A primeira coisa que Erik avistou do rival não foram seus olhos raiados de sangue, mas o seu pé enorme e descalço. No lugar do dedinho amputado havia sido encaixada uma pequena pedra rúnica.

Durante uma fração de segundo Erik imaginou a pedra enorme como a cabeça decapitada de Mimir, o gigante sábio aesir, única capaz de ajustar-se às “proporções colossais” do seu adversário. Num dia distante, pensou ele,

quando tudo aquilo fosse lenda e verso, algum skald habilidoso haveria de introduzir mais este prodígio na história, pois eram sempre eles que arrancavam o aplauso dos ouvintes.

Desta vez, porém, Erik não deveria usar uma pá contra o seu adversário, mas o seu temível machado *hraeda-øx*, que a fama tornara rapidamente proverbial.

Thorgest estava tão furioso que não se intimidou e avançou com sua espada, dando início à segunda parte do combate que se iniciara, anos antes, no Campo do Feno.

Imediatamente, surgido como que do chão, brotou nova flora de assistentes. Tal como da outra vez, alguns torciam por Erik, enquanto outros tomavam o partido de Thorgest.

Os dois rivais lutaram bravamente. Os partidários de Thorgest queriam a cabeça de Erik, mas Erik não lhes dava ouvidos, que dirá a cabeça. Por possuir uma arma mais pesada, ele não podia penetrar na guarda do gigante sem arriscar receber uma estocada veloz, por isso limitava-se a usar o machado apenas para aparar os golpes do gigante. Thorgest, por sua vez, ao golpear seguidamente, perdia rapidamente o fôlego.

Uma hora de luta renhida transcorreu sem que o panorama se alterasse. Depois, mais outra. Erik, apesar de menos cansado, já não tinha o mesmo ímpeto para se esquivar como um ladino. Thorgest, por sua vez, resfolegava como um boi no arado, e seus golpes eram tão débeis e imprecisos quanto os de uma velhinha reumática. Até mesmo a assistência parecia frustrada, e algumas vaias mesmo ameaçavam surgir, pondo em perigo o bem supremo da disputa, que era a honra e a virilidade dos contendores.

Justo neste instante, Erik, com o pouco de fôlego que ainda lhe restava, resolveu falar.

- Escute... Thorgest...
- Ca... lado!... – bufou o gigante, tentando outra estocada.
- Por que veio... atrás de mim... outra vez... paspalhão?...
- Bastardo!... Ainda pergunta?... Você me roubou!...
- Seu boçal... só retomei... o que era meu!...

Algumas fungadas nervosas do pessoal do gigante denunciavam que, a esta altura, até mesmo eles haviam começado a render-se aos argumentos de Erik, e, principalmente, à sua espantosa habilidade, virtude suprema jamais

desprezada por um verdadeiro viking.

– Basta, Thorgest, deixe de teimosia! – disse, de repente, uma voz severa.

– O homem só pegou de volta o que era dele, admita!

O gigante procurou na assistência o autor da frase imunda, mas as barbas ruivas e marrons misturavam-se miseravelmente diante dos seus olhos.

– Esterco no pão se aquela pá não é tão minha como a mãe que me pariu!

– bufou o gigante.

– Bom, e daí? O machado e o resto não eram!

– Ah, é, jogral? E o que diz das cunhas?

– Que cunhas? Vamos, amigão! Você nem sabe o que é uma cunha!

Alguns risos claramente conciliatórios soaram, até que uma voz pastosa e hilária, partida da gente de Erik, se sobrepôs a todas as outras.

– Muito bem, fedorentos! Que cada filho de Loki da Mão Grande devolva logo o que não lhe pertence para que possamos, depois, empinar juntos um chifre maldito daqueles!

– *Loki da Mão Grande?* – berrou outra voz, cuspidando o seu desprezo. – Puá! Isto é para meninas!

A velha fraternidade bárbara se instalara rapidamente, mesmo sob os protestos do relutante Thorgest.

– Idiotas, parem com isto! E o meu dedo? E os meus filhos?

– Erik não os matou! – disse alguém. – Foi um acidente! Eles morreram com honra, bravo Thorgest, e estão melhor que nós, agora, os bastardões, cantando e bebendo nos salões do Valhalla!

– ...bebendo como grandes beberrões que eram!

– ...e trepando adoidados com todas aquelas valquírias!

– ...um milhão de valquírias gotejantes de hidromel!

Novo coro furiosamente hilário ergueu-se sob o Sol, rimando céu com hidromel. Todos pareciam bêbados como se estivessem a passar de mão em mão o chifre inesgotável de Thor.

Enquanto a turba urrava e ululava, Erik acertava as coisas com o gigante. Falou sobre como Thorgest deveria ter devolvido as coisas no dia em que ele bateu à sua porta, e que se tivesse feito isso tudo teria terminado bem, e que não fora ele a matar os seus filhos, e que, acima de tudo, Thorgest era um idiota.

Thorgest não tinha nenhum argumento sério a contrapor, especialmente

porque não andava lá muito bom da cabeça desde a pazada que levava no primeiro confronto. Além disso, estava obviamente exausto para poder fatiar Erik com a sua espada, algo que realmente pretendia fazer, caso pudesse.

Mas o que levou ambos a porem um fim às hostilidades foi a constatação de que uma briga que se estendia por duas horas sem uma única gota de sangue era um negócio francamente desonroso.

Thorgest olhou para a espada, coçou o queixo com a ponta, e finalmente largou-a no chão.

Um urrah! de ambos os lados fez tudo tremer. Imediatamente surgiram, ninguém sabe de onde, odres e mais odres repletos de vinho, e todos confraternizaram até Erik partir cambaleante para um lado, e Thorgest ziguezagueante para o outro, não sem antes terem firmado a promessa de não procurarem mais desforra alguma.

No verão, Erik foi viver na terra que ele havia descoberto e batizado de “Terra Verde”, uma ideia que tivera e que hoje poderíamos chamar de uma bela sacada de marketing:

– Veja só – disse ele à esposa (a esta altura já tinha arrumado uma): – um bom nome irá atrair muito mais pessoas para irem morar lá. *Terra do Gelo* [Islândia] não soa nada convidativo, não é? Que tal, então *Terra Verde* [Groenlândia]? Quem, farto de frio e de gelo, não gostaria de conhecer um tal lugar?

E foi assim que, graças à inventividade de Erik, um dos lugares mais gelados do planeta acabou por receber uma denominação de sabor luxuriantemente tropical.

* * *

Muitos anos depois, por ocasião de um melancólico outono, surgiu na Islândia um navegador norueguês chamado Bjarni Herjólfson. O velho lobo do mar estava exaltado, e garantia ter avistado, numa de suas navegações, terras verdes, férteis e quentes.

– Foi quando perdi o curso do barco, devido às névoas, além da Groenlândia – contou Bjarni, rodeado de curiosos, assombrados com a sua pele bronzeada. – Vi tudo com estes olhos que a grande pira há de queimar! Uma terra quente, de planícies verdes e rasas como a palma desta minha mão!

Todos olharam para a palma encardida e coberta de calos, fissuras e ondulações.

Um péssimo exemplo.

Mesmo assim, todos creram nas palavras do navegador como se o próprio Njord, o velho deus dos mares, estivesse a dizê-las. (E aquela sua cor dourada, então! Nada convencia mais do que ela!)

– Naveguei por nove dias ao longo da costa, julgando tratar-se de uma ilha, mas quando vi que aquele verdor todo não terminava nunca, com milhares de árvores do tamanho de Ygdrasil espalhadas por quilômetros de terra, então disse a mim mesmo: “Velha Foca Desdentada, você encontrou algo!”.

Imediatamente a palavra mágica nórdica “expedição” brotou das barbas de um dos curiosos.

Muito bem, mas quem se arriscaria a atravessar as névoas para chegar novamente até lá?

Um sorriso de satisfação iluminou a barba ruiva de Leif Eriksson, o filho primogênito de Erik, O Vermelho, que se encontrava entre os ouvintes. De olhos acesos e nariz gelado ele acompanhara toda a narrativa, e foi com perfeita naturalidade que pronunciou estas duas palavras:

– Eu vou!

Vinda do filho do grande descobridor da Groenlândia, esta oferta não podia passar por absurda. Ainda assim houve quem julgasse a coisa muito arriscada.

– Maior risco corro ao permanecer aqui, sem fama nem nome! – disse o jovem, todo alterado. – Partirei o mais rápido possível com o drakkar do meu pai!

Leif disparou a correr na direção da casa de Erik, sedento para contar-lhe a novidade. Como não podia deixar de ser, o velho mostrou-se ainda mais entusiasmado que o filho.

– Ora, viva! Meu filho um desbravador dos mares como eu! – gritou Erik, dando grandes palmadas vikings nas costas do jovem. – Se há uma única chance, por mais remota que seja, de encontrarmos esta nova terra, pelo Velho Caolho que nós vamos encontrá-la!

Mais uma vez Erik pretendia fazer-se ao mar. Desta vez, contudo, não o faria por razões de exílio, mas pelo puro prazer da aventura. Sem saber, estava prestes a praticar o mais notável dos seus feitos: o de descobrir, antes

mesmo de Cristóvão Colombo, um imenso continente que as gerações futuras chamariam de *América*.

Mas esta é uma outra história.

1 *hraeda-øx* é “machado de assustar”, em pseudonórdico antigo.

2 *rasshøl* é um termo em islandês, que, neste contexto, quer dizer que ele estava assustado.

3 Na tradução de nórdico antigo para o inglês, é escrito apenas “*It is near Vatzhorn*”. Já no original, em nórdico antigo, a palavra usada é “*Vatnshorni*”, que foi aqui traduzida como “margens da água”.

4 *Minn sonr*: meu filho.

II

Thorbjorn Vifilsson vai à Groenlândia

Havia, nos tempos vikings, um homem chamado Thorbjorn. Ele era sacerdote de um templo cristão em Laugarbrekka, um homem poderoso e respeitado, e que, além de possuir uma propriedade magnífica, também possuía uma bela filha chamada Gudrid, mulher de beleza e nobreza incomparáveis.

Havia, também, um certo Orn, estabelecido, há longos anos, na Rocha da Águia (*Arnarstapi*). Ele era um homem próspero, casado com uma mulher chamada Halldis e juntos eles criavam a bela Gudrid, filha do sacerdote, que vivia na sua casa, como filha adotiva.

Havia, finalmente, um terceiro homem chamado Thorgeir, habitante da Montanha de Thorgeir (*Thorgeirsfjall*). Ele era poderosamente rico em reses, e havia se tornado, há bom tempo, um homem livre. Ele tinha um filho, cujo nome era Einar. Este filho era um homem extremamente bonito, de boas maneiras e cuidadoso com sua aparência – uma espécie de Casanova viking criado livremente nos vales cobertos pela ancestral névoa nórdica. Ao contrário do outro, porém, este Casanova viking era um mercador responsável e atarefado, que gastava o seu tempo em viajar de terra em terra, voltando para casa somente quando se anunciava o inverno gelado.

Certa feita, Einar estava na Islândia, negociando suas mercadorias em Snaefellsnes, quando resolveu espichar até a Rocha da Águia, onde pretendia fazer uma visita ao velho Orn. Ao chegar a hora da partida, porém, Einar foi surpreendido por estas palavras amáveis do velho:

– Fique algum tempo conosco, meu jovem! Sua presença nos é muito grata!

Einar aceitou o convite, pois havia uma grande amizade entre a sua gente e a gente da Rocha da Águia. Suas mercadorias haviam sido compradas e guardadas num armazém vizinho, e foi com gosto que ele levou Orn até lá para mostrar tudo quanto trouxera, com grande trabalho, pelos mares. Após exhibir com orgulho as mercadorias, o jovem autorizou Orn a retirar dali tudo

quanto ele e sua família precisassem.

Ao escutar a oferta, os músculos faciais de Orn expandiram-se, empurrando rudemente para os lados, como duas pesadas cortinas, a massa espessa e grisalha da sua barba.

– Muito obrigado, meu jovem! Agradeço a oferta de um mercador honesto e favorecido pela fortuna! Pela charrete dourada de Thor se não brindaremos, mais tarde, a isto!

Apesar de Orn ser já um bom cristão, as expressões proverbiais pagãs ainda continuavam a brotar dos seus lábios com a mesma naturalidade de um bom e velho arrote.

Enquanto os dois negociantes estavam ocupados com as mercadorias, uma mulher passou, como uma visão, pela porta do armazém. Einar, tonto como se tivesse acabado de ser golpeado na nuca pela lança mágica de Odin, falou:

– Orn, meu caro amigo... quem é aquela beldade...?

Orn olhou na direção da porta, mas não viu ninguém.

– Que mulher? – disse o velho, introduzindo na boca o polegar rechonchudo para pressionar, de baixo para cima, um dente postição perpetuamente rebelado e sempre disposto à mais insidiosa fuga.

– É simplesmente a mulher mais linda que eu já vi! – disse Einar, encadeando uma série de elogios dignos da mais bela balada. – Tenho a certeza de jamais tê-la visto aqui antes, senão certamente me lembraria!

Não custou muito para o velho Orn dar-se conta de quem era.

– Oh, deve estar falando de Gudrid, minha filha adotiva – disse ele, enquanto avaliava com a língua o trabalho repressor do polegar. – Ela é filha de Thorbjorn, o sacerdote de Laugarbrekka.

– Certamente terá muitos pretendentes ricos e pródigos de generosas propostas!

O velho Orn balançou a cabeça, e sua voz adquiriu um tom mais severo.

– Amanse seus corvos, garoto, e dê-lhes novo rumo. Muitas propostas foram feitas, mas este tesouro não é para o bico de qualquer corvo. Ela é extraordinariamente exigente, e o pai dela, então, nem queira saber!

– Um alvo nada fácil, hein?

– Nem de longe, nem de perto.

– Acontece, meu amigo, que estou decidido a conquistá-la!

Orn enterrou o polegar no dente com tanta força que ele rangeu na

gengiva.

– Ora, o disparate! Você mal a viu!

– Vi o bastante, caro Orn! Quero a ela, e a nenhuma outra!

– Muitos a querem, jovem Einar!

– Mas somente eu a terei, caso você se empenhe diante do pai dela!

As barbas do velho mexeram-se sozinhas, como um animal peludo atacado por uma horda de pulgas.

– Esqueça! Minha amizade com o sacerdote não bastará para convencê-lo.

– Empenhe-se, caro Orn! É tudo quanto peço! Se fizer isso, ser-lhe-ei eternamente grato!

Einar enumerou, em seguida, uma série de argumentos a serem apresentados ao sacerdote turrão.

– Apesar dos seus títulos e bens, sei de fonte segura que seus negócios não vão bem. Faça-o crer que nem a mim nem a meu pai faltará disposição para socorrê-lo em suas aflições materiais.

Orn aproveitou o tempo que durou a parolagem do jovem para escolher as palavras da sua refutação.

– Perdoe-me, Einar, mas tal empenho está acima das minhas forças. Perdoe-me, caríssimo irmão!

Orn adorava esta fórmula cristã, tão nova, ainda, entre os recém-conversos. Cedo descobrira que, sob a capa da humildade, ela escondia a manha rúnica de sujeitar os outros à vontade daquele que a pronunciava.

Einar ficou mortalmente pálido diante da recusa categórica. Logo em seguida, duas manchas rubras acenderam-se nos interstícios da sua barba loira, denunciando a gênese da ira.

– Não posso crer no que estou ouvindo! Não pode negar-me este favor!

– Creia-me, trata-se apenas de um capricho repentino seu – insistiu Orn. – Não vou perturbar a paz deste homem importante por causa de uma fantasia juvenil. Perdoe-me com todas as suas forças, torno a dizer-lhe!

Neste momento, o velho sentiu um vácuo súbito e aterrador formar-se na sua gengiva superior frontal. Favorecido pela enunciação excessiva dos “SS”, o dente sedicioso acabara de dar início a mais uma sórdida tentativa de fuga – desta vez um mergulho suicida em direção à garganta.

Enquanto Einar despejava novos e desesperados argumentos, e o pobre Orn lutava para escapar a uma morte indecente por sufocação, a Bela Ambicionada espionava tudo logo atrás da porta – pois fora só na cabeça do

aprendiz de Casanova que ela passara por ali como um espectro, completamente alheia à presença de um provável pretendente.

Einar não desistia, movido por aquela misteriosa força da natureza que, sendo para a maioria mera ilusão, a uns poucos eleitos se revela como verdadeira magia. Inútil a revolta, decidiu enveredar, então, pelas práticas emotivas da nova religião. Após colocar-se de joelhos, o jovem viking entregou-se desavergonhadamente às súplicas.

– Pelo amor do Filho Unigênito de Odin! – clamou ele, misturando um pouco as coisas. – Leve minha oferta de casamento até Thorbjorn!

– Erga-se! – disse o velho, escandalizado. – Devemos nos ajoelhar somente perante o Salvador!

– Salve-me, então! Só você pode salvar-me neste caso! – disse o jovem, desnortado.

Orn improvisou um sinal da cruz tão malfeito que foi outra blasfêmia. Como, porém, o jovem, irreduzível, não arredasse os joelhos do chão, Orn finalmente cedeu.

– Está bem, seu estouvado! Vou fazer o que me pede!

De posse desta valiosa promessa, Einar retornou à sua casa, deixando na Rocha da Águia um velho angustiado e uma garota cheia das mais risonhas esperanças.

* * *

Estamos agora em Laugarbrekka, terra do pai da bela Gudrid. Apesar das dificuldades, o sacerdote cristão ainda estava em condições de oferecer aos amigos um “banquete da colheita”, no melhor estilo pagão. O velho Orn, da Rocha da Águia, fez-se presente, levando consigo Gudrid.

Após o término do banquete, Orn foi falar com Thorbjorn a respeito do seu pedido.

– Decerto que você há de conhecer, caro amigo, o jovem Einar, filho de Thorgeir – disse ele, dando início ao rodeio preliminar.

– Thorgeir, da Montanha de Thorgeir? – disse o Senhor de Laugarbrekka

– Exatamente. Como bem deve saber, Thorgeir é um homem *imensamente* rico.

– Um homem de razoáveis posses – corrigiu, desagradado, o sacerdote,

pois todos os superlativos relativos a riqueza, quando aplicados a outrem, soavam-lhe vagamente ofensivos.

– Pois este Einar, filho de Thorgeir... que rapaz promissor!

Thorbjorn deu um pigarro curto, que na linguagem dos pigarros queria dizer: “Desembuche logo, homem!”.

Mas Orn não era muito versado neste linguajar, e foi adiante.

– Sabe, Thorbjorn, Einar é um jovem trabalhador, tal como o pai. E senhor por antecipação, sabe, de uma bela herança...

– Sei, homem, sei de tudo isso! Chegue logo onde pretende! Você vai falar desse rapaz, falar e falar, mas não vai chegar nunca ao ponto! O que quer dizer, afinal?

– Perdão, meu amigo! Einar implorou-me que viesse pedir a mão de sua filha em casamento, é isso!

– O que está dizendo? Está louco? Quer dar pérolas aos porcos?

Ao pronunciar a última palavra, Thorbjorn salpicou as barbas do velho de uma saliva quente e acre.

– Como ousa vir afrontar-me em meus domínios, Orn da Rocha da Águia?

Orn ficou atônito. A coisa saía pior do que imaginara.

– Perdão, grande amigo, mas você não me entendeu...!

– O que houve, Orn da Rocha da Águia? O banquete esteve tão ruim assim? Foi tão mal assim o vinho que lhe dei a beber para que me retribuísse com uma desfeita?

Um inexplicável impulso suicida, porém, fez Orn seguir adiante no seu empenho, desse onde desse.

– Einar é um excelente rapaz! Os negócios na Montanha de Thorgeir vão de vela em popa, e ele declarou-se disposto a auxiliá-lo em qualquer dificuldade, uma vez que consinta em tê-lo por genro!

– Ultraje, outra vez! – gritou o nobre. – Por que zomba de mim, Orn da Rocha da Águia? Onde viu por aqui os sinais da miséria? Havia alguma pedra misturada às batatas, havia? A borra, porventura, sobrenadou no vinho?

Orn abanava desesperadamente a cabeça, mas já era tarde para retratações.

– Gudrid não voltará mais à sua casa, já que a percebe como digna de um par tão inferior! – disse Thorbjorn fazendo o pobre Orn perder aquela que prometia ser o anjo tutelar da sua velhice.

Gudrid passou o inverno inteiro em Laugarbrekka ao lado do verdadeiro pai, até a chegada da primavera. Durante esse período, uma verdadeira maré

negra de azar abateu-se sobre os negócios do poderoso homem, tornando-o cada vez menos poderoso. Mesmo assim, quando o frio deixou de ser absolutamente congelante, Thorbjorn ofereceu um novo banquete aos seus amigos – um banquete um tanto frugal, desta vez, em comparação aos anteriores.

Todos mastigaram apreensivamente até o instante em que Thorbjorn, levantando-se soturnamente do seu magnânimo assento, pediu a atenção de todos, vibrando o cabo da sua faca numa jarra de hidromel.

Um silêncio respeitoso selou todas as barbas, enquanto Thorbjorn olhava nos olhos um por um dos convidados. Suas sobrancelhas estavam unidas como duas lacraias acasaladas, e suas feições, muito carregadas. Então Thorbjorn depositou sobre a mesa suas mãos enormes como dois caranguejos, respirou fundo e começou finalmente a falar.

– Laugarbrekka foi, durante muitos e prósperos anos, a minha morada. Prósperos sim, graças à boa vontade que sempre desfrutei dos meus velhos amigos. Nossos negócios foram sempre mutuamente favoráveis e jamais homem algum teve motivos para queixar-se da minha honestidade.

Thorbjorn fez uma pausa para ver se alguém tinha algo a contestar.

Ninguém tinha.

– O que tenho a lhes dizer é que neste último inverno meus negócios prosperaram tanto que decidi expandi-los.

Todos os semblantes mostraram-se subitamente preocupados.

– Para tanto, deverei abandonar Laugarbrekka, vendendo minha propriedade, a fim de instalar-me em outro lugar.

Os olhos dos convidados tornaram-se redondos como os pratos na mesa. Como era possível isso? O Senhor de Laugarbrekka desfazendo-se de sua morada ancestral!

– Deixarei o país, partindo em busca das promessas que meu amigo Erik, o Ruivo, me fez quando nos separamos no fiorde Largo. Vou estabelecer-me na Terra Verde, onde pretendo estar ainda neste verão.

Novo pasmo! Thorbjorn partia para a Groenlândia, deixando tudo para trás!

Thorbjorn não disse mais nada, limitando-se a distribuir presentes entre os convidados, numa última demonstração da sua prodigalidade, encerrando o banquete num clima da mais perfeita tristeza.

Thorbjorn, orgulhoso demais para expor diante de todos a sua ruína, partiu

com o porte altivo de “um homem com negócios em franca expansão” após vender suas terras e comprar um navio, que durante todo o mês de *Hraunhofn* (do trabalho no campo de lava) fora mantido e abastecido na costa.

Trinta homens se aventuraram nesta incerta expedição, dentre eles o velho Orn da Rocha da Águia e sua esposa, além de uma porção de velhos e fiéis companheiros. Velejaram oceano adentro, nos primeiros dias, com um vento favorável, mas quando entraram verdadeiramente em mar aberto, o vento favorável despediu-se, cedendo lugar a uma multidão de ventos desfavoráveis, que pareciam disputar ferozmente entre si a primazia de levar o barco a pique.

Além dos ventos contrários, havia também a peste, que se instalara insidiosamente entre a tripulação. Metade da tripulação morreu em consequência da febre, inclusive o velho Orn da Rocha da Águia e sua dedicada esposa.

Assim que os corpos de Orn e de sua esposa foram lançados ao mar, as ondas tornaram-se ainda mais revoltas, e foi sob este mau tempo que os sobreviventes tiveram de realizar o restante do trajeto, enfrentando o sofrimento em todas as suas formas até alcançarem *Herjolfsnes*, na Groenlândia, no início do inverno.

Em *Herjolfsnes* morava um homem chamado Thorkell. Ele era um nobre proprietário de terras, de alma caridosa e prestativa, e foi com este ânimo que recebeu Thorbjorn e toda a tripulação, dando-lhes abrigo e alimento pelo inverno inteiro, algo que Thorbjorn e sua filha Gudrid jamais esqueceriam.

III

A profetisa

Naquele tempo, houve um grande flagelo de fome na Groenlândia. Aqueles que haviam partido em expedições de pesca haviam retornado com apenas o suficiente para não morrer de fome – e muitos sequer voltaram.

A Groenlândia ainda estava recém sendo povoada, e num dos assentamentos havia uma profetisa, conhecida por todos como “A Pequena Sibila” (*Litilvolva*).

Apesar do apelido, Litilvolva possuía tamanho e largura desproporcionais, ao contrário de suas nove irmãs, também profetisas, que morreram muito cedo, tossindo umas nas caras das outras.

A Pequena Sibila costumava, durante o auge do inverno, bem protegida por um manto (e, mais que tudo, pela capa natural de gordura adquirida ao longo de anos de dedicação à comida), fazer um longo périplo pelos campos da Groenlândia, margeando seus inumeráveis lagos circundados por bosques de coníferas de galhos nus vergados pela neve. Nestas excursões geladas ela costumava ser hóspede de todos aqueles que a convidavam para o *sumbel* em suas casas, um banquete de confraternização em que ela demonstrava todo o poder de suas artes sobrenaturais. (Dizia a boca do povo que ela já havia previsto a morte de muitos homens que, estando fortes e saudáveis num dia, haviam se tornado fracos e moribundos no outro. Convinha, pois, manter esta mulher sempre no melhor dos humores.)

Thorkell – o rico proprietário que acolhera caridosamente a Thorbjorn e sua filha Gudrid após a sua chegada desastrosa a Groenlândia – era o chefe *frankiln* da maioria daquelas terras, e tornou-se logo interessado em convocar a profetisa assim que a escassez fez minguar assustadoramente as suas colheitas. Após mandar preparar um farto jantar de boas-vindas, Thorkell despediu um guia no encalço da boa senhora. Um assento bem largo, provido de uma almofada acolchoada e ornamentada com penas de aves domésticas aguardava o momento verdadeiramente impactante de receber sobre si o

traseiro volumoso da sábia.

A Pequena Sibila chegou, enfim, no final de certa tarde, acompanhada do guia. Estava vestida com os trajes de uma autêntica sacerdotisa pagã: sobre a cabeça trazia um capuz preto de pele de cordeiro, com arminho nas bordas, enquanto uma espécie de peplo azul e esvoaçante envolvia seu corpo esférico, incrustado de gemas e preso ao pescoço por um delicado cordão ornamentado. Nos pés, avultavam sapatos de pele de bezerro peludo, enormes como duas ratazanas prenes, e amarrados com tiras de couro com grandes puxadores de latão nas pontas. Nas mãos, alvejavam luvas brancas de pele de arminho, confortavelmente peludas por dentro, com as quais segurava um imponente cajado, dotado de um belo pegador ornamentado com latão forjado e incrustado de gemas. Uma cinta feita de cabelos sedosos circundava, como um anel de saturno, a sua prodigiosa cintura, local de onde pendia um alforje relativamente grande para uma dama. (Era dentro deste alforje que ela ocultava seus poderosos *taufr*, ou “talismãs”, e outras respeitadas quinquilharias mágicas usadas nos seus abracadabras místicos.) Belas miçangas de vidro completavam a sua vistosa “toalete mística”, capaz de fazer inveja a qualquer cartomante dos nossos dias.

Assim que ela entrou, todos os homens pensaram ser seu dever lhe dar as boas-vindas, partindo juntos ao seu encontro. A profetisa viking acolheu a todos de bom grado, mas foi o nobre proprietário de terras Thorkell quem a levou pela mão até o assento de honra, preparado especialmente para ela.

– Bem-vinda, Thorbjorg, Rainha-Vidente! – disse ele, sorridente. – Por favor, sente-se!

A Pequena Sibila agradeceu, depositando suas nádegas ragnarokianas sobre a almofada bojuda. Um silvo agudo e aflitivo como o suspiro de um asmático escapou-se do interior da almofada, e continuou a escapar, cada vez mais fraco, até o assento tornar-se chato e desoxigenado como uma panqueca.

Todos sabiam que a profetisa não era capaz de profetizar coisa alguma de estômago vazio, razão pela qual se deu início ao banquete, que se estendeu por um tempo infinito. A refeição foi servida num panelão digno de uma bruxa, sendo composta de uma deliciosa papa – especialidade viking – de flocos de aveia com leite de cabras gordas. Isso, porém, era só a entrada. Logo em seguida, postos em bandejas de prata, estavam os corações assados de todos os tipos de animais que puderam ser encontrados – coração de

búfalo, rena, cabra, porco-espinho, musaranho, coelho, castor, doninha, lobo, foca, esquilo e até de um macaco extraviado que, sabe-se lá por qual milagre, havia ido parar na Groenlândia. Seus talheres eram – além, é claro, dos dedos, o talher natural mais utilizado pelos vikings – uma colher de bronze e uma faca com cabo de presa de morsa preso à lâmina por dois anéis de latão.

Quando as mulheres haviam comido como pássaros, e os homens e a sacerdotisa como javardos, a mesa foi finalmente limpa, pois chegara a hora tão esperada da consulta.

Thorkell aproximou-se da profetisa e fez-lhe, então, a primeira pergunta.

– Diga-me, Pequena Sibila: até quando a fome e a epidemia de febre irão grassar em minhas terras? Quando os espíritos dizem que elas irão acabar? As duas juntas já exterminaram com mais da metade da minha criação e dos meus servos! Ponha os seus olhos sobre o meu rebanho, família e propriedade e me diga: *o que será da nossa sorte?*

A profetisa escutou tudo com os olhos semicerrados de quem está prestes a mergulhar num sono profundo.

Thorkell, enganado por esta errônea impressão, sentiu-se inquieto e vagamente afrontado – não como um poderoso dono de terras, mas como uma criança mimada que não recebeu na hora as respostas que queria.

Em vez de responder, a Pequena Sibila estendeu a mão para a sua caneca de hidromel. Ela olhou para dentro e viu que estava vazia. Suas pálpebras obesas ergueram-se ligeiramente.

– Nada vejo aqui – ronronou ela.

Thorkell tratou logo de encher a taça. Decerto era ali, sobrenadando no hidromel, que ela enxergava as coisas!

A profetisa, porém, em vez de olhar, cerrou os olhos e ingeriu, de um só gole, toda a bebida.

– E então?... – perguntou Thorkell, no limite da angústia.

Infelizmente, a sacerdotisa parecia incapaz de recuperar a bonacheirice da sua chegada.

– Os espíritos não estão prontos para serem contatados. Eles querem relaxar.

– E depois de relaxarem?

– Depois, estarão com sono. Muito sono. Por isso só poderei responder-lhe amanhã de manhã.

– O quê? Quer dizer que os espíritos ficam com sono à noite, também? Forte novidade!

– Os espíritos têm muito sono. Amanhã cedo, porém, estarão dispostos a falar.

Thorkell, vencido, deixou cair os ombros. Era preciso preparar um leito para a profetisa.

Todos passaram a noite em grande aflição, menos a Pequena Sibila, que dormiu um sono único assim que pousou a cabeça sobre o travesseiro. Quando o Sol nasceu, porém, ela pareceu extraordinariamente disposta, e a primeira coisa que fez foi fazer um chamamento geral a todas as mulheres da casa.

– Preciso da ajuda de alguma mulher que seja versada nos encantamentos astrais.

Mas nenhuma mulher ali era versada em encantamento algum, senão o de aborrecer os homens.

A profetisa irritou-se tanto com aquela “má vontade evidente” que se declarou disposta a partir imediatamente. Quando, porém, seus olhos pousaram sobre a bela Gudrid, a lua cheia do seu rosto iluminou-se inteira.

– Você! – disse ela, apontando-lhe o dedo rechonchudo. – Você é uma iniciada!

Gudrid encolheu-se como se atingida por um dardo mortal.

– Não, não! É mentira! – gritou ela.

– Sim, você é uma iniciada! Assim dizem meus dotes proféticos, que não mentem jamais!

Então, diante daquele olhar perfurante, Gudrid cedeu.

– Grande profetisa, mesmo não dominando as partes mais profundas do Oculto, sou obrigada a declarar que aprendi, de fato, com Halldis, minha mãe adotiva, uma doutrina que ela chamava de Canção-Sobrenatural.

As bochechas coradas da Pequena Sibila suspenderam-se de satisfação.

– Muito bem, então você é sábia o bastante! Comecemos já o ritual!

Ao escutar isso, porém, Gudrid voltou a rebelar-se.

– Perdoe-me, senhora sacerdotisa, mas não tomarei parte neste ritual.

– *O que disse?* – exclamou a Pequena Sibila, tremelicando as bochechas.

– Digo-vos que não tomarei parte, de forma alguma, neste nem em nenhum outro sortilégio maligno. Tais práticas pertencem aos dias em que

minha alma errava perdida na bruma das superstições suscitadas pelo diabo.

– Cale-se, blasfema! – exclamou a Sibila, convertida subitamente numa inquisidora pagã.

– Não o farei, torno a dizer-vos. Sou hoje, com a graça do Deus Único, uma mulher cristã, estando, portanto, impedida de entregar-me a tais práticas diabólicas.

– *Cristã?!...* – gritaram várias vozes estarecidas, pois nenhum daqueles pagãos obtusos havia sido convertido, ainda, ao deus verdadeiro.

– Você, menina... *é cristã?!* – balbuciou-lhe Thorkell, como a lhe perguntar se era leprosa.

– Cristianíssima – disse ela, serena.

Neste ponto seu pai interveio, alarmado com a desfeita que a filha preparava ao seu benfeitor.

– Gudrid, minha filha, acalme-se – disse Thorbjorn, pois, apesar de também ser cristão, não via nenhuma consequência favorável para ambos naquela atitude intransigente. – Você não pode negar ajuda ao homem que nos acolheu quando aqui chegamos mais mortos que vivos, e sem perspectiva alguma. Ajudar este generoso benfeitor não a tornará, de forma alguma, uma mulher pior do que era.

Depois, descendo-lhe ao ouvido, cochichou-lhe a verdade inteira: “Lembre-se, sua palerma, que dependemos deste pagão riquíssimo para não morrermos à míngua nesta terra desgraçada!”.

Thorkell, que desejava mais que tudo escutar uma previsão favorável da profetisa, implorou, então, a Gudrid:

– Oh, caridosa Gudrid! Ajude-nos! Em nome do seu misericordioso deus, imploramos pela sua ajuda!

– Minha fé não o permite – disse ela, imperturbável. – Perdoe-me com todas as vossas forças.

Thorkell sentiu ganas de agarrá-la pelos cabelos e obrigá-la a cumprir na marra o que ele pedia, mas foi obstado pela voz interior do Velho Caolho, o deus nórdico que o inspirou a dizer, manhosamente, estas belas coisas:

– Conheço perfeitamente a vossa fé, doce donzela. O *cristonismo* é uma fé pura e admirável, que preconiza, acima de tudo, a caridade. Oh, cristã dulcíssima e fidelíssima, seja então verdadeiramente cristã neste momento,

prestando a ajuda de que todos necessitamos!

Gudrid, então, finalmente vacilou. Acreditava começar a ser vencida pelo seu bom coração, quando na verdade começava a sê-lo pela sua vaidade, uma das artimanhas prediletas do pérfido Tentador.

– Bem... – balbuciou ela, corada.

– Vamos, jovem piedosa! Pratique este ato sublime em nome do *Cruzificado* e alcançará a beatitude suprema ao ingressar nos salões divinos do Valhalla cristão! – disse Thorkell, misturando tudo de uma vez.

Gudrid sentia-se, cada vez mais, num fiorde sem saída. Se ajudasse seu benfeitor estaria cometendo um pecado mortal, punível com a danação eterna. Se negasse a ajuda, estaria violando também, segundo o seu confuso entendimento, a regra mais elementar do cristianismo, que era a prática da caridade.

Ajudando ou não ajudando, a verdade era esta: a pobre jovem metia a alma no inferno!

Gudrid cobriu o rosto com as mãos. Pela primeira vez tomava conhecimento, desde a sua conversão, de todos os dilemas morais impostos pela sua nova fé. Não mais as delícias irresponsavelmente pagãs da estouvada Freya, não mais as estrepolias de uma corte celestial devassa e amoral! Doravante, uma libra rigidamente moral pesaria cada ato seu! Cada escolha equivocada seria um degrau a mais descido na direção dos calabouços ardentes de Satã!

A mente de Gudrid começou, de repente, a girar em todos os sentidos, como um galo de campanário. Ao mesmo tempo em que lamentava a perda das suas antigas crenças, rasteiras e ingênuas, regozijava-se estranhamente com as novas responsabilidades morais de uma fé infinitamente superior àquela fé embrutecida de rufiões e devassas. (Psicologicamente, então, o cristianismo era uma diversão e tanto! Mas será que ela teria discernimento – e, por que não dizer, paciência? – para pesar cada um dos seus atos – e, pior que isto, *cada um dos seus pensamentos?*)

Gudrid foi retirada de suas elucubrações torturantes por um puxão violento do seu alvoroçado pai.

– Acorde, menina tonta, diga algo!

– Está bem, tomarei parte no ritual – disse ela, vencida. – Mas que fique bem claro que o faço por Cristo!

O pai de Gudrid sorriu, aliviado. A filha começava, finalmente, a pegar o espírito da coisa.

– Claro, claro! Esteja certa, minha filha, de que Deus lê o certo pelas linhas tortas!

A Pequena Sibila, que precisava sobretudo de uma auxiliar, independente do deus a quem servisse, não viu razão alguma para descartar a participação da jovem.

– Demos logo início ao ritual! – disse ela, paramentando-se toda.

Todas as mulheres acercaram-se do altar preparado para o ritual e deram-se as mãos, formando um círculo ao redor da profetisa que, convertida em sacerdotisa, subiu ao tablado ritualístico juntamente com sua auxiliar.

Com um aceno da cabeça, ela ordenou que Gudrid começasse a entoar a Canção-Sobrenatural – uma mixórdia esotérica composta de todos os lugares-comuns dos velhos cultos ancestrais da Mãe Terra, transposta para o idioma gutural dos nórdicos. Entretanto, graças ao aparato circense montado pela profetisa – e, mais que tudo, à voz lindamente atormentada de Gudrid –, o canto infundiu uma espécie de êxtase nos corações dos ouvintes.

Nenhum dos presentes foi capaz de recordar algum outro momento de suas vidas que tivesse sido mais cheio de espírito e encanto, graças a arte hipnótica de Gudrid – uma espécie de valquíria cristã atormentada pela culpa a oferecer-lhes um espetáculo absolutamente inédito e surpreendente.

A culpa e o remorso acabavam de ingressar na arte escandinava, para nunca mais desaparecer.

Quando ela acabou, ninguém sabia expressar-se em palavras. Todos pareciam ter as bocas costuradas, como Loki após o castigo dos anões, contemplando extasiados o momento sublime.

Então, a profetisa falou:

– Muitos espíritos fizeram-se presentes. Eles ficaram muito agradados da música que saiu dos lábios da jovem cantora. Até mesmo os espíritos inferiores, antes refratários a qualquer contato com os humanos, agora se mostram abertos e receptivos aos nossos pedidos.

– *Espíritos inferiores?* – exclamou Thorbjorn, escandalizado. – Que quer a senhora com espíritos inferiores?

– O mal provém dos maus – disse a Pequena Sibila, com um suspiro superior. – Se quer ver cessar o mal, melhor que invocar os bons será

convencer os maus a deixarem de praticá-lo.

Thorbjorn fechou o bico, admirado. Nada mau para uma pagã obtusa!

– Agora está tudo claro para mim! – disse a Sibila, alçando dramaticamente a fronte. – Coisas que permanecem ocultas para vós tornaram-se agora subitamente claras e simples para mim!

Sem querer, a Pequena Sibila acabara de pronunciar o Credo de Ouro do pensamento místico de todos os tempos. Thorkell foi quem ficou mais entusiasmado ao escutar o anúncio da conexão com as Forças Falantes do Além. Finalmente, depois de todas as pantomimas, o tão esperado oráculo! Seus olhos reluziam e sua boca escondia por baixo da barba um quase imperceptível sorriso infantil (já que o escancarar seria melodramático demais para um viking).

– Diante de vós anuncio o que só a mim anunciaram os espíritos! – exclamou a profetisa. – Muito em breve a fome será devorada pela fartura, e a febre dissipada por um vento mais tórrido que ela mesma! A mim – e somente a mim! – foi revelado que a abundância e a saúde voltarão, em breve, a fazer parte de nossas vidas!

Em outras palavras, a boa profetisa também poderia ter dito: “Calma, pessoal! A primavera está chegando!”, mas fazer isso seria fugir totalmente ao seu estilo vibrante, responsável pela súbita explosão de alegria que se seguiu.

Todos comemoravam, abraçando-se efusivamente. Ninguém poderia esperar previsões mais favoráveis. Os espíritos maléficos haviam, afinal, se mostrado extremamente bondosos!

Voltando-se para Gudrid, a rechonchuda vidente mostrou-se enternecida:

– Doce aprendiz! A sua ajuda foi prestada com um ardor que superou qualquer expectativa! Por isso, lhe darei agora a sua recompensa, deixando que saiba tudo quanto o Mundo Astral lhe tem reservado!

A jovem titubeou, mas ao dar-se conta de que já havia infringido a regra que a proibia de entrar em contato com a fé viking, resolveu atirar tudo para cima de uma vez.

“A quem já molhou as canelas, que diferença faz mergulhar?”, pensou ela, com a mesma determinação sombria de um ímpio ao ingressar no segundo pecado: “Um crime, dois crimes – ora, avante!”

Gudrid aceitou saber o que os espíritos tinham a dizer, afinal, ela era humana, e, assim sendo, tinha uma forte inclinação à curiosidade,

especialmente quando o assunto dizia respeito ao seu assunto predileto: ela mesma.

– Vejo seu destino como uma história há muito já contada. Você encontrará um homem aqui na Groenlândia, um homem honrado, mas de dias curtos sobre a Terra. Seu lugar continuará a ser a velha Islândia do seu pai. E lá sim, uma magnífica linha de descendentes deverá se originar a partir de você, tanto em número quanto em nobreza. Sobre os ramos desta árvore fulgurará um raio brilhante!

Todos olharam Gudrid com um respeito ainda maior – respeito que, nas mulheres, converteu-se rapidamente em inveja. Mas nenhuma delas podia fazer nada. Gudrid havia sido abençoada pela profetisa viking, e só uma louca se atreveria a tentar desmenti-la.

Após, foi a vez dos homens consultarem afoitamente a sabedoria da profetisa, sedentos por anteciparem todas as desgraças do porvir. Aqui não havia o que errar, e a profetisa foi abundante e assustadoramente específica nas suas respostas, não errando uma única de suas previsões.

Enquanto tais coisas se passavam, Thorbjorn começou a sentir uma pontada genuína de remorso, que é o medo *a posteriori*. Tomado, então, pelo receio súbito de um castigo divino por ter acabado de tomar parte numa sessão de bruxaria, aproveitou a ocasião para se retirar discretamente junto com a sua filha.

* * *

O clima logo melhorou com a chegada da primavera, tal como a profetisa havia dito, e Thorbjorn pôde, enfim, ir ao encontro de Erik, seu real objetivo desde a partida desastrada de Laugarbrekka.

E assim ele fez.

Thorbjorn seguiu viagem até encontrar a Ladeira Íngreme, *Brattahlid*. Erik o recebeu com a maior cordialidade:

– Thorbjorn, velho cachorrão imundo! Você veio, afinal?

– O que acha? – disse o homenzarrão, abrindo um sorriso quase do tamanho dos braços estendidos.

– Fez bem! Fez muito bem! – respondeu Erik, atirando-se sobre o amigo.

Os dois homenzarrões abraçaram-se como dois ursos recém-saídos da

hibernação à cata de uma fêmea, e passaram o restante do dia alegremente, a beber e a contar as novidades.

Thorbjorn e sua família ficaram com Erik durante o inverno. Na primavera seguinte, Erik deu uma possessão de terra para Thorbjorn estabelecer-se em Stokknes.

Uma bela moradia foi construída para Thorbjorn e sua filha Gudrid, e eles tomaram posse dela com muito gosto e orgulho.

IV

Leif, o Sortudo, encontra a Vinlândia

Erik tinha uma esposa chamada Thjodhild, e dois filhos, cujos nomes eram Thorstein e Leif. Eram dois rapazes promissores, mas Leif sobrepujava ao irmão no conceito dos groenlandeses. Leif tinha ido para a Noruega, e estava agora morando lá, sob as ordens do rei Olaf Tryggvason.

Ainda quando estava na Groenlândia, Leif havia velejado durante o verão, e um vento desfavorável havia impelido ele e seus homens até Sedreyjar. Ali estiveram durante quase todo o restante do verão até que um vento favorável lhes permitiu alcançar a costa da Noruega, justamente na época da colheita. Leif acabou juntando-se à guarda pessoal do rei Olaf Tryggvason, tão alta fora a opinião que o rei acabara formando sobre ele.

Certa feita Olaf convidou-o a ir até o seu palácio, mandando alguns servos para acompanhá-lo. Quando Leif chegou ao salão da morada de Olaf, o rei foi logo dizendo:

– Leif, meus velhos olhos não me enganam quando me dizem ser você um homem polido e de ótima criação.

– Agradeço pelo elogio, rei Olaf.

– Gostaria de saber uma coisa, meu jovem: pretende velejar para a Groenlândia este verão?

– Assim o farei quando minha presença não for mais bem-vinda em vossas terras, alteza.

– Caro Leif, você é tão bem-vindo por aqui que estou disposto a confiar a você uma importante missão.

Leif sorriu por debaixo das mesmas barbas vermelhas do pai.

– Sinto-me honrado, meu senhor. Mas que missão seria esta?

– Quero que retorne à Groenlândia, porém não em meu nome, mas em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pretendo confiar a você a missão de catequizar aquele pobre povo bárbaro e ignorante que ainda não teve a bênção de ver descer sobre si a luz do Salvador. Dar-lhe-ei a honra de ser o primeiro a pregar a fé cristã naquelas terras.

O sorriso de Leif esmaeceu rapidamente, sendo substituído pela máscara da apreensão.

– É uma enorme honra, meu soberano, e a maior de todas as missões, só que...

– Só que a recusa...?

– Jamais recusaria um vosso pedido, meu rei. No entanto, sou obrigado a confessar meu receio.

Olaf acomodou-se melhor no trono, demonstrando grande serenidade.

– Diga tudo quanto pensa, meu jovem, com a franqueza que o tornou tão digno da minha admiração.

– Acredito, Alteza, que a Boa Nova Cristã seja uma mensagem quase impossível de ser assimilada pelos nativos da Groenlândia. A maioria dos vikings continua aferrada às suas crenças bárbaras, e estou bem certo de que pouquíssimos deles estariam dispostos a trocar o martelo de Thor pela cruz do Divino Salvador.

– Ora, e por que não? Nosso Deus não é infinitamente superior?

– As pessoas estão felizes como estão, e nunca tiveram uma maré de fortuna e abundância como a de que hoje desfrutam. Eles tributam tudo isso aos seus deuses, e nada os faria demonstrar tamanha ingratidão para com eles.

Neste momento o rei deu um pulo abrupto, como se tivesse sido picado por uma abelha.

– Pois saiba que é o Diabo Caolho quem lhes verte a Cornucópia do Inferno! – exclamou ele, tomado pela mais temível das exaltações: a exaltação dos recém-conversos. – Faça-os saber que Odin, Thor, Loki e toda a trupe daqueles que eles julgam deuses não passam, na verdade, de demônios assalariados pelo Pai da Mentira!

Olaf sentiu uma espécie de orgasmo labial ao proferir a última expressão. Deus santíssimo, como era delicioso odiar em Seu Santo Nome! Que Deus Misericordioso lhe concedesse a honra ser o Flagelo dos Pagãos, e ele seria o mais feliz dos reis sobre a Terra!

Ao ver, porém, o espanto desenhado nos olhos de Leif, o rei acalmou-se um pouco. Após juntar as mãos, num gesto de reza contrita, esfregou-as lentamente, como a lavá-las do sangue imaginariamente vertido.

– Tão difícil julga, então, a empreitada? – disse, afinal.

– Infelizmente, meu senhor. De qualquer modo, podemos estar certos,

tanto eu quanto Vossa Alteza, de que é Cristo Nosso Senhor o único a conceder as bênçãos que ora têm descido sobre os nossos irmãos da Groenlândia.

Não querendo pôr em discussão o poder soberano do seu deus, Olaf concordou.

– Sim, sim... fico feliz pela fortuna dos meus irmãos vikings... – disse ele, com os olhos distantes voltados para o alto, onde reencontrou a serenidade. Quando voltou a olhar para as complicações terrenas, porém, tornou a insistir: – Bem, meu jovem, eu não disse que seria uma missão fácil. Justamente por isto escolhi você para levá-la a cabo. Não há homem mais capaz dessa tarefa. A mesma fortuna e sorte de que desfrutam, por ora, os pagãos groenlandeses haverá de segui-lo também em sua obra de conversão ao Deus Verdadeiro.

Esta expressão também empolgava o rei, quase tanto quanto a outra, e ele repetiu-a, deliciado:

– Leve até aqueles pobres cegos, meu bom súdito, a luz do Deus Verdadeiro!

Leif sorriu, rendido à teimosia do velho rei. Como este lhe devolvesse o sorriso, Leif ousou dizer tudo:

– Muito bem, mas tudo isso só poderá ser se eu levar também *a sua sorte* comigo!

O filho de Erik olhava para as pilhas de ouro e pedras preciosas expostas na sala do rei.

Olaf continuou a sorrir docemente.

– Ah, o ouro...! Claro, o ouro...!

Leif podia jurar que ele estava prestes a acrescentar “o Deus Verdadeiro”, quando, olhando-o firme nos olhos, o rei lhe disse o seguinte:

– Antes de tudo, porém, é preciso que você se converta efetivamente à fé cristã.

Leif, de fato, apesar de simpatizar com a nova crença, ainda não confirmara a sua conversão.

– Sem o santo batismo você continuará a tatear nas trevas da impiedade – disse o rei.

– Batizar-me, eu? – balbuciou o jovem.

– Naturalmente. Como espera converter alguém se nem você próprio está

convertido?

Leif olhou para os lados, confuso. Ao avistar, porém, de relance, a pilha de ouro, a luz divina terminou de banhar o seu entendimento.

– Está bem, meu rei e senhor, faça-se conforme a vontade sua e a de Nosso Senhor!

Segundo a versão que depois se espalhou por toda a Noruega – confirmada por todos os conselheiros reais –, a conversão de Leif se deu unicamente graças à oratória piedosa do rei, que naquele dia ostentava sobre a cabeça a mesma língua de fogo sagrada que pairara um dia sobre as cabeças dos Santos Apóstolos.

O próprio rei Olaf Tryggvason, apóstolo coroado de Cristo, batizou nas águas geladas de um dos rios da Noruega o jovem Leif, tornando-o, assim, mais um cordeiro do rebanho de Cristo.

Enquanto vertia os santos óleos sobre a cabeça do ex-pagão, o rei dizia, exaltado:

– Aqui está, Deus de Israel, mais um apóstolo para a Tua Santa Obra! Porque assim proclamou Nosso Senhor, no afã urgente de salvar: “Quem não ajunta comigo, espalha!”. Vá, Leif, e, em nome de Deus Pai Todo-Poderoso, ajunte quantas almas puder, retirando-as da perdição para a salvação eterna dos justos!

* * *

Rei Olaf – ou São Olavo, como seria chamado mais tarde pela Igreja Católica – foi, provavelmente, a figura mais importante do processo de transformar os antigos pagãos noruegueses em súditos fiéis de Cristo. Inflammado pela Verdade, Olaf não hesitou em recorrer aos métodos mais extremos para levar a cabo a sua missão, já que extrema, também, era a renitência do diabo em ceder os seus servos ao cajado suave de Cristo.

Snorri Sturlusson, na *Saga de Olaf*, descreve as práticas viris deste rei para libertar o seu povo da degeneração pagã:

“...a alguns que não desistiram do paganismo, ele os baniu; a outros, ele cortou as mãos ou os pés, ou extirpou seus olhos, e a outros mandou enforcar ou decapitar, mas não deixou impune nenhum dos que recusaram se

converter à servidão de Deus (...) ele lhes infligiu grandes punições.”

Após ser batizado, Leif, o filho de Erik, seguiu para a Groenlândia numa conturbada viagem marítima. Ele e seus homens foram revirados no interior do seu navio como meias e cuecas numa máquina de lavar. Apesar de também terem sido batizados, aqueles homens rudes continuavam tão pagãos como as cinzas danadas dos seus tataravós.

Enquanto o navio singrava as ondas revoltas, dois marujos cochichavam entre si, metidos num canto:

- O que aconteceu com Leif? Nunca o vi tão estranho!
- Pois pensei ter sido o único a notar algo de diferente! O que aconteceu?
- É o que estou lhe perguntado: o que aconteceu?
- Não sei, mas você viu os seus olhos?
- Meus olhos? O que tem os meus olhos?
- Os olhos do comandante, idiota! Você viu os olhos de Leif?
- Oh, sim, vi sim! É como se estivessem sob um feitiço!
- Deve estar sob o efeito de algum encantamento cristão!
- Só entre nós, dizem que os encantamentos desta gente são piores que qualquer outro! Pudera, se o deus deles é um deus morto!
- Psssiu! Fale baixo!
- É, sim, o deus dele voltou dos mortos, todo mundo sabe! Aliás, dizem que todo cristão é morto-vivo! Primeiro eles são mortos, e logo em seguida ressuscitados!
- Besteira, Leif não morreu, todos viram o seu batismo!
- O batismo aberto, sim, mas não o secreto!
- Que asneira é esta?
- É sim, toda seita tem dois ritos: um público, para os basbaques, e outro secreto, para as abominações!
- Psssiu!
- No batismo secreto os cristãos são pregados numa cruz, e depois de dessangrados até a última gota, ressuscitados pela magia negra!
- Asneiras!
- Então por que raios falam tanto no tal diabo? Eu tenho pra mim que o deus deles, de verdade, é este sujeito!
- Tá-tá! O que eu quero saber é do comandante. Na minha opinião,

estamos nas mãos de um louco.

– Um louco *morto*, que vai nos conduzir todos ao poço de Hel!

– Lá isso é verdade. E do modo confuso como ele está nos guiando, logo estaremos perdidos!

– Ouça, que tal alterarmos a rota, em segredo?

Jamais se soube se os dois realmente fizeram tal coisa. De qualquer jeito, tanto falaram em perdição que o navio terminou realmente perdendo-se em alto-mar. Leif ancorou em diversas terras, mas os pescadores embrutecidos das costas não sabiam direito nem qual era a sua mão direita, quanto mais a rota para a Groenlândia.

– Danação! Estamos perdidos de uma vez! – gritou, lá do alto, o velho arauto, enquanto tentava consertar a vela que se esbatia furiosamente no mastro, como se desejasse ir juntar-se às gaivotas.

– Loki nos levou ao rumo errado! É mais uma galhofa do Trapaceiro! – gritou alguém.

– Loki não, o diabo! – exclamou Leif, de olhos acesos, na direção dos timoneiros.

Os dois cochichadores entreolharam-se, aterrorizados. Chegara, sem dúvida, a hora negra da revelação! Agora todos saberiam quem era o deus de verdade daquela gente que pretendia colocar a cruz no lugar do martelo!

– Satã, evidentemente, está tentando nos desviar do nosso curso! Olaf já me prevenira a este respeito!

– Quem é este...? – disse, baixinho, um dos dois.

– Rezemos, irmãos! – disse Leif, de cara vermelha, empinando um barril quase vazio.

– Acho que é ali que está o deus de verdade dele – disse o timoneiro, quase acertando no alvo.

Leif arremessou o barril vazio ao oceano, e depois ergueu os braços ao céu, numa súplica muda.

– Acabou a bebida, acabou a viagem! – disse alguém, pois nenhum daqueles pagãos recalcitrantes mostrou-se disposto a acompanhar o comandante na cerimônia.

– Como vamos navegar sem cerveja?

– Vamos viver do quê? Só de água e peixe?

– Animem-se! Logo teremos também trovões e relâmpagos! – casquinou o

velho, lá no mastro.

– Tem mais um barril cheio, aqui! – gritou outro, de repente, rolando um barril bojudado até eles.

O ruído do líquido espumante revirando-se no interior da cuba animou aquelas almas combalidas. Imediatamente todos se puseram a gargalhar, felicíssimos, como se tivessem diante de si Freya, a deusa da paixão.

Antes, porém, que a bebida pudesse ser servida, a voz do velhote devolveu a apreensão a todos, congelando os sorrisos no interior das barbas loiras e ruivas.

– NÉVOAS!

Foi como se Jormungand, a serpente marinha filha de Loki, tivesse alçado de dentro da água a sua cabeçorra hedionda. O velho desceu do mastro com a agilidade inesperada de uma lagartixa e foi esconder-se no primeiro buraco que encontrou.

Todos espreitavam o mar por baixo de seus gorros, com olhos de puro pavor. A névoa, a maior inimiga dos vikings, foi devorando o barco lentamente, aos bocados, e empurrando a tripulação para a popa.

– Idiotas, permaneçam nos lugares! – esbravejou Leif, numa voz pastosa, misto de álcool e névoa.

Era uma névoa gigantesca, densa e avermelhada. Depois de abraçar todo o navio, começou a infiltrar-se em cada vão das barbas e das roupas dos marujos, tornando-os úmidos e fétidos como arenques no interior de um barril.

Neste ponto começou a ladainha dos pedidos de socorro, endereçados a toda a corte asgardiana, Aesires e Vanires, e até mesmo às entidades suspeitas dos subterrâneos.

– Salve-nos Tyr, filho de Hymir, o gigante do mar!

– Adgir, Senhor do Mar, impele nosso barco para longe do Mal!

– Balder, ajuda-nos com tuas setas!

– Fenrir, lobo poderoso, afasta com teu bafo a bruma gelada!

Ouviu-se de tudo, ali, menos o nome do deus patrono daquela expedição.

– Cristo, quanta blasfêmia! – exclamou Leif, de mãos postas nos ouvidos, sentindo a barba gelada de bruma.

Alguns fizeram menção até mesmo de se lançar ao mar, tal o desespero, e não fosse a força de alguns marinheiros mais destemidos em segurá-los, Leif teria perdido desta maneira diversos homens.

Felizmente, tratava-se apenas de um banco passageiro de névoa, que logo se dissipou, permitindo que os raios frágeis de um Sol pálido, mas do mundo bem sólido e palpável de Midgard, voltasse a descer sobre todas as barbas.

Pois a verdade é que estes guerreiros, capazes de derrubar uma árvore com um soco e de matar o inimigo com um único golpe, tornavam-se como crianças órfãs diante da névoa do mar. Sua crença lhes dizia que o mundo estava todo envolto nas brumas, e que ao se adensarem elas estariam anunciando o fim do mundo, que começava justamente num mergulho aos confins de Nifhel, lugar infernal onde se sofrem os mais terríveis tormentos.

* * *

Amanhecia um dia lindo e brilhante quando a maioria dos tripulantes acordou, e Leif resolveu ver como iam as coisas. Ao olhar para o alto avistou o velho pendurado no mastro, a cantarolar uma canção viking enquanto consertava a lona danificada.

De repente, a música parou e todos ouviram seus gritos de alegria:

– Terra, estou vendo terra!

Aqueles que ainda dormiam acordaram, e os demais começaram a pular como búfalos satisfeitos, a tal ponto que Leif viu-se obrigada a ordenar que parassem com o sapateado, se não quisessem levar o barco a pique.

Leif colocou a mão em pala sobre os olhos e seus olhos avistaram uma terra deserta.

– Seja lá o que for, não é nenhum Valhalla – disse um dos capitães, ao ver a terra árida, varrida pelo vento, fria e coberta de gelo como as terras da Noruega.

– Mais para o interior deve haver vegetação e água potável, onde o clima é menos agreste – disse Leif. – Terras férteis e rios correntes com salmões enormes e gordos!

Leif e seus homens desembarcaram naquela terra deserta que ele, na condição de descobridor, resolveu chamar de *Helluland*, em alusão a Hel, o inferno gelado dos nórdicos (por alguma razão de hábito ou superstição, a nomenclatura pagã lhe pareceu mais adequada). Tratava-se da atual ilha de Baffin, no Canadá.

A viagem tinha sido exaustiva e desgastante, e por isso Leif decidiu

montar acampamento na ilha e permanecer por ali uns bons meses antes de tomar o rumo da Groenlândia.

Durante este tempo, o filho de Erik explorou todos os quadrantes, adentrando o interior da ilha. Terras belas e arborizadas sucediam-se umas às outras, sem qualquer sinal de povoamento. A um destes locais ele chamou de *Markland* – atual Península do Labrador –, por ser um marco para a sua expedição.

Ao aprofundar-se mais, no entanto, Leif começou a encontrar sinais de povoamento e terras mais quentes e mais verdes, que chamou de *Vinland*, que quer dizer Terra das Vinhas, com a intenção evidente de atrair os seus patrícios para virem morar ali, o que não seria nada difícil para vikings cansados de habitar suas terras geladas e suas montanhas cinzentas e nebulosas.

Leif conseguiu comunicar-se com os nativos, uma gente aparentemente amigável, apesar do olhar patético e fixo que não desviava um instante dos estrangeiros. Mesmo sem falar a mesma língua, os vikings conseguiram se fazer entender e trocaram com os nativos tecidos vermelhos por peles e couros de animais.

Leif chamou esta gente de *Skraelings*, que quer dizer Horríveis, já que os nórdicos, loiríssimos e de pele alva, tinham um padrão de beleza radicalmente oposto ao daquela raça de feições tortas e pele escura.

Havia na terra dos Horríveis campos de trigo lindíssimos e vinhas em profusão. (Leif levaria consigo, ao partir, muitos objetos e produtos naturais da terra, como prova do que havia encontrado, abarrotando com eles o seu navio.)

Algum tempo depois, explorando outro lugar, Leif avistou, para grande pasmo seu, cerca de quinze homens brancos. Um estupor muito parecido com o que assaltou Robinson Crusóé ao avistar uma pegada humana na sua ilha caiu sobre a sua alma. Logo em seguida, um rastilho de ira empertigou-lhe a espinha.

– Quem são vocês? O que fazem aqui? – exclamou Leif, como um proprietário raivoso, de machado na mão.

Os homens falavam a mesma língua dele, o que o irritou ainda mais.

– Oh, você também naufragou por aqui? – perguntou um deles, quase ao

mesmo tempo.

Leif estudou o sujeito avidamente, tentando identificar nele os sinais da liderança, pois pretendia atirar em seguida os seus homens contra o grupo rival, definindo de uma vez quem seriam os conquistadores por ali.

O filho de Erik já ia dizer que não era náufrago coisa nenhuma, quando uma mão invisível tapou a sua boca. (Por que revelar que possuía um barco, justo a coisa mais ambicionada por um náufrago desesperado?)

– Pelo visto são novos na terra – insistiu o outro, ao ver o bom estado das roupas de Leif e de seus homens.

“Chegaram depois, logo somos nós os conquistadores!”, assim Leif traduziu a charadinha do desgraçado.

– Cheguei para tomar posse desta terra, em nome do rei Olaf, da Noruega – disse, em seguida, explicitando de uma vez o desafio. – Quanto a vocês, se quiserem ser súditos de Olaf, juntem-se a nós...

Havia um “ou” sinistro depois disso, que Leif deixou, como um corvo, pairando ameaçadoramente no ar.

Leif jamais soube se foi o medo ou a mais pura inocência que fez o sujeito arreganhar um enorme sorriso, de uma ponta a outra da barba, e gritar alegremente para os seus homens:

– Ora, viva! Então estamos salvos, minha gente!

Leif acompanhou os demais erguerem as mãos para o céu e festejarem o que consideravam a sua salvação. Ao escutar, porém, estava palavra, tornou a falar-lhes.

– Por falar em salvação, caros irmãos, vocês já foram convertidos à fé de Cristo?

Os homens olharam entre si, confusos, sem saber o que dizer.

– Se ainda não foram, não há problema algum. A fé do nosso rei não manda enforcar, mas converter.

– Não, de fato, ainda não fomos convertidos à lei da Cruz – disse o líder dos náufragos, amarelamente.

Leif viu com o rabo do olho como os demais enterravam disfarçadamente nos peitos os berloques pagãos, na maioria correntes com imagens de martelos cobertas de azinhavre.

– Não se preocupem, haverá tempo de sobra para isso – disse Leif, abrindo, pela primeira vez, um sorriso sincero. – Afinal, rios e cursos d’água é o que não faltam por aqui!

No mesmo dia, o filho de Erik levou os náufragos para a sua residência temporária na ilha, onde permaneceram reunidos durante o inverno. Durante todo esse tempo, Leif esforçou-se para convencê-los a abraçarem a fé de Cristo – uma boa ocasião para testar, também, os seus dotes verbais de apóstolo.

– Assim como vocês tiveram a sorte de serem salvos por mim, quando tudo parecia irremediavelmente perdido, assim a humanidade teve a ventura de ver-se salva pelo Filho de Deus, estando a um passo da perdição eterna.

Segundo alguns comentadores, foi graças a este discurso que Leif acabou recebendo o apelido de “Leif, o Sortudo”, embora outros queiram ver na “sorte dourada” do rei Olaf a real origem da alcunha.

* * *

O inverno finalmente passou e chegou a hora de Leif retornar para contar a seu pai a grande novidade da descoberta da Nova Terra, pois, tal como Erik, o seu filho também era, a partir de agora, um desbravador!

Leif preparou-se para fazer a travessia de retorno com uma pequena frota composta do seu barco e de mais alguns que fez construir na maravilhosa terra dos Horríveis.

Desta vez a viagem se fez sem maiores percalços, e após algumas semanas Leif alcançou a Terra Verde através do Eiriksfjord, rumando para casa no rumo da Ladeira Íngreme.

Ao chegar foi recebido com muitas festas, especialmente pela parte de Erik. O velho pai lhe aplicou tantos e carinhosos puxões de barbas que o pobre jovem quase ficou com o rosto liso e esfolado como um frango escaldado.

Não demorou muito e Leif contaminou a todos com seu entusiasmo ao falar de Vinland, a terra verdejante que descobrira.

– Creiam-me, trata-se de uma terra maravilhosa, repleta de riquezas! – exclamou ele, elogiando desmedidamente o verdor das matas e o azul das águas. – Suas terras são férteis como nenhuma outra, repletas de florestas com árvores grossas como pilares e altas como mastros! Com a sua madeira abundante poderemos obter quanta madeira quisermos para fabricar casas e barcos à vontade! Os rios correm límpidos e velozes, repletos de salmões

imensos que se deixam apanhar com as mãos! Os campos são planos e férteis de pasto, uma verdadeira dádiva de Cristo!

Ao escutar esta última frase, o pai de Leif arremessou-se para trás e emitiu uma sonora gargalhada.

– *Dádiva de quem?* Ah, ah, ah! Essa é boa, o garoto falando como um cristão desmiolado!

Leif ficou sério, pois chegara a hora do anúncio da sua conversão.

– Falo como o que sou, meu pai – disse ele, puxando das profundezas do peito um crucifixo dourado.

Ao ver a insígnia cristã o velho Erik arregalou desmedidamente o olho esquerdo. Um ricto de espanto entortou, ao mesmo tempo, a sua barba, dando-lhe o aspecto de um sequelado por AVC.

– O que está dizendo? – balbuciou o velho. – O que é isso aí?

– É a cruz do Salvador, meu pai. Graças a Ele fui abençoado com a descoberta de um Novo Paraíso.

Erik desviou o rosto da insígnia, que não cessava de lançar-lhe agulhadas douradas nos olhos.

– É uma anedota, não é? O garoto voltou chistoso!

Não, não era. Leif havia renegado todos os deuses nórdicos em favor do deus estrangeiro.

– Meu filho um maldito cristão! – rugiu Erik, afinal, ao ter a horrenda certeza.

– Um cristão abençoado, meu pai. Graças a Cristo, encontrei a luz divina em meu coração!

“Que conversa idiota era essa?”, pensou Erik, sentindo um jato de bile subir-lhe pelo esôfago até queimar-lhe a raiz da língua. Seu filho, de barba montada na cara, falando como uma mulherzinha! E aquele olhar de mariola, Thor todo-poderoso! No que, afinal, os malditos sicários da cruz haviam transformado o seu filho?

Erik convenceu-se rapidamente de que feiticeiros cristãos haviam-no aprisionado e o desvirilizado com alguma poção efeminante. Leif jamais havia pronunciado até aquele dia coisas abomináveis como “abençoado”, ou aquela terrível expressão “luz divina em meu coração”! Desde quando um viking possuía “luz divina no coração”?

Num paroxismo pânico, Erik puxou o filho até si e sibilou em sua orelha,

salpicando-a de perdigotos nervosos:

– Diga-me, meu filho (*não minta!*): eles fizeram *aquilo* com você?

Corria pela boca amedrontada dos vikings que a primeira e nefasta obra de um conversor cristão era a de desvirilizar qualquer nórdico renitente através do recurso humilhante da violação. Operada a desgraça, não restava ao pobre filho de Odin outra saída senão a de abjurar a sua fé viril, tornando-se um discípulo efeminado da nova seita!

Leif não pôde deixar de sorrir ao compreender do que falava o seu assustado pai.

– Não diga tolices, meu pai! Continuo homem como qualquer um de vós. Mais homem, até, se me permite dizer, pois agora, além de um nórdico, sou um Homem de Deus e um Filho de Maria!

Erik afastou o jovem violentamente para o lado e pôs-se a vomitar furiosamente todo o barril de comida e bebida que ingerira há pouco. Leif tentava ajudar o pai nos arrancos, mas era afastado pela sua mão de manopla.

Quando a piscina verde cheia de coisas flutuantes terminou de formar-se aos seus pés, Erik voltou a suspender a cabeça. Sua barba grisalha, convertida num cardápio visual de tudo quanto ingerira, gotejava uma chuva ácida.

– E os nossos deuses? – babujou ele. – E o panteão de Asgard? E Odin? E Thor? E Freya, a maravilhosa Freya dos seios bojudos?

Erik fez uma pausa breve, e murmurou, um tom mais baixo:

– Diga, garoto, esta Maria aí, de que falou... *é uma deusa, também?*

– Não, não é. Só há um deus, Nosso Senhor, em todo o universo

– O que quer, então, idiota, com uma religião sem deusas?

– Freya não é uma deusa, meu pai.

– Não é? E o que é, então? Uma rameira? Para você Freya não passa, agora, de uma rameira?

Leif preferiu não responder, embora pensasse exatamente assim.

– Leif, meu filho, esta é a religião dos seus pais e dos seus avós! Esta é a sua cultura, a cultura de todos nós, que nos tornou o povo mais respeitado e admirado da Terra!

– O mais temido, talvez. Não o mais respeitado.

– Ora, respeitado, sim! Ser respeitado não é ser temido?

– Há um povo melhor e que foi escolhido por Deus para ser a sua nação.

Erik enfureceu-se de novo.

– Um povo de nômades, tatuíras do deserto! Que temos nós com esta raça imunda?

– Doravante, em Cristo, somos todos seu povo.

– Basta de sandices! Não quero ouvir mais nada!

Erik fez menção de arrancar o crucifixo do peito de Leif, mas ele o impediu docemente.

– É inútil, meu pai. Jamais outra insígnia, que não esta, voltará a adornar o meu peito.

Numa última tentativa de trazer o filho de volta à razão, Erik arrastou-o até o santuário onde estavam as imagens dos deuses vikings.

– Vamos, meu filho, abjure já da nova seita e retorne a nossos deuses! Não me envergonhe diante de todo o nosso sagrado panteão! – disse Erik, numa última e desesperada tentativa.

Leif olhou para aquelas imagens como se as visse pela primeira vez na vida, assim como um adulto ao rever figuras familiares da sua infância enxerga-as de um modo inteiramente novo. Coisas que antes não havia percebido naquelas representações agora tornavam-se escandalosamente claras ao seu novo entendimento. Ao ver uma pequena estatueta de bronze de Freyr, o deus da fertilidade, com o pênis enorme e ereto, ele virou instintivamente o rosto.

“Odin supremo! Então *aconteceu* mesmo...!”, pensou o pobre velho, mortificado.

– Não são deuses, meu pai, mas demônios – disse Leif. – Foram postos no mundo para confundir os homens, impedindo-os de adorar o Deus Verdadeiro. Estou ao lado, agora, do grande Pai, ao lado do Senhor!

– Cínico! Como pode estar ao meu lado se rejeita nossos deuses? – disse Erik, revoltado.

– Não, meu pai, estou falando do Deus Pai, do Senhor Jesus!

– Meu Thor de Asgard, onde foi que eu errei? – gemeu Erik, batendo com a cabeça na parede.

Leif sentiu pena do velho, e depois de tocar no seu ombro disse-lhe com a mais doce das vozes:

– Por que não me acompanha até o rio, meu pai, para ser batizado?

– Maldito! Só se for para afogá-lo! – rugiu Erik, vermelho de ira, dando-lhe as costas.

Apesar de toda a oposição, desde este dia Leif começou a pregar a verdade cristã nas terras do seu pai. Quando este tentava impedi-lo, Leif usava da mansidão do seu deus para demovê-lo da violência.

– Esteja sereno, meu pai. Se o meu deus for falso, e os seus verdadeiros, nada alcançarei.

Graças, também, à ajuda de sua mãe Thjodhild, que teve a ventura de converter-se logo às primeiras prédicas do filho – um feito nada espantoso, já que ela teria se convertido ao próprio diabo, tal a intensidade despropositada do seu amor materno –, Leif conseguiu converter muita gente para a causa do novo Deus e do rei que O proclamava.

Thjodhild tornou-se tão fanaticamente devota ao deus do seu maravilhoso filho que mandou construir, à revelia do marido, uma igreja a poucos passos da sua casa, que chamou atrevidamente de “A Igreja de Thjodhild”. Lá a devotíssima senhora passou a orar com tamanho empenho pela expansão da “Santa Fé de Leif” (“de Nosso Senhor Jesus Cristo, minha mãe!”, corrigia-lhe o filho), que logo várias outras mulheres juntaram-se a ela, no receio de incorrerem na mais temível das iras sobre a Terra: a ira de uma mãe-leoa em defesa da sua cria.

Nem mesmo o próprio Erik ousou intervir nesta questão. Depois que a esposa expulsara Freya de dentro de casa para instalar o culto da tal Virgem Maria, tudo virara de pernas para o ar. Exausto, afinal, das pendengas religiosas dentro do próprio lar, o velho urso decidira entregar tudo a Odin, a Deus-Cristo – ou ao diabo que fosse!

Então, ao ver que até mesmo os homens começavam a tornar-se vira-casacas de Odin, trocando abertamente os velhos *Miolljnirs* (os martelos de Thor) enzinabrados por cruces reluzentemente douradas, Erik começou a aproximar-se discretamente do filho para saber mais sobre “aquele troço do *crístonismo*”.

– “Cristianismo”, meu pai – disse Leif, com um sorriso alegre nas barbas.

Erik escutou atentamente tudo quanto o filho tinha a contar acerca da obra de conversão operada sobre o seu povo pelo rei Olaf da Noruega. Quando se chegou à parte dos pagãos recalcitrantes, porém, seu interesse adquiriu uma nova e imprevista intensidade.

– Que fez o rei para convencê-los?

Leif desconversou escolasticamente, mas seu pai tanto insistiu que ele

acabou tendo de revelar alguns dos momentos mais viris da piedosa campanha de conversão.

– Extirpou olhos, é...? – disse o velho, admirado, mas com boa dose de desconfiança. (O desgraçadinho mentia, decerto! Extirpar olhos não era coisa de cristãos maricas, mas de vikings!)

Leif, descobrindo um atalho piedoso para a conversão paterna, decidiu enveredar, então, pelo lado viril da coisa, contando-lhe tudo, com riqueza de detalhes, acerca da “bravura convicta” do rei, que em momento algum admitira “vãs piedades” quando se tratara de expulsar o diabo das terras norueguesas.

Não demorou muito para Erik começar a simpatizar com o tal Olaf – “um viking às direitas”, ao que parecia.

– Mesmo que tenha havido excessos, nada disso contraria as próprias palavras do Messias.

Ao escutar isso, Erik acendeu de vez os olhos.

– Como é que é?!

– Sim, meu pai, o próprio Filho de Deus disse, certa feita, que viera ao mundo para trazer a espada.

Erik sentiu uma vertigem tão violenta que teve de sentar-se. (Grande Thor, e esta agora! O que era este mundo!)

– Onde está dito isso? – exclamou ele, agoniado. – Vamos, mostre-me, mostre-me!

Leif trouxe correndo até o pai um velho rolo com os textos sagrados. Após desenrolá-los, mostrou a passagem maravilhosa com o dedo, como um mercador coberto de dívidas ao expor os seus tecidos.

– Leia, leia! – exclamou o velho, pouco amigo das letras.

Assim que o filho concluiu a leitura, Erik sentiu um arrepio frenético subir-lhe pela espinha. Sem conseguir controlar a sua euforia, o velho destrambelhou de vez:

– Então, hein! Este tal de Jesus está me saindo um nordicão!

Mas seu entusiasmo só chegou às portas da conversão quando Leif falou-lhe do firme propósito de Olaf de estender a conversão cristã a todos os povos escandinavos – e, quiçá, do mundo.

– Isso implicará, inevitavelmente, na deposição violenta de antigos senhores de terras, e mesmo de soberanos pagãos recalcitrantes.

– Naturalmente – disse o Vermelho, sentindo seu velho sangue recolorir-se

rapidamente.

– Além disso, haverá um incremento jamais visto nas expedições marítimas.

– Naturalmente que naturalmente.

Enquanto o filho, investido na condição de profeta, revelava o radioso porvir, o velho lobo dos mares, imerso na mesma atmosfera, via-se à testa de uma poderosa frota composta por mil drakkars, com a barba revolta pelo vento e pela neve, e com a Cruz Divina impressa a ouro no seu peitoral ornado de joias. Ao mesmo tempo, surgiu-lhe a ideia de mandar gravar futuramente, em caracteres rúnicos, nos dois lados do seu machado, a frase maravilhosa do novo e virilíssimo Deus (adaptando um pouquinho o negócio, ao substituir a “espada” pelo “machado”).

Erik, a despeito de tudo, desconversou quando Leif, ao fim do delírio, propôs-lhe o batismo, dizendo que precisava pensar mais um pouco sobre o assunto.

– Claro, meu pai, deixemos que a luz divina termine de iluminar o seu entendimento – disse Leif, certo de que a conversão do pai era, agora, questão de apenas mais alguns dias.

* * *

Erik ruminou longamente tudo quanto escutara. Apesar de ainda continuar a preferir os velhos deuses, sentia em seus ossos que novos tempos haviam chegado. E ele era, ainda, forte e novo o bastante para pôr-se de lado, como um velho rabugento. Ao mesmo tempo, ao seu redor, as velhas raposas farejadoras começavam a converter-se maciçamente à nova fé, embora se proclamassem, ainda, como servos devotíssimos de Odin.

Cedo ou tarde, um desses cães iria traí-lo, com toda a certeza, tomando-lhe o lugar!

Apesar de todas as incertezas e dúvidas, Erik recuperou rapidamente a sua antiga animação. Voltou a acordar cedo e a comer com o apetite voraz de um urso.

Muito foi comentado acerca das novas terras descobertas acidentalmente por Leif. Não se falava, na verdade, em outra coisa em toda a Groenlândia. Thorstein, o irmão de Leif, fora incumbido de dar início à conquista e

posterior colonização da “Terra dos Horríveis”, juntamente com o próprio Erik. Ele era um homem de grande valor, muito respeitado por todos, e dono das reconhecidas qualidades pagãs que o tornavam, ainda, o homem ideal para a missão.

Apesar das diferenças que tinham com o irmão, em especial no terreno da fé, Leif pediu a seu pai para ir junto com eles, pois sua sorte, experiência e grande capacidade de previsão seriam indispensáveis.

Um navio foi preparado, e uma tripulação de vinte homens escolhidos a dedo preparou-se para embarcar com a missão de dar início à futura migração de boa parte da população groenlandesa para a paradisíaca Vinland.

No dia da partida, Erik retirou de um esconderijo uma arca de tesouros que conseguira esconder à cupidez beata da esposa – já que ela mostrava-se disposta a mandar erguer uma igreja em cada palmo de terra da Groenlândia – e decidiu levá-la consigo para que tivesse uma boa fonte de recursos em terras estrangeiras.

Certo de ter pregado uma boa peça à esposa, o velho já ia adiante com a carga presa ao arção do cavalo quando, num clima bíblico, o cavalo corcoveou de repente, travando as patas no chão. Erik foi arremessado velozmente para a frente, e rolou pelo chão até ser detido pelo obstáculo desagradável de uma rocha pontuda.

Erik não precisou apalpar-se muito para chegar à conclusão de que fraturara algumas costelas.

– Isso é praga daquela feiticeira!

Quando alguns homens o encontraram, constataram logo a existência das fraturas. Ainda estatelado no chão, e sentindo a pedra gelada nas barbas e na testa, Erik ordenou a um dos homens que fosse rápido até a sua casa informar a mulher sobre toda a verdade.

– Rápido, antes que ela me mate! Eu sei que isso é obra da magia cristã dela!

– Sim, senhor! – disse o sujeito, partindo a galope.

Erik ficou com aquela palavra martelando na cabeça – “Senhor, Senhor...!” – como se fosse uma palavra de maldição, e que não desejava mais escutar.

– Cães de Odin! Ninguém pronuncie mais esta palavra perto de mim!

Graças a este providencial acidente, nem Erik nem o tesouro puderam ser embarcados, e o novo deus da Groenlândia viu-se presenteado com mais

algumas dezenas de magníficas moradas.

* * *

Apesar da ausência inesperada do pai, que em razão da queda vira-se obrigado a ficar em terra, seus filhos Leif e Thorstein partiram de Eiriks fjord com o coração cheio de risonhas esperanças.

Infelizmente, a viagem resultou num fiasco total, pois não fizeram outra coisa no longo tempo que durou a viagem senão errarem de um lado para o outro pelo “caminho das baleias” – uma das tantas metáforas islandesas criadas pelos *skalds* para definir poeticamente o mar –, sem conseguirem chegar jamais ao local pretendido.

Leif e Thorstein passaram pela Islândia, e cruzaram mais tarde com pássaros na costa da Irlanda, e isso foi tudo. Dali em diante o barco foi jogado como peteca, para frente e para trás, no grande campo revolto do mar, até que, sem meios de prosseguirem viagem, e com o verão se apagando no mar como uma grande tela vermelha lavada pela chuva, viram-se obrigados a retornar ao mesmo local de onde, meses antes, haviam tão risonhamente partido.

Era a época das marés da colheita, e os dois filhos de Erik estavam completamente drenados de energia pelo esforço inútil da viagem quando o barco encostou outra vez na costa de Eiriks fjord, no início do inverno.

Ao vê-los de faces escaveiradas e tostadas pelo Sol, Erik lhes disse, num tom inesperadamente bonachão:

– Que caras são estas? Vocês estavam bem mais animadinhos no verão, quando saíram dos arredores do fiorde!

Leif e Thorstein sorriram amarelamente, e quase desmaiaram ao receber o costumeiro abraço de urso do pai.

– Eu já os esperava com estas caras, toleirões! Não sabiam que a primeira viagem é sempre para se aprender os caminhos que *não devem* ser tomados? Mas não adianta, eles querem sempre acertar na primeira!

– Ainda assim, há muito do que estar agradecido – disse Erik, ainda, talvez levemente influenciado pelos ensinamentos do seu outro filho.

– Talvez você tenha razão – respondeu Thorstein, meio desligado. – Bem, como chefe da expedição, compete-me agora devolver às suas famílias todos

estes bravos homens.

– Filho, este é um ditado sempre verdadeiro: “Você não sabe até ter achado a resposta”.

Infenso a chavões motivacionais, Thorstein deu um tapa amigável nas costas do velho e foi cuidar novamente da vida. Havia algo que ele decidira fazer assim que voltasse a colocar os pés em terra firme.

V

A morte de Thorstein

Após todas essas coisas que se disse sobre Leif, o Sortudo – de como descobriu as terras de Vinland, e das coisas que se passaram no seu retorno, até a sua segunda e frustrada expedição –, é preciso relatar agora como o seu irmão Thorstein, também filho de Erik, começou a cortejar Gudrid, a bela filha de Thorbjorn.

Como vimos anteriormente, Gudrid vivia com seu pai numa possessão de terras em Stokknes, que Erik lhes dera logo após a sua chegada à Groenlândia. Thorstein, durante este período, havia se interessado pela jovem, e agora, retornado da sua desastrada viagem, pretendia casar-se com ela.

Quando, porém, fez a proposta, viu Thorbjorn, o pai dela, titubear por alguns segundos.

“Thorstein propondo casamento a Gudrid?”, pensou o velho homem. “Mas não disse a profetisa que a primeira união de Gudrid teria curta duração? Thorstein seria, então, o tal homem ‘de dias curtos sobre a Terra’?”

Ao mesmo tempo Thorbjorn lamentava-se, pois desejava muito tê-lo por genro.

Mas de que adiantava um genro precocemente morto? E uma filha viúva para ele carregar pela vida afora?

Então, numa fração de segundos, Thorbjorn engendrou um plano para *enganar a profecia*:

“Que ela se case primeiro com algum outro trouxa daqui! Então, quando ele morrer, retornaremos à Islândia, onde ela se casará com Thorstein!”

Mas, e se o primeiro desgraçado não morresse? E se a bruxa de bochechas de maçã não passasse de uma charlatã obesa? Afinal, bruxa gorda e trapaceira era o que não faltava na Escandinávia! (Gordas todas, umas pipas!)

Thorbjorn barafustou tudo isso, enquanto Thorstein aguardava pacientemente a resposta.

“Espere um pouco!”, pensou, de repente, o velho cogitador. “Thorstein

morrendo, ela será uma viúva, sim, *mas uma viúva riquíssima!* Será nesta condição que ela retornará à Islândia para casar-se novamente com outro grande partido – capaz de lhe dar uma segunda fortuna! – e gerar a tal ‘longa e próspera linhagem de descendentes’!”

Sim senhores, não havia nada a se perder ali!

E com isso Thorbjorn terminou de colocar a pedra do convencimento sobre as suas cogitações torturantes.

– Muito bem, jovem valoroso, dou-lhe minha completa permissão para tomar a mão de minha filha!

Thorstein ficou muito feliz e encheu o futuro sogro de agradecimentos.

– Meus parabéns, Thorstein, filho de Erik, o Ruivo Desbravador! – disse o velho, devolvendo os cumprimentos. – Mesmo que não seja eterna, que sua união com minha filha seja forte e próspera!

(Aquele acréscimo providencial lhe viera como um arrote. Afinal, convinha não provocar o destino!)

Thorstein estava tão feliz que não deu pela coisa, e tratou logo de ir ver a pretendida.

Gudrid aceitou o pedido imediatamente, apesar do oráculo funesto que pesava sobre a sua primeira união.

Teria, porventura, se esquecido do mesmo?

Ou, ao contrário, o teria levado em extrema consideração?

Infelizmente, esta é uma daquelas verdades secretas e invioláveis que jamais saberemos.

O que sabemos ao certo é que o banquete de noivado deu-se em Brattahlid, no outono, e foi um sucesso absoluto.

* * *

Thorstein possuía uma morada no assentamento oeste da Groenlândia, num lugar chamado fiorde Brillhante – *Lysuffjodr*. Outro homem, também chamado Thorstein, possuía metade da posse do mesmo lugar.

Este segundo Thorstein era muito amigo do filho de Erik, e possuía uma esposa chamada Sigrid.

Ora, consumado o casamento, Thorstein, filho de Erik, foi para a sua casa, no fiorde Brillhante, e, como não poderia deixar de ser, fez uma visita de

cortesia ao seu xará, acompanhado de Gudrid.

A recepção que tiveram foi calorosa. Gudrid e Sigrid simpatizaram imediatamente, tornando-se, desde o primeiro instante, sócias de inocentes confidências – e, por que não dizer também?, de divertidas maledicências.

Os Thorstein de Erik pretendiam passar lá todo o inverno. Justo, porém, quando a nova estação mostrou pela primeira vez o seu topete de gelo, uma febre maligna atacou a propriedade.

Um sujeito chamado Garth – criatura feia e desagradável, fiscal não sei do quê – foi o primeiro a morrer.

Era a febre, sim, e era a primeira morte no fiorde Brillhante. Algo preocupante, sem dúvida, “mas nada para se lamentar eternamente”, como cochicharam as duas amigas, ao pé da enorme lareira, numa das suas sessõezinhas de ingênua maledicência. O antipático Garth, fiscal do raio que o parta, morrera, e o negócio ia parar por ali.

– Como era mesmo que ele chamava a fuligem da lareira? – perguntou Gudrid à amiga.

Sigrid empertigou-se toda, mostrando bem os dentes da frente (o tal Garth tinha dois dentões verdes de cavalo, cobertos de um sarro repugnante), e disse, imitando a sua voz sentenciosa:

– *A fuligem e a fumaça, minhas senhoras, são dous resíduos incômodos do calor!*

Apesar da ronda sinistra da Morte, as duas amigas abraçaram-se, perdidas de riso.

Independente dos risos e das lágrimas, porém, a febre prosseguiu ceifando vida após vida, instalando de vez o terror no fiorde Brillhante. As duas amigas, contudo, ao verem que somente a ralé mal nutrida dos servos morria, continuaram a não levar a coisa a sério, até que, uma noite, após terem respirado uma tonelada de fumaça e de fuligem da lareira (naqueles tempos bárbaros ainda não havia chaminé), resolveram tomar um ar fresco a céu aberto.

Sigrid afastara-se um pouco para observar uma estrela brilhante no céu, deixando Gudrid na soleira da casa, quando de repente um grito agudo da primeira gelou todos os ossos de Gudrid.

– Aaahhhhhh!

Sigrid, dando as costas à estrela, começara a correr na direção da amiga.

– O que houve, querida? – disse Gudrid, recebendo-a nos braços.

Gudrid tentou levá-la para o interior da casa, mas Sigrid travou os pés no chão.

– Não, não! Não é seguro como as coisas estão!

– Como assim?

– *Eu vejo pessoas mortas!* – disse ela, tapando o rosto gelado e assustado.

– Por Cristo! Onde?

– Ali! Ali! – gritou Sigrid, apontando ensandecidamente para a porta.

– Tolices, querida! Não há nada ali!

Ao mesmo tempo em que dizia isso, Gudrid sentiu um novo arrepio de medo enregelar-lhe os ossos. A amiga certamente apanhara o Vento da Febre, e delirava instantaneamente.

– Ali estão todos! *Thorstein! Thorstein também está ali!*

Ao escutar isto, Gudrid tomou o rosto da amiga nas mãos..

– *Qual Thorstein?...*

Sua voz, apesar das circunstâncias terríveis, tinha um tom de persistente curiosidade.

– Thorstein, o seu marido! – gritou Sigrid. – E... e... *e eu também!!*

Gudrid tentou, em vão, acalmar a amiga.

– Eu consigo me reconhecer entre eles! – disse a delirante. – Oh, é horrível ver-me morta ali!

Dali a instantes ela começou a ver uma multidão de mortos, dentre eles o horrível Garth dos dentes de cavalo, a gargalhar como um louco. Sigrid tapou os ouvidos para não escutar a sua risada, um relincho espectral e horrível.

– Faça o nojento parar! Nojento! Nojento! – gritava Sigrid.

– Calma, amiga, é apenas o relincho dos cavalos! Você os assustou!

Esta nota providencial de realidade bastou para acalmar os nervos excitados da jovem.

– Shhh... shhh... já passou – dizia Gudrid, alisando-lhe os cabelos.

– Sim, já passou – disse a outra, senhora de si outra vez. – Graças a Deus, não vejo mais os mortos!

– Ótimo, querida! Vamos entrar e tomar uma bebida bem quente para relaxar e esquecer tudo isso!

Elas entraram abraçadas e sorridentes – e, antes do novo dia raiar, Sigrid estava morta.

* * *

Nada consola mais do que os fatos.

Adepta, também, dos chavões motivacionais, Gudrid lutou bravamente para pôr o seu em prática naquele amanhecer trágico. Depois de chorar a morte da amiga até esbugalhar os olhos, Gudrid recobrou outra vez a serenidade e, já nas primeiras horas da manhã, preparava com calma diligência o velório da amiga.

Mas e os dois Thorstens, por onde andavam?

Os dois Thorstens não estavam em casa naquela noite fatídica. Tinham saído para efetuar uma pescaria, apesar da peste e de todo aquele frio rondando lá fora.

Ao retornar, o esposo de Gudrid encontrou-a com o rosto inchado, porém sereno. Ao avistar o marido, ela lhe disse, com a voz aliviada:

– Graças a Deus, Thorstein querido, você retornou!

Sua voz era de alívio, embora seus olhos tivessem um ligeiro traço de surpresa.

– O que houve? – disse ele.

Ela lhe contou, então, em poucas palavras, todos os trágicos acontecimentos.

– *Sigrid... morta...?* – balbuciou ele, terrivelmente abalado.

– Sim, morta para sempre – disse Gudrid, consolando-se para valer.

Thorstein abaixou a cabeça e, depois de alguns instantes, perguntou à esposa:

– Segundo o seu deus... ela... Sigrid... *voltará um dia a viver, não é?*

Gudrid desvencilhou-se dos braços do marido, voltando aos seus afazeres fúnebres.

– O Senhor conhece todas as coisas – disse ela, relutante em fugir da verdade crua daquele dia.

Imediatamente Thorstein mandou um servo em busca do Thorstein viúvo.

– Diga-lhe que a situação em sua casa é preocupante, mas não revele que Sigrid está morta – disse ele ao servo.

Mas o servo era uma besta orelhuda, e acabou confundindo tudo.

– *Sigrid está morta?* – gritou o pobre esposo, levando as mãos à cabeça.

– Sim, meu senhor, mas a situação não é preocupante – acrescentou o servo.

Quando Thorstein chegou, Gudrid confirmou-lhe a morte da esposa. O pobre viúvo não quis acreditar, mas Gudrid não estava ali para incentivar falsas ilusões.

– É inútil, Thorstein. Venha ver com seus próprios olhos.

Gudrid praticamente arrastou o desgraçado até o corpo sem vida da jovem, estendido em seu esquife.

Sigrid estava quase tão adorável quanto em vida: o rosto e os lábios habilmente tingidos de rosa e com os cabelos loiros a lhe descerem, como um véu nórdico, dos dois lados da sua encantadora face.

O jovem viúvo, prisioneiro do desespero, tentou buscar um consolo, mesmo numa fé que não era a dele.

– Oh, Gudrid! Vocês eram muito amigas! Diga-me: nos seus últimos momentos... ela chegou a converter-se ao seu Deus... *a alcançar a salvação?*

– Não. Estava totalmente inconsciente – disse Gudrid, abandonando-o para ir atender o esposo, que não demorou muito a ir juntar-se à pobre Sigrid no Paraíso, no Valhalla, ou seja lá onde for.

Estava-se em meio ao crepúsculo quando se encerrou o último ato da tragédia. Era um fim de dia maravilhoso, de uma balsâmica luminosidade. O céu, repleto de nuvens de tons predominantemente alegres, parecia querer transmitir algo de reconfortante às almas atormentadas daquela casa submetida a uma provação tão dolorosa.

Gudrid não viu nada disso. Depois de preparar o velório da amiga, tratou de reunir novas forças para dar ao esposo uma despedida tão digna quanto a que havia preparado à amiga.

– Por favor, Gudrid, vá descansar, eu lhe peço! – disse-lhe o viúvo, ao vê-la infatigável. – Assim como você cuidou das exéquias da minha pobre Sigrid, permita agora que eu prepare as exéquias do seu adorado esposo!

Gudrid, porém, só consentiu em afastar-se depois de realizar, ela própria, todos os atos necessários.

– Não consigo acreditar nos meus olhos! – disse ele, olhando desconsoladamente para os dois corpos.

Gudrid atirou mais algumas toras na lareira antes de retirar-se, a fim de ir preparar a toaleta do seu luto.

* * *

Thorstein estava a sós, agora, com os corpos sem vida da esposa e do amigo. Os servos haviam sido enxotados do salão feito cães, e os parentes dos mortos ainda não haviam tido tempo de chegar.

Então, noite fechada, o Thorstein vivo começou a ouvir barulhos vindos do corpo do Thorstein morto.

Thorstein vivo, julgando-se alvo de alguma alucinação auditiva, apurou os ouvidos, e também os olhos. As toras incandescidas da lareira espalhavam uma coleção de sombras por todo lado. Agitada pelo vento insidioso das frestas, estas criaturas insubstanciais misturavam-se impudicamente umas às outras, numa orgia silente e espectral.

Thorstein vivo deixou pender novamente a cabeça, pesaroso, quando escutou um novo ruído.

Agora ele tinha certeza de que o ruído vinha do esquife do Thorstein morto! (Um rato miserável, decerto, a tentar profanar sordidamente as carnes do amigo!)

Num pulo de raiva, Thorstein vivo correu até o esquife, e nem chegara perto quando o corpo sem vida ergueu o braço e aprisionou-o com dedos de garra.

Mas isso não era tudo. Thorstein morto não só adquirira o poder de agarrar os vivos, como também o de lhes falar com uma voz perfeitamente audível.

– Thorstein! – disse o filho de Erik. – Chame Gudrid! Quero falar com ela!

Apesar do Thorstein vivo estar quase morto de medo, conseguiu balbuciar alguma coisa.

– Homem de Odin! Ainda está vivo?

– Por pouco tempo, meu amigo! Deus Todo-Poderoso concedeu-me uma chance para falar uma última vez com minha esposa adorada!

Um calafrio de horror arrepiou os cabelos da nuca do viúvo de Sigrid. Então era verdade mesmo tudo quanto se dizia dos sectários da Cruz! Eles podiam voltar da morte como quem voltava de um passeio?

Mas Thorstein não se mantivera pagão até o fim? Ou Gudrid o convertera

num último e desesperado esforço? (Dizia-se que a magia cristã era tão poderosa que bastava a um homem, mesmo nos últimos instantes da agonia, fazer um sinal de assentimento para ver-se incluído, com todos os direitos, no rol seletivo dos “salvos”!)

Thorstein vivo, então, desvencilhando-se da mão do Thorstein ressurrecto, correu a chamar Gudrid.

Gudrid, num rasgo de caridade cristã, dispôs-se a acompanhar o pobre amigo, que certamente delirava.

“A verdade vos libertará”, pensava ela, sereníssima, enquanto rumava até o salão.

Ao chegar lá, porém, teve a grande surpresa da sua vida, ao reencontrar vivo o esposo. Como se tratava, porém, de mais um fato, não teve grande dificuldade em admiti-lo também, com a naturalidade possível.

“Tal coisa ocorre por um motivo bem evidente: trata-se de uma confirmação da profecia!”, pensou ela.

Thorstein, filho de Erik, sussurrou, então, ao ouvido da esposa, certas palavras molhadas de lágrimas que o Thorstein vivo não pôde captar.

– O que ele disse? – perguntou o Thorstein vivo, aflito.

– Falou o que somente minha boca poderá repetir – anunciou Gudrid, enigmáticamente, pois Thorstein, o redivivo, voltara a morrer – e desta vez para sempre.

Gudrid aguardou a chegada dos parentes dos mortos para fazer a sua revelação. Quando a histeria justificada das lágrimas havia amainado um pouco – Erik, pai do finado Thorstein, era, naturalmente, um dos mais inconsoláveis –, Gudrid postou-se à frente dos dois corpos e começou a falar, num tom meio sobrenatural.

– Que abençoados sejam todos os detentores da fé verdadeira, pois pertence a vós a salvação do Senhor, ainda que tantos, nestes tempos ímpios e pagãos, a vejam com olhos levianos! Não é um costume agradável ao Senhor o que tem prevalecido nesta terra, que é o de enterrar homens e mulheres em solo não consagrado e com ritos impróprios! Que meu esposo e minha querida amiga, que hoje, juntos, foram chamados à Glória do Senhor, sejam sepultados sob o solo abençoado de uma igreja cristã – esta é a minha vontade, e também a dos Céus!

Muitos pagãos ali presentes, brutos e refratários, torceram o nariz, mas Gudrid, alheia a todos, prosseguiu:

– Há um morto, entretanto, que não deve conspurcar o solo sagrado da Casa do Senhor! É Garth, o responsável por todas as desgraças que se abateram sobre nossas terras neste inverno! Que o corpo deste ladrão infame seja queimado numa pira funerária, como mandam as antigas e depravadas práticas, a fim de que seus restos mortais sofram o que sua alma já sofre, neste instante, nas fogueiras eternas do inferno!

Gudrid anunciou também que Thorstein ordenara, antes de morrer, que desejava ver seus bens – inclusive o fruto resultante da venda da sua propriedade – revertidos inteiramente para a Santa Madre Igreja, “para que se desse prosseguimento à obra santa da conversão para Cristo de toda a Escandinávia”.

Apesar do desagrado que o discurso de Gudrid provocou – “uma verdadeira heresia ao nosso panteão nórdico”, como sussurrou o Thorstein sobrevivente –, ninguém ousou contestar abertamente a última vontade do filho de Erik.

Então, na hora das exéquias finais, num gesto que encheu a todos de assombro, Gudrid tomou de uma estaca e, com uma força imprevista, enterrou-a no peito do esposo morto. Depois, quando os sacerdotes chegaram, a estaca foi retirada e água consagrada vertida para dentro da ferida, completando-se o rito cristão.

Os corpos foram removidos para a igreja em Eiriksford, e o tempo passou, até que um dia o pai de Gudrid, o velho Thorbjorn, também foi retirado deste mundo, ficando privado de ver a filha casada e rica na sua Islândia natal, como era do seu mais intenso desejo.

Morto o pai, Gudrid consentiu em ir morar na casa do seu sogro Erik, até que a mão de Deus determinasse a hora dela retornar à sua terra natal para levar a cabo a segunda parte da profecia ditada pela bruxa pagã.

VI

Um noivo para Gudrid

Thorfinn Karlsefni era filho de Thord Cabeça de Cavalo, que morava no norte da Islândia. Era um homem de boa família, muito rico e, como um típico “nórdico de negócios” daqueles dias, um grande viajante, ousado e galante.

Num certo verão, Thorfinn preparou seu navio para ir à Groenlândia, em mais uma viagem de negócios. Junto com ele seguiram Snorri, filho de Thorbrand de Alptafjodr, e mais trinta homens na tripulação.

Nesta mesma época, dois outros homens tiveram a mesma ideia de fazer uma visitinha à Groenlândia: Bjarni, filho de Grimolf, do fiorde Largo, e Thorhall, filho de Gamli, do leste da Islândia.

Bjarni e Thorhall prepararam seu navio no mesmo verão que Thorfinn e Snorri prepararam o seu, só que, em vez de trinta tripulantes, levavam consigo quarenta homens.

Não se sabe quanto tempo duraram estas duas viagens paralelas. A única coisa que se sabe, ao certo, é que os dois navios chegaram juntos à Eiriksfjord, no outono.

Ao saber da chegada dos mercadores, Erik, o Vermelho, cavalgou até os barcos com outros homens dali, e um mercado-feira foi prontamente instalado, como era o costume da época.

Gudrid acompanhara o sogro para ver as novidades, e encantou tanto os mercadores que os capitães convidaram-na a pegar gratuitamente qualquer mercadoria que quisesse. Erik retribuiu a gentileza convidando as duas tripulações para passarem o inverno nas suas terras, em Brattahlid.

Os mercadores aceitaram a proposta, e foram hospedar-se na casa de Erik, enquanto suas mercadorias eram transportadas e guardadas nos seus espaçosos depósitos, estranhamente vazios para aquela época do ano.

Quando, porém, as festividades pagãs do *Yule* estavam próximas – a festa do solstício de inverno (uma festa incorporada mais tarde ao calendário cristão com o nome de Natal, repleta de banquetes homéricos, árvores

decoradas e ausência total de religiosidade) –, Erik começou a demonstrar sinais evidentes de melancolia.

Intrigado, Thorfinn resolveu ir ter uma conversa com ele.

– Algum problema o aflige, Erik? Nos últimos dias tem estado mais taciturno do que o normal.

Erik balançou a cabeça, casmurramente, como a dizer “Não é nada, esqueça!”.

Thorfinn, porém, insistiu, e o Vermelho acabou por revelar a razão da sua rabugice.

– Caro Thorfinn, você é um homem digno e soube dar valor à minha hospitalidade – respondeu Erik. – Não quero desapontá-lo, por isso vejo-me na obrigação de lhe confessar que o Yule deste ano será, sem dúvida, o mais fraco desde o começo da colonização da Groenlândia.

Thorfinn compreendeu logo as razões dos depósitos estarem quase vazios.

– Não se preocupe, Erik amigo. Além de tudo quanto depositamos nos seus armazéns, ainda temos em nosso barco uma provisão extra de malte, farinha e milho. Você tem não só o direito, mas o dever de, a partir de agora, abastecer-se deles em tudo quanto precisar. Quero que esta Yule seja digna da sua generosidade!

Erik aceitou comovidamente a oferta, e preparou uma festa como nunca antes houve outra igual naquelas terras.

De fato, tudo correu tão magnificamente bem que ninguém conseguiu lembrar outra Yule tão farta e grandiosa quanto aquela, especialmente depois da expectativa de inanição que pairara antes dos festejos, o que acabou por tornar duplamente saborosos o milho e a farinha e, especialmente, a espumante *bjórr* (cerveja) feita com o malte dos mercadores e distribuída entre todos com uma prodigalidade verdadeiramente nórdica.

Logo após o banquete, Thorfinn, encorajado pela ingestão de uma pipa inteira de cerveja, procurou Erik para tratar do seu desejo de tornar-se marido da nora do seu anfitrião, a quem havia achado linda e muito culta.

Para felicidade de Thorfinn, Erik agradeceu-se da ideia, não vendo mais sentido algum em manter a jovem presa a si depois da morte de Thorstein, seu filho.

– Por mim, estou de pleno acordo! – disse Erik, erguendo logo um brinde ruidoso ao futuro noivo.

Ao saber do pedido, Gudrid mostrou-se receptiva. Parecia que a profecia da bruxa gorda estava começando a tornar-se realidade, já que Thorfinn era um homem das terras islandesas, tal como vaticinara o oráculo.

Deste modo, o casamento não tardou a acontecer, fazendo com que outro rio de *bójrr* voltasse a correr em terras groenlandesas. Como ainda estivessem nas festividades do Yule, Erik ordenou que se estendessem os festejos, unindo as duas coisas – a festividade pagã e o casamento da nora – numa única comemoração.

E foi assim que, nesse inverno, a felicidade não arredou pé um único instante de Brattahlid.

* * *

Nesta época, na Groenlândia inteira só se falava em uma coisa: ir ou não ir para Vinland, a terra maravilhosa que Leif, filho de Erik, descobrira recentemente. Era da crença geral que neste paraíso d'além mar – situado no Canadá dos dias atuais – havia terra fértil para quem quisesse se apossar e prosperar.

Rapidamente, formaram-se dois partidos nas conversas ao pé do fogo: os pró e os contra Vinland.

Thorfinn, apoiado pela esposa Gudrid, alistou-se nas fileiras dos pró-Vinland, e começou imediatamente, junto com o amigo Snorri, a preparar o seu barco com a intenção de realizar uma expedição, já no próximo verão, até essa terra prometida. Juntos pretendiam seguir, também, um genro do Ruivo – Thorvard, casado com Freydis – e Thorvald, outro filho de Erik. Bjarni e Thorhall – os dois outros mercadores que haviam chegado à Groenlândia junto com Thorfinn e Snorri – também decidiram lançar-se à aventura, levando consigo os seus quarenta homens.

Este Thorhall merece algumas linhas, pois havia sido, por muito tempo, companheiro de Erik em expedições de caça e pesca nos verões. Tratava-se de um homem enorme, magro e de pele escura, de idade bastante avançada e temperamento autoritário, embora se mantivesse, na maior parte do tempo, soturno e silencioso. Além de praticar negócios escusos e escondidos, era dado também a desregramentos de toda espécie, com uma inclinação natural para as “torpezas do paganismo” – como dizia, com uma regularidade cada

vez maior, o linguajar severo dos cristãos – e nenhuma para as virtudes da nova fé, que recém começava a despontar no continente.

Apesar de tudo, Erik parecia não ligar a mínima para os defeitos do seu amigo predileto, continuando a entreter uma sólida amizade com ele e, o que era pior, a deleitar-se imensamente com os intermináveis colóquios “de pescador para pescador” travados entre ambos – ou, como dizia divertidamente o Ruivo, *de pecador para pecador*. Este Thorhall embarcou no navio de Thorvald, filho de Erik, porque ele era muito hábil em localizar regiões remotas, bem como em passar a perna nos seus autóctones desconfiados.

A expedição partiu, afinal, no começo do verão, levando na sua grande maioria groenlandeses natos – cerca de cento e sessenta homens mal-lavados e pior ainda acomodados nos diversos navios da pequena frota.

* * *

Thorfinn e todos os demais navegaram longamente até alcançar o assentamento oeste, *Vestribygd*, bordejando as Ilhas do Urso, *Bjarneyjar*. Daí em diante, rumaram sob os rudes ventos do norte por dois dias e meio até alcançarem terra outra vez. Remando em seus botes, desembarcaram e deram início à exploração do lugar. Encontraram pedras achatadas – tantas que não se podia contar, e tão grandes que dois homens poderiam deitar espichados sobre elas, coladas às respectivas solas dos pés –, e, graças a isso, chamaram a nova terra de *Helluland*, ou Terra das Rochas. Além de rochas, havia raposas polares em abundância por lá.

Depois, eles velejaram por mais dois dias e meio até encontrar nova terra à sua frente, repleta de florestas e de bestas selvagens. Uma ilha a sudeste daquela terra era a morada de uma grande colônia de ursos, que foi por isso chamada de *Bjarney*, Ilha dos Ursos. Já à terra principal, onde estava a floresta, eles deram o nome de Terra da Floresta, ou *Markland* (na verdade, *Mörkland* seria mais exato, já que floresta, em nórdico antigo, grafa-se *Mörk*, em vez de *Mark*, que é um sinal ou objeto simbólico).

Quando mais outros dois dias e meio haviam se passado (parece que “dois

dias e meio” era uma cifra simbólica de “sorte desbravadora” para os nórdicos, ou simplesmente alguma expressão genérica para denotar a passagem curta ou longa do tempo), eles avistaram terra novamente, e velejaram a norte dela – provavelmente por mais dois dias e meio – até alcançar um largo cabo. Eles contornaram as longas terras arenosas da costa, mantendo-a sempre a estibordo, percebendo que, a cada passo, a costa tornava-se cada vez mais entalhada por riachos e cursos de água. Aproveitando-se disso, eles impeliram seus barcos na direção destas veredas líquidas que conduziam ao interior da ilha, e então, ao avistarem, finalmente, a quilha de um navio naufragado, resolveram desembarcar.

– Chamaremos a ilha de *Kjarlar-nes* (“Ilha da Quilha”)! – disse Thorfinn, ao colocar o pé em terra.

Thorhall – o amigo dileto de Erik –, porém, preferiu rebatizar a ilha de “Praia do Tédio”, *Furdustrandir*, já que se sentira extraordinariamente enfadado ao velejar dias e dias ao longo da sua costa.

* * *

Quando Leif, o Sortudo – filho de Erik e descobridor das terras vinlandesas – estava com o rei Olaf da Noruega, o soberano o “presenteara” com um casal de escoceses conversos, utilíssimos, segundo ele, para ajudar a cristianizar “em pouquíssimo tempo” a Groenlândia inteira. O homem chamava-se Haki, e a mulher, Haekja.

– Não há em todo o mundo gente mais expedita que estes dois – dissera-lhe o rei, como se estivesse a lidar com dois animais de corrida. – Quando precisar executar uma tarefa urgente de exploração, mande estes dois “galgos escoceses” à frente. No máximo em dois dias e meio os terá de volta com um relato circunstanciado de tudo.

Ao desembarcar, Thorfinn lembrou imediatamente das palavras do soberano, repetidas a ele por Leif.

– Tragam o casal de escoceses! – disse ele, curiosíssimo para testar a qualidade do presente régio.

O casal de escoceses não foi liberto de jaula alguma, naturalmente, mas ambos surgiram com o aspecto tão ansiado que parecia terem passado dois anos e meio – para continuarmos na cifra mágica – dentro de uma. Estavam

vestidos apenas com o “biafal”, um manto com capuz e sem mangas, aberto dos lados e preso às pernas por um botão e um laço. Thorfinn pediu-lhes que se embrenhassem mata adentro e lhe trouxessem um relatório apurado da topografia da ilha, bem como da vegetação, dos animais e dos habitantes, se tais houvesse.

Enquanto dava as instruções, Thorfinn percebeu que a mulher escarvava a areia da praia, agoniada, ao mesmo tempo em que seu marido observava-a disfarçadamente, com o rabo do olho, como a uma temida rival. Ambos pareciam tensos como corredores à espera do tiro de largada, e foi com a rapidez de verdadeiros galgos que se lançaram para o interior da Ilha da Quilha – ou Ilha do Tédio, como queria o rabugento Thorhall – assim que Leif os liberou, deixando os demais na praia, à espera do seu retorno.

Na metade do terceiro dia – ou seja, *dois dias e meio depois* –, alguém avistou o casal a retornar na mesma velocidade com a qual havia partido. Haki, o homem, trazia na mão um cacho de uvas e Haekja, a mulher, uma orelha de trigo selvagem, seja lá o que for isso. Praticamente com o fôlego intacto, o cristão escocês começou a fazer o relato de tudo quanto ambos haviam descoberto no coração da ilha, o que para nós se resume em dizer que a ilha era “vazia de gente como o paraíso o será de pagãos”, além de repleta de terras férteis e privilegiadas.

Feliz com as boas novas, Thorfinn e os demais embarcaram outra vez, recomeçando a bordejar a costa até se depararem com o trecho onde ela era interrompida por um belíssimo fiorde. Logo em frente havia uma ilha cercada por muitas correntes marítimas, razão pela qual foi chamada de *Straums-ey*, ou “Ilha das Correntes”. Havia tantos pássaros por ali que era praticamente impossível dar um passo em qualquer lugar da ilha sem fazer uma omelete. Após batizar o fiorde de fiorde das Correntes, *Straumsfjodr*, os exploradores desembarcaram e montaram um acampamento às margens do deslumbrante golfo. Graças à providência de Erik, ninguém ali corria o risco de passar necessidade alimentar alguma, pois até parelhas de gado haviam descido para a terra firme.

Ao penetrarem um pouco para o interior, os desbravadores se depararam com montanhas belíssimas, adornadas com um manto de vegetação verde-esmeraldina – um verdadeiro colírio para os olhos.

– Que maravilha! Este lugar de delícias deveria chamar-se fiorde dos Deuses! – disse Thorfinn, num arroubo lírico aplaudido entusiasticamente por todos.

Depois deste idílio inicial, Thorfinn e os demais se entregaram inteiramente à investigação daquelas terras, descobrindo largos pastos, nos quais os bois desembarcados se banquetearam como dignos descendentes da vaca sagrada Audhumla, sua mais remota e ilustre ancestral. Além dos pastos, havia também muitos vales aprazíveis, ideais para abrigar moradas estáveis, já que o inverno estava dando os primeiros sinais da sua chegada.

Infelizmente, o inverno naquele paraíso enganoso revelou-se mais rigoroso do que em qualquer parte da Escandinávia. Um estupor de medo e apreensão estampou-se nas faces rachadas dos pioneiros quando a ilha, de recursos aparentemente inesgotáveis, recolheu abruptamente para dentro da terra, como uma velha avarenta para o interior da sua arca, todas as riquezas que, no auge do verão, havia posto ao Sol para arejar.

Apesar da abundância dos víveres trazidos, não houvera tempo bastante para os colonos reporem tudo quanto haviam consumido com a colheita de alguma coisa da terra. Assim, quando o frio se instalou definitivamente na ilha, despejando dos céus barris de neve – que, para a vida e o alimento, eram como barris de cal lançados sobre a terra –, todos conheceram as agruras mais terríveis da fome e da carestia.

Incapazes de se alimentarem do gelo, como a sua ancestral divina, os bois terminaram morrendo todos à míngua. Sua carne, desprovida quase que totalmente de gordura, serviu de pouco para garantir a nutrição dos colonos, mesmo com toda a engenhosidade empregada pelas mulheres para extrair-lhes até a última seiva de energia. Muito em breve, o famigerado mondongo (ou “buchada de vaca”) – iguaria odiada, com justiça, por qualquer ser humano que se pretenda civilizado –, tornou-se um prato requintado ao paladar daqueles desgraçados. Mas o horror só conheceu o seu extremo no instante em que as conchas de pau começaram a despejar sobre as escudelas, num gorgolejar macabro, sopas sórdidas e espartanas feitas de tudo quanto se pudera extrair dos restos dos pobres animais – pelos, ossos e até mesmo cascos entranhados de esterco, fervidos durante três dias inteiros.

Famintos e com as caras que eram só barba, os colonos vikings se embrenharam por todos os recantos da ilha para encontrar algum alimento. O fiorde do diabo havia congelado, e nem quebrando-se o gelo da superfície foi

possível encontrar-se os peixes do tamanho de cachorros que, no auge do verão, deixavam-se apanhar graciosamente pela mão. Em alto-mar não foi diferente: nem mesmo uma única sardinha foi arrancada das águas geladas. Após organizar uma expedição desesperada à Ilha das Correntes – na qual se perderam um barco e oito homens –, a fim de apanhar os ovos suculentos que, durante o verão, rolavam alegremente de lá para cá, constatou-se que não havia mais um único ovo inteiro em toda a ilha, destruídos todos pelas tempestades frequentes de granizo. As aves, por sua vez, haviam desaparecido como por mágica, tendo migrado todas para o céu ou para as profundezas do inferno.

* * *

Foi justamente durante essa busca desesperada por alimento que Thorhall, o amigo de Erik, desapareceu. Dois dias e meio o velho ranheta esteve desaparecido até Thorfinn e Bjarni o encontrarem caído à beira de um precipício. Seu rosto estava virado para o céu, com os olhos e a boca escancarados, e ele não parava de arranhar-se enquanto recitava algo.

– Homem de Odin! Estivemos procurando-o esse tempo todo! – exclamou Thorfinn. – O que está fazendo aqui?

Numa grande pedra do penhasco estava garatujada, em caracteres rúnicos, uma série de palavras, em grande parte sem sentido, que o velho rabiscara com uma pedra afiada.

– Fora, deixem-me! – babujou o velho. – Égua de Loki, o que lhes interessa saber o que vim fazer aqui?

Bjarni quis saber o que significavam aquelas inscrições.

– Leia, cristão dos diabos! É o relato das vezes em que comi a sua mãe! – disse Thorhall, gargalhando. (Na verdade, tratava-se de um arremedo de prece que o Velho Pagão fizera a Thor, reivindicando alimento.)

Thorfinn estava impressionado com a resistência de Thorhall. Dois dias e meio sem alimentar-se debaixo daquele frio e névoa! Como teria conseguido resistir naquelas condições? Decididamente, com todos os seus defeitos, que Thor o carregasse em sua charrete se aquele velho não era mesmo um bom filho da puta de um viking!

– Vamos, Thorhall, retorne conosco. Não podemos deixá-lo aqui. O que

dirá Erik disso?

– Oh, oh, oh! Erik, o bastardão! – disse Thorhall, estendendo o braço para que o ajudassem a se erguer.

Assim que voltou a estar em pé, o velho compridão readquiriu, de maneira espantosa, boa parte do seu equilíbrio.

– É culpa de vocês, entenderam? É culpa de vocês se a prece não der resultado!

Thorhall resmungou alguns disparates enquanto era carregado para junto dos demais, nas areias da praia. Apesar disso, ele parecia quase feliz, o que, como já foi dito, não era comum naquele homem de temperamento azedo.

Quando chegaram à praia, os três foram brindados com uma surpresa. Uma baleia encalhara nas areias, e estava cercada pelos outros homens. Loucos de fome, eles haviam começado a picá-la viva e a comer bocados inteiros da sua carne crua e ensanguentada. Ninguém sabia dizer que tipo de baleia era aquela, nem mesmo Thorfinn, acostumado à pesca desse animal.

Entretanto, logo depois de terem comido a carne ainda quente e palpitante, muitos homens começaram a passar mal. Ao ver, porém, que somente os cristãos demonstravam sinais de mal-estar, Thorhall pôs-se a gritar:

– Aí está, cristãos de merda! O Barba Ruiva provou ou não ser um deus melhor que o de vocês? Oh, oh, oh! Só que a comida dele não é para vocês!

Thorhall recitou, triunfalmente, a prece que rabiscara na pedra, enquanto os cristãos colocavam os bofes para fora. Aquela baleia, insistiu ele, fora o resultado da sua poderosa prece!

– Um deus de mentira, então? Aí está, bastardões, se o velho Portador do Martelo é um deus de mentira!

Assim que os cristãos souberam, sentiram um gosto duplamente amargo na boca: ali estava a explicação do mal-estar! Enfiando os dedos na goela, expulsaram das entranhas até o último vestígio do “presente do diabo”, recusando-se a levar aquele alimento para as suas famílias, que haviam ficado na Ilha da Quilha.

Os pagãos, porém, protestaram imediatamente.

– Alto lá! A nós não fez mal algum! Aos devotos dos deuses verdadeiros a carne é limpa e pura!

A coisa ameaçava degenerar numa guerra santa quando Thorfinn decidiu intervir.

– O melhor é não consumirmos desta carne, ela poderá provocar a morte

de muitos.

– Muitos *cristãos*, você quer dizer! – exclamou Thorhall, de barbas eriçadas.

Sem dar ouvidos às rabugices do velho, Thorfinn ordenou que a baleia fosse devolvida ao mar. Eles desencalharam a baleia e a devolveram ao mar, suplicando a Cristo que os perdoasse por terem provado um alimento enviada pelo Diabo.

Além de perderem o alimento, os pagãos ainda tiveram de escutar um longo sermão, no qual os cristãos relembavam os feitos miraculosos operados pelo deus de Moisés – apresentado como um Thor dos desertos, com um cajado no lugar do martelo –, um deus que não permitira que os hebreus morressem de fome.

– Quero ver fazer chover codornas aqui também! – gritou um pagão mais revoltado.

– Esqueça! – rugiu Thorhall. – Thor nos mandará outra baleia, um exército delas!

– Por que não tentamos uma pesca em alto-mar? – perguntou Thorfinn, conciliadoramente.

As correntes marítimas haviam diminuído um pouco – feito miraculoso que cada grupo reivindicou imediatamente para o seu deus –, e cristãos e pagãos aproveitaram para fazer-se ao mar.

Reza a crônica (originalmente pagã, mas reescrita por um cristão) que se estava justamente em meio à pescaria quando um poderoso trovão abalou os céus. A partir desse instante, como num sinal de rebate, os peixes começaram a morder avidamente os anzóis. Como o milagre revelou-se ecumênico, estabeleceu-se nova disputa para saber se fora Thor a abalar os céus com o seu martelo ou o Cristo a repetir o glorioso milagre da multiplicação dos peixes.

– Nosso Senhor Jesus Cristo seja louvado! – exclamou um cristão.

– Três vivas para Thor! – respondeu um pagão.

A partir desse milagre – que coincidiu justamente com o começo da primavera – a natureza voltou a oferecer aos colonos vikings as mesmas dádivas que, durante todo o inverno, lhes ocultara tão avaramente: os pássaros, estivessem onde estivessem, reapareceram e a terra cobriu-se de ovos e de vegetação outra vez.

Com a chegada do calor, os exploradores nórdicos começaram a discutir os novos rumos da sua jornada. Depois de muita discussão, chegou-se a um entendimento, que Thorhall sintetizou desta maneira:

– Se pretendemos localizar Vinland, devemos seguir decididamente para o norte!

Acontece que Thorfinn, depois de todos os conflitos originados pela diferença religiosa entre os colonos, havia chegado a uma conclusão drástica, que pretendia ver implementada antes da partida. Afetado por uma espécie de síndrome de Moisés, decidira que havia chegado a hora de separar o joio do trigo. Aqueles que eram cabeças-duras demais para serem convertidos ao cristianismo não poderiam permanecer junto aos eleitos.

– Tenho uma sugestão melhor – disse ele. – Que acha, Thorhall, de você ir para norte, enquanto eu reúno um grupo para seguirmos para o sul?

– Ué! Mas não íamos todos em direção à Vinland? – disse o velho. – Vinland fica para o norte!

– Bem sei, caro amigo, mas acho uma boa ideia nos separarmos em dois grupos.

Não demorou muito para Thorhall perceber que se tratava de uma manobra separatista dos cristãos para se verem livres dos pagãos. Todos os cristãos haviam concordado com a sugestão de Thorfinn, menos nove renitentes pagãos, que se mostraram dispostos a acompanhar aquele que agora se tornara o seu líder: Thorhall.

Erik, porém, que por nada deste mundo desejava apartar-se da nova terra, negou-se a ir junto com os cristãos.

– Pelos culhões de Loki! Estão loucos estes cristãos? Nada me fará tomar o rumo contrário de Vinland!

Quando Thorfinn percebeu que Erik estava pronto para seguir viagem com o seu péssimo amigo, lhe disse:

– Fique conosco, Erik, eles não precisarão da sua ajuda. Vinland já está descoberta, é bela e cheia de alimentos. Mas pense no que será de toda esta gente, a imensa maioria, que certamente carecerá da sua experiência! Como poderemos desbravar novas terras sem você? Estes nove extraviados saberão se cuidar. Venha para o sul conosco!

Tomado pela dúvida, Erik voltou-se para o velho amigo.

– Acha que não precisará de mim, Thorhall?

– Seria, certamente, uma honra tê-lo em meu grupo. Mas jamais me

passaria pela cabeça forçá-lo a fazer algo contra a sua vontade.

Thorfinn aproveitou a deixa, pois todo o seu desejo era ter o Vermelho ao seu lado para terminar a obra da sua conversão.

– Vê, Erik?... Eles não precisam de você, mas nós precisamos!

Todos os cristãos corroboraram as suas palavras, balançando afirmativamente as barbas.

Então o próprio Thorhall tratou de pôr um fim definitivo ao dilema.

– Vá para o sul, Erik. Um dia voltaremos a nos cruzar em algum lugar gelado, como nos velhos tempos, ou então no Valhalla, que é o único paraíso possível para um verdadeiro viking.

Thorfinn insistiu em ajudar nos preparativos de Thorhall, algo que este só aceitou após muita insistência do primeiro. Quase no fim dos preparativos, quando Thorfinn preparava-se para despedir-se, o velho o impediu, trocando a cerimônia hipócrita por uma despedida mais ao seu gosto.

– Fez muito mal, meu garoto – disse ele, com um sorriso gelado.

– Como assim? – falou Thorfinn.

– Você sabe... *em separar as coisas* – disse o velho, separando as mãos como duas aves que tomam rumos diametralmente opostos. – Sabe, garoto, cedo ou tarde, lá na terra das vinhas, eu pretendia passar o fio do meu velho machado pagão no seu pescocinho e no de todos os seus cordeirinhos do Bom Deus... Como é mesmo que vocês chamam aquele negócio de morrer pela fé?... Ah, já sei, *o martírio*...! Pois é, garoto, vai perder uma bela chance!

Os cristãos que haviam ajudado a equipar o barco dos pagãos remanescentes haviam completado a sua tarefa. Thorfinn fez um sinal com a cabeça a um deles, encarregado de preparar as velas, e ele e todos os demais se retiraram às pressas do barco, não sem antes beijarem a face dos seus antigos irmãos de fé e lhes desejarem ótimos ventos.

O grupo ficou olhando o barco começar a ganhar o rumo do mar. Eles cochichavam entre si, como se estivessem na igreja, e olhavam Thorhall com o canto dos olhos, desviando-os sempre que o Velho Soturno os mirava.

Então, quando já não era mais possível fazer nada, Thorhall empinou um balde e começou a cantar.

*“Os que terçam armas umas contra as outras
Me disseram, assim que aportei neste local,*

*Que eu beberia do melhor, mas, no fim das contas
Não quero fazer queixas a uma gente tão banal;*

*Ávido deus do trovão e do Elmo de Guerra!
Eis-me aqui, agora, a suspender um balde;
Minha barba não se umedece com o vinho da terra,
Nem bebo ajoelhado numa fonte onde me esbalde!*

*Voltaremos para onde nossos camaradas estão,
Faremos o hábil falcão do paraíso-de-areia
explorar os largos cursos da navegação,
Enquanto os atrevidos tempestade de espadas,
Que honram a terra, e cozinham baleia,
habitam nas Praias do Tédio.”*

E então o Velho Pagão Azedo partiu com a sua pequena tripulação pagã e mal paga, e todos juntos barafustaram pelo oceano, os que haviam dado uma boa figa à salvação, metendo-se mar adentro e mar afora, dando adeus à Praia do Tédio e à Ilha da Quilha, arremetendo corajosamente a proa contra as ondas – navegaram até que, a certa altura, o vento oeste os apanhou com a sua mão e, ajudado por um pequeno e imprevisto problema nas velas (coisa dos cristãos, bons de rezas, ruins de vergas), os lançou no caminho da Irlanda, onde late noite e dia o Cão do Ulster e vive uma raça velha e dura, ela também.

Em terras da Irlanda, contaminada também pela praga da Cruz e de seus deuses humanos, *santos e mártires*, Thorhall e os seus homens conheceram as delícias do outro lado de ser viking – foram presos, espancados e maltratados, mas não desgostaram, afinal, da coisa, pois era sempre a mesma e velha tempestade de espadas.

Após arregimentar o que restara dos seus bons pagãos, Thorhall decidiu, insubjugável e cabeça-dura até o fim, lutar até a morte – e só depois de guerrear doidamente, de matar vários e de ferir muitos, foi que consentiu em ingressar no Valhalla, “o único paraíso possível para um verdadeiro viking”.

VII

Um ataque feroz

Assim que Thorhall e a sua pequena tripulação de pagãos partiram para o seu destino funesto, Thorffind e a parcela cristã da expedição desceram em direção ao sul da Ilha da Quilha. Após empreenderem uma longa viagem, chegaram a um rio que, após desaguar num lago, ia dar no mar. Havia muitas ilhas espalhadas na entrada do rio, e eles não puderam entrar nele a não ser quando a maré esteve bem alta. Thorfinn velejou à boca do rio, até alcançar uma braça de terras baixas e férteis, que chamou de *Hop*. Campos de trigo selvagem cresciam ao longo de quase todo o terreno plano, enquanto as vinhas erguiam-se junto com o terreno elevado.

A riqueza da terra, porém, não era só vegetal, mas também animal. Qualquer filete de água disponível estava repleto de peixes, mas o que deixou todos felizes de verdade foi descobrir que havia também animais terrestres, especialmente bovinos, já que temiam não comer nunca mais um bom bife depois que os seus animais haviam perecido todos no rigoroso inverno logo após a sua chegada.

Tão bom e cheio de dádivas naturais era aquele lugar que os vikings permaneceram ali durante um mês, fazendo uma boa provisão de alimentos e desfrutando, esquecidos de tudo, daquele pedaço extraviado do Éden.

Certa feita, numa manhã bem cedinho, os colonos avistaram descendo pelo rio nove canoas feitas de pele, conduzidas por homens de pele escura. Seus remos, parecidos com cajados, começaram a ser brandidos por aquela gente com grande vigor, provocando um ruído semelhante ao provocado por manguais. O movimento acompanhava a direção do Sol, seja lá qual fosse o significado disso.

Thorfinn reconheceu neles os “Horríveis”, de que Leif lhes falara em sua primeira expedição.

– O que estarão querendo nos dizer? – disse Thorfinn a Snorri.

Snorri lhe respondeu:

– Deve ser uma demonstração simbólica de paz. Vamos pegar um escudo

branco e ir ao encontro deles.

E assim fizeram, postando-se ao alcance dos remadores. Ao vê-los, porém, os nativos arquearam as sobranceiras, arregalando os olhos e as bocas, pasmados, decerto, daquelas figuras tão diferentes das suas.

Ao porem-se em pé nas canoas, Thorfinn e Snorri perceberam que eles eram baixotes de péssima aparência, com os cabelos desgrenhados, olhos grandes e bochechas largas.

Sem ousarem uma aproximação, os nativos deram mãos ao remo e seguiram em direção ao sul, para fora do cabo.

* * *

Os colonos vikings haviam construído um assentamento ao norte do grande lago, pois pretendiam passar o inverno ali para testar a sua intensidade. A maioria das habitações estavam localizadas mais para o interior, embora algumas estivessem perto do lago.

Para sua surpresa e alegria, não viram cair dos céus um único floco de neve durante todo o inverno. Um inverno tão ameno, de fato, que puderam continuar a plantar e colher, enquanto o gado pastava livremente pelos campos, mesmo no auge da estação.

Thorfinn e Snorri esfregavam animadamente as mãos – não de frio, mas de contentamento.

– Com um inverno suave destes, podemos viver aqui o ano todo! – disse o filho de Thord Cabeça de Cavalão.

Então, quando a primavera chegou, eles viram, numa manhã bem cedo, uma frota enorme de canoas de pele descer o rio. Eram tantas que a água parecia coalhada de pedaços de carvão. O mesmo brandir de cajados recomeçou, sempre no sentido solar, mas ficou evidente que vinham em paz quando levantaram seus escudos, também pintados de branco.

– O que você acha? – disse Snorri, enterrando os dedos na barba amarela.

– Reúna quinze homens bem armados – disse Thorfinn. – Vamos até lá ver o que esta gentilha quer.

Os vikings aproximaram-se cautelosamente da frota estacionada, porém foram muito bem recebidos. Os nativos arremessaram seus produtos em terra, como a sinalizar que vinham numa “viagem de negócios”.

Snorri sorriu, satisfeito.

– Vejamos se os Horríveis possuem algo de belo!

Um mercado foi formado rapidamente nas margens, como mandava o velho hábito ancestral.

Os nativos se encantaram com os tecidos vermelhos oferecidos pelos vikings. Em troca, ofereceram peles de pelo largo e peças de um couro resistente e acinzentado. Eles queriam comprar, também, espadas e lanças, mas Thorfinn negou-se a vendê-las. Os nativos amarraram ao redor das cabeças os tecidos comprados, porém, quando eles começaram a rarear, passaram a usá-los cortados em partes, até o ponto em que suas “tiaras” não ficaram mais grossas que um dedo. Os *Skraelingar*, contudo, gostaram ainda mais das tiras, e o negócio continuou.

Tudo ia muito bem até o dia em que um touro surgiu furioso e desembestado do interior da floresta. Os tecidos vermelhos, abanados e agitados o dia inteiro, deviam ter algo a ver com isso, já que a besta, urrando altíssimo, arremeteu furiosamente na direção dos nativos. Com as faces desfiguradas pelo medo, os Horríveis tornaram-se ainda mais horríveis e meteram-se às pressas em suas canoas, desaparecendo rio abaixo.

Nas próximas três semanas não se viu mais a presença de nenhum deles, até que, cumprido este prazo, uma massa compacta de canoas desceu outra vez na direção do assentamento. Desta vez, os bastões eram brandidos no sentido contrário ao do movimento do Sol – seja lá qual fosse, também, o significado disso –, e os Horríveis uivavam sons guturais e ininteligíveis.

Thorfinn ordenou imediatamente que os nórdicos se armassem e fossem dar as péssimas vindas aos nativos em pé de guerra. Os escudos dos vikings, desta vez, estavam vermelhos, num sinal de que estavam prontos para a batalha. Antes mesmo de desembarcar, os Horríveis arremessaram de suas canoas uma chuva de pedras, lançadas de estilingues e catapultas. Os vikings protegeram-se com os escudos, de machados e espadas nas mãos, e permaneceram impassíveis, à espera do desembarque.

Neste ponto Thorfinn percebeu que os nativos traziam varas com uma grande bola escura presa em cada uma, tão grande quanto o estômago de uma ovelha. Antes que pudessem compreender do que se tratava o armamento rudimentar, as varas começaram a girar e as bolas a serem arremessadas. Elas passaram por cima das cabeças dos nórdicos e foram aterrissar no solo, no

meio das casas próximas do lago. Quando elas bateram no chão fizeram a terra tremer, junto com um estrondo horrendo, que espalhou o pânico em todos.

Diante desta arma inesperada, os homens de Thorfinn recuaram preventivamente para o interior do assentamento, numa rapidez que denunciava o medo em seus corações. Ao mesmo tempo, parecia que multidões de Horríveis avançavam sobre eles, de todos os lados, lançando suas bolas infernais.

Thorfinn e muitos outros não pararam de recuar até chegar na entrada do assentamento. Então, tentaram, de alguma maneira, oferecer uma resistência digna de vikings.

Neste momento, Freydis, uma das filhas de Erik, saiu e viu como os homens pareciam assustados.

– Mas o que é isso? Mal posso crer no que vejo! – exclamou a mulher, uma nórdica cadeiruda que prometia ser uma fábrica de vikings. – O urso fugindo do esquilo!

Os ursos, porém, estavam todos surdos, lutando para defender suas vidas, e também a da matrona cadeiruda.

Freydis procurou avidamente pelo chão um instrumento perfurocortante qualquer para fazer frente aos invasores, mas quando ergueu novamente a cabeça, sem sucesso, descobriu que os esquilos estavam já a um passo de si, de dentes arreganhados. Imediatamente a islandesa parruda arremeteu como um pedra que rola para o interior da floresta, onde os homens já se haviam embrenhado, cobrindo os antigos peitos pagãos de sinais da cruz.

Infelizmente, apesar de todo o esforço, a pobre Freydis não conseguiu acompanhar o galope veloz dos guerreiros, e foi ficando rapidamente para trás, até estar quase ao alcance das garras dos Horríveis. Suas ancas de bacia, feitas à perfeição para gerar outras vidas, revelavam-se agora um empecilho fatal para proteger a sua própria vida.

Trombando contra as árvores, Freydis viu de relance o cadáver de Thorbrand, o filho de Snorri. O pobre homem tinha uma pedra lisa afundada na testa, como um diadema. Ao ver a sua espada caída ao lado, Freydis não hesitou e agarrou-a com as duas mãos. Sabendo que das pernas já não podia esperar mais nada, a filha de Erik depositou toda a sua esperança nos seus braços grossos de afofadora de pães ázimos.

– Podem vir, horrorosos! Vou lhes mostrar algo diferente!

Quando os invasores apareceram ela retirou a pregadeira de bronze de um dos seus ombros, liberando o vestido acolchoado com penugens de aves, que foi embolar-se aos seus pés como uma lona arriada. Depois de enterrar o enfeite entre os cabelos, ela tomou a espada com as duas mãos e começou a bater a lâmina nua contra as suas mamas brancas e enormes como duas focas albinas. Um grito estridente, totalmente contraditório com a sua figura robusta, acompanhou esta extraordinária demonstração de virilidade feminina.

Diante deste espetáculo aterrador, os perseguidores acreditaram estar na presença de algum ser sobrenatural – a deusa guerreira, decerto, daquelas criaturas filhas do leite (uma valquíria de opereta, decerto, mas plenamente capaz de infundir o terror em seus adversários) – e deram meia-volta, batendo em retirada para as suas canoas.

E foi assim que uma rude reminiscência pagã salvou o assentamento cristão do extermínio.

* * *

Thorfinn e os outros vieram correndo e louvaram a valquíria rechonchuda pelo seu zelo e coragem. Ela, contudo, permaneceu a olhar iradamente para eles enquanto juntava do chão o seu vestido.

– Um bando de maricas acadelados! Foi isso o que a nova religião fez de vocês?

Os homens balbuciarão explicações, cada qual mais inconsistente que a outra.

– Você mesma viu, Freydis, eles eram muitos! – disse Thorfinn. – E aquelas bolas explosivas, então! Pelas bolas amarradas de Loki se eu já vi algo parecido! Alguém aqui já tinha visto?

Os vikings abanaram convictamente as barbas: Não, senhor, ninguém jamais havia visto!

– Um bando de nanicos desmilinguidos, eis o que eram! – retrucou Freydis, enterrando a espada do falecido Thorbrand na terra. – Aí está! – acrescentou, mostrando por todo o campo o número reduzidíssimo de cadáveres dos Horríveis. – Não mataram mais destes macaquinhos do que se pode contar em uma mão!

Aquilo era um exagero tão gritante que Thorfinn procedeu a uma imediata recontagem.

– Snorri, diga lá, quantos Horríveis você matou?

– Uns oito, no mínimo!

– E no máximo?

– Uns dez ou doze!

– Doze Horríveis, muito bem! Bjarni, você, quantos?

– O dobro, com toda a certeza!

– Muito bem, doze mais duas-vezes-doze... pois sim, dona Freydis, já temos aqui uma bela soma!

Thorfinn continuou com o levantamento, e quando ele intuiu que o número dos Horríveis mortos havia passado das duas centenas, ele e os demais retornaram ao campo para pilhar os cadáveres de qualquer coisa útil que pudessem ter trazido consigo. Além dos dois que Thorfinn abatera, havia mais quatro corpos, e mais nada.

Devia ser algum costume ritual o de levarem consigo os cadáveres, afiançou o líder. Imediatamente ele lembrou de uma expedição remota da qual tomara parte, junto com um certo “homem de Alá”.

– Quando enfrentamos o Povo da Névoa foi a mesma coisa, eles também tinham o costume de recolher seus mortos. O máximo que conseguíamos encontrar depois das batalhas era alguma garra peluda decepada.

Apesar do detalhe insólito, ninguém se sentiu curioso para saber que espécie de gente seria aquela. Tudo quanto desejavam saber, no momento, era se o povo das canoas iria retornar ou não.

Depois de muito refletirem, os vikings chegaram à conclusão de que os Horríveis eram praticantes da magia.

– Só isso explica o número enorme de guerreiros que nos atacaram – disse Thorfinn. – Eles não eram tantos! Mais da metade, com toda a certeza, não passavam de miragens!

– Então eles eram malditos ilusionistas? – perguntou Snorri, impressionado.

– Magos infernais, isto sim! – respondeu ele, cofiando nervosamente a barba.

E foi com esta certeza sinistra que os vikings, depois de espalharem vigias por toda parte, foram dormir.

VII

Em busca do Velho Pagão

Thorfinn havia chegado a uma conclusão importante: aquelas terras podiam ser grandes, belas e fartas o quanto quisessem, mas sempre haveria guerra e terror pairando ao redor deles. Então, após refletir muito sobre o assunto, tomou uma decisão surpreendente para um bravo desbravador: a de voltar para a Groenlândia, com o rabo enfiado no meio das pernas.

– Estas terras são mais fartas e produtivas que as existentes em qualquer parte da Islândia ou da Groenlândia – disse ele, após reunir os colonos numa assembleia improvisada. – Aqui encontraremos tudo quanto desejarmos: alimento abundante, água à vontade e estações amenas. A paz, entretanto, jamais poderemos encontrar.

Neste momento uma voz rouca e ligeiramente tocada pelo hidromel se ergueu:

– O que quer dizer com isso? E quem aqui quer saber de paz? A guerra está no nosso sangue!

Alguns murmúrios de aprovação se fizeram ouvir de pessoas que, além da guerra, também tinham uma boa percentagem de álcool no sangue.

– Nossas mulheres e filhos desejam viver num lugar pacífico! – respondeu Thorfinn.

Freydis, a filha de Erik, indignou-se tão fortemente que seus seios quase saltaram outra vez para fora do vestido.

– Quer dizer, então, que vamos nos acadelar de uma vez?

Thorfinn encheu os pulmões de ar antes de lançar a sua proposição.

– Acho que devemos todos retornar. Este é o meu pensamento.

Uma algazarra levantou-se instantaneamente, estabelecendo-se uma rivalidade feroz entre os temerosos e os destemperados. Como, porém, os primeiros estivessem em maioria, decidiu-se, afinal, pelo retorno.

Freydis, inconformada, cobriu o rosto com as mãos.

– O que vai dizer ao meu pai, quando retornarmos? Que um bando de anões nos botou para correr?

– Diremos que éramos muito poucos para sustentar a posse de um lugar já habitado, e que se teimássemos em permanecer seríamos dizimados até o último de nossos filhos.

Este apelo dramático terminou de convencer os renitentes, de modo que, em muito pouco tempo, tomou-se o partido da paz e o assentamento foi abandonado, com os vikings retornando todos para a Groenlândia.

Depois da culpa e do remorso, o cristianismo começava a injetar o pacifismo no velho sangue truculento dos vikings, preparando, deste modo, o advento da moderna era do suicídio e do prêmio Nobel.

* * *

Os ex-colonos nem bem haviam começado a sua viagem de regresso quando deram de cara, em alto-mar, com cinco Horríveis a dormirem no interior de uma de suas canoas de pele. Todos pareciam bêbados e, a menos que a sua canoa emborcasse, totalmente incapazes de acordar.

Ora, viva! Ali estava uma boa ocasião para a revanche!, pensaram imediatamente os líderes vikings.

Um barco nórdico abordou rapidamente a minúscula embarcação. Junto com os borrachos estava uma cuba cheia de tutano de animais misturado com sangue. O negócio vazara pelas fissuras da cuba mal feita, de tal sorte que todos se espojavam em sangue. Ao ver isto, os abordantes decidiram matar ali mesmo as criaturas, decerto foras da lei.

Depois que o sangue dos cinco Horríveis se misturara bem com o sangue dos animais, os vikings prosseguiram em sua viagem marítima, passando por um cabo onde havia um verdadeiro jardim zoológico a céu aberto, tal a multidão de tipos diferentes de animais selvagens a se esbaldarem por ali. O solo do lugar parecia uma torta de esterco, tal a quantidade de excrementos que havia por tudo, já que a bicharada havia passado o inverno inteiro ali.

Ao contornarem o cabo de merda, alcançaram o velho fiorde das Correntes, onde haviam passado momentos de fome e penúria, mas, pelo menos, sem o ataque de anões raivosos armados com bexigas de fogo.

Conhecendo o lugar, os vikings decidiram parar para fazer um descanso.

Inconformada ainda com a ideia de retornar à Groenlândia, Freydis decidiu permanecer ali com Bjarni (seu esposo Thorvald, ao que se supõe,

teria perecido no ataque dos Horríveis). Cerca de uma centena de homens, empolgados pela determinação da robusta filha de Erik – e, talvez, esperançosos também de conquistarem o seu largo coração – também permaneceriam lá, negando-se a abandonar aquelas terras fantásticas.

Thorfinn, seu fiel amigo Snorri e cerca de quarenta outros colonos, por sua vez, passaram apenas dois meses ali, tempo no qual Thorfinn teve tempo de sobra para especular sobre o que teria acontecido com o pagão Thorhall.

– E se o velho encontrou Vinland, afinal? – disse ele a Snorri, ambos recostados numa pedra, a admirarem a noite estrelada. – Quem sabe já tenha até construído um assentamento por lá!

Snorri viu-se obrigado a lembrá-lo, com algum tato, de uma certa enjambração operada nos barcos dos pagãos.

– Está lembrado? – disse ele, olhando fixamente para a Lua, como se lhe fosse mais fácil enxergar o Velho Pagão metido numa cratera da Lua do que em qualquer lugar do nosso planeta.

– Mas e se o danado conseguiu? – insistiu Thorfinn. – Certamente que ele não se importaria de nos doar um bom pedaço de terra. Afinal, somos todos da mesma raça, e ele deve estar precisando da nossa ajuda. Não se esqueça de que ele conta apenas com um bando de gatos pingados.

– Quem sabe?... – murmurou o outro.

Thorfinn esteve em silêncio um bocado de tempo, antes de falar novamente.

– Poderíamos viver todos em harmonia.

– Quem sabe?...

– É, sim. Por um bom tempo.

Então Thorfinn decidiu que iria em busca do Velho Pagão, custasse o que custasse.

Muito murmurou-se entre os homens das razões dele sair nesta busca destrambelhada.

– Remorso – disseram muitas vozes, num tom baixo, mas categórico.

– Ambição outra vez – disseram outros, ainda mais baixo, mas não menos categoricamente.

Thorfinn navegou num único navio, em direção ao oeste, deixando para trás porções de terras secas e agrestes, até avistar, certo dia, a entrada espaçosa de um golfo, onde um rio estuante desaguava.

Curioso, fez seus homens impelirem o barco para dentro do rio, à força de

suor e de remos.

* * *

Acamparam às margens do rio, antes de empreender, terra adentro, a sua busca. Um pouco antes da manhã clarear, o vigia imaginou ver algo mover-se por entre as folhas da mata próxima.

Mansamente, ele acordou o líder.

– Vi algo mover-se entre as árvores! – sussurrou ele.

Thorfiin ergueu-se e foi, quase rastejante, averiguar com ele.

– Veja! – disse o vigia, assustado. – A coisa moveu-se outra vez!

Thorfinn estava certo de que podiam aproximar-se da criatura sem serem observados. Após rastejarem mais um pouco, ficaram a uma boa distância da criatura para poderem observá-la sem serem observados.

Os olhos do vigia, e também os de Thorfinn, arregalaram-se de espanto: a criatura, com todo jeito de humana (isso podiam ver perfeitamente), possuía apenas uma perna.

Mas até aí, tudo bem. O problema, na verdade, não era este. Afinal, um pernetá era coisa comum em qualquer parte da Escandinávia: Thorfinn conhecera pelo menos uns oito tipos destes (o velho Thormund, da Gotlândia, por exemplo, que ele decapitara numa rixa na famosa estrada elevada de Iarlabanki). Só que a perna daquele sujeito era diferente, porque ela estava colocada bem abaixo da cintura, e tanto Thorfinn quanto o vigia sabiam perfeitamente que nenhuma perna humana *realmente perna* ficava situada naquela região. (Eram famosos, naquelas épocas de descobrimentos, relatos extravagantes sobre seres bizarros vivendo em locais agrestes ou paradisíacos, e uma das criaturas mais avistadas era justamente a raça dos homens de uma só perna.)

Mas o espanto dos dois vikings só conheceu o auge quando a criatura egressa de algum bestiário medieval saiu da mata e cresceu abertamente na direção do acampamento, com admirável rapidez.

Thorfinn deu um brado feroz de alerta, pois identificara nas mãos do unípede uma arma.

– O maldito está com um arco! – gritou ele, aguardando que atrás da criatura surgissem mais outras quinhentas.

Mas não surgiu ninguém mais além do solitário e intrépido pernalta. Num pulo veloz, ele ajustou uma flecha e escolheu sua vítima. Seus olhos pousaram no filho de Erik, que estava sentado à frente da cana do leme da sua embarcação. Num piscar de olhos, a seta assassina assoviou em direção ao estômago, acertando-o em cheio.

Thorvald deixou escapar um gemido de dor enquanto o agressor desaparecia para dentro da mata, como uma aparição. Ainda sentado, Thorvald olhava para a flecha, sem entender nada, até que, num gesto mecânico, retirou a haste incômoda. Foi como se tivesse destapado o bocal de um odre de vinho: imediatamente um rio de sangue empapou completamente o seu manto.

Thorfinn e os demais o alcançaram e ampararam.

– Calma, Thorvald! Você vai ficar bem! – disse-lhe Snorri, numa voz tão assustada que, no mesmo instante, o filho de Erik compreendeu que era o seu fim.

Uma flecha na barriga, especialmente vinda de uma criatura mágica (como parecia ser aquela), todos sabiam que era terrivelmente mortal. Thorvald, à beira de sua morte, então, disse:

– Alcançamos belas terras, e agora minha barriga está furada...!

Alguns homens saíram em perseguição ao pernalta, mas, mesmo pulando numa única perna, ele era mais veloz que qualquer dos seus perseguidores e desapareceu num arroio.

– Para onde foi o bastardo? – perguntou um dos vikings, atônito. – Não há para onde ir, este curso de água teria impedido sua passagem!

Então eles voltaram e um deles, mais poeta que assustadiço, improvisou estes versos:

*Esta é a verdade, ninguém aqui vai mentir!
Nossos homens correram em perseguição
De um ser unípede, até aquele arroio ali;*

*O ser bizarro tinha tanta disposição,
Que, ágil no pular, fez-se logo escapular;
E que diga se é mentira nosso nobre Karlsefni!*

Infelizmente, ao retornarem da perseguição, os vikings depararam-se com o bravo filho de Erik morto e esvaído em sangue. Tudo quanto restara dele eram suas últimas e tragicômicas palavras: “Alcançamos belas terras, e agora minha barriga está furada...!”.

Todos ficaram tão revoltados com esta morte covarde e estúpida que organizaram imediatamente uma nova operação para caçar o unípede assassino. Após embrenharem-se na mata, os homens de Thorfinn avistaram, por entre a folhagem espessa, algumas centenas de construções bizarras, semelhantes a tendas ou ocas.

Devia ser o amaldiçoado lar dos unípedes!

Ao estudarem melhor aquelas construções toscas, produto de cérebros bárbaros e primitivos, o medo, no entanto, retornou ao coração daqueles bravos homens de duas pernas.

– Uma verdadeira horda de unípedes deve habitar este território! – cochichou Thorfinn.

Snorri concordou imediatamente, e logo uma teia de suposições começou a crescer na sua cabeça.

– Se um deles, sozinho, foi senhor de tanta astúcia e ferocidade, capaz de se infiltrar entre nós, matar um filho de Erik e ainda nos despistar, o que poderemos fazer, meia dúzia de nós, contra uma horda inteira deles?

Thorfinn não teve como negar o argumento. Além do mais, não estava ali para guerrear com aleijões, mas para descobrir o paradeiro do velho Thorhall.

– Você está certo, Snorri – disse ele, sem pensar muito. – Não posso arriscar perder meus poucos homens num combate insensato. Voltemos ao acampamento e demos um enterro cristão a Thorvald, antes de embarcarmos.

Neste instante ele escutou um ruído muito próximo deles.

– Quietos! – disse ele, abaixando-se mais ainda, a ponto de colar a face direita ao chão.

Todos ficaram da mesma maneira, como se estivessem a escutar no solo a pisada manca dos unípedes.

– Ouviram? – ciciou Thorfinn.

– O quê? – disse alguém.

Thorfinn estava certo de que um anel formado pelos aleijões começava rapidamente a fechar-se em torno deles.

– Vou contar até dez – disse ele, o mais baixinho que pode. – Quando chegar no “dez” levantem e corram com quantas pernas tiverem!

Aquilo poderia parecer um gracejo em qualquer outra ocasião, menos naquela. Por esta razão, todos permaneceram sérios, a aguardar a chegada do “dez” para dispararem mata afora.

– ...oito, nove, DEZ!!!

Como um raio, os homens ergueram-se e, mandando às favas a discrição, lançaram-se numa corrida atabalhoada mata afora. Nenhum deles saiu ferido, exceto dois que, na confusão, correram de encontro às árvores.

Após correrem feito loucos por dez minutos, sem parar, os homens chegaram ao acampamento e atiraram-se ao chão, sem mais uma única gota de fôlego.

– Vamos, idiotas... levantem-se...! – disse Thorfinn, de joelhos e lutando para reerguer-se.

No mesmo instante, eles pegaram seus pertences e embarcaram outra vez, antes que os peraltas os alcançassem.

– Será que nos viram? – perguntou um dos barbudos.

– Eu não vou ficar para saber – disse o líder, entrando num pulo para dentro do barco.

Dos unípedes Thorfinn decidiu que já vira o bastante (mesmo tendo de admitir que, a exemplo dos Horríveis, este também não fora um episódio lá muito edificante para a exigente honra viking). Mais tarde, porém, com algum retoque imaginativo, aquelas duas aventuras poderiam ganhar ares heroicos na poesia vibrante dos *skalds*.

Só que, decididamente, aquela não era a hora para testar-se o poder de Bragi, o deus da inspiração poética!

* * *

O inverno seguinte Thorfinn passou no fiorde das Correntes.

Segundo o novo vocabulário cristão, esta foi uma época de degeneração moral. Como havia mais homens que mulheres na ilha, logo começou uma disputa feroz entre eles, transformados subitamente em focas no cio, a disputarem a dentadas o direito de terem uma fêmea para si.

Os *sem-mulher* reivindicaram o usufruto comum das mulheres, como meio de resolver a questão.

– Isto é uma depravação, uma Sodoma e Gomorra em pleno gelo! –

clamou imediatamente um homem de Deus, para alívio das mulheres (ou, pelo menos, para boa parte delas).

Mesmo assim, as coisas acabaram degenerando em confusão. Muitos lutaram até a morte para resguardarem seus direitos de exclusividade, enquanto outros morreram tentando obter alguns momentos de boa diversão. Quanto às mulheres, muitas delas, a fim de acalmarem os ânimos, não hesitaram em lançar-se à prática secreta do adultério (especialmente depois de descobrirem que, com o medo e a culpa, o sexo ficava ainda mais emocionante).

Enquanto tudo isso se passava, o filho de Thorfinn nasceu no primeiro outono. Ele ganhou o mesmo nome de seu fiel amigo Snorri. O Pequeno Snorri já tinha três invernos de vida quando eles começaram a viagem de volta para casa – e para ele, obviamente, a Groenlândia seria uma terra inteiramente nova.

No caminho, os vikings pegaram um vento sul e chegaram a *Markland*. Lá, encontraram cinco Horríveis: um homem barbudo, duas mulheres e duas crianças.

Os homens de Thorfinn capturaram as crianças, mas os adultos escaparam, entrando para dentro da terra, em estranhas tocas. Eles levaram as crianças com eles e lhes ensinaram a sua língua nórdica.

– *Laufgroen!* – dizia o nórdico agachado com as crianças, mostrando-lhes uma folha de árvore.

– *Luff.. grun?* – repetiam elas.

– *Neinn!... Lauf... groen!* – ensinava o professor improvisado.

Como os nórdicos haviam se tornado cristãos, eles também batizaram as crianças, o que elas acharam engraçado, já que a sua gente era tão pagã quanto os vikings haviam sido nos seus velhos dias de cegueira espiritual.

Depois que as crianças já tinham aprendido o suficiente de nórdico, eles resolveram lhes fazer umas perguntas:

– Como vocês chamam a mãe e o pai de vocês?

– Mãe, *Vaetildi*. Pai, *Uvaegi*.

– Hum... *Vae... tilli?* – perguntou o professor.

– *Neinn! Vae... tilldi!* – responderam as crianças.

– Quem manda no seu povo?

As crianças se olharam, falaram algo entre si, e responderam:

– Dois reis. Um, *Avalldamon* – disse a menina, mais velha.

– Outro, *Valldidida*. – disse o menino.

– Outra coisa: não vimos casas em suas terras. Onde escondem as casas?

– Não casa! – continuou o menino. – Casa rocha.

O moleque fez um buraco no chão e mostrou com o dedo.

– Vivem em cavernas e buracos?

– Casa rocha! – concordaram os dois horrivezinhos, balançando as cabeças.

Eles também contaram que havia uma terra do lado oposto da sua, onde as pessoas se vestiam de roupas brancas, davam gritos altos, portavam varas longas e usavam franjas. Era a Terra dos Homens Brancos, ou *Hvitramannaland*.

E assim prosseguiram viagem até chegarem todos à Groenlândia, onde reencontraram Erik, o Vermelho.

IX

O fim da saga

Passado o inverno, Bjarni, filho de Grimolf, e seus homens partiram, até alcançarem a costa irlandesa, onde o mar era infestado por vermes de navio (*teredo navalis*). Eles descobriram isso apenas quando o casco já tinha sido todo corroído, além de qualquer reparo. Diante desta emergência, debateram que plano deveria ser seguido.

Eles tinham um bote salva-vidas untado com piche feito de gordura de foca, imune aos vermes de navio. O bote foi enchido do maior número possível de pessoas. Quando viram, porém, que haviam atingido o limite, descobriram que o bote não abrigava mais da metade da tripulação.

Então Bjarni aconselhou que a sorte decidiria quem iria embarcar, e não a posição ou hierarquia.

Rapidamente, foram distribuídos palitinhos entre os tripulantes e a sorte começou a ser lançada. Bjarni pegou um palito de sorte e, por isso, embarcou no bote salvador junto com quase metade dos seus homens. Os demais, após as despedidas, encomendaram suas almas a Cristo, enquanto o navio lentamente naufragava.

Quando o bote preparava-se para partir, no entanto, um jovem, que havia sido um fiel companheiro de Bjarni e deveria morrer na embarcação, gritou-lhe desesperadamente:

– Vai mesmo abandonar-me aqui, nesta situação?

– É o que precisa ser feito, caro amigo – respondeu Bjarni, pesaroso. – A sorte foi lançada para todos.

– Mas não foi a morte que você me prometeu ao retirar-me de minha casa, onde eu morava com meu pai!

– Perdoe-me, mas não há outro jeito – insistiu Bjarni. – Esta foi a sorte que lhe coube, e não vejo nenhuma outra maneira de mudá-la. Se houver, por favor, me diga, e eu a acatarei.

Então o jovem, muito convictamente, disse que havia uma maneira, sim.

– Basta que troquemos de lugar. Você vem para cá, e eu vou para aí.

Bjarni, apanhado na armadilha sórdida das palavras, não pôde voltar atrás.
– Que assim seja, meu amigo, já que a visão da morte lhe é tão dolorosa.

O jovem crápula trocou animadamente de lugar – algo que, uma vez instalado no bote, nem Nosso Senhor Jesus Cristo o obrigaria a desfazer –, enquanto Bjarni permaneceu no barco para morrer junto com o restante dos desafortunados que haviam escolhido o palito errado.

Os que estavam no bote seguiram viagem até encontrar terra firme, e todos sobreviveram para relatar este episódio de honradez e abnegação, representativo dos verdadeiros valores morais do povo viking.

E com esta anedota moral encerra-se esta adaptação da crônica originalmente desconexa e fragmentária de Erik, o Vermelho.

Parte 2

A Saga de
Egil Skallagrimsson

I

O Lobo Noturno

Úlfr era um viking que tinha um temperamento muito estranho. De dia era gentil e simpático, mas à noite transformava-se numa criatura violenta e feroz.

– Úlfr é meio “quarta-feira”, um homem “de lua” – dizia-se dele, à boca miúda.

Uma criatura meio “esfíngica” se poderia também dizer, mais literariamente.

Seja como for, a verdade é que ninguém ousava aproximar-se de Úlfr depois que o Sol se punha, e todos aqueles que tentavam a proeza não sobreviviam para contar a história.

Úlfr era um camponês, como se dizia medievalmente. Enquanto estava entregue às lidas do campo, era um velho robusto, sadio e bem-humorado. Nem sempre trabalhava cantando, decerto, porque os tempos eram duros e o trabalho árduo, mas nenhuma violência e nenhuma barbárie saíam das suas mãos debaixo do Sol.

As alterações no seu caráter começavam, porém, quando ele atirava por cima dos ombros quadrados, logo ao anoitecer, uma pele fedorenta de lobo ou de urso. Com aquela pele morta por cima Úlfr era acometido de uma fúria insana – “fúria *berserker*”, dizia-se, numa alusão a certos guerreiros extraordinariamente ferozes do seu tempo.

Neste estado alterado, mais de besta que de gente, Úlfr era capaz de matar um touro com um murro, e com uma cabeçada capaz de pôr abaixo um pinheiro. A quem achou pouco, ainda se pode dizer que este filho de Odin, com uma poderosa dentada, era capaz de arrancar um pedaço de um escudo de ferro.

Debaixo da sua pele, Úlfr – ou Kveldúlf, seu sobrenome – tornava-se completamente imune à dor produzida pelo ferro ou pelo fogo, tornando-se, numa batalha, praticamente indestrutível.

Não há como descrever-se o terror de um adversário quando se defrontava

com Úlfr em um campo de batalha. Era sabido por todos que ele bebia até a última gota do sangue dos seus inimigos, e depois comia, literalmente, até o último bocado da sua carne. Não se tratava, porém, de ferocidade gratuita, mas da prática de um ritual ancestral que mandava absorver do inimigo abatido todas as suas virtudes. Úlfr seguia à risca esta prescrição, de tal modo que a pobre criatura, ao transpor os portões do Valhalla – o Palácio da Morte do deus supremo dos nórdicos –, tinha muito poucos atrativos para oferecer às belas valquírias.

Quando o Sol retornava, no entanto, Úlfr tornava-se manso e simpático, outra vez, como um general no seu dia de folga. Levantava-se com os primeiros raios do Sol e saía a caminhar pelos campos, de mão em pala sobre os olhos, assobiando pelos vales e colinas como um tordo. Batia papo com os ferreiros e trabalhadores em geral. Falava do tempo, da colheita e aconselhava seus irmãos de ofício, andando por entre a lavoura, indicando-lhes qual a melhor época de plantio, a melhor Lua, e coisas do gênero.

Todos sorriam agradecidos, primeiro a Úlfr, e depois ao Sol, por ainda estar no começo da sua marcha pelo céu.

* * *

Úlfr tinha dois filhos. O primogênito se chamava Thorolf e era forte e corajoso como o pai, um verdadeiro viking. Tinha a beleza da mãe e a valentia e o bom humor (diurno) do pai.

Grim, o caçula, no entanto, era escuro e feio e possuía um temperamento intratável, muito assemelhado ao gênio noturno do pai. Apesar disso, era um ótimo negociante, hábil com a madeira e o ferro e excelente artesão. Também era capaz de, apesar de seu temperamento azedo, escrever os mais belos poemas.

Quando Thorolf fez vinte anos, decidiu tornar-se um navegador, tal como o seu pai o era quando não estava estabelecido no campo. Úlfr não coube em si de orgulho e presenteou o filho com um enorme barco completamente equipado, ao modo dos barcos vikings, com a carranca de dragão na proa para afastar as serpentes marinhas e os maus espíritos.

Thorolf começou os preparativos imediatamente. Junto com a sua embarcação seguiria uma outra, quase tão grande quanto a sua, repleta de

aventureiros sedentos por salgarem as barbas no grande mar do Norte.

Entre estes estavam seu amigo Aulvir, e Atli, o Esbelto, que era conde em Gaula e tinha uma filha chamada Solveig, a Bela.

Antes da partida, o Esbelto deu uma festa para comemorar o começo da expedição. Solveig, a Bela, estava nesta grandiosa festa, e bastou Aulvir dar uma olhada na Bela para desistir da expedição. Ele cortejou-a abertamente e, como não queria perder tempo, pediu-a logo em casamento.

O conde Esbelto, contudo, se recusou terminantemente a dar a mão da filha a um camponês.

Aulvir, no entanto, não arredou pé de Gaula e, depois que toda a expedição já havia partido, começou a entoar madrigais na janela da amada.

E foi assim que Thorolf perdeu o melhor de seus amigos e a duquesinha ganhou um ferrenho admirador.

* * *

Thorolf prosseguiu em sua viagem, aterrorizando quase toda a Europa com os seus impressionantes drakkars. Não era tanto pelas carrancas de dragão que ele espalhava o terror, mas pelos atos de pirataria sangrenta que praticava ao longo de todas as costas, pilhando riquezas e cortando cabeças.

– Você não pode fazer isso! – diziam quase todos os comandantes, amarrados e a um passo de não poderem dizer mais nada.

– Por que não? – respondia Thorolf, com um sorriso de bom humor. – Não sou porventura um pirata?

– Um pirata amaldiçoado, que Satanás o confunda!

– E o que fazem piratas, bom amigo, senão roubar e cortar fora cabeças iguais às suas?

Os pobres prisioneiros silenciavam e o machado cantava, outra vez, a sua velha canção.

Enquanto isso, o velho Úlfr desfrutava dos seus dias de verão com a sua mulher e o caçula, que permanecera consigo, até o retorno de Thorolf com suas naus abarrotadas dos saques.

Quando chegava o inverno, porém, Úlfr costumava ir pescar arenques nos fiordes junto com seus guardiões e seu velho amigo Kari de Berdla. A ele agradava mais o magnífico branco dos cumes cobertos de neve do que o

colorido exagerado das flores do verão, opinião compartilhada por seu amigo Kari, um homem nobre, célebre por suas vitórias em batalhas e, *berserker*, tal como Úlfr. Observar as cascatas congeladas, como longas cabeleiras de velhas feiticeiras, e escutar o bramido do vento aprisionado entre as montanhas que circundavam o fiorde era tudo quanto podiam desejar estes dois vikings velhos e um tanto sedentários.

Na verdade, porém, estas pescarias não significavam uma aposentadoria definitiva, senão uma pausa para o novo chamado das armas, pois tanto Úlfr, o Lobo Noturno, quanto Kari de Berdla estavam convictos de não terem travado ainda a sua última batalha – aquela que os conduziria cobertos de glória aos majestosos paços do Valhalla.

Deste Úlfr descenderá o herói-vilão Egil Skallagrimsson, guerreiro, poeta e protagonista de diversas lendas.

II

As conquistas de Harold, o Peludo

– Pelo cuspe sagrado dos deuses! Digam-me se em algum lugar da terra o hidromel sai mais doce do que dos odres do nosso lar! – exclamou o rei Harold após esmurrar alegremente as costas dos seus companheiros de pilhagens, estupros e batalhas durante um regabofe real no seu castelo.

O rei empinou um chifre do tamanho de um homem, cheio de curvas capazes de lhe duplicar o conteúdo, e entornou tudo exatamente como Thor fizera em Jotunheim, o País dos Gigantes. Depois de beber, enxugou a boca com as costas da mão e pôs-se a rir desbragadamente, permitindo que seus vizinhos de mesa escutassem, sem grande esforço, o chacoalhar do líquido nas suas entranhas abauladas.

– Ao nosso merecido descanso em terra! – disse ele, pois, como todo bom viking, passava a maior parte do tempo em alto-mar, saqueando povoado após povoado, bem ao gosto do velho Odin.

Um belo dia, entretanto, ao retornar de uma de suas expedições de pilhagens, seus olhos embotados de bebida haviam pousado em Gyda, a belíssima filha do rei vizinho que, junto com o pai, viera confraternizar.

Ela estava reclinada numa balaustrada, como uma Julieta nórdica, e o rei Harold encantou-se tanto com a sua figura que não lhe deu mais um instante de paz.

– Linda princesa, quero que se case comigo! – disse ele, certo dia.

Só que ela não queria casar-se com ele.

O rei coçou a maçaroça dos cabelos e voltou à carga.

– Digamos, então, doce princesa, *que quisesse*. Qual seria a sua condição para que me aceitasse?

Nenhuma, pois ela continuava a não querê-lo.

– Veja bem, doce donzela, trata-se apenas de uma *hipótese*.

O rei aproximou a sua barba ruiva e, apontando o grosso dedo para o próprio peito, acrescentou:

– Imagine, por favor, que eu fosse o seu noivo, e que você me amasse mais

que tudo...

A jovem já começara a balançar a cabeça outra vez, como a negar a possibilidade deste absurdo, mas ele não lhe deu tempo de seguir adiante:

– *Nestas condições*, qual seria a sua condição para desposar-me?

A bela Gyda, finalmente vencida, deixou escapar um suspiro de resignação idêntico ao perfume de uma rosa.

– Está bem, senhor rei e adivinho. Eu me casaria com vós se fosse o soberano absoluto de toda a Noruega.

Harold quase caiu para trás de satisfação.

– Ora, veja! Então a coisa é tão simples assim?

No mesmo instante, o rei Harold fez o juramento solene de não cortar nem pentear mais o cabelo enquanto não se tornasse o rei único e absoluto de toda a Noruega.

– Ora, grande coisa! – exclamou a princesa, injuriada. – Isso Vossa Majestade já vem fazendo há muitos anos! Se deixar de cuidar mais ainda vai virar um leão!

Harold tomou um espelho e viu que, de fato, o seu pelame andava bem judiado.

– Pois ficará mil vezes pior! – disse ele, decidido. – Este é meu juramento: enquanto não me tornar rei único de toda a Noruega, asseguro-vos, doce donzela, que meu cabelo e minha barba ocultarão do mundo o meu próprio rosto!

Não custou muito para a inquietante notícia correr de corte em corte. Aterrorizados, os reis dos reinos vizinhos trataram de se armar até os dentes e encorpar suas tropas para enfrentar o impetuoso Harold, que desde então passou a se chamar Harold, o Peludo. Ele desdenhava qualquer estratégia de batalha e destroçava os seus inimigos com a mesma facilidade com que uma criança dizima um exército de brinquedo.

Em tempo recorde o apaixonado de Gyda conquistou Upland, e depois seguiu a toda fúria, mar adentro, em direção a Trondheim, onde, depois de promover nova carnificina, apoderou-se de todo o povoado.

Antes que o inimigo se desse conta de onde vinha o assalto, o portentoso barco do rei Harold já tinha sumido mar adentro como uma cobra em meio aos arbustos. Fosse água rasa ou funda, seu ágil e prático navio, preparado para toda espécie de imprevisto, atacava veloz e camuflado, fazendo hábeis

manobras tanto de ataque quanto de fuga. Quando necessário, podia até mesmo entrar em terra, empurrado por sobre toras de madeira até alcançar rios e lagos, façanha que, desde então, inspirou a mais de um estrategista.

Harold, o Peludo, prosseguiu em sua expedição sangrenta, saqueando de reino em reino, de povoado em povoado, derrotando todos os exércitos dos reinos vizinhos. Depois seguiu audaciosamente ao norte de Naumdale para lutar contra os reis irmãos Herlaug e Hrollaug.

Quando os reis irmãos souberam que Harold estava próximo dos seus reinos, trataram de recolher seus tesouros e suas rainhas e correram para se esconder no túmulo que havia sido construído durante três longos invernos.

– Ai de nós! Vivas e enterradas! – lamentavam as rainhas, tendo por céu apenas lajes frias.

Mas ao verem chegar a poderosa frota do Harold, os reis irmãos preferiram capitular sem luta, entregando de mão beijada o cetro, a coroa e o trono, tão arduamente conquistados por seus ancestrais.

Os famosos “reis irmãos” foram rebaixados imediatamente para “condes irmãos”, enquanto Harold, mais rei do que nunca, seguiu adiante em sua marcha de conquista, apossando-se da região de Naumdale e de Halogaland, onde colocou homens de confiança para administrar estas novas possessões.

Enquanto isso, Gyda, a Bela, reclinada em sua sacada, recebia as notícias das conquistas do seu pretendente.

– Mais uma vitória do rei Harold! – diziam os mensageiros, repetindo sempre a mesma frase.

Gyda, porém, não se dava por satisfeita.

– Digam a meu pretendente que sem os reinos restantes jamais hei de ser sua rainha!

Gyda não estava nem um pouco eufórica. Apesar da malfadada aposta, que ela fizera com o único intuito de ver-se livre do rei importuno, preferia continuar na companhia exclusiva dos seus bardos e de suas flautas e cítaras.

– Que espécie de prazer terei, afinal, ao escutar para o resto da vida o relato sempre igual das proezas animais deste homem? – dizia ela a suas confidentes.

– Pois eu escutaria noite e dia o meu rei e senhor contar como destroçou escudos a dentadas! – disse, sonhadamente, uma das amigas da princesa.

– Eu também, imagina! – disse outra, atirando, com uma torção veloz e precisa do pescoço, a cabeleira loira para o outro lado da cabeça. – Qual

mulher não gostaria de ter ao lado um homem maravilhoso destes, capaz de matar a dentadas todos os seus inimigos?

Gyda possuía dentro do cérebro uma espécie de “termômetro intelectual”. Quando a conversa alcançava determinado grau de estupidez repugnante, ela levantava-se e, com um aceno quase insubstancial da cabeça, retirava-se para os seus aposentos. Ali, aflita e aferrolhada, sentia-se, então, mais do que nunca, como uma princesa de um conto de fadas perseguida pela obsessão maníaca de um ogro – um ogro coroadado, mas positivamente ogro.

O rei peludo, no entanto, desconhecendo as sutilezas psicológicas da futura rainha, e portando nas mãos mais espadas do que as cordas existentes numa harpa, adentrava novos mares, abanando as já longuíssimas tranças na direção do sul, onde pretendia conquistar os reinos de Maera e Raumsdale.

* * *

Havia, por esta época, um poderoso guerreiro viking que não estava apreciando nem um pouco a campanha sangrenta do rei Harold. Ele se chamava Solvi, o Pernas Arqueadas. Ao saber que o rei preparava nova expedição, no rumo de Maera, O Pernas Arqueadas deslizou furtivamente pelas sombras e embarcou antes na mesma direção, a fim de alertar o rei Arnvid das atrocidades que rumavam para cima de si.

– Conforme o seu juramento infame, o rei peludo está conquistando um a um os reinos do Norte – disse Solvi, assim que o levaram diante do rei de Maera. – A menos que reaja duramente, Vossa Majestade não terá outra coisa a fazer senão entregar-lhe todas as suas riquezas e tornar-se seu conde ou barão.

O rei Arnvid enterrou os dedos nas barbas, incapaz de descer à indignidade de um mero baronato.

– Nunca e jamais! Depois de rei, barão não serei! – versejou, involuntariamente, o rei.

– Me permita dizer, alteza, que, dependendo do humor deste tirano, talvez venha a ser cavalição.

Numa fração delirante de segundos o rei, coberto de mantos e pedrarias, viu-se patinando no estrume, a puxar pelas rédeas um cavalo ricamente ajaezado para ir entregar docilmente às mãos do usurpador. O ex-rei trajava

um gibão coberto de nódoas de vinho e de vômito, e dentro da boca abrigava três dentes podres, valiosos como pérolas.

– O que propõe? – ganiu o velho rei, disposto a entregar a própria mãe para fugir daquela abjeção.

– Meus exércitos e minha coragem estão à sua inteira disposição, meu rei e senhor – disse O Pernas Arqueadas.

Solvi contou como o seu pai havia preferido morrer com honra e bravura a servir abjetamente O Peludo. Quando, porém, a emoção filial começou a inflamar o seu discurso, o rei interrompeu-o bruscamente, insistindo para que lhe dissesse logo o que deviam fazer. (As valquírias que carregassem a besta do seu pai!)

– Assim como meu nobilíssimo pai – disse Solvi –, haverá de existir mais homens deste valor, que dispõem de barcos e exércitos bastantes para lutar ao lado da liberdade.

Ao escutar isto, o rei Arnvid quase foi à loucura.

– Como assim “haverá de existir”?... Ainda não os tem na mão?

Não, Solvi ainda não os tinha, mas pretendia partir imediatamente numa missão diplomática aos reinos vizinhos para convocar a sua ajuda. Eles o ajudariam, com certeza, pois eram reis valorosos, de uma estirpe totalmente contrária daquele rei pusilânime de Naumdale, que se convertera, sem luta, num servo do rei peludo.

– Isso! Faça isso mesmo! Mas então vá! Vá ainda hoje! – disse Arnvid, enxotando o guerreiro com as mãos, como se cada minuto de atraso lhe fosse fatal.

O primeiro a ser consultado foi o rei Audbjorn, soberano de Firthfolk.

Este Audbjorn era um sujeito amante da guerra, e não foi difícil convencê-lo a alistar-se num dos partidos da disputa, fosse ele qual fosse. Mensageiros seus recrutaram combatentes em todas as partes do reino, mas ao chegar a vez de Úlfr (o Lobo Noturno, que faz aqui o seu reingresso nesta crônica), ele simplesmente negou-se a tomar parte naquilo.

– O rei pode ter o interesse que quiser em ver-me lutar ao seu lado, mas eu não tenho nenhum – disse Úlfr, friamente, ao mensageiro.

– Devo adverti-lo, senhor, de que não se trata de um pedido, mas de uma convocação.

– Psst, vai mal isso, garoto! – disse Úlfr, atalhando. – Em minhas terras leva-e-traz-de-merda nenhum me adverte de nada. Diga ao rei que o velho

Úlfr prefere ficar em casa, e que ele devia fazer o mesmo em vez de ir se meter com O Peludo. Harold está cumprindo uma promessa de amor, e nestes assuntos ninguém volta atrás. Nem mesmo o Velho Caolho ousaria intervir! (O leva-e-traz-de-merda sabia perfeitamente que o Velho Caolho era o deus Odin, que entregara um dos olhos para adquirir a sabedoria das runas, e por isso não precisou desta explicação.)

Ao receber a desaforada resposta, o rei Audbjorn achou melhor fazer-se de surdo a reagir – mesmo porque, se o fizesse, teria duas guerras, em vez de uma, para travar.

Sem Úlfr, Audbjorn partiu com seus homens até alcançar Maera. Ali se encontrou com o rei Arnvid e O Pernas Arqueadas. Juntos, eles reuniram um poderoso exército e foram enfrentar o rei Harold, que havia chegado triunfalmente da sua campanha devastadora pelo norte.

* * *

A batalha que se travou resultou num verdadeiro massacre para ambos os lados.

O rei Harold, que estava mais peludo que nunca, não ficou ferido, mas perdeu dois condes, dois filhos do conde de Hacon, e muitos outros grandes homens, condes ou não. Solvi – que nesta refrega deveria ter sido promovido a Solvi, o Audacioso – lutou com bravura inaudita, tornando seu nome afamado por toda a vastidão dos territórios vikings. Sozinho, ele causou mais prejuízos às hostes do rei peludo do que todos os outros reis juntos.

Pela primeira vez o conquistador não conquistara coisa nenhuma – Firthfolk permanecera nas mãos de Vemund, irmão de Arnvid, morto em combate –, e partira para o sul de Maera, onde conseguiu instalar-se.

Como fosse outono, Harold, o Peludo, resolveu permanecer no sul, onde estabeleceu uma nova e concorrida corte. Durante este tempo, recebeu a rendição de um certo Aulvir, que, depois de defrontar-se com as forças aliadas de Harold, o Peludo, atirara o machado e a espada para cima e decidira ir entregar-se ao inimigo. Junto com ele estava o rei de Trondheim, outro covarde de marca maior. Aulvir foi aceito na corte e acabou por converter-se em poeta oficial de Harold – destino mil vezes mais suave que o de cavalição, como profetizara O Pernas Arqueadas.

Enquanto isso, na porção setentrional do reino, o novo rei Vemund, que sucedera ao seu irmão morto, não tardou a ir fazer-lhe companhia num destes três recantos sobrenaturais do universo: no céu, no Valhalla ou no inferno. Tudo se deu graças a uma cilada que lhe preparara um certo conde chamado Rognvald, ao queimar a casa onde Vemund e seus noventa homens divertiam-se numa borracheira típica dos vikings.

Nessa mesma época, Kari de Berdla, o amigo de pescarias de Úlfr, farto de sedentarismo, uniu-se a este mesmo conde amigo de ciladas e partiram ambos, com uma frota, para Maera. Rognvald apoderou-se do trono do rei Vemund e de todas as riquezas que lá encontrou, enquanto Kari de Berdla rumou para Thronnheim, a fim de encontrar-se com o rei peludo, incorporando-se à sua armada.

Assim foi o vendaval Harold passando pelos reinos de norte a sul da Noruega, destruindo tudo como uma manada de gnus.

– Melhor que isso só se tivesse conquistado o próprio Valhalla! – exclamou O Peludo, afiando a espada e provando o seu fio na sua barba cor de ouro, cada vez mais comprida e mal-lavada.

III

Um ultimato para Úlfr

Depois de matar quase a metade dos noruegueses, Harold, o Peludo, começou a desconfiar da outra metade que ainda estava viva.

– Quem é vivo sempre aparece... *para matar* – conjecturava ele, com os olhos insones fixos no teto do seu quarto. Mas nenhum maldito tartufo poderia dizer que ele não havia tomado honestamente tudo quanto pudera tomar.

Harold já tinha se apoderado de todas as províncias, terras cultiváveis ou não, assim como de todos os montes, vales e lagos da Noruega. Todos os senhores feudais já haviam se convertido em seus arrendatários, pois todos quantos possuísem bosques ou se dedicassem à caça ou à pesca teriam que ser vassalos do rei.

Tudo estaria muito bem, não fosse aquela morrinha irritante de conspiração e vingança no ar.

– Sempre os malditos insatisfeitos! Mas não há outra opção: ou se submetem a mim ou que desapareçam para um lugar longe o bastante, onde minha espada não possa alcançá-los!

Diante destas duas opções, a maioria dos proprietários de terras escolhia fugir, abandonando tudo nas mãos do Gengis Khan nórdico para se aventurar mar afora em busca de liberdade e de novas terras.

– Pelo martelo de Thor! Para que raios um verdadeiro viking necessita de reis ou governantes? – diziam-se os fugitivos assim que sentiam o vento salgado remexer-lhe as barbas. – Terra é o que não há de faltar mundo afora, onde possamos viver livres outra vez!

Os exilados foram navegando, assim, até encontrarem terras desabitadas além dos mares. Quanto aos que haviam escolhido ficar, não tinham outra escolha senão curvar o pescoço à canga rude de Harold, o Peludo.

Todavia, havia uma exceção: Úlfr, o Lobo Noturno, que continuara a levar a sua mesma vida de proprietário de terras, submetido apenas aos ditames de Odin.

Um dia, porém, este fato chegou ao conhecimento do novo rei.

– Kveldúlfur deve ser submetido ou expulso do meu reino – disse O Peludo, terminativo.

Uma comitiva fortemente armada foi enviada ao território de Úlfur para lhe dar conhecimento da vontade do rei.

– O rei ordena que os seus homens sejam incorporados imediatamente às forças reais, e que os interesses de Vossa Majestade sejam, doravante, os mesmos que os seus – disseram os enviados do rei.

– Diga a Harold, o Peludo, que nas minhas terras mando eu – respondeu Úlfur, serenamente.

– Não podemos retornar com esta recusa – disseram os mensageiros.

– Podem retornar mortos, se preferirem – disse o Lobo Noturno, alisando o machado.

Neste momento um dos mensageiros enxergou Grim, o segundo filho de Úlfur.

– Por que não manda seu filho no seu lugar? Se mostrar boa vontade em servir o rei, poderá tornar-se um barão.

Ao escutar isso, o jovem deu um pulo de raiva.

– E quem lhe disse, cabeçudo, que quero ser barão? Nem barão, nem lacaio de rei algum!

Úlfur deu uma risada estentórea.

– Ouviram o que o garoto disse? Deem esta resposta a Harold, o Peludo. Nem eu mesmo poderia ter dito melhor!

Úlfur enfiou seu casaco de pele de lobo, pois já começava a escurecer. Ao verem isso, os mensageiros deram meia-volta e partiram a todo galope, pois conheciam bem a fama “noturna” de Úlfur.

Felizmente para os mensageiros, O Peludo não se mostrou tão enfurecido com a resposta. Com o temperamento suavizado pela visão constante da sua amada Gyda, e também pelos bons tratos constantes de que era alvo por parte da legião de servas ocupadas em trançar, dia e noite, a sua cabeleira cada vez mais longa, Harold chegou a achar tudo muito engraçado, o que deu ensejo a Aulvir (o guerreiro covarde que virara poeta) de intrometer-se no assunto.

– Se Vossa Majestade quiser, posso convencer o Lobo Noturno a vos servir – disse o poeta.

– Não é preciso – disse o rei, com um aceno de mão. – Mais cedo ou mais tarde o Lobo Bastardo curvará também a cerviz diante de mim. Todos o

fizeram, ele também o fará.

Mas como Aulvir insistisse, o rei terminou autorizando-o a ir negociar com Úlfr.

– Faça como achar melhor – disse o rei, pegando imediatamente no sono.

Assim que amanheceu, Aulvir foi fazer uma visita ao velho Lobo.

– Caro Úlfr, se optar por servir ao rei, receberá dele grandes honras, pois o rei Harold é o mais generoso dos reis. Mas também, na mesma proporção, ele sabe ser terrivelmente vingativo. Se ousar recusar sua proposta, ele vai desencadear tal desgraça na sua família que tudo isso vai parecer uma maldição de Hel.

Pela primeira vez, então, desde o começo deste vaivém de mensageiros, Úlfr sentiu-se realmente aborrecido.

– Juro pelas tranças de Freya que eu pensei que este filho da puta peludo já tivesse entendido a minha resposta! – exclamou Úlfr ao poetinha. – Diga ao seu senhor que se ele insistir com este assunto eu vou perder de vez a paciência. Meu filho Grim e eu jamais o serviremos, deu para entender?

– E quanto ao seu outro filho, Thorolf?

– Está em viagem, e eu não respondo por ele, já que está bem crescidinho! Diga ao rei que não sou seu inimigo, mas tampouco seu servo. Os homens que dependem de mim buscarão sua amizade, e eu seguirei governando como seu representante, da mesma maneira como era com o rei anterior. Depende apenas dele que as coisas continuem em paz.

No caminho de volta Aulvir converteu, por conta própria, este novo “não” peremptório num “talvez” esperançoso.

– Úlfr, alteza, manda dizer que lhe enviará em breve seu outro filho, Thorolf, que está viajando no momento.

O Peludo agradeceu-se razoavelmente.

– Thorolf? Sim, já ouvi falar muito deste viking, um guerreiro e navegador valoroso! Muito bem, vamos aguardar o retorno dele para concluirmos este assunto!

O rei se acalmou, finalmente, e partiu para Sogn, onde esteve até o começo do outono.

* * *

Não tardou muito para Thorolf retornar das suas viagens e ir correndo ver o seu pai. Em determinado momento a conversa girou em torno da proposta do rei Harold.

– O que ele queria, afinal? – perguntou Thorolf, curiosíssimo.

– Queria que eu e Grim nos colocássemos à sua disposição. Como nos recusamos, pediu por você.

– *Eu?!* – disse o jovem, com os olhos brilhando. – E o que você respondeu?

– Que você decidiria, assim como eu e seu irmão já o fizemos.

Nos olhos do velho havia a recomendação implícita de que Thorolf decidisse o mesmo que ele. Thorolf, no entanto, estava encantado com a ideia de ver-se cooptado pelo poderoso rei.

– Bem, acho que o servir não seria nada mau, afinal!

– *Seria totalmente mau!* – rugiu Úlfr, num repente furioso. – Um filho de Úlfr não se submete a ninguém!

Então Thorolf, levando ao extremo o conselho do pai, decidiu não se submeter ao próprio Úlfr:

– Ora, mas que mal há em servir a Harold, o Peludo? Estou disposto, sim, a servi-lo, pois ouvi maravilhas a seu respeito! Dizem que ninguém é mais generoso com aqueles que o servem fielmente!

Algo parecido com o impacto de um aríete explodiu no rosto de Thorolf, nem bem ele terminara de falar. Após chacoalhar a cabeça, pôr-se novamente em pé e, ao descobrir finalmente o que fora aquilo, ele exclamou:

– Por que fez isso, meu pai...?

– Preciso dizer? – respondeu o Lobo, ainda com o punho cerrado.

Thorolf moderou o tom da voz, mas insistiu no seu propósito.

– Nunca houve um rei tão forte e admirado em toda esta região, meu pai! Ele distribui riquezas e honras em abundância, e sua corte é formada por nobres vikings que não se sentem humilhados por prestar-lhe vassalagem!

Úlfr começou a arremessar o punho outra vez, mas foi detido pelo braço de Grim, seu outro filho.

– Calma, meu pai, ouçamos o que Thorolf tem a nos dizer!

– Já ouvi o bastante! – bufou o velho.

Então Thorolf resolveu apelar para a superstição.

– Meu pai, todas as feiticeiras tem sido unânimes em dizer que sofreremos

por culpa do rei, e que ele se tornará nosso inimigo implacável. Se não gosta dele, deveria, então, ter lutado contra ele antes que atingisse o poder de que hoje dispõe. Ser inimigo de Harold, nos dias de hoje, é uma insensatez total!

– É claro que sei disso! Por que acha que me recusei a ir combatê-lo quando o rei anterior me convocou para fazê-lo? Não desejo tornar-me seu inimigo, mas tampouco lamber o seu machado!

– Com Harold não há meio termo, meu pai. Ou você o serve incondicionalmente ou torna-se para sempre seu inimigo. E todos aqueles que ousaram tornar-se seu inimigo estão hoje nas profundezas de Hel.

– Para mim basta – disse Úlfr, ao ver que nada demoveria o filho do seu intento. – Faça o que achar melhor.

Úlfr levantou-se, ao mesmo tempo pesaroso e resoluto, sabendo que este fora apenas o prelúdio de sangrentas batalhas.

IV

Os filhos de Hildirida

Num certo outono, o velho barão Bjorgolf, homem viúvo e muito rico, foi a um banquete em Torgar. Ali ficou conhecendo uma bela jovem chamada Hildirida, filha de Hogni, homem riquíssimo também, mas plebeu.

Quando chegou a hora de beber em duplas, como era costume nestas festas, o velho teve a sorte de sentar exatamente ao lado da bela Hildirida. O velhote bebeu ao seu lado, e porque ela lhe deu, a certa altura, algo assemelhado a um sorriso, ele saiu dali completamente apaixonado.

O barão voltou para casa, onde morava com o filho, a nora e o neto Bard, que já era um belo jovem.

– Irra, que cabeça-dura! – disse ele, completamente transtornado. – Como farei agora para casar-me outra vez? Quem haveria de dizer que a flor do amor iria voltar a brotar neste coração outonal?

O velhote havia cometido a tolice de, recentemente, ter renunciado aos seus bens em favor do seu filho.

– Certamente que o garotão não vai gostar nem um pouco de repartir o que já é seu, caso eu venha a ter um filho desta nova união!

De qualquer modo, logo no dia seguinte, ele juntou vinte homens do seu séquito e foi buscar para si aquela jovem adorável que, com um único sorriso, lhe retirara das costas quarenta anos de vida.

Não foi nada difícil convencer o pai da garota a cedê-la. Por uma módica quantia a bela Hildirida passou às suas mãos encarquilhadas, e logo o casal voltava para Torgar para passar a lua de mel.

Mas como filho e nora geralmente não combinam com mulher nova de pai velho, logo se estabeleceu a discórdia debaixo do teto do velho Bjorgolf.

– Que ideia é essa de nos misturarmos a plebeus? – disse Brynjolf, seu filho, fuzilando a bela Hildirida com um olhar colérico. – Sua nova esposa viverá mais três vezes o que lhe resta de vida!

Bjorgolf, com o resto de autoridade que ainda possuía na casa, conduziu a jovem esposa até o seu lugar na mesa, e ordenou que se fizesse silêncio.

A jovem sentiu-se corar de ira e vergonha, cada vez que olhava ao redor de si. O ostensivo desprezo com que fora recebida feriu-a cruelmente, e um ardente desejo de vingança cresceu por debaixo dos seus seios voluptuosos.

– Não tardará para que eu receba cem vezes mais o que o meu pai recebeu para ceder-me às mãos deste velho caquético! – jurara ela a si mesma desde o instante em que a união se consumira.

Seu velho esposo tinha na mão trêmula um chifre repleto do licor dos deuses. Assustada, a bela Hildirida o impediu de tomá-lo.

– Meu amor, vá com calma! Ainda temos muitas coisas deliciosas a fazer! – sussurrou-lhe ela ao ouvido.

O velhote sentiu uma cocegazinha divina na orelha produzida pelo hálito floral da jovem esposa, e sentiu que isso valia tudo quanto de ruim tivesse de enfrentar por conta da sua decisão de casar-se outra vez.

Hildirida, depois de casada, consultou todas as catadoras de ervas da região para conseguir fazer a virilidade do velho barão voltar a funcionar, pois urgia extrair, o quanto antes, um herdeiro daquelas “cisternas secas”. E o negócio deu resultado: depois de verter para dentro do estômago do velho algumas pipas de chás, conseguiu finalmente engravidar, e, em menos de um ano, já tinha nos braços um moleque sardentinho chamado Harek.

No ano seguinte, ela teve mais outro moleque ferruginoso, chamado Haerek, e no terceiro ano ela livrou-se finalmente do estafermo do velho, pois ele morreu. Enquanto o funeral se desenrolava, ela só podia pensar numa coisa: que dois filhos certamente já eram o bastante para poder entrar na posse de uma bela herança.

Mas o seu enteado Brynjolf logo lhe provou que a coisa não seria tão fácil assim.

– Pegue suas trouxas e seus bastardinhos e desapareça daqui! – disse ele, logo depois da cerimônia fúnebre. – Não lhe darei uma moeda da herança, pois sou o herdeiro único dos bens do meu pai!

Sozinha e indefesa, Hildirida capitulou no mesmo instante.

– Muito bem, eu vou – disse ela, de cabeça erguida. – Mas juro por todos os deuses que, mais cedo ou mais tarde, esta herança maldita retornará às mãos dos meus filhos!

Brynjolf exibiu, satisfeito, uns dentinhos tortos e moles ao descobrir que toda oposição que poderia esperar daquela impostora se resumia a uma simples bravata. Então, aproximando bem o seu hálito fecal, despediu-se da

rival derrotada com este remoque cruel:

– Isso, rameira, percorra com os bastardinhos todos os corredores de Asgard! Tempo não lhes faltará!

À luz dos archotes, Hildirida viu os dentinhos de canjica de Brynjolf praticamente desaparecerem para dar lugar a dois palmos de uma gengiva roxa e salpicada de aftas brancas e redondas como cabeças de alfinetes.

E este arreganho equino foi a última visão que a bela Hildirida teve, naquela casa, do seu odioso enteado.

De volta ao seu antigo lar, na casa paterna, a jovem viúva criou os seus sardentinhos folgadamente, pois era a herdeira única de Hogni, seu pai.

Os “filhos de Hildirida”, como eram chamados, cresceram na abundância e no ódio aos parentes de seu pai.

* * *

Vejamos agora como as coisas evoluíram no clã de Brynjolf.

Brynjolf teve um filho chamado Bard. Este Bard apaixonou-se, certa feita, por uma certa Sigridr, filha de Sigurd, um barão riquíssimo que vivia na ilha de Alost.

Além de alto, forte, jovem e belo, Bard era herdeiro da fortuna fabulosa de seu pai Brynjolf, o que lhe deu a certeza de ser o melhor partido possível para a bela Sigridr. Depois de preparar um barco com uma tripulação de trinta homens, Bard viajou até a ilha de Alost, a fim de pedir ao barão a mão da belíssima herdeira.

Suas pretensões foram muito bem recebidas pelo velho barão. Ele já conhecia Bard desde quando este passava por lá para arrecadar o tributo finlandês, junto com seu pai Brynjolf. A proposta foi aceita e logo o hidromel correu de mão em mão, para brindar os futuros noivos, que se casariam no verão.

No começo do verão, entretanto, o pai de Bard foi convocado pelo rei Harold para ir ter com ele.

– Vamos juntos, meu filho – disse ele a Bard. – É uma boa oportunidade para que o rei o conheça.

O rei recebeu a ambos efusivamente. Brynjolf ganhou magníficas recompensas por declarar sua fidelidade. Além de receber o direito de

comercializar na Finlândia e o direito de arrecadar o tributo, também recebeu o governo de uma boa província. Feliz da vida, Brynjolf voltou para casa, mas Bard foi convidado para entrar na corte do rei e ele aceitou. Foi tão bem tratado que teve o privilégio de sentar nos bancos altos, entre Aulvir e os demais poetas, onde conheceu o arquivelho Audun III, um *skald* que tinha sido poeta de Haldfan, o Negro, pai do rei Harold.

Certa feita, estavam todos reunidos no salão real quando foi anunciada a chegada de Thorolf, o filho de Úlfr.

– Está vendo, Majestade? – disse Aulvir com um largo sorriso de satisfação que lhe iluminou a barba ruiva. – Tal como vos disse no verão passado, quando lá estive, Kvelúlfr vos envia o filho. Ele prometeu e cumpriu e agora pede que Vossa Majestade receba o seu filho com honras e o torne uma pessoa importante e influente.

– Se a sua lealdade for proporcional ao seu tamanho, não tenha dúvidas de que assim farei – disse o rei olhando para o gigante Thorolf e indicando-lhe assento entre Aulvir e Bard.

Logo os três começaram a conversar e se tornaram grandes amigos.

Quando chegou o verão, Bard, o Branco, disse ao rei:

– Majestade, estou muito honrado em fazer parte da sua corte, mas peço permissão para viajar, e ir me casar com a filha do barão Sigurd, conforme prometi a ele.

– Permissão concedida, e que bons ventos o conduzam até lá! – disse o rei amavelmente.

Bard pediu, também, para levar o filho de Úlfr consigo.

– Gostaria de apresentar Thorolf a meus parentes do norte – disse Bard.

Harold também consentiu com um longo e satisfeito aceno de barbas, e logo Bard e Thorolf partiram para lá.

Assim que chegaram, mandaram na frente alguns homens para anunciar a sua chegada.

– Digam também que vim para buscar minha noiva! – disse ele, alegremente.

Bard e o amigo foram bem recebidos e o casamento do primeiro foi marcado para dali a poucos dias, em Sandness, no norte, onde seria celebrado com uma grandiosa festa.

– Finalmente chegou o dia! – exclamou Bard, ao acordar no dia das

núpcias, com a boca nas orelhas e o coração batendo forte no peito.

Aprontaram-se os dois amigos e foram para a festa acompanhados de toda a parentada e uma multidão de nobres e curiosos de toda laia. Thorolf estava encantado, não só pela noiva que achou bela e inteligente, como também pela magnificência da festa e pela qualidade das pessoas ali presentes.

Depois do primeiro chifre de hidromel, porém, a admiração de Thorolf evoluiu rapidamente para a inveja.

“Eu é que deveria estar casando com esta mulher!”, dizia a si mesmo babando hidromel.

Após a lua de mel, Bard e Thorolf voltaram a seus afazeres na corte de Harold. Estavam ali já há algum tempo quando Bard recebeu a notícia de que o seu pai havia falecido. Após pedir permissão ao rei, retornou às suas terras para tomar posse da herança, não sem antes receber das mãos do rei o mesmo título de Barão que fora de seu pai.

Ao chegar para as exéquias do seu velho pai, Bard ficou sabendo que sua esposa Sigridr estava nos últimos dias de gravidez. Logo nasceu o bebê a quem foi dado o nome de Grim.

Enquanto isso, Hildirida – a madrasta de Brinjolf que fora expulsa de casa após a morte do esposo com seus dois filhos pequenos – estava muito doente, e foi num estado de quase-morte que recebeu a notícia do falecimento do seu enteado. Após chamar os dois filhos Harek e Haerek, pediu-lhes:

– Meus filhos, quero que jurem por Odin e pelo filho de Balder de que não terão ou concederão a paz até que a herança do vosso pai chegue às vossas mãos!

Os dois filhos, agora dois homens ruivos e barbudos, assim juraram no leito de morte da mãe. Ambos estavam tão pálidos e entristecidos que até as antigas sardas haviam desaparecido dos seus rostos.

V

A promessa cumprida

Já se iam dez anos desde que o rei Harold fizera a promessa diante de Gyda de não cortar e pentear o cabelo até conquistar todos os reinos da Noruega. O seu cabelo já estava tão comprido e desgrenhado que de costas ele parecia uma bruxa e de frente um anão.

Todos os dias Gyda acompanhava o evoluir das sangrentas conquistas.

– O Peludo já conquistou quase todos os reinos, e não tardará a pedir a sua mão! – noticiavam-lhe as suas amigas invejosas, como a dizerem: “Bem feito, já não tarda a sua hora!”, embora seus rostos afetassem uma preocupação solidária de amigas-mais-que-amicíssimas.

– *Quase* todos os reinos ainda não são *todos* os reinos – respondia Gyda, mais se consolando que respondendo.

Então uma voz categórica, modulada num timbre do mais puro sadismo, triturava como se fosse com o pé esta frágil borboleta da esperança.

– Sinto muito, Gyda querida, mas aqui não há lugar para ilusões! Pode estar certa de que o seu casamento se realizará logo: o seu futuro esposo é um monstro cumpridor de promessas! É questão de semanas, ou mesmo de dias!

Enquanto isso, o rei-monstro persistia em sua campanha, organizando expedições guerreiras, uma após outra. Ao saber que um grande exército havia se reunido em Agdir, Rogaland e Hordaland, e em muitos outros lugares do interior do país, a fim de organizar uma severa resistência aos seus ataques, Harold convocou imediatamente Thorolf e Bard e partiu com eles em seu drakkar de guerra, à frente de uma grande frota. Junto com eles estavam também Aulvir e os doze *berserkers* do rei.

No sul de Rogaland travou-se o combate. O rei Harold, também dito Cabelo Bonito, estava na linha de frente e disputou ali a sua melhor e mais dura batalha – e isso queria dizer muito sangue, matança e destruição.

Morreram reis e morreram condes, e houve heróis e houve fujões, como é de praxe em todas as batalhas. (Um dos que fugiu foi um certo Rico, que

levou consigo todo o seu exército de sobreviventes.) A extensão da carnificina só pôde ser avaliada em sua real dimensão ao final da batalha, quando os sobreviventes não podiam dar dois passos sem tropeçar em mãos, braços, pernas e cabeças, verdadeiras pedras de tropeço macabras espalhadas pelo caminho dos vitoriosos. Thorolf descobriu-se todo pintado de vermelho, dos pés à cabeça, e apalpava-se todo para saber se aquele sangue era dele ou apenas um magma do sangue daqueles que ele abatera. Não, dele mesmo havia apenas um ferimento superficial no antebraço, constatou aliviado, sentindo o sangue alheio coagulando-se no rosto e repuxando-lhe a pele como uma máscara de lodo.

– E então, meu bravo jovem, que tal se saiu? – disse-lhe O Peludo, com sangue até pelos dentes.

– Espero ter cumprido o dever para com o meu rei – balbuciou o jovem, no tom mais confiante possível, enquanto a máscara rubra rachava e estalava na sua face.

Também estavam vivos e inteiros os doze *berserkers*, que pareciam estar ali apenas para confirmar a crença viking acerca da sua imunidade às lanças de ferro. (Talvez grande parte da sua imunidade se devesse à própria crença, já que o inimigo raras vezes ousava atacar, de qualquer modo que fosse, um destes homens-feras.)

Bard, porém, não tivera a mesma sorte dos demais, e fora encontrado às portas da morte.

Thorolf lamentou a má sorte do amigo, ao mesmo tempo em que lembrava da pobre viúva. (“Eu é que deveria estar casando com esta mulher!”, relembrou seu próprio dito, pronunciado na noite do casamento.)

Com um pé em Midgard e outro no Valhala, Bard disse ao rei, assim que este chegou:

– Já ouço o chamado das valquírias, alteza! Por isso vos peço que ouça meu testamento.

O rei assentiu, enquanto o moribundo, tornando-se rapidamente roxo, continuou.

– Quero que minha herança vá para as mãos de Thorolf, meu leal companheiro. Tal como as riquezas, quero entregar-lhe também minha esposa e o meu filho, para que cuide de ambos.

Thorolf acompanhou as palavras do amigo moribundo de olhos baixos, e

só tornou a erguê-los quando o rei declarou cumprida a sua missão.

– Aproxime-se, jovem, pois pouco tempo lhe resta ainda para desfrutar da presença de um verdadeiro amigo.

“Bem, esta é a vida”, pensou ele, ao ver Bard vomitar sua última bacia de sangue antes de cerrar para sempre os olhos. Thorolf acreditava que nada consolava mais do que os próprios fatos, por mais tristes que eles fossem.

E quando deles se podia extrair algo de favorável – bem, então a coisa ficava ainda mais fácil.

* * *

O rei mandou enterrar os mortos, curar os feridos e presenteou pessoalmente os vitoriosos – ou seja, os nobres –, um por um, com riquezas e honrarias. Distribuiu elogios com generosidade a Thorolf e aos doze *berserkers*. Acrescentou honras e nomeou capitães de barco aos que estavam nas amuradas.

A partir deste dia vitorioso, o rei Harold não encontrou mais resistência alguma em suas conquistas.

Após tratar do seu ferimento e gozar de um bom descanso, Thorolf sentiu-se novo em folha. Herdeiro universal de Bard, permaneceu na corte com o rei, gozando de sua magnífica reputação e *status*, até a chegada do verão, quando resolveu, finalmente, partir em busca da sua maravilhosa herança.

Nomeado barão pelo rei, Thorolf recebeu o direito de comercializar na Finlândia, o mesmo direito do qual desfrutara Bard nos anos felizes de sua curta existência.

Mas não foi só isso. Harold presenteou-o também com um magnífico barco para que ele pudesse chegar mais rápido até as terras da sua nova esposa, a viúva do indigitado Bard.

“Bard está morto!”, pensou Thorolf, como fazia sempre que ouvia falar na viúva desamparada. Era inevitável, ele simplesmente não podia impedir-se de pronunciar a si mesmo esta frase, às vezes com este acréscimo ainda mais deleitoso: “Morto para sempre!”.

– Agradeço, alteza – disse ele, afinal, emergindo da sua auto-hipnose ególatra. – Não posso deixar a ex-mulher de Bard (“ex-mulher”, palavra abençoada!) sem notícias do marido.

Thorolf partiu o mais rápido possível no seu barco novo, o mesmo barco mercante que deveria utilizar para esfolar os finlandeses nas suas futuras expedições comerciais. (Sim, que aqueles grandalhões guardassem: Thorolf não iria lá para visitinhas, nem para ser tapeado, mas para escorchá-los!)

Estava-se agora em alto-mar. O barco mercante estalava de novo e a madeira do piso recendia ao aroma penetrante do alcatrão. Thorolf observou como o vau era mais largo que o dos navios de guerra, certamente a fim de acomodar com mais folga a carga valiosa. Fingindo deixar cair algo ao chão, ele abaixou-se para aspirar, com mais intensidade, o aroma do alcatrão. Suas narinas, duas crateras dilatadas e repletas de pelos rijos como lanças, aspiraram o aroma inebriante das viagens.

“Sim, senhores, este é o verdadeiro aroma da felicidade!”, pensou ele, num orgasmo nasal.

Pondo-se em pé outra vez, Thorolf começou a filosofar de alegria.

A vida era maravilhosa, sim senhores, quem dissera que não?

Um ódio mortal aos pessimistas brotou, então, do seu coração em regozijo. Estas criaturas negras estavam no mundo apenas para impedir que ele, Thorolf, desfrutasse mais vezes desta sensação esfuziante! Mentiam os que maldiziam a vida! Não passavam de sapos – os sapos do brejo infeliz!

Encantado com este achado, Thorolf deixou escapar uma gargalhada.

– Os sapos do brejo infeliz! – repetiu, num grito, vaidoso da sua invenção.

Cabeças voltaram-se na sua direção. Thorolf teve ganas de dizer-lhes: “Algo os perturba, amigos sapos?”.

Na terceira vez, porém, o gracejo, esfalfado pela repetição, já não lhe pareceu tão original, e o sorriso congelou-se nos seus lábios. Pouco disposto a admitir fracassos no seu grande dia, Thorolf sacudiu vivamente a cabeça e respirou fundo outra vez. Ele estava ao lado do mastro e sentia o perfume das resinas ainda vivas e estuantes no interior do tronco o inebriar outra vez.

Ah, senhores, este perfume...! Isso, sim, era a vida...!

Neste ponto a sua felicidade exigiu uma segunda presença humana, não para ver-se repartida, mas meramente espelhada.

– Contramestre, venha cá! – disse ele, num tom encantadoramente cordato.

O sujeito se apresentou servil e sorridente, e só não abanou o rabo porque a evolução, alguns séculos antes, já o privara do adorno.

– Explique-me todos os detalhes do meu novo barco – disse Thorolf, num tom amistoso.

O contramestre explicou cada detalhe da nau, numa descrição esmiuçada de tudo, até mesmo dos cordames, que Thorolf escutou encantado, interrompendo mil vezes a explanação pedante com perguntas propositadamente cretinas, até a conversa derivar, outra vez, para o vau da carga.

– Mas e nos dias de intempérie, bom amigo, vai a carga assim desprotegida? – perguntou Thorolf, com um ar de palermia total destinado a lisonjear ainda mais o chulé mental do interlocutor.

– De forma alguma, grande senhor! Em tais ocasiões protege-se a carga com couros! Com couros impermeáveis!

Então a alegria de Thorolf explodiu num histerismo grotesco e totalmente desproporcional.

– Ah, ah, ah! Claro, a lona de couro! – exclamou Thorolf, num espalhafato tão grande que outra vez as cabeças voltaram-se apalermadas na sua direção.

Aproveitando o instante de intimidade privilegiada com o grande homem, o contramestre tomou um ar grave e achegou-se-lhe ainda mais, a ponto das suas halitoses fundirem-se numa só.

– A verdade, grande senhor, é que a proteção destina-se exclusivamente à carga. A tripulação (o senhor sabe, a ralé das velas e dos remos), esta, naturalmente, não goza de proteção alguma! – confidenciou o contramestre, deixando bem claro que este era um privilégio reservado somente a eles dois, *os do comando*.

Neste ponto, porém, Thorolf assombrou o homem com uma explosão de ira totalmente imprevista.

– Ora, a tripulação! Que chafurde inteira!

Pálido como o coelho enterrado na neve, o contramestre deslizou instintivamente um pé para trás, enquanto o capitão continuava a ferver a sua bile.

– Forte despropósito! Então haveria de gastar lonas de couro com a matula também? – disse Thorolf ao contramestre, quase acusativamente.

Num espasmo de egoísmo proprietário, Thorolf olhava iradamente para os lados, suspeitando já sedições e revoltas, até o instante em que a sua ira voltou-se contra o próprio bajulador. Fim, já bastava de conversas e risotas! Aí estava o que se ganhava com simpatias! Com a corja o que valia sempre era o chicote e o machado!

Thorolf expulsou rudemente o ente subalterno, voltando a saborear a sós o

seu egoísmo feliz, até a nau finalmente chegar à costa onde habitava a viúva. Após desembarcar, foi em busca da casa onde ela vivia, louco para saber como ela estava, nem lhe passando pela cabeça cogitar se engordara ou não desde o maldito casamento, pois vikings adoravam as mulheres deliciosamente rechonchudas. Estaria ainda igual a bela Sigridr?

Pelo caminho desviava maniacamente os olhos das mulheres do povo, verdadeiras leitoas brancas com um cacho de pirralhos ranhentos dependurados. Ao mesmo tempo, relembrava os maus pressentimentos do seu pai quando ele anunciara seu propósito de ir servir o rei. A verdade, concluiu, aliviado, é que nem sempre os pais acertavam.

“Os pais são umas bestas!”, pensou ele, de repente, apertando o passo para ir apossar-se da sua felicidade.

Afinal de contas, quando é que ele teria a chance de abocanhar tamanhas riquezas se não tivesse entrado para a corte do rei Harold? E aquela mulher casada e desejada que agora lhe caía no regaço como um presente dos deuses? Se não tivesse entrado para a corte jamais a teria conhecido! Sim, que tremendos bobocas os pais!

Thorolf não conseguia lembrar onde era a casa de Bard. Então perguntou ao primeiro sujeito que avistou, um ferreiro carregado de correias e fivelas.

– Eia, bronco! Para que lado fica a casa de Bard?

O sujeito indicou, mas ao chegar lá descobriu que a viúva não estava.

– Está na casa do senhor seu pai – disse a caseira vesga, olhando fixamente para o cavalo do recém-chegado.

– Onde fica?

– Praqueles lados – disse ela, apontando para o cercado dos porcos.

– Vamos! Com este estrupício não se consegue nada!

Thorolf perguntou mais cinco vezes e, depois de fazer um cálculo mental aproximativo das cinco direções diferentes que lhe foram dadas, achou finalmente o lugar.

Thorolf apeou e foi recebido pelo barão com mostras de grande prazer.

– Bem vindo, você é o amigo do meu genro Bard, não é?

Sim, ele era amigo do seu genro Bard.

– Ele veio consigo?

Irra! O velho ainda não sabia de nada! Thorolf enterrou as unhas nas palmas das mãos. Antes de apossar-se de tudo, teria de assistir a uma repugnante cena de lágrimas!

– Não, Bard não veio, nem tornará a vir, meu senhor. Ele está morto – disse Thorolf, sem rodeios nem floreios, ao modo franco dos vikings.

– Bard... *morto*?!

– Morto, meu senhor. Não torne a perguntar-me, pois não poderia repetir.

Começara a cena. Thorolf teve de explicar todos os passos da tragédia enquanto espreitava a mesa repleta das mais finas iguarias. De um instante para o outro ela convertera-se numa espécie de altar sagrado e intocável, ao qual a dor e o luto impediam qualquer aproximação.

Passado o trauma da revelação, Thorolf apresentou o documento no qual Bard expressava a sua última vontade.

– Quer dizer que todos os bens... e minha filha... e meu neto... *são agora seus*? – balbuciou o velho barão.

– Conforme a vontade expressa de Bard e de Sua Majestade – disse Thorolf, laconicamente.

Sigridr, informada da desgraça nos seus aposentos, surgiu um pouco depois, muito mais serena do que seria de esperar. (Não, ela não mudara absolutamente nada, nem envelhecera um dia sequer, Freya toda-poderosa!). Sigridr lamentara, decerto, a morte do esposo, um homem justo e cordato, e que jamais lhe batera (o que, em se tratando de maridos vikings, era algo digno de nota), mas a verdade é que ao saber das intenções de Thorolf ela sentira-se também extraordinariamente aliviada: felizmente, não permaneceria viúva, nem seu filho se tornaria um órfão!

Quando a dor e o luto deram uma trégua, a mesa dionisíaca foi finalmente liberada e todos se lançaram a ela num despudor total de vivos – graças aos deuses eles ainda respiravam e podiam comer e arrotar à vontade!

Sigridr, mais tarde, conversou com Thorolf acerca dos últimos momentos de seu marido. Importava muito saber se ele morrera com honra, disse ela.

– Bard morreu como um verdadeiro nórdico – asseverou Thorolf.

Ao ver os olhos da jovem brilharem de emoção, ele acrescentou:

– Lutei junto com ele, e sofri ferimentos muito parecidos e que quase me impediram de estar hoje aqui para cumprir o encargo que ele tão generosamente me outorgou.

– Vê isso como um encargo, senhor Thorolf? – disse ela, olhando-o fixamente nos olhos.

Thorolf viu uma vaga centelha chispar nas profundezas abissais daqueles

olhos.

– O mais nobre e, permita-me também dizer, mais prazeroso encargo – respondeu ele.

Sigridr deu-se por satisfeita com a resposta.

– Senhor Thorolf, crê mesmo que meu esposo esteja a estas horas nos braços das valquírias, nos salões superlotados do Valhalla?

Thorolf embatucou.

– Muitas vezes meditei acerca disso – continuou ela, sem aguardar resposta. – Como poderão estas criaturas dar conta de tantos vikings insaciáveis, sendo elas apenas nove?

– Certamente que tudo isso não passa de uma grande tolice, minha senhora – respondeu Thorolf, meio desconcertado. – Por que isso a incomoda?

– É como lhe disse – tornou a jovem viúva. – Se for mesmo verdade, é bem possível que Bard esteja, digamos, a esta altura, a desfrutar de alguma destas criaturas. Não crê nisso, então? Ou vai-me dizer que é um cristão?

Thorolf desconversou outra vez.

– Quero saber se me aceita como seu novo esposo. A mim agradou-me muito a ideia de tê-la como esposa.

– Talvez quisesse agradar apenas a Bard – disse ela, num meneio recriminativo. – Ou mesmo ao rei.

– Permita dizer, encantadora senhora, que já no dia das suas primeiras núpcias tal ideia seduzia-me poderosamente – disse ele, ousando tudo.

Diante desta revelação trepidante, Sigridr enrubesceu violentamente.

– O que dizes para aí? – tartamudeou ela, de olhos baixos.

Temeroso de tê-la ofendido, Thorolf recuou.

– Perdão, esqueça meus disparates – disse ele, atarantado.

– Jamais esquecerei tais doces disparates – retorquiu ela, ainda de pálpebras arriadas.

– Bard pediu-me que cuidasse de você, e eu o farei a qualquer custo, pois nunca quis outra coisa!

– E quanto ao meu filho? – disse ela, erguendo subitamente os olhos para estudar cada movimento facial do futuro provedor.

Thorolf viu por dentro dos olhos da viúva o olhar penetrante da Natureza, ávida de proteger a prole. Por isso, nem por um instante cogitou de dizer outra coisa senão o que disse logo em seguida:

– Seu filho será como meu próprio filho.

A Natureza acalmou-se e Sigridr sorriu, enquanto Thorolf suspirava aliviado. Faltava pouco, agora, para encerrar-se a estopada dos conchavos pré-matrimoniais.

Ao chegar à sala, Thorolf, em poucas palavras, pediu ao velhote a mão de Sigridr.

– Eu aceito e fico muito contente – disse o barão. – E você, o que acha, minha filha?

– Vejo que muitas vontades concorrem a favor deste matrimônio – disse ela, com um ar inesperadamente carrancudo. – Em primeiro lugar, porque o rei o deseja; em segundo lugar, porque meu pai também o deseja; em terceiro lugar, por que Bard também o desejou; e, finalmente, porque o senhor Thorolf também o deseja.

– E você, minha filha, também o deseja?

Sigridr fez um sim relutante com a cabeça, pois convinha mostrar-se discreta num dia como aquele, em que o luto misturava-se tão contraditoriamente com a alegria. Ela aceitou Thorolf com a mesma resignação com que aceitara Bard e com a qual aceitaria o próximo marido a partir do instante em que Thorolf tombasse em alguma outra batalha.

A verdade é que todos os vikings pareciam-se extraordinariamente uns com os outros. “No escuro todos os vikings são iguais”, pensou ela, olhando para as mãos de Thorolf, que mais pareciam patas de urso, enquanto ele entornava o chifre de hidromel.

O barão marcou o casamento para o outono.

– Que tal acha? – disse ele a Thorolf, com a cerveja a gotejar da barba grisalha e amassada.

– Por mim está ótimo! – disse o filho de Úlfr, sorrindo pela primeira vez desde a sua chegada.

* * *

Enquanto aguardava o dia do seu casamento, Thorolf voltou para a fazenda do seu pai, o velho Lobo Noturno, e ficou ali com seus homens até a data marcada.

– E então, meu pai turrão, o que me diz disso tudo? – disse ele, ao relatar todos os seus sucessos. – Fiz bem ou não em seguir a minha vontade, indo

servir o rei Harold?

Num gesto largo, Thorolf mostrou as transbordantes arcas de tesouros que trouxera consigo.

– O futuro dirá quem estava com a razão – disse Úlfr, incapaz de dar a mão à palmatória a quem quer que fosse, especialmente aos filhos, a quem convinha tratar sempre, em sua casa, de “alarves”.

Thorolf, porém, como todo filho imaturo, queria a todo pano ver-se tratado de sabichão.

– Vamos, meu pai, admita que seu filho não se assustou com bruxarias e saiu-se cem por cento vencedor! Prepare-se para saborear o maior banquete da sua vida! Não há rei algum que possa se vangloriar de ter tomado parte num banquete igual ao que o senhor irá tomar parte!

Thorolf convidara para as bodas todos os seus amigos, sem esquecer nenhum. Mas antes mesmo destes, tomara o cuidado de escolher a dedo os inimigos, pois dali é que sairia o seu real prazer. Aos amigos o seu triunfo causaria uma boa inveja, é certo, mas nada que se comparasse ao efeito provocado nos inimigos. A estes seria como cravar-lhes uma adaga de gelo no coração, torcendo-a lentamente ao longo de toda a noite!

Quando finalmente chegou o dia das bodas, Thorolf viajou até a terra de sua noiva, levando em seu novo barco toda a tropa dos convidados – parentes, amigos e inimigos – irmanados todos no mesmo propósito de se refocilarem às custas da generosidade do noivo, que naquele dia foi tratado de honorabilíssimo, nobilíssimo, generosíssimo e outras tatuagens verbais que, já no dia seguinte, a ingratidão, num único sopro, instantaneamente removeu.

A festa, por sua vez, não deixou nada a dever a toda a expectativa que se criara (pelo menos até o seu final, quando as pessoas, saciadas até o nível do embrutecimento, sempre encontram algo do que reclamar). Consumiu-se milhares de barris de cerveja, dezenas de vacas, javalis, lebres e toda espécie de mamíferos palatáveis ao gosto nórdico. Até o ano e as estações haviam sido generosos com Thorolf, prodigalizando-lhe uma excelente colheita, que bastou para entupir as mesas de cereais, frutos e vegetais de toda espécie.

A este outono de festa seguiu-se, porém, um inverno de luto, no qual o pai de Sigridr faleceu.

Era a vida, como dizia sempre o bom Thorolf ao referir-se à morte. Menos mal que o desaparecimento do sogro fizera acrescentar ao seu patrimônio

uma montanha de novos bens que o ajudaram a suportar com excelente cara mais este revés imprevisto dos fatos. Aliás, devia haver algum deus das heranças em Asgard, conjecturou Thorolf, precavido, ao dar-se conta de tantos benefícios desta natureza. Convinha descobrir o desgraçado e fazer-lhe uma oferta boa, um dia destes, a fim de manter-se nas suas graças.

A ninguém, na verdade, passava despercebida toda esta sorte, ou seja lá o que fosse.

– Virgem Maria, Freya poderosa, que homem bafejado pelos céus! – diziam todos, abismados, misturando os panteões naqueles dias de transição do paganismo ao cristianismo.

Ao lado da admiração, brotara, logicamente, a inveja. Os filhos de Hildirida, por exemplo, não podiam aceitar tamanha desproporção na divisão da felicidade e da infelicidade.

– Este miserável é feliz por nós dois! – diziam os jovens sardentos, mordendo-se de inveja.

Lembremos que sua mãe Hildirida fora casada com o avô de Bard, e que eles haviam prometido à mãe moribunda reaver a herança que ela lhes garantira ser de seu direito.

– Não renunciem jamais àquela herança, compreenderam? – exclamara ela no leito de morte. – Renunciem a tudo, mas jamais renunciem àquela maldita herança!

– O desgraçado do pai de Bard era nosso meio-irmão, portanto cabia a nós a sua herança! – dizia Haerek.

– Mas o que podemos fazer se Bard fez de Thorolf seu herdeiro universal com a anuência do rei? – argumentava Herek, seu irmão. – Podemos ir contra os demais, mas podemos ir contra o rei?

Por Haerek eles podiam ir contra o próprio Odin bastardo, se fosse o caso.

– Eu quero o que é meu e que pereça todo o resto!

Se tivesse de apressar o próprio Ragnarök – o apocalipse viking que porá, um dia, um fim ao mundo –, ele não hesitaria em descer aos calabouços de Hel para libertar Loki das suas amarras e dar início de uma vez à barafunda.

– Que Forseti e o filho de Balder nos resguardem! – lamentou-se Herek.

– Outros bastardos! Da curriola de Asgard não se espera mais nada! – rugiu Haerek.

– Por favor, Haerek, não blasfeme! – gemeu Herek, que, talvez por ter uma letra a menos no nome, era menos exaltado.

– Quando os deuses atenderem nosso pleito, deixarei de blasfemar!

– Basta de lamentações! Precisamos resolver isso de uma vez por todas! Vamos até Thorolf, que não sabe onde colocar tanto dinheiro, e mostrar que boa parte deste dinheiro que ele pensa ser só seu é nosso por direito. Vamos fazer valer a praga que rogou nossa mãe para cima de nosso meio-irmão Brynjolf, de que o seu dinheiro, mais cedo ou mais tarde, cairia em nossas mãos.

– E você acha que bastará lhe dizer isso?

– Vamos ao menos lhe dizer! Depois, se verá!

E foi assim que os filhos de Hildirida tomaram finalmente coragem para ir reivindicar o seu direito.

* * *

Thorolf escutou a ladainha inteira dos parentes rivais sem demonstrar a menor inquietação. Tratava-se, afinal, de negócios – um negócio prejudicial, decerto, mas que convinha, ao menos por enquanto, tratar como tal.

– O que sei, filhos de *Hilbiriba* (é isto, senhores?), é que tanto Bard quanto o seu pai Brynjolf foram homens honrados e da mais alta nobreza – disse Thorolf, interrompendo-os no meio da conversa. – Se vocês realmente tivessem direito a esta herança, certamente que Bard não os teria ignorado, pois era um homem justo. No entanto, nem mesmo na hora da morte lembrou-se de vocês. Isso para mim diz tudo no que se refere à legitimidade do pleito que movem contra mim. Agora, por favor, retirem-se, pois nada mais tenho a lhes dizer.

– Mas nós temos! – gritou Haerek, soprando as barbas. – Nossa mãe foi escorraçada de casa, após a morte do seu esposo, pelo tratante do enteado! Como se revelou impossível negociar qualquer coisa com este patife, buscamos uma compensação junto a Bard, filho dele, que também se negou a atender nosso pleito. Morto ele, só nos resta agora não mais pedir, mas exigir nosso direito de um homem com o qual não temos parentesco algum.

Diante dessas palavras, Thorolf resolveu engrossar de uma vez.

– Disseste bem, filho de não-sei-quem. Não tenho o mesmo sangue de vocês, logo, não lhes devo sequer atenção, quanto mais qualquer parcela dos meus bens. Desapareçam daqui antes que eu mande cortar as suas cabeças!

– Faça-o! Serão quarenta cabeças, fora a sua! – respondeu Haerek, tão furioso que as sardas ressurgiram em seu rosto como placas de sangue. Com um gesto irado, ele fez avançar a malta armada do seu séquito que se encontrava do lado de fora.

Neste ponto Herek, o irmão com uma letra a menos no nome e um grão de sensatez a mais na cabeça, intrometeu-se apaziguadoramente.

– Senhor Thorolf, os tempos são outros – disse ele. – Bem sabe que o Thing existe para que se resolvam questões desta natureza. Iremos até esta assembleia exigir nossos direitos, pois para isso existe o conselho dos sábios.

– Façam o que quiserem, matutos, desde que retirem seus pés plebeus das minhas terras!

Os filhos de Hildirida retiraram-se com a sua escolta de trogloditas ruivos, deixando Thorolf a sós com seus pensamentos. A primeira coisa que ele lamentou foi ter permitido a entrada de tanta gente nas suas terras. Se fossem somente os dois parvos, bem que teria mandado sovar-lhes as barbas com algumas boas dúzias de bofetadas!

Thorolf estava imerso nesta cena deleitosamente imaginária quando a sua esposa entrou no salão.

– Thorolf, mordendo a mão outra vez! Parece um *berserker*!

Ao perceber a entrada de Sigridr, o esposo recompôs-se rapidamente. Sua mão estava tão rijamente abocanhada que estalou ao desprender-se dos dentes.

– Sigridr, tenho de dizer-lhe algo: a segurança do seu filho, a partir de hoje, periclita!

Um frio súbito na espinha fez a jovem inteiriçar-se toda.

– O que disse para aí?!

– Estes cães que acabaram de sair daqui vieram reivindicar a herança que, por direito, pertence ao seu filho!

Sigridr sentiu ímpetos de apanhar o primeiro machado que enxergou e sair no encaço dos dois.

– Por que os deixou partir vivos? – exclamou ela, estrábica de ira.

– Calma, Sigridr, há tempo para tudo! Pode estar certa de que não permitirei que estes fundilhos cagados se apossessem de um único torrão das terras que serão um dia do nosso herdeiro!

E assim terminou aquele dia que parecia inaugurar uma série de outros de

ásperas apreensões.

* * *

Passado o primeiro enfrentamento, porém, as coisas tomaram um rumo mais pacífico, pois aos poucos a prática de se resolver as diferenças sociais através da verborreia jurídica começava a penetrar também na sociedade nórdica, relegando ao passado o velho hábito ancestral de se resolver tudo com uma boa arruaça.

Vendo tudo calmo ao redor, Thorolf decidiu que já era hora de ir passar a perna “nas bestas dos finlandeses”. Para tanto, mandou aprestar imediatamente o seu barco, levando consigo nada menos que noventa homens (quando o costume era de que os governadores de província levassem no máximo trinta).

A época por lá era de escassez, e como Thorolf nadava na abundância, não foi difícil convencer os finlandeses a lhe pagarem um alto tributo pelas suas mercadorias. Depois de praguejarem rijamente no seu apropriado idioma gutural, os finlandeses acabaram se submetendo às taxas escorchantes de Thorolf.

Depois, ele viajou pela Finnmark e, ao passar pela zona oriental das montanhas, soube da chegada dos kylfings, basicamente um bando de saqueadores, mas que também negociavam com os finlandeses.

Na condição de autoridade, Thorolf decidiu dar caça imediata a estes bucaneiros. Após desembarcar seus homens, perseguiu-os terra adentro até um povoado, onde cerca de trinta deles tinham ido se esconder. Após uma breve escaramuça, passou o machado em todos, tanto nos que reagiram como nos que se entregaram, e até mesmo em alguns simpatizantes locais dos kylfings, que se meteram a escondê-los a troco de alguns berloques brilhantes.

A verdade é que nem todos eram piratas, mas a lição vinha a calhar para assustar a concorrência.

– Quem disputa mercado comigo de algum modo é ladrão do meu lucro! – rugia ele, nas bebedeiras.

Seguindo adiante, encontrou espalhados pelas montanhas, feito ratazanas extraviadas, mais quinze kylfings, e depois mais vinte, e pescando uns aqui e

mais outros ali chegou a arredondar para cem a conta dos concorrentes mortos, “fora os coiteiros”, adonando-se, a título de recompensa, de todo o produto dos saques.

Ao terminar esta segunda e muito mais rendosa parte da sua expedição de negócios – perto da qual a esfoladura dos finlandeses foi hidromel pequeno –, Thorolf achou que já podia retornar para casa com um lucro razoável.

Thorolf esteve em sua casa em Sandness durante todo o longo inverno, tiranizando os servos e enfadando mortalmente a esposa com os seus achaques e a sua sovinice exasperante, até que, ao despontar a primavera, sentiu o velho sangue viking ferver-lhe nas veias outra vez.

Desta vez ele mostrou-se tão empolgado que abriu a mão e mandou construir uma grande nave comprida, maior ainda que a anterior, presenteada pelo rei (que agora ele chamava depreciativamente de “uma tina de banho”).

– Finalmente, uma nave digna de um governador de província! – disse ele, na inauguração.

Após entulhar o barco de mercadorias produzidas na terra, e também de arenque, bacalhau e focas e ovos de aves marinhas, partiu outra vez, mar afora, para dar um reforço apreciável no seu patrimônio.

E assim, a cada nova expedição, Thorolf foi se tornando cada vez mais próspero, poderoso e influente. Em pouco tempo formara uma frota de barcos, equipamentos e armas, além de manter em suas terras e em toda a província um pequeno exército particular que nunca descia para menos de mil homens.

– Sou o mais poderoso dos vikings! – vangloriava-se ele, noite e dia, à esposa. – Que segundo casamento este, hein, minha querida! Está na hora de oferecer ao rei uma festança daquelas para firmar meu nome no seu conceito! Que tal a ideia, minha amada?

Sigridr continuou a pentear os cabelos, olhando o marido pelo espelho, pois sabia que para manter um bom relacionamento com um viking era só deixá-los falar, vangloriar-se à vontade e fingir interesse.

– Colocarei todos os meus homens bem à vista, para que o Cabelo Bonito sinta todo o meu poder militar! O rei precisa aprender não só a admirar-me, mas também a temer-me, pois este é o fundamento de todo o respeito!

Thorolf fez uma pausa involuntária na sua arenga, surpreendido com a sua própria tirada.

– *O medo, fundamento de todo o respeito!* Que tal esta, querida? Seu marido é ou não é um grande sábio?

– Melhor faria em não ostentar tanto poder perante o rei – disse Sigridr, finalmente, sem mais se conter.

– Como é ingênua, querida! Não percebe, então, que ao dizer isso contradiz a minha tese genial?

– O rei pode achar que você deseja competir com ele – disse ela, lutando para dar um timbre calmo à sua voz. – Como pode achar proveitoso provocar a vaidade do rei?

– Ah, ah, ah! Bem se vê que não entende nada mesmo de altas diplomacias! – explodiu Thorolf numa gargalhada, salpicando de perdigotos espumantes os cabelos dourados da esposa. – Veja bem: o rei gosta de ter ao seu lado gente poderosa, e é justamente isso que quero que ele sinta: a necessidade que tem de mim! Entendeu, querida adorada?

Thorolf fez um agrado ursulino na cabeça de Sigridr, como se estivesse a enxugar a mão numa velha toalha, destruindo num segundo todo o longo trabalho do pente.

E deste modo preparou-se a festa que deveria se tornar uma das mais famosas dos anais das sagas islandesas.

VI

A festa para o rei

Harold, agora, como rei único e absoluto de toda a Noruega, cortara finalmente o longo cabelo que inspirara a sua alcunha de Harold Cabelo Bonito. Era hora de apresentar-se à sua pretendida, e não queria fazê-lo com o aspecto de um leão desleixado, mas com a figura do soberano mais importante do mundo.

Apesar da aparência mais aceitável, ainda assim Gyda relutou em aceitar o pedido de casamento, obrigando o ex-peludo a fazê-la compreender que chegara a sua vez de cumprir com a palavra empenhada.

– Entenda isto, pequena beldade: você já não é mais dona de castelo algum, nem filha de rei, pois só há um rei agora em toda a Noruega, que sou eu. Mas se casar comigo, o Rei dos Reis, será dona de todos os castelos na Noruega e se tornará a rainha única de toda a Noruega!

Diante destas palavras poderosas, Gyda começou a reconsiderar.

Em primeiro lugar, Harold, bem observado, já não estava tão horrível quanto antes. Um pretendente bem aceitável, até, apesar da barriga e do mau hálito constante. Muito bem, mas quem não possuía tais defeitos naqueles dias? Até onde podia lembrar, Gyda não conhecia um único homem com mais de trinta anos que não tivesse uma pança insubmergível e um hálito de cloaca. Possuía também um temperamento rude, mas talvez não viesse a maltratá-la, pois não fizera tudo aquilo em razão do seu amor? Bronco, também: Harold era um espírito completamente bronco para tudo que não dissesse respeito à sua mania obsessiva por conquistas e matanças.

Muito bem, estes os defeitos. Agora as virtudes.

Além de ser o homem mais rico e poderoso de toda a Noruega, Harold também era um homem... Harold possuía inegavelmente alguns traços em seu caráter... o seu passado, bem estudado... os olhos de Harold, quem sabe...

Bem, *Harold era o homem mais rico e poderoso de toda a Noruega.*

O casamento realizou-se dias depois e, segundo rezam as crônicas, não encontrou paralelo até os dias de hoje. Harold passou a viver mais de festa

em festa do que de batalha em batalha. Era bajulado por todos como rei único e absoluto, enquanto Gyda, a nova rainha, recebia os respingos eventuais desta glória viking.

Mas o que Gyda gostava mesmo nas festas era de ficar olhando os bardos cantarem e tocarem suas cítaras com suas mãos belas, suaves e brancas.

– Por que não compõe alguns versos, Gyda querida? – disse-lhe, certo dia, o rei, num momento de desprevenção.

Gyda, que nunca havia pensado na coisa, animou-se instantaneamente.

– Harold querido! Você acha que eu poderia? – disse ela, com os olhos brilhando.

Ora, se tinha algo que Gyda ainda não aprendera em sua nova vida de casada era a de que jamais deveria deixar seus olhos brilharem na presença do esposo, especialmente quando a coisa não dizia respeito a ele.

Imediatamente o rei desconversou.

– Esqueça tudo. A uma rainha convém, antes de tudo, o recato e o silêncio.

– Mas, Harold, a ideia agradou-me poderosamente!

– Basta, aqui não há mais nada a ser dito! – disse ele, puxando-a pelo delicado pulso para a alcova real.

No verão, Harold foi a Halogaland e foi homenageado nas mansões dos barões e proprietários de terra. Onde havia uma casa digna do nome se fez uma bajulação ao rei, até que chegou a vez dele tomar parte no banquete preparado pelo barão e governador Thorolf.

Harold levara consigo um séquito de trezentos homens. Quando chegou às terras de Thorolf, viu que a bela mansão do barão reluzia com uma miríade de escudos dependurados em toda a sua volta. Para sua surpresa, no entanto, descobriu que a festa seria realizada no celeiro – gigantesco e belo celeiro, diga-se de passagem.

“Por Odin, que multidão!”, pensou o rei, ao tomar lugar no assento de honra. Havia centenas de outros assentos destinados aos demais convidados, de tal sorte que o rei viu o seu séquito praticamente diluir-se no meio daquela multidão incalculável. “Deve ter convidado até a escumalha dos campos!”, pensou ele, embasbacado. (De fato, muitos dos convidados tinham mais cara de puxadores de arado do que de figuras da alta nobreza, e seus olhos afundados não cessavam de fitar a mesa ainda misteriosamente deserta, suspeitando um logro perverso.)

Harold não disse uma palavra de desagrado, mas qualquer um podia ver

que ele estava furioso, e foi com esta mesma catadura azeda que ele se retirou antes de todos para os seus aposentos, sem pretextar coisa nenhuma.

Apesar da má vontade, Harold ficou ali por três dias, conforme o combinado, usufruindo das magníficas iguarias e do melhor hidromel. Mas sempre com o olhar alerta e uma mão perto da espada.

– Aqui me cheira! – dizia ele o tempo todo, com as narinas dilatadas de uma lebre.

Quando chegou o termo da visita, Harold deu graças a Thor pelo fim do suplício.

– Da próxima vez, antes de aceitar um convite, estipularei um limite de convidados, para que haja menos gentalha e mais respeito à figura excelsa do rei – disse ele a seus conselheiros mais próximos.

Antes de embarcar, porém, recebeu a visita de Thorolf. O atrevido vinha, decerto, para as despedidas.

– Por favor, Majestade, acompanhe-me à praia! – disse o governador, todo medidas.

O rei fitou-o, desconfiado, mas resolveu ir ver o que era, não sem antes fazer um sinal aos seus homens para que o acompanhassem.

Ao chegar nas areias alvas da praia, Harold deparou-se com a visão quase sobrenatural do novo drakkar de guerra de Thorolf, a flutuar belo e imponente sobre as ondas como um dragão das águas. O barco estava completamente equipado, com o toldo alvo e resplandecente espichado no alto do mastro. Parecia que Thorolf arrebatara uma nuvem aos céus e a prendera aos cordames, tão alvo mostrava-se o tecido assim todo inflado.

Era de tirar o fôlego de qualquer viking!

– Um presente para Vossa Majestade! – disse Thorolf, apontando o navio.

Uma sucessão de movimentos faciais espasmódicos e tendentes ao sorriso remexeram confusamente a máscara facial do rei, sem conseguir, contudo, fixar-se numa expressão exata e definida.

– Rogo-vos, Majestade, que o aceite! É uma compensação que ofereço pela má impressão que vos dei ao arrastar todos os habitantes da província para lhe prestarem vassalagem no banquete. Creia-me, Majestade, que o único intuito de tal medida foi o de homenageá-lo, e jamais o de desgostá-lo!

Bom, se havia alguma coisa que um rei viking adorava era receber presentes. E quando o presente era um magnífico drakkar de guerra recém-construído, então a coisa tornava-se realmente empolgante.

A esplêndida visão mudou instantaneamente o humor do rei. Passado o abalo orgástico da surpresa, Harold abriu um sorriso de orelha a orelha, iluminando a sua barba como uma clareira ensolarada na floresta.

No mesmo instante, todo o seu ressentimento evaporou-se como um pires d'água lançado num vulcão. Harold despediu-se de Thorolf com grande satisfação e amizade.

– Meu caro Thorolf, festa alguma foi mais majestosa do que esta! Mandarei registrá-la nos anais da corte norueguesa para que toda a nossa descendência fique sabedora da sua extraordinária generosidade! Apraz-me muito ter entre meus súditos homens com o seu poder e prestígio: esteja certo de que isso só me traz glória e consideração!

Qualquer palavra bela que a esposa de Thorolf pudesse lhe ter dito um dia esfumou-se diante desta verdadeira declaração de amor régia feita pelo soberano. Um paroxismo destrambelhado o fez acreditar-se mesmo com ânimo para partilhar naquele instante do leito de sua Majestade, caso a augusta figura assim lho ordenasse.

– Fico feliz, Majestade, que faça tão alto conceito acerca de minha pessoa, seu súdito mais fiel!

O rei foi para o norte, como era sua intenção, e depois regressou ao sul para passar o verão, onde o aguardavam novas festividades em sua honra.

– Mas festa como esta, certamente jamais tornaremos a ver! – disse ele a esposa, aboletado já, em alto-mar, no seu novo brinquedinho de espalhar a morte.

* * *

Ao saberem que Thorolf tinha oferecido um grande banquete ao rei, os filhos de Hildirida resolveram fazer o mesmo. O rei, lisonjeado, aceitou mais este convite, afinal, comida e homenagens nunca eram demais.

– Vamos fazer a caveira de Thorolf durante o banquete! – disse Haerek a seu irmão Harek.

Quando chegou o dia, Harold Cabelo Bonito apareceu com todo o seu séquito e se deparou com uma festa magnífica, que custara os últimos cobs dos irmãos sem herança. Eles tinham tomado a precaução de convidar poucas pessoas, a fim de poderem conversar melhor com o rei.

– Como vê, alteza, convidamos poucas e escolhidas pessoas, a fim de não estorvá-lo! – disse Haerek.

O rei lembrou da outra festa, onde quase desaparecera no meio da multidão, e achou isso bom. Ao mesmo tempo, achou isso ruim, afinal, mil homenagens afagavam muito mais o ego do que apenas cem.

Fosse como fosse, Harold tomou assento para mais uma comezaina e bebezaina bem ao seu gosto.

Harek estava tão emocionado que as sardas se destacavam no seu rosto pálido como um pêssigo enferrujado. O rei parecia mesmo muito agrado e aliviado de ter tudo sob controle e poder beber seu hidromel sem sobressaltos.

– Soube que Thorolf homenageou-o com um banquete soberbo! – disse Haerek, depois que as coisas haviam acalmado e sua alteza enchido regamente o estômago.

– De fato, foi um grande banquete – respondeu o rei dando um gole no chifre transbordante de hidromel.

– Pois vos digo, alteza, que foi somente por um favor dos deuses que Vossa Majestade saiu de lá com vida – disse Haerek, assim que o rei ficou bem acomodado, com um suspiro de alívio e cumplicidade.

O rei, no entanto, não pareceu muito impressionado com esta revelação.

– E por que não teria saído? – respondeu o rei, distraidamente, a cogitar se voltava a atacar aquele javali dourado parcialmente comido a sua frente, o quinto que haviam depositado sobre a mesa. Aquele bicho pela metade, ainda cheio de carnes, parecia uma provocação à boa sorte, uma banana dada às Nornas, as deusas do destino.

– Talvez Vossa Alteza não esteja informado acerca dos boatos que correm por aí – disse Haerek.

– Que boatos? – disse o rei, lançando-se sobre o flanco do javali.

– Queixas, acima de tudo – disse Harek, o outro irmão. – A de que Vossa Alteza oprime o povo, por exemplo.

– O povo sempre fará estas duas coisas: trabalhar mal e se queixar bem – disse o rei, após arrancar um naco enorme da carne do javali, que era quase a coxa toda.

– Tem toda a razão, Majestade! Mas e se a parcela do povo que resmungar estiver bem calçada na riqueza e angariando seguidores dia a dia, formando exércitos tão poderosos que ponham em xeque a segurança do rei?

– Quem não sabe que há súditos poderosos que possuem uma guarda pessoal maior do que a do rei?

Neste ponto o rei perdeu a paciência.

– Vamos, desembuchem de uma vez, e parem com estes subterfúgios!

O rei olhava de Harek para Haerek, e deste para aquele, como se assistisse a um jogo de peteca.

– A verdade, alteza – disse Haerek –, é que Thorolf, ao saber que iríeis a Halogaland com uma comitiva de apenas trezentos homens, liderou uma conspiração para tirar a vossa vida. Fez isso porque lhe ofereceram ser rei das províncias de Halogaland e Naumadal.

– E foi de fiorde em fiorde, e de ilha em ilha para aumentar o seu exército – completou o irmão.

O rei atirou o quarto de osso sobre a mesa, escarlate de impaciência.

– Por que Thorolf faria isso justamente num banquete? Poderia simplesmente declarar guerra num outro momento qualquer, se tem um exército tão poderoso!

– Bem que Thorolf queria. Mas seus homens estavam temerosos, e acharam melhor pegá-lo desprevenido. Pretendiam embebedá-lo, ou fazê-lo dormir, e quando baixasse a vossa guarda, atacariam sem perigo de falhar.

– Mas vós fostes o mais sábio e o mais afortunado, pois suspeitastes tudo a tempo, ao ver que não estaríeis completamente seguro entre tantos convidados, muitos deles, certamente, soldados do traidor!

– A maior prova de tudo quanto dissemos é o fato de Thorolf ter feito a festa no celeiro!

– Sim, pois não desejava incendiar a sua bela casa nova que, como Vossa Majestade pode comprovar, estava mais protegida por escudos do que um guerreiro em plena batalha.

Harold parou de mastigar e começou a pensar, pois não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

– Algo aí faz sentido – disse ele, mais a si mesmo que aos intrigantes.

– Faça com que o traidor esteja convosco na corte, e o mantenha debaixo dos vossos olhos.

– E se quiserdes que ele continue a ser vosso barão, dai a ele terras ao sul dos fiordes, pois ali estão todos os súditos fiéis de Vossa Alteza, amigos e parentes que poderão vigiá-lo noite e dia. Somente desta forma Thorolf não se julgará superior ao próprio rei.

– Fazei isso e dai a comarca de Halogaland aos homens de vossa confiança, para que dali não surja rebelião ou sedição alguma.

Harold não demorou muito para perceber que os irmãos haviam chegado, finalmente, onde queriam.

– Os tais homens de minha confiança serão vocês dois, eu presumo – disse o rei, fixando-os.

– Eu e meu irmão estaríamos dispostos e prontos a isso – disse Haerek, apostando tudo.

– Dispostos a servir-vos com prazer e fidelidade total – complementou Harek.

Como num jogral, os dois irmãos concluíram desta maneira teatral o seu discurso:

– Cortaremos fora a cabeça das aves de rapina sediciosas, tão logo se ergam dos seus ninhos pútridos!

Ao escutar estas palavras, o rei encarou-os abismado.

– Muito bem, falem mais acerca de vós – disse o rei.

– Nosso pai, Majestade, era o senhor barão, avô de Bard. Ele foi durante um longo tempo o senhor supremo da região, antes que Vossa Alteza tivesse unificado com braço forte toda a Noruega. Temos o sangue deste homem justo, e seremos capazes de garantir a fidelidade ao vosso nome em toda a região sem que Vossa Alteza tenha de abalar-se a todo instante para cá com uma enorme comitiva.

– Sim, enorme comitiva, pois nos dias que correm é tão arriscado a Vossa Alteza aparecer por aqui com uma escolta pequena quanto colocar a mão num ninho cheio de serpentes peçonhetas.

Então, ao ver que o discurso havia acabado, Harold tomou definitivamente a palavra.

– Thorolf está em sua casa de Torgar? – disse ele, tentando disfarçar a sua cólera.

– Não, que ele é uma raposa esperta. Com medo de que a verdade chegasse aos vossos ouvidos, abalou-se para o norte. Conforme meus informantes, ele se encontra atualmente na ilha de Alost.

Harold concluiu que urgia investigar, o quanto antes, as suas suspeitas.

Harek e Haerek viram, com satisfação, o rei partir, carrancudo e calado, e, tão logo se sentaram fora do alcance dos ouvidos reais, puseram-se a sorrir e tagarelar animadamente.

– Vencemos a primeira batalha! – disse Haerek. – Agora precisamos arranjar um pretexto para ir a Naumadal, a fim de nos tornarmos personagens influentes e indispensáveis na corte.

– Esteja certo disso – disse Harek –: seremos conselheiros do rei ou não nos chamaremos mais Harek e Haerek!

* * *

Assim que Thorolf terminou de recolher da região das montanhas o tributo finlandês para o rei, entregou-o a Thorgil Yeller, velho parceiro de escroquérias e administrador da sua casa em Torgar.

– O entregue para a besta do rei – disse ele. – Já separou e guardou a minha parte?

Thorgil sorriu, com um ar divertido.

– Pode estar certo que sim, senhor barão!

A parte de Thorolf era uma espécie de “caixa dois” daquela época, não menos de setenta por cento de todo o tributo arrecadado – ou antes, surrupiado – das mais diversas maneiras para as arcas e os cofres do senhor da província.

Thorgil embarcou a parte do rei, levando consigo cerca de vinte homens num drakkar de carga. Assim que encontrou Harold em Naumadal, Thorgil lhe disse que lhe entregava o tributo no lugar de Thorolf, que se encontrava em viagem para o norte. Harold ficou pálido de ira ao ver o montante irrisório dos tributos.

– Acho que houve um engano aqui, senhor coletor – disse o rei, chupando os bigodes. – Thorolf deve ter me enviado o soldo dos porqueiros da sua propriedade e ficado, por engano, com o tributo.

Neste ponto Thorgil pôs em ação a sua velha habilidade de manipular números e dados (especialmente estes), provando ao soberano, por $a+b$, que ali estava todo o produto da arrecadação.

– Além de serem uns incompetentes, os finlandeses estão chafurdando na miséria, Majestade – disse Thorgil. – A maior parte dos tributos tivemos de arrancar na base do garrote e do machado aos piratas kylfings.

Harold engoliu o logro, limitando-se a despachar o emissário mentiroso.

“Cafajeste e canalha!”, pensou ele, ao vê-lo partir muito ligeirinho. “Os

filhos de Hildirida têm inteira razão: este Thorolf é um tratante desonesto e sedicioso!”

Thorgil, no entanto, ficara com a pulga atrás na orelha com a reação do rei, e resolveu ir fazer uma visitinha a Aulvir, aquele mesmo viking valoroso que arriara as calças para Harold, tornando-se o poetastro da corte.

– O que está havendo com Sua Majestade? – disse Thorgil ao poeta. – Ele ficou furioso quando lhe entreguei o tributo que Thorolf recolheu honrosamente para ele. Algo está perturbando os pensamentos de sua alteza?

O poeta espichou o lábio inferior, como um chimpanzé nórdico, numa careta de desconhecimento.

– Que eu saiba, não está havendo nada – disse ele, sem um pingão de convicção.

Homem experimentado, Thorgil logo entendeu tudo, e lhe estendeu uma moeda de ouro.

– Vamos, agora diga: o que Sua Alteza tem contra Thorolf? – insistiu o coletor.

– Tudo quanto sei é que Sua Alteza fecha o semblante sempre que ouve alguém pronunciar o nome de Thorolf.

– Desde quando isso acontece?

A mucosa interna do lábio inferior do poeta apareceu outra vez, úmida e coberta de aftas.

Desta vez, porém, não surgiu moeda alguma. Em vez disso, o poeta viu-se agarrado pelas duas mãos do coletor e forçado a aspirar o seu hálito fétido de dispéptico.

– Escuta aqui, serrador de rimas, diga logo tudo o que sabe!

Thorgil viu que o poetastro não queria responder, ao mesmo tempo em que forcejava para não aspirar o seu hálito nauseabundo. Então ele foi insanamente cruel: após puxar o poeta com mais força para si, forçou um arrote e expirou na sua cara o fedor extraído dos lodaçais profundos do seu estômago.

– *Aaahhhhhhhh...!* Vamos, diga logo tudo quanto sabe!

– Creia-me, Thorgil... É só o que sei...!

– *Burrrrfff...! AAAHHHHHH...!*

Vesgo de náusea, o poeta expulsou dos pulmões a mistura mefítica de alho, pimentão e sucos estomacais corrompidos. Thorgil sorriu

perversamente ao sentir de volta nas narinas o seu velho mau odor.

– Por Thor, eu falo!!... eu falo!! – ganiu o martelador de versos.

Thorgil afrouxou a pressão, e o poeta recuou dois passos, agarrando-se a qualquer coisa atrás de si.

– São eles... os irmãos bastardos... os filhos de Hildirida...!

Thorgil já tinha ouvido falar várias vezes nos irmãos encrenqueiros.

– O que estes vermes andam espalhando por aí? – disse ele.

– Basicamente, que Thorolf é um conspirador que pretende se apossar de uma parte substancial do reino.

– Vá até o rei e descubra exatamente o que se passa! – disse Thorgil, atraindo o poeta outra vez até a cloaca negra da sua boca. – Quero mais detalhes, compreendeste?

Aulvir balançou a cabeça para cima e para baixo, como um pica-pau desnortado.

– Elogie Thorolf! Elogie a mim também! Desfaça a intriga inteira! Vou providenciar uma melhora no tributo para ver se o tirano amansa a sua ira!

Thorgil viu-se obrigado a entregar ao rei uma carga secreta que reservara exclusivamente para si – pois além de enganar ao rei, enganava ao seu próprio senhor –, sob o pretexto de uma nova e imprevista remessa.

Enquanto isso o poeta já estava com o rei, a ordenhar-lhe regamente o escroto real.

– Vossa Alteza sabia que Thorolf vos enviou uma nova remessa de tributos?

O rei suspendeu as sobrancelhas cabeludas.

– Nova remessa?!...

– Sim, alteza! Era uma surpresa que o barão Thorolf e seu prestimoso coletor Thorgil pretendiam vos fazer. Está sendo desembarcada neste momento! Um drakkar inteiro abarrotado de peles maravilhosas! Nunca vi tributo maior e mais farto! Quanta riqueza, por Odin!

Os olhos do rei cintilaram, mas ninguém saberia dizer se era de cobiça ou de ódio. Imediatamente, ele correu até o navio, onde Thorgil desembarcava o soberbo tributo. Ao pôr os olhos nas peles maravilhosas, o rei expeliu a língua para fora da boca várias vezes seguidas, como uma naja esfaimada ao avistar uma ratazana prenhe.

– Que magníficas! – exclamou, ao ver a diversidade de peles de todos os tamanhos e cores.

Harold pegou algumas peles de castor, junto com outros objetos valiosos.

– Que súdito adorável! – disse ele. – Que habilidade em fazer-me surpresas encantadoras!

Embrulhado em peles como um urso polar, e com os dedos repletos de anéis como um dragão, o rei avistou Thorgil.

– Ah, maganão você, hein! – exclamou ele, chacoalhando as barbas do coletor com o mesmo vigor de uma lavadeira. – O negócio de vocês, então, é surpreender-me, não é? Como está Thorolf? Está viajando?

Thorgil, com as barbas ainda violentamente repuxadas, resmungou quase inaudivelmente:

– Vai *vem... alfeza... O varão vai... muito vem...!*

– Ah, ah, ah! Maganão ele também!

Só depois que o rei consentiu em desapossar-se das suas barbas foi que Thorgil conseguiu dar, com mais clareza, todas as informações que sua graciosa alteza pedia acerca das últimas andanças e façanhas do seu amigo.

– Que lástima! – disse o rei, de repente, jogando as peles para o chão.

Seu semblante agora era outro.

– Sabe, poderíamos nos dar muito bem o barão e eu, não fosse sua maldita mania de conspirar contra mim.

– Conspirar, Majestade? – balbuciou Thorgil. – Sua Majestade está enganada, jamais houve homem mais leal ao seu rei do que Thorolf! – exclamou Thorgil, enquanto Aulvir assentia com a cabeça.

O rei passou os olhos sobre as peles que o criado juntara do chão, e passando as mãos ásperas e grossas sobre ela disse, um pouco menos enfezado: – Queira Odin que assim seja!

Harold retirou-se, deixando o coletor e o poeta trêmulos de medo: esta realmente fora por pouco!

VII

A ruína de Thorolf

No extenso condado da Finamarca o mar penetra desde o leste ao norte formando grandes fiordes, enquanto montanhas, vales, lagos e bosques convivem em bela e gélida harmonia.

Thorolf estava comercializando nas proximidades com mais de cento e vinte homens, e não era a primeira vez, já conhecia o condado de longa data. Assim, ia tranquilamente de povoado em povoado, como um mascate, vendendo suas mercadorias a preços exorbitantes e comprando a preços irrisórios quando ao chegar ao leste deparou-se com mensageiros kvens, súditos do rei Faravid.

– Por favor, grande senhor, os carélios estão saqueando nossas terras! O rei pede encarecidamente a sua ajuda! – disse um dos enviados, com as roupas cobertas de manchas ressequidas de sangue.

– Carélios! – exclamou Thorol, cuspidno no chão.

Os carélios eram invasores e piratas, tidos como um ramo oriental dos finlandeses.

– Sinto muito, mas a última coisa que desejo é atrasar a minha volta – disse Thorolf.

Na verdade, estava apenas regateando para saber quanto o rei lhe ofereceria para tomar parte no machadado.

– Por favor, ajude-nos! – insistiu o homem. – O rei vos oferece a metade do saque dos cães carélios!

Thorolf coçou a cabeça, fingindo desinteresse. Por dentro, porém, esfregava as mãos da alma. Ele sabia que as valiosíssimas peles de urso e de marta-zibelina eram o principal produto daquela região.

– Metade do saque, meu? – disse ele, alisando a barba.

– Metade vosso, e a outra metade, do rei.

Podiam ser suas as duas metades, pensou Thorolf, mas, afinal, nem tudo era perfeito neste mundo.

– O que vocês acham? – gritou Thorolf a seus homens. – Vocês decidem.

A maioria mostrou-se pouco disposta a entrar nesta ventura, pois já estavam longe de casa há muito tempo e todos temiam perder suas vidas logo no desfecho de suas andanças.

– Não há nada mais triste que perder a vida quase na volta ao lar! – disse um dos homens de Thorolf.

Thorolf virou-se, decidido, para o mensageiro do rei Faravid e gritou-lhe:

– Muito bem, diga ao vosso rei que lutaremos ao seu lado!

Depois, voltando para os seus homens, apostrofou-os sem piedade.

– Chusma de covardes! Vieram para enriquecer ou para passear?

Com um tal patrão, nem uma coisa nem outra, mas o melhor era calar.

Quando chegaram em Kvenland, Thorolf foi se encontrar com o rei Faravid, que ficou bastante satisfeito em tê-lo ao seu lado. Os dois juntaram seus homens, que somavam a mais de trezentos homens, e rumaram para a Finamarca.

– É nesta região que os carélios malditos estão agindo – disse o rei, mostrando vales e colinas a perder de vista.

Mesmo de longe, era possível enxergar a fumaça dos incêndios nas aldeias e escutar os pedaços de gritos lancinantes que o vento gelado espalhava pelos vales. Motivados pela cobiça do alto pagamento, os trezentos homens de Thorolf mais os homens do rei lançaram-se campina afora, silenciosamente, a fim de surpreenderem os carélios, ocupados em sua obra de pilhagem.

E então, ao chegarem bem próximos, caíram sobre os carélios como se fossem um só homem. Como a maioria dos saqueadores tinha as mãos ocupadas em carregar o produto do butim, ou em arrancar as roupas das mulheres violadas, Thorolf e os demais, com seus machados e espadas, puderam derrotá-los facilmente.

E foi assim que Thorolf retornou à sua casa ainda mais rico e com a amizade de mais um rei.

* * *

Thorolf passou uma estação inteira em sua casa, em Sandness, onde pretendia, inicialmente, ficar apenas alguns dias. Depois, na primavera, navegou com seus homens até Torgar.

Ao chegar foi recebido com más notícias.

– Os linguarudos filhos de Hildirida continuam a cuspir veneno – disse-lhe Thorgil, assim que o seu senhor desembarcou. – Os dois bastardos passaram todo o inverno com o rei Harold, caluniando-o à vontade, cada um de um lado do trono, como os corvos de Odin.

Thorolf tentou minimizar a situação.

– Bobagens! O rei não daria ouvidos àquela dupla ridícula de papagaios!

– Não se fie muito nisso, Thorolf. Pude comprovar pessoalmente a que ponto Harold está desconfiado.

Thorgil contou, então, todo o episódio da entrega do tributo, deixando Thorolf com a pulga atrás da orelha.

Enquanto isso, os filhos de Hildirida estavam na corte, junto ao rei, acompanhados de seus vizinhos e de sua família. Os dois irmãos continuavam a grasnar no ouvido do rei, sem dar trégua ao seu propósito de caluniar.

– Vossa Alteza apreciou o tributo finlandês que Thorolf enviou, não? – perguntou Harek.

– Muito! – respondeu o rei, disposto a dar uma trégua na maledicência dos dois.

– Imagine então se ele tivesse lhe entregue tudo o que arrecadou!

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer, Alteza, o que todos já sabem: que Thorolf lhe entregou, como sempre faz, apenas um décimo de tudo quanto reuniu em suas arrecadações, ou, melhor dizendo, em suas pilhagens.

– Pois me prove isso! – exclamou o rei. – Estou farto de acusações sem provas!

– Sei de fonte segura que a parte que lhe cabia era imensamente maior. Para cada pele de urso que lhe entrega, Thorolf fica com outras trinta. E assim faz com todo o restante da mercadoria.

– Uma deslealdade criminosa! – disse o outro irmão, enquanto o primeiro recuperava o fôlego. – Se Vossa Alteza nos entregasse esta incumbência lhe entregaríamos tudo, sem reter absolutamente nada para nós!

O rei olhava de um para o outro, carrancudo e desconfiado.

Então Harek disse:

– Se não acredita em nossas sinceras palavras, Majestade, aqui estão alguns homens que lhe dirão a verdade de tudo.

Surgiram alguns sujeitos que estavam a par de tudo, dos desembarques e

desvios, que confirmaram tudo quanto os irmãos haviam dito, deixando Harold completamente transtornado.

– Thorolf virá até mim no começo do verão. Então esclarecerei tudo! – disse o rei, pondo uma pedra temporária sobre o assunto.

* * *

No verão, de fato, Thorolf foi a Trondheim, com noventa homens, a fim de levar ao rei o novo tributo. Quando Aulvir, o poeta, viu seu amigo adentrar a morada do rei, correu a alertá-lo:

– Cuidado, meu amigo! Os irmãos linguarudos convenceram Sua Alteza de que você falseia no tributo!

Thorolf bateu o pé no chão de raiva.

– Mas este rei é um cabeça-dura mesmo! Acredita mais no que ouve do que naquilo que vê!

– A verdade é que aquilo que ele ouve tem lhe soado mais valioso do que aquilo que seus olhos têm visto – disse Aulvir, referindo-se à pobreza dos tributos apresentados.

– Raios! Será que vou ter de lhe trazer a conta certa todas as vezes? Onde ele pensa que está, em Asgard?

Thorolf preparou alguns arremedos de desculpas para esfregar nas barbas do rei, mas desta vez a coisa não se mostrou tão fácil assim. O rei parecia muito tranquilo ao pôr os olhos em Thorolf, e mandou que ele se aproximasse, ordenando que lhe servissem hidromel.

– Saudações, Grande Senhor! – disse Thorolf, após fazer os salamaleques de praxe. – Trouxe-vos o tributo que arrecadei na Finamarca, ao custo de muitas vidas, numa sangrenta batalha contra os numerosíssimos carélios!

Harold franziu interrogativamente os músculos da testa, numa pantomima facial que queria dizer “É mesmo?”.

– Sim, Alteza, trago-vos o tributo mais rico de quantos já arrecadei! Hoje vos trouxe apenas a terça parte, pois não houve tempo de aprestar mais dois drakkars para trazer o restante.

Harold balançou alternadamente o indicador e o dedo médio, franzindo novamente os músculos da testa.

– Sim, Alteza, mais dois barcos repletos de peles as mais valiosas! Foi um

butim tão rico que decidi entregá-lo inteiro a Vossa Alteza, sem separar a parte que normalmente caberia à minha província.

Os cantos da boca de Harold descaíram, numa careta de admiração. Seus pensamentos, no entanto, iam bem longe do que seus gestos transmitiam.

“Agora não tenho mais dúvidas de que me traiçoa”, pensou o rei, lutando para manter o coração um bloco de gelo. Suas palavras, porém, quando saíram, continuavam a representar a comédia do convencimento.

– Sempre acreditei que assim fosse, meu barão. Decerto que o homem a quem fiz barão e um dos homens mais ricos deste reino jamais se atreveria a me traiçoar, conforme afirmam os boatos por todo o reino.

Então Thorolf sentiu que era hora de demonstrar firmeza.

– A prova de minha lealdade, Majestade, está na magnífica mercadoria que vos trago, e não na língua fendida de pessoas perversas e invejosas.

– Vejamos o tributo – disse o rei.

Thorolf pediu que os lacaios depositassem aos pés as arcas repletas de peles. Eram tantas que era difícil imaginar haver restado mais algum animal peludo sobre a Finamarca.

Harold não conseguiu esconder a boa impressão que lhe fez a quantidade e a beleza daquelas peles, e Thorolf aproveitou para reforçar a sua defesa.

– Se resta alguma dúvida no vosso coração quanto à minha lealdade, rogo a Vossa Alteza que diga logo, pois só posso defender-me das calúnias conhecendo o seu teor.

– Se quer estar a salvo das calúnias – disse, enfim, o soberano – estabeleça-se definitivamente na corte, e torne-se capitão dos meus exércitos. Ninguém ousará caluniá-lo a dois passos de distância.

Thorolf sentiu um calafrio de desgosto subir-lhe pela espinha.

O quê?! Então teria de abandonar a sua amada província – o seu feudo particular, onde era rei virtual e senhor da vida e da morte dos seus súditos! – para tornar-se um reles capitão, a chefiar uma manada de soldados estúpidos?

Thorolf tentou argumentar como pôde, pois jamais havia esperado um tão desastroso revés.

– Perdoe, Alteza, mas não me sinto capaz de abandonar meus familiares e meus compatriotas na minha distante província! Nada me fará crer que posso ser mais útil aqui na corte, como um simples comandante militar, do que como governador de uma província que noite e dia abarrota de riquezas os cofres do vosso reino!

– A minha vontade está firmada! – disse o rei, imperativamente. – Doravante, você chefiará meus exércitos bem debaixo das minhas barbas, e não se afastará da corte para mais nada!

Então, ao ver a intransigência do rei, Thorolf resolveu firmar o pé na sua vontade. Estava mais do que na hora de dar um basta às grosserias daquele rei estúpido e ingrato.

– Retorno imediatamente ao meu cargo, na minha província – disse ele, friamente. – Lá aguardarei ansiosamente por uma reconsideração de Vossa Alteza.

– A única mensagem que receberá será uma carta de deposição! – rugiu o rei, erguendo-se bruscamente do trono.

– Neste caso, Alteza, tomarei a liberdade de desconsiderá-la – disse Thorolf, fazendo uma vênia apressada antes de retirar-se, cercado por um escudo humano feito da sua guarda pessoal, composta por noventa homens..

Harold ficou perplexo diante da audácia do barão.

– Desfeiteou-me, então? Terá dito tal? Tratou-se mesmo de uma ameaça?

Harold teve a certeza de que se tratava realmente de uma afronta quando Thorolf partiu, levando consigo todo o maravilhoso tributo. Então era verdade mesmo aquele negócio de sedição!

– Aí está o que se ganha com este negócio de baronatos e concessões de títulos: insubmissão e atrevimento! – disse ele a si mesmo. – Doravante, nada mais de títulos! Na Noruega, a partir de agora, só tem duas coisas: o rei e o resto! O rei de um lado e a ralé do outro, endinheirada ou não!

Neste momento, Harold lembrou dos irmãos falastrões. Chegara, realmente, a hora de trocar de aliados!

– A partir de hoje concedo-vos tudo quanto até aqui tem pertencido ao insubmisso Thorolf – disse o rei aos dois irmãos, que pareciam flutuar nas nuvens. – Tanto a província de Halogaland quanto o direito de comercializar em terras finlandesas, tudo, tudo é vosso! Declaro como vossas, inclusive, a propriedade de Torgar!

A casa e as terras de Thorolf de volta às mãos deles, Harek e Haerek! Tudo quanto Hildirida sonhara!

O Valhalla baixara à Terra, e os filhos de Hildirida eram, agora, seus únicos habitantes humanos!

* * *

O tempo passou, mas a cólera do rei não abrandou. Ao receber a sua carta de deposição, Thorolf ficou petrificado. Sua esposa Sigridr, a pobre, arriou inteira ao chão ao ver-se desapossada de tudo quanto conquistara com o segundo casamento. Seu filho adorado não seria mais herdeiro de coisa alguma, então?

– Que se vire o estafermo, que vá piratear! – disse Thorolf, farto até os olhos do traste inútil do enteado.

Ao tomar consciência de que estava tudo acabado, e de que seu contingente militar, por maior que fosse, jamais poderia oferecer uma resistência séria aos exércitos do rei, Thorolf amarelou.

Sigridr, ao acordar e saber da desistência do esposo, sentiu ganas de estrangulá-lo.

– Vai entregar tudo, então, sem luta, aos irmãos bastardos?

– Não há outro jeito! A maré virou! Que quer que eu faça?

– Seu desgraçado! Lute contra a maré, mate os bastardos, deponha o rei, ponha fogo na merda da Noruega!

O vocabulário de Thorolf, porém, secara, e tudo quanto ele conseguia repetir era que “a maré virara”.

Seguiram-se dias de alterações terríveis, nos quais Thorolf não podia colocar os olhos em um machado exposto sem correr medrosamente a escondê-lo, até que, enfim, chegou o dia fatal do seu Ragnarök particular.

– Vamos embora, a frota do rei canalha está aí! – disse Thorolf à esposa transfigurada. – Pegue os seus trastes, o seu filho também, e vamos embora!... A maré virou!...

Quem não se bandeara preventivamente para o lado dos irmãos calhordas abandonou a casa de cabelos em pé, tentando achar um lugar nos barcos do governador deposto. Corria abertamente o boato de que os irmãos ladrões iriam fazer guisado de todos os antigos partidários de Thorolf.

– Calma, gente, é só um boato! – diziam alguns.

– Justamente! Foi com um boato que eles tomaram tudo do governador imbecil! – disse outro.

Harek e Haerek chegaram e tomaram posse de tudo. Uma carta régia os fazia senhores de toda a província, com direito a prender e matar qualquer

opositor.

Ao colocar os pés na casa, Haerek exclamou, maravilhado:

– Eis a praga de nossa mãe finalmente funcionando! Bem dissera ela que a herança de nosso pai nos retornaria multiplicada várias vezes!

Os dois irmãos passaram a viver suas novas e prósperas vidas, indiferentes aos narizes torcidos da população, que se recusava a vê-los com bons olhos – onde já se vira aqueles dois sardentões sem mulher se adonarem de tudo! Que o rei desse aos filhos de Hildirida o que era dos filhos de Hildirida, mas não o que era de Thorolf!

Ao saber, na corte, que tudo corra bem, Harold regozijou-se.

– Queria ver só a cara do tratante do Thorolf! Desapossado de tudo, até do título de barão! É para aprender a nunca mais me desafiar nas minhas barbas! Agora, nem para lavador de penicos da corte o aceitaria!

Mas e o arruinado Thorolf, onde se metera, afinal?

Após embarcar, no dia negro da sua deposição, o ex-barão fora para a sua segunda residência, em Sandness, onde continuava a ser estimado, passando a viver num arremedo do seu antigo fausto.

– Viu só, querida? Ainda temos um bom resto da nossa antiga riqueza! – dizia ele à esposa, todo santo dia, a fim de reanimá-la.

– Ótimo, viveremos agora de restos! – respondia Sigridr, mãe doravante de um filho miserável e sem futuro.

– Não exagere, meu amor! Esta propriedade tem lá o seu valor. Em breve, quem sabe, poderemos voltar a gozar de uma consideração parecida àquela de que gozávamos em nossos dias de esplendor.

– Jamais, bem o sabes! Acabaram-se para nós os favores reais!

Neste momento abençoado Thorolf lembrou-se de um outro rei que não Harold.

– Pela mão decepada de Tyr se não há um outro rei! – disse ele, maravilhado.

Sim, claro, havia o rei Faravid, aquela outra besta coroada que ele ajudara contra os carélios!

“Carélios, o caralho!”, pensou ela, mal-humorada, antes de perguntar quem era, afinal, o tal rei.

– Faravid, querida, o rei da Finamarca!

“*Finamarca?* Não era Dinamarca?”, pensou ela, antes de mandar tudo ao diabo. O que importava saber era se o tal rei era um rei de posses e poder, ou

mais um reizinho de baralho, como tantos outros das redondezas.

– Ninguém é tão poderoso quanto Harold, claro – disse Thorolf –, mas este cretino nos poderá ser muito útil.

Sigridr estava numa dúvida terrível. Ao mesmo tempo em que apreciava a ideia, temia que o esposo os metesse numa encrenca fatal e definitiva.

– Cuidado, Thorolf, não vá piorar ainda mais as coisas metendo-se com um paspalhão!

– Bem, talvez você tenha razão...

– Vá, vá...!! – disse ela, afinal, ousando tudo. – Qualquer coisa menos vivermos de restos!

Thorolf foi a Kvenland, onde se encontrou com o rei viking de nome vagamente turco.

– Bem-vindo, amigo! – disse Faravid, com os gordos braços abertos como se estivesse a carregar um barril de hidromel.

Depois de comerem e beberem bastante, o rei segredou a Thorolf.

– O que acha de pilharmos outra vez os carélios? Vamos juntar uns quatrocentos homens e aplicar-lhes outra sova daquelas!

Thorolf, que andava numa situação próxima da penúria, topou no ato, embora já não tivesse tantos homens disponíveis para a aventura.

– Empregue quantos tiver – disse o rei, sorridente. – O resto deixe comigo!

– Meio a meio?

– Meio a meio, como sempre!

E assim fizeram. Após reunirem uma turba sedenta de violência e de despojos, os dois amigos partiram para a Carélia, onde praticaram um saque em regra, saindo de lá com uma apreciável coleção de riquezas.

Thorolf retornou do machadaço como um conquistador, e foi com infinito orgulho que depositou aos pés da esposa cinco arcas repletas de peles e joias arrancadas à força do pescoço e das orelhas das mulheres carélias.

– Desta vez nem um único pregador de manto irá para Harold bastardo! – disse Thorolf, vingado.

Sigridr ajoelhou-se e apanhou um brinco de prata. Um pedaço da orelha da jovem esposa de um nobre carélio, violada selvagememente durante a pilhagem, ainda estava grudado no delicado objeto. Após raspar com a unha o sangue coagulado, Sigridr viu a prata ofuscar, e só então o seu coração voltou a conhecer a esperança.

– Muito bem, é isto o que se quer! – disse ela, e este era o melhor elogio

que poderia ter saído da sua boca.

Os olhos de Thorolf também brilhavam, e ele se permitiu até brincar:

– São restos, ainda, meu amor, mas pela lança de Odin se não são uns danados de uns belos restos de prata!

Sigridr fechou o sorriso, e falou com toda a seriedade do mundo:

– Dê-me sempre tais restos, e desfrutará para sempre da minha consideração.

Thorolf explodiu num riso espirrado, polvilhando a face da esposa com um temporal de perdigotos.

– Ah, ah, ah! Boa esta, minha amada! É de arreliar! Ah, ah, ah!

* * *

Desde então o ex-governador atirou a respeitabilidade para o alto e tornou-se um pirata com todas as letras. De saque em saque, de estupro em estupro, e de assassinato em assassinato Thorolf tornou-se um verdadeiro viking dos sete mares. Às vezes, só para variar um pouco, mandava seus homens pescarem bacalhau e arenque nas águas de Vagar, a fim de disfarçar as suas verdadeiras operações.

Um belo dia, Thorolf equipou seu magnífico barco e ordenou que embarcassem peixe seco, muita pele e mantos que tinha trazido das montanhas. Escolheu a dedo a tripulação e seguiu em direção ao oeste, para os lados da futura Inglaterra, para comprar roupas e o que mais necessitasse. Fez ótimas compras: trigo, mel e roupas. Após o navio estar saturado de novidades, ele resolveu voltar. Era outono, e, com vento favorável, chegou inteiro a Hordaland.

Ora, justo nesta época os filhos de Hildirida estavam entregando o tributo ao rei.

– O quê? Apenas isto? – disse o rei, olhando para as escassas peles que quase desapareciam no fundo do navio.

Os irmãos repetiram as mesmas desculpas de Thorolf, dadas muitos anos antes.

– E depois ainda falavam de Thorolf! – bramiu o rei, aflitíssimo por ver que as coisas jamais mudariam.

– Acontece, Alteza – disse Haerek –, que este mesmo pilantra de quem o

senhor falou aí nos passou a perna, pois ele continua arrecadando impostos por aí como se ainda fosse o seu encarregado!

– Sim – disse Harek, erguendo a cara sardenta e desolada para o rei. – Teríamos arrecadado mil vezes mais, caso o embusteiro não tivesse se adiantado a nós.

– “Já pagamos o tributo ao rei!” Esta era a frase que ouvíamos da boca de todos os finlandeses malditos sempre que surgíamos para lhes cobrar o tributo de Vossa Alteza!

– E ainda devemos nos dar por felizes de termos voltado com vida, pois quando Thorolf soube que estávamos também arrecadando nos ameaçou de morte com as suas naus piratas.

– Thorolf, um pirata! – bradou o rei, com as narinas frementes de um touro. – Nas minhas águas?

– Exatamente, Alteza! Como vê, ele continua a vos surrupiar o tributo, agora com uma faca atravessada nos dentes!

– Urge perseguir e exterminar com este ladrão dos vossos tributos! A Finamarca tornou-se território vedado às vossas naus, Grande Senhor! Tivemos de contornar a montanha, evitando todos estes povoados, pois já não é mais possível a emissário algum de Vossa Alteza adentrar o território da Finamarca!

Os irmãos foram muito adiante na sua denúncia, garantindo que Thorolf pretendia tornar-se rei do norte, da Finamarca e de Halogaland.

– Onde estão as provas do que afirmam? – disse o rei, puxando as barbas para baixo, como num tear.

– A melhor prova é o navio cargueiro de Thorolf, o maior de Halogaland, que foi construído em Sandness e está tão abaulado de peles que mais parece uma gigantesca ursa grávida.

– Thorgil, o seu antigo administrador, é o comandante deste navio, que rumo para o oeste, até a Inglaterra. Será fácil de averiguar, Majestade, pois não encontrará nenhum navio com tamanhas riquezas.

– E, naturalmente, todas elas serão de Vossa Alteza, tão logo os piratas sejam desbaratados!

Não havia outra coisa a ser feita, disse o rei, com o consentimento unânime dos seus conselheiros.

– Equipem o drakkar de pilhagens mais veloz que houver e cortem imediatamente a cabeça deste pirata!

VIII

A dança dos drakkars

Havia, naqueles dias, dois irmãos violentíssimos chamados Hallvard e Sigtrygg. Eles eram mensageiros do rei Harold, tanto dentro como fora do país. (Harold parecia ter tomado um gosto especial em cercar-se de parselhas de auxiliares.) Graças a isso, haviam realizado muitas viagens perigosas com o fim de confiscar as riquezas dos desafetos do rei. Estes dois irmãos traziam sempre consigo uma grande tropa, acostumada a praticar toda espécie de barbáries para alcançar seus objetivos. Por esta razão, o povo, surrado e humilhado a cada nova investida dos emissários do rei, não lhes guardava simpatia alguma, embora o rei os tivesse em grande conta, pois, além de serem bons cães de guarda do seu tributo, eram também aparentados com ele por parte da mãe.

Não havia ninguém mais veloz que os mensageiros Hallvard e Sigtrygg. A pé ou sobre os esquis, eram mais velozes que qualquer ser humano. Também sobre as águas, faziam sua nau quase voar, tamanha a habilidade em fazer o uso certo e adequado das velas ou dos remos, conforme a necessidade. Além disso tudo, eram fortes, destemidos e extraordinariamente perspicazes – uma mistura nórdica dos gregos Hermes e Ulisses.

Um dia, o rei mandou chamar Hallvard e Sigtrygg, e quando estes chegaram foram informados de que, no verão, deveriam perseguir o navio de Thorolf, comandado por Thorgil, seu fiel amigo, no rumo da atual Inglaterra.

– Tragam-me o navio e tudo quanto nele houver.

Hallvard e Sigtrygg assentiram tão entusiasmamente que o rei percebeu-lhes logo o segundo e sanguinário propósito.

– Mas se os homens não se meterem a defender o navio, deixem-nos partir em paz.

Ao escutarem isso, os dois irmãos desanimaram visivelmente. Mesmo assim, partiram imediatamente, certos de que haveria um revide, e um posterior massacre.

– Ou, então, onde a graça de tudo? – como dizia Hallvard, o mais velho.

Cada qual comandou seu próprio navio de guerra, na caça do navio de Thorgil que retornava do oeste e se dirigia ao norte. Ao chegarem em Fir Sound reconheceram o navio e encostaram seus drakkars com tal velocidade que num minuto estavam emparelhados com a nau inimiga. A tripulação desta só se deu conta da chegada dos fiscais quando o navio já tinha sido invadido, tornando-se, em dois tempos, apinhado de homens armados até os dentes.

Thorgil e alguns outros estavam em terra. Quanto aos marujos que estavam a bordo, foram imediatamente capturados e despojados até mesmo das suas roupas. E então começaram as truculências. Primeiro, Hallvard e Sigtrygg esbofetaram os prisioneiros à vontade. Depois chutaram as suas nádegas. Depois os testículos. Depois penduraram cordas de catarro nos seus narizes. Chegaram mesmo a meter-lhes os dedões grossos em lugares infames, mas nem assim sofreram qualquer revide, nem mesmo a cuspidinha clássica do herói ultrajado.

– É, Sigtrygg, destes frangos d’água aqui só sai isto mesmo! – disse Hallvard, limpando o dedão besuntado de bosta nas barbas de um velhote apavorado.

Hallvard e Sigtrygg tiveram de se conformar em atirar os marujos pela borda afora, dando-lhes a chance incerta de se salvarem nas ondas revoltas. Depois, soltaram as amarras, permitindo que os dois barcos repletos das mercadorias pilhadas voltassem a cavalgar livremente por sobre o mar azul e infinito.

Quando descarregaram as duas naus diante do rei, este viu que, realmente, não era exagero o que os filhos de Hildirida haviam lhe contado acerca das rapinagens de Thorolf.

Thorolf, por sua vez, ao descobrir que lhe haviam roubado miseravelmente tudo quanto ele havia roubado miseravelmente, ficou possesso e mandou Thorgil numa embaixada até o seu pai Úlfr.

– Relate a ele todas as perseguições que tenho sofrido deste rei calhorda! – disse ele, no último grau da indignação. – Duvido que o velho Lobo Noturno vá deixar a coisa assim!

Mas o velho Lobo Noturno deixou. Depois de dizer preliminarmente ao mensageiro que Thorolf continuava a ser um “boboca”, ordenou que ele fugisse da Noruega o mais rápido possível, se quisesse continuar vivo.

– Diga ao palerma que abandone o país o quanto antes!

– Mas, senhor...!

– É isso mesmo, que vá buscar a proteção de outro rei!

– Mas, Grande Senhor, ele já está sob a proteção do rei Faravid!

– Eu disse rei de verdade, e não rei de merda! Faravid é um rei de merda!

Úlfr disse a Thorolf para buscar proteção junto ao rei da Inglaterra, mas ele não pôde admitir tal ideia. Abandonar tudo agora que as coisas começavam a melhorar outra vez? Mesmo com o revés do último confisco, Thorolf conseguira melhorar bastante de vida desde a sua ruína: além de piratear em larga escala, vendera terras e arrendara outras, e já tinha muito mais serviçais do que havia tido no inverno passado. Festas que lembravam as antigas do seu período áureo também voltaram a acontecer, abrilhantando a sua casa durante todo o inverno e enchendo o coração da sua esposa de novas esperanças quanto ao futuro incerto do seu pobre filho – “um cavalo adulto”, no dizer despeitado do seu padrasto, mas inocente, ainda, de todo o mal sobre a Terra.

Quando chegou a primavera e o gelo derreteu, Thorolf mandou preparar seu navio de guerra e meteu dentro cerca de cem homens muito bem armados. Estava decidido a mostrar a Harold – e, principalmente, ao atrevidaço do seu pai – que ele não era o “boboca” que todos pensavam. Com vento favorável, o drakkar zarpou rumo ao sul até chegar em Byrda, circunavegando as ilhas. Dali seguiu no mesmo rumo, sem o infortúnio de deparar-se com naus comandadas por irmãos de dedos grossos, até chegar finalmente a Vik. Ali, Thorolf foi surpreendido com uma desagradável notícia, antes mesmo de desembarcar.

– Harold está aqui!! – disse-lhe Thorgil, da cor do giz, ao avistar, de longe, um dos barcos reais.

– Loki dos infernos! – rosnou o filho do lobo. – Vamos dar o fora!

Os homens de Thorolf meteram mão nos remos e, num minuto, o drakkar ganhou o mar outra vez. Com o vento favorável, Thorolf seguiu discretamente em direção ao sul, até chegar à Dinamarca e, logo depois, alcançar o Báltico, onde permaneceu o verão inteiro pilhando à vontade, de povoado em povoado. Depois, com a chegada do outono, retornou à Dinamarca, ocultando-se ali um bom tempo dos navios noruegueses.

Quando o tráfego dos navios mercantes de Harold diminuiu, Thorolf retomou sua viagem, no caminho de Mostrarsound, seja lá onde fique. No porto deste lugar gelado estava ancorado um grande navio recém-chegado da

Islândia, cujo timoneiro era um viking chamado Thorir Thruma. Além de senescal do rei, era também administrador da propriedade rural onde o rei islandês, de tempos em tempos, ia “mudar de ares”, mas nunca de caráter.

Ao chegar na propriedade, porém, Thorir descobriu que os caseiros esfaimados haviam comido até os ratos dos celeiros. Depois de passar a chibata em todo mundo, Thorir tomou um barco e foi à Islândia, como qualquer pai de família cretino de hoje vai ao supermercado, a fim de se reabastecer de mercadorias.

Depois de se acotovelar um dia inteiro nos mercados junto com a gentilha islandesa a fim de comprar malte, trigo, mel e todo o amontoado de porcarias destinadas a satisfazer os caprichos gastronômicos de sua alteza, ele finalmente retornou. No meio do caminho, porém, Thorir foi brindado com um pouco de emoção ao dar de nariz com o barco pirata de Thorolf. Ao ver que tinha consigo apenas uma plebe carregadora de compras – uma gente muito hábil para erguer sacas de trigo e arroz, mas nunca um machado –, Thorir decidiu que não tinha a menor condição de opor resistência, e rendeu-se incondicionalmente. (Mais tarde, se saísse livre e inteiro da enrascada, racharia a cabeça de três ou quatro dos seus antes de desembarcar, a fim de simular ao rei uma resistência heroica.)

Felizmente, não foi preciso fazer nada disso, pois, logo após apoderar-se do navio, Thorolf atirou Thorir e os seus lacaios na água, um tantinho assim longe da costa, entregando-os à proteção de Njörd, o deus dos mares.

Agora, de posse de dois barcos, Thorolf seguiu em direção ao norte até alcançar Elbe, outro lugarejo escandinavo perdido no mapa, onde ancorou e aguardou a chegada da noite, esta velha alcoviteira dos vampiros e dos ladrões.

Quando as trevas desceram sobre a Escandinávia, Thorolf retomou sua viagem. Como o vento cessara, as duas naus fizeram uso dos remos até alcançar o destino pretendido – que era nada mais nada menos do que a terra onde estavam os armazéns do rei. Depois de desembarcarem silenciosamente, como verdadeiros piratas, Thorolf e seus homens postaram-se ao redor da paliçada que cercava a casa onde os guardas dormiam o sono dos justos.

Ao ver tudo pronto, Thorolf lançou aos céus o seu brado de guerra:

– Por Thorolf e Odin!! Morte aos cães de guarda de Harold!!

Imediatamente, tochas acenderam-se no interior da casa e um galope furioso de passos espalhou-se por tudo.

– Sob ataque, súditos de Harold! Estamos sob ataque! – bradou uma voz cavernosa nas trevas, enquanto Thorolf e seus cem homens avançavam num tropel, de machados e escudos em punho, na direção da casa.

Um grandalhão vestido apenas com uma calça apresentou-se na vanguarda dos defensores. Após alcançar a paliçada, permitiu generosamente que as sete cabeças dos primeiros que tentaram transpô-la rolassem para dentro, mas não o restante dos seus corpos.

– Cães de Loki! Aqui não entrarão! – bradava ele, com as barbas peroladas dos esguichos de sangue.

Thorgil, porém, que estava do lado de fora junto com mais oito conseguiu acertar um golpe certo do machado na mão direita do defensor, arrancando um grito do gigante ferido – grito de ira, que para outro não havia lugar.

Passando o escudo para o braço sem mão, e empunhando o machado com a outra, o gigante maneta retomou a luta com a mesma naturalidade de antes, e teria derrotado sozinho os cem invasores caso a perda de sangue ocasionada pelo decepamento não lhe tivesse ofuscado as vistas e feito fraquejar as suas pernas. Quando isso aconteceu, Thorgil, trocando velozmente o machado pela espada, arremessou na garganta do adversário uma estocada aguda e fatal. O guardião tentou dizer algo, mas a lâmina atravessada na laringe impediu a passagem do som, e ele tombou finalmente de joelhos. Com a única mão que lhe restava ainda tentou retirar a lâmina afiada, mas só conseguiu com isso decepar os cinco dedos, que rolaram como salsichas pelo chão.

Assim como este gigante, também morreram durante o assalto todos os defensores da casa, e quando tudo estava ardendo em chamas Thorolf e seus homens retornaram para as naus, levando consigo todas as riquezas que encontraram.

Durante a fuga – ou como se queira chamar o recomeço deste vibrante *tour* escandinavo –, Thorolf deparou-se com um drakkar mercante vindo de Vik, carregado de malte e farinha. Não havendo razão para perder mais este bom negócio, Thorolf atacou também este navio, que se rendeu tal como o outro.

E assim, com um terceiro navio em seu poder, Thorolf seguiu alegremente no seu caminho.

Nada mau para um boboca.

* * *

Nas três semanas seguintes, Thorolf seguiu navegando em direção a Fold, pela rota habitual até Lidandisness. Saqueando regularmente todos os povoados da costa, rumou para o norte, até alcançar as terras onde vivia o seu pai.

– E então, velho lobo, o que achou das minhas conquistas? – disse Thorolf, mostrando os três barcos e tudo quanto eles continham de valioso. – Quem disse que um viking livre como eu precisa das graças de um rei calhorda?

O velho Úlfr, porém, continuava o mesmo.

– Você é um imprudente, isto é que é! – disse o velho, fingindo desdenhar todas aquelas riquezas.

– Um viking de verdade, o senhor quer dizer! – respondeu Thorolf, inabalável. Com três barcos lotados e uma chacina sangrenta nas costas não havia mais pai castrador nenhum que o pudesse colocar, desta vez, para baixo!

– Idiota! Eu deveria dar-lhe uma tunda de cinta! Então não vê que o rei não tardará a enforcá-lo?

– Pois que o faça! – rugiu Thorolf, rompendo finalmente num desespero endemoniado. – Antes morrer combatendo o tirano do que me transformar numa lebre noturna assustada!

Ao escutar isso, Úlfr tomou o machado e avançou ensandecido para o filho, e só não o picou inteiro porque quinze rijos homens o impediram.

– Continua o mesmo cretino de sempre! – arfou o velho, com um pingente de saliva a pender-lhe da barba. – Já não lhe disse, então, que está decretado pelas Nornas que jamais teremos boa sorte com este rei amaldiçoado?

– Pois as velhas caducas enganaram-se! Não estou aqui inteiro, a dar risada do rei?

– Não por muito tempo, seu idiota!

Mesmo assim, Thorolf prosseguiu de queixo empinado. Sua postura arrogante e infantil dizia: “Sim, velho fraco e ultrapassado! Aqui estou eu, mais audaz que você e disposto a arrostar todos os perigos, como um verdadeiro viking!”.

Então, ao ver a obstinação do filho, Úlfr teve a certeza de que só tornaria a vê-lo outra vez nos salões majestosos do Valhalla, e por isso decidiu lançar

tudo ao desígnio das três deusas tecelãs.

– Muito bem, faça como quiser – disse o velho, vencido. – O tolo seguirá sempre o caminho da tolice.

Úlfr deu as costas ao filho e começou a retornar sozinho para casa, debaixo das estrelas. No meio do caminho, sem parar e sem voltar-se, desejou sorte a Thorolf, numa voz quase inaudível, e só quando já desaparecera totalmente nas trevas foi que lançou pela garganta uma espécie de urro alegre e trovejante, que o filho, a distância e com os olhos lavados de lágrimas, jurou ter sido o primeiro riso viking de incentivo e confiança que escutara na vida.

Thorolf jamais soube com certeza que mensagem o velho Lobo Noturno lhe endereçou em seu último rosnado.

IX

Um Ragnarök pessoal

Naqueles dias, somente um punhado de noruegueses estavam dispostos a não abaixar as calças para o rei Harold. Um deles era Yngvar, guerreiro poderoso e “barão muito antes do parlapatão ser rei”. Assim que Harold subira ao trono, ele optara por permanecer em suas terras, sem ir prestar-lhe qualquer vassalagem.

Ele morava no fiorde e tinha uma filha única chamada Bera, por quem Grim, o filho feio de Úlfr, se apaixonara. Grim se casou com Bera no inverno do mesmo ano em que seu irmão Thorolf havia partido para a corte a fim de “cheirar a bunda” do rei Harold, como dizia desabridamente.

Grim tinha vinte e cinco anos e era calvo, por isso lhe chamavam de *Skallagrim*. Administrava todas as propriedades do pai, além das suas, e todo o rendimento de ambas, embora Úlfr continuasse saudável e capaz. Em casa, tinha muitos homens livres que haviam crescido ali e eram quase da mesma idade dele. Todos eram fortes e valentes, pois Úlfr e seu filho haviam escolhido os mais capazes para estarem com eles.

Skallagrim era igual ao pai em estatura e força, e também na aparência e no temperamento feroz.

Desde o último encontro, seu irmão Thorolf recomeçara, sem descanso, as suas pilhagens, saqueando de inverno a verão, e de norte a sul. No outono foi a Opalândia, e depois a Trondheim, onde estacionou com uma grande tropa.

Por esta época o rei foi informado pelos irmãos sádicos Sigtrygg e Hallvard, seus mensageiros, do saque e da carnificina que Thorolf havia praticado em sua casa de Hising.

– Não acredito em tamanho atrevimento! – exclamou o rei, atônito. – Aquele vira-bosta não ousaria tanto!

Mas ele ousara, afirmaram os irmãos, estalando em unísono as juntas dos seus dedos grossos.

– Se é assim, o que estão esperando para caçá-lo e matá-lo? – bramiu o rei.

– Apenas a vossa ordem, Alteza! – disse Hallvard, o mais velho,

lambendo-se todo. – Hoje mesmo partiremos para atacar o pirata em sua própria casa!

– Só espero que tenham competência para tanto – disse o rei, pois temia que a impulsividade de ambos os fizesse levar a pior. – Lembrem-se de que Thorolf é vil e traiçoeiro.

– Permita dizer, Alteza, que nós também somos vis e traiçoeiros – disse Sigtrygg, muito cioso da sua autoestima.

Mas Harold estava tão ansioso em vingar-se de Thorolf que decidiu, afinal, capitanear ele próprio esta expedição punitiva. Hallvard e Sigtrygg levaram consigo dois navios e duzentos homens, enquanto Harold levava outro tanto.

Quando se preparavam para partir, porém, foram surpreendidos pelo vento terral, vento naturalmente contrário para costear, obrigando-os a fazer uso permanente dos remos.

– Vento maldito! Todo este esforço acabará por esfalfar nossos homens! – disse Hallvard, um tanto negativista.

– Não diga tal! Antes, os exercitará! – corrigiu Sigtrygg, um tanto positivista.

De qualquer modo, esfalfados ou bem exercitados, chegaram todos, afinal, a Sandness, numa certa tarde, logo após o crepúsculo. Numa baía, perto da casa de Thorolf, Harold avistou ancorado um grande navio de guerra com as lonas estendidas e o reconheceu imediatamente como sendo o navio de Thorolf.

O filho de Úlfr estava em meio a uma festa de despedida, comemorando com a esposa e os amigos o começo de mais uma “expedição de negócios” altamente rendosa. Como era noite de festa, a vigilância costeira esquecera de tudo para mergulhar de ponta cabeça para dentro dos barris de hidromel.

– Ótimo, os beberrões estão desatentos! – disse o rei, ordenando um desembarque imediato.

Num átimo, a bandeira de Harold subiu ao topo do mastro, enquanto seus homens cercavam a casa. Tudo quanto o rei tinha a fazer, agora, era fechar o garrote sobre as suas vítimas desavisadas e praticamente indefesas.

A festa corria solta no interior da casa quando o uivo rascante da trombeta de guerra de Harold, símile terreno do corne de Heimdall, anunciou a todos o começo do Crepúsculo dos Deuses de Thorolf.

Apesar de desprevenidos, Thorolf e seus homens lançaram-se

imediatamente às armas, pois sempre tinham seus machados ao lado dos assentos. Tomaram postos no interior da casa e aguardaram o assalto, enquanto a esposa de Thorolf, pressentindo a desgraça definitiva, pediu a alguns guerreiros que a levassem secretamente ao rei.

– Ao rei, senhora?! – disse um deles, incrédulo.

– Sim, ele mesmo! – gritou-lhe Sigridr, imperativa. – Vamos, idiotas!

Sigridr avançou pelo campo como uma baronesa que vai falar com o rei, de igual para igual.

– Alteza, venho oferecer-vos uma reconciliação vantajosa com Thorolf – disse ela, ao ver-se diante de Harold. Sua cabeça estava perfeitamente ereta, como a de uma rainha conquistadora que, mesmo às portas da vitória, não se furta a dar mostras ao adversário esmagado da sua clemência superior.

Diante de toda esta inacreditável altivez, Harold refreou momentaneamente a sua selvageria.

– Se Thorolf optar por render-se incondicionalmente, conservará a sua vida e todos os membros do corpo – disse ele. – Seus soldados, porém, sofrerão o castigo a ele devido.

Sigridr sentiu uma espécie de júbilo selvagem tomar conta de si, ao mesmo tempo em que lutava para não desmanchar a sua pose fria e superior.

– São termos aceitáveis, Alteza – disse ela, louca para bradar que, por ela, Sua Alteza podia dizimar com toda a corja, desde que poupasse a vida dela, do filho-mais-que-amado e também a do seu esposo.

– Serei clemente em atenção aos anos felizes em que Thorolf serviu-me com um verdadeiro súdito. Seus soldados, porém, isso eu insisto, não serão poupados! – sentenciou duramente, outra vez, o rei.

Sigridr curvou muito sutilmente a cabeça, sem desviar os olhos, enquanto no seu interior uma Sigridr descabelada e no último grau de ansiedade gritava histericamente: “Escangalhe-os, Alteza, escangalhe-os!”.

Imediatamente, um mensageiro retornou a Thorolf com a boa nova. Era ninguém menos que Aulvir, aquele mau guerreiro que, tendo desistido de lutar contra Harold, fizera-se um poeta ainda pior na corte do rei.

Aulvir entregou a mensagem a Thorolf, que a leu em dois tempos. Um sorriso amargo entortou-lhe levemente a boca ao reconhecer na proposta a falsa clemência que ele mesmo costumava empregar nos seus ultimatoss.

– Não quero um acordo imposto pelo rei – disse ele, devolvendo a mensagem ao trovador. – Diga ao opressor dos noruegueses que é do meu

gosto que as coisas sigam o seu curso.

– Que curso, senhor? – disse o poeta.

– O curso de um verdadeiro viking, estropiador de lira! – exclamou Thorolf, enxotando-o para fora.

Thorolf estava estranhamente conformado. Chegara, então, a sua hora de morrer com glória, e de ingressar espalhafatosamente nos paços majestosos do Valhalla, e a baboseira heroica toda. Com o mesmo sorriso irônico, ele lembrou muito rapidamente da maldição das Nornas, e também das censuras do seu pai carrancudo.

A verdade, porém, é que já nada disso o incomodava. Ele estava disposto a fazer a sua parte, com a dignidade feroz que exigia a sua raça, desde que os idiotas não o estorvassem com pantomimas e trapaças.

– Soldados, o rei calhorda quer-nos vivos para saborear melhor a sua desforra! – rugiu Thorolf, de repente, quase com alegria. – Alguém aqui pretende ser humilhado antes de ingressar na glória de Odin?

Não, ninguém queria!, bradaram os filhos de Thor, martelando ferozmente os escudos.

– Algum viking aqui é súdito de rei de merda algum?

Não, ninguém era súdito de rei de merda nenhum!

– Somos súditos, então, só do nosso machado?

Sim, eram súditos só do seu machado!

Enquanto Thorolf encarnava, num crescendo de exaltação feroz, a legítima alma nórdica, o poeta mensageiro entregava a sua negativa ao rei.

– Pois prendam fogo imediatamente à casa! – rugiu Harold, com os olhos acesos e impacientes.

Harold, apesar da fúria exterior, também parecia estranhamente alegre. Haveria uma bela arruaça, então! Que Loki o carregasse se o bastardo do Thorolf não se mostrara, afinal, um danado de um viking!

Uma chuva de tochas foi arremessada sobre a casa dos sitiados e logo as chamas surgiram, porque a madeira estava seca e o telhado era revestido de cortiça de bétula. Do lado de dentro, Thorolf observava os homens do rei, a aguardarem a saída dos encurralados pela grande porta central.

Bem, se era isso, eles teriam uma surpresinha, então.

– Homens, ajudem-me aqui! – gritou Thorolf, afastando-os da porta central.

Junto com seus homens, Thorolf pôs abaixo o tabique que havia entre a

sala e a ante-sala. Depois, ordenou, sob a fumaça já intensa, que arrancassem uma viga do teto e a usassem como um aríete para derrubar a parede lateral, quase no canto da sala. Os homens carregaram a viga e arremessaram-na com tanta vontade que as braçadeiras se romperam e as paredes desmoronaram, dando espaço a todos para saírem de uma só vez.

Pegos no contrapé, os homens do rei receberam de repente, sobre si, a carga da turba enfurecida, que gritava, a uma só voz, o lema puxado por Thorolf e seu fiel amigo Thorgil.

– Súditos de rei nenhum...! Súditos de rei nenhum...!

Logo, de todos os lados, acorreram aos gritos os homens do rei, dando início, para valer, ao machadaço.

Estando em maior número, ficara decretado desde o início o triunfo de Harold. O preço deste triunfo, contudo, quem iria fixar era Thorolf, junto com os seus bravos homens.

Sob a luz da casa em chamas, lutaram todos, cruzando machados e espadas, e, quando nada mais havia para cruzar, atracaram-se com as próprias unhas e dentes, como javardos.

Thorolf, imerso no turbilhão de fúria, concluiu a sua transformação de homem banal e cotidiano em um protótipo vigoroso da sua raça. O surto de atavismo empolgara-o inteiro, e agora ele já não era mais o sórdido empilhador de bens que dele fizera a civilização, mas o velho troglodita sanhudo, de dentes arreganhados e tacape na mão. Sob a aura rubra da fúria nórdica ancestral, ele brandia o machado e o escudo como uma máquina de guerra, lançando o rugido primitivo das eras viris em que o homem, muito antes de decair para vil acumulador de quinquilharias, contentava-se em ser apenas um ser livre e forte, em busca da glória suprema da sobrevivência.

Thorolf matou às dezenas, até ver-se morto por uma chuva de golpes que a poesia dos trovadores converteria num único golpe aplicado pela mão justiceira do rei, pois assim estipula a estética bipolar das lendas.

* * *

Assim como Thorolf, Thorgil também sucumbira, e todos que, tendo tomado ou não armas para defender a casa, haviam cometido o erro de não escapar daquele lugar fatídico.

Harold ordenou o retorno aos barcos dos poucos sobreviventes, pois perdera mais homens do que poderia esperar naquele combate. Os que tinham ferimentos superficiais foram também embarcados.

– Você não foi ferido por Thorolf – disse o rei a um viking com um rasgão na perna –, pois se tivesse sido não teria a menor chance de ser salvo. Não há ferimento infligido por Thorolf que não seja mortal.

Harold não era mesquinho, e por isso entendeu que, tudo consumado, não custava presentear o desafeto morto com uma bela lenda. Afinal, Thorolf era agora um guerreiro de Odin, tal como ele próprio também seria um dia.

Depois de providenciar tudo isso, Harold voltou-se para o poeta e acrescentou:

– Prepare exéquias adequadas a Thorolf e aos demais que morreram.

Aulvir diminuiu um pouco a voz antes de perguntar:

– E quanto ao saque, Alteza?

– Que saque, idiota? Não haverá saque algum, todas estas riquezas já eram minhas.

Ao amanhecer, o rei mandou içar a vela e navegar rumo ao sul, o mais veloz possível.

Passados apenas alguns dias, Harold começou a cruzar com muitos navios a remo vindos dos canais entre as ilhas. Era o exército que ia em auxílio de Thorolf, pois eles tinham espiões em Naumadal e nas ilhas que os tinham informado da chegada da frota do rei. Harold, porém, continuou a navegar com vento favorável até chegar a Naumadal. Ali deixou os navios e foi por terra a Trondheim. Então tomou outro navio que havia deixado ali e seguiu seu caminho até chegar a Hlada, e desde ali a viagem prosseguiu sob muito riso e alegria.

* * *

O poeta Aulvir ficou um tempo em Sandness. Mandou construir túmulos para os mortos, especialmente para Thorolf, segundo o costume que havia para os nobres, e colocou-lhe uma lápide.

Aulvir curou os enfermos e ocupou-se, também, em reconstruir a casa, para que a desgraçada Sigridr pudesse ali voltar a viver, certamente como uma indigente, porque o rei não deixara um único objeto de valor em toda a

ilha.

Sem marido e sem notícias do filho – que desaparecera como uma sombra durante o conflito –, Sigridr sentou-se sobre os escombros e assistiu mudamente à reconstrução da sua casa.

– Por que não vai para a corte? – disse-lhe o poeta, penalizado.

Sigridr, porém, declarou que pretendia passar o resto dos seus dias na “ermida” que ora via erguer-se dos escombros da sua antiga e faustosa residência.

– Aqui aguardarei, em penitência, o termo funesto dos meus dias – disse ela, cabisbaixa.

Dizem lendas muito posteriores que esta valorosa dama morreu em sua “ermida” como uma anciã infeliz e miserável. Outras, porém, mais amantes do exagero, dizem que, passado algum tempo, Sigridr também desapareceu repentinamente, tal como o filho, para nunca mais ser vista. A fantasia mais popular diz que ela embarcou certa noite num drakkar pilotado por um tipo assemelhado ao seu filho fujão, e que junto com ela foi içado um baú repleto de riquezas, que a ex-baronesa teria armazenado secretamente, ao longo dos anos, debaixo das fundações da casa.

A este baú, acrescenta-se ainda, o tal piloto teria abraçado com mais fervor do que a própria mãe.

Este requinte final de perversidade bastaria para nos provar a absoluta inverdade de tudo, não fossem os próprios fatos que, logo em seguida, se encarregarão de nos reintroduzir na verdade.

* * *

Quando Aulvir e seu irmão concluíram o trabalho de enterrar os mortos, seguiram até onde estava o rei Harold, em Trondheim, e ficaram ali com ele por um tempo. Estavam tristes e falavam pouco com os demais, pois haviam sido amigos de Thorolf.

Um dia, Aulvir foi até o rei e lhe disse:

– Meu irmão e eu queremos pedir permissão a Vossa Alteza para retornarmos à nossa casa.

– E por que isso? – disse o rei, fortemente desagradado.

– A verdade, Alteza, é que não temos mais ânimo para beber junto de

homens que puseram fim à vida de nosso parente Thorolf.

Aulvir e o irmão deviam ter bebido muito, sozinhos ou não, para ousarem dizer isso às barbas do rei. De qualquer modo, a resposta deste foi uma negativa peremptória.

– Não vos dou permissão, e adeus.

Os irmãos retornaram aos seus lugares, e passaram um fecho na boca.

No dia seguinte, porém, o rei mandou chamá-los.

– Pensei melhor sobre o pedido de vocês – disse o rei. – Como ambos sempre foram súditos fiéis, decidi que você, Eyvind, irá para Halogaland, e tomará como esposa Sigridr, a mulher de Thorolf.

– Eu, esposo de Sigridr? – exclamou Eyvind, incrédulo.

– Sim, tomará Sigridr para esposa, e também parte dos bens que eram do traidor. Espero, porém, que, ao contrário do ex-barão, saiba preservar minha amizade.

Para Aulvir, no entanto, o rei não tinha nenhuma feliz novidade.

– Quanto a você, permanecerá comigo, pois, por nada deste mundo perderia o melhor dos escaldos.

E foi assim que, pela primeira vez na vida, o poeta viu-se obrigado a lamentar o profundo mau gosto do rei.

Quanto a Eyvind, apresentou-se imediatamente à viúva de Thorolf, que o recebeu de cara amarrada. A casa já estava reconstruída, mas era como um pardieiro enorme e desocupado. Sequer havia móveis na casa, e a miséria parecia ter se instalado em todo aquele espaço vago, sem o menor pudor.

– Sua alteza roga-vos que vos caseis comigo – disse ele, estendendo-lhe um documento.

– Está louco?! – disse ela, torcendo o xale furiosamente.

Eyvind pediu que ela lesse antes o documento, mas o mal já estava feito. Qualquer que fosse a decisão final, já estava assente que a sua figura repugnava àquela majestosa mulher.

Sigridr começou a ler de semblante enfurecido – “Olha o petulante!” –, mas quando chegou na parte em que o rei prometia restituir-lhe boa parte dos bens confiscados, seu semblante alterou-se visivelmente, até ganhar os contornos de uma frieza austera, porém despida daquela vibrante hostilidade inicial.

– Sou súdita obediente de Sua Majestade – disse ela, secamente, e foi este o único “sim” que pôde dar àquele bronco que, de uma hora para a outra, lhe

surgia como um passaporte imprevisto para a sua antiga vida de esplendor.

Desde então, Eyvind passou a morar em Sandness, dono da esposa e dos bens antes pertencentes a Thorolf.

X

Uma *vendetta* viking

Kettle Haeing, o Salmão, era um parente próximo e um dos melhores amigos de Thorolf. Era membro muito rico da nobreza e homem de ótima reputação. Tinha estado na expedição que se preparou em Halogaland com a intenção de se unir a Thorolf, tal como se disse anteriormente, e foi com desespero que soube da morte do seu melhor amigo.

Quem lhe deu esta notícia foi justamente o rei Harold, quando este foi ao sul.

– Bem sei que vocês eram amigos, mas acontece que Thorolf era ladrão dos meus tributos – disse o rei, testando a fidelidade do Salmão como uma dona de casa na feira, ao revirar-lhe as entranhas.

Kettle fez uma cara de peixe morto e fingiu concordar com tudo o quanto dizia o rei.

– As pessoas colhem quanto plantam – disse ele, hermeticamente.

Entretanto, assim que o rei partiu, Kettle, vermelho de fúria como um salmão, organizou uma tropa de sessenta vikings sedentos de emoção e regressou velozmente até Torgar para fazer a colheita daquilo que os filhos de Hildirida haviam plantado. Assim que chegou à propriedade, o Salmão espalhou estrategicamente os seus homens, dando-lhes ordem de passar no machado toda coisa viva que lhes caísse diante dos olhos.

Quando a noite caiu, caíram também os machados e as espadas sobre a casa onde os filhos de Hildirida, desde a morte do seu principal desafeto, julgavam-se em perfeita segurança. Em poucos instantes, os dois sardentões foram feitos em postas, dentro da própria casa, e assim teve fim o segundo capítulo da desavença original iniciada com sua desventurada mãe. Se eles tinham razão ou não, se haviam sido mortos justa ou injustamente, a esta altura não importava mais saber, pois, como em todas as razias, o sangue recente era que falava mais alto.

Morreram os filhos de Hildirida e a maioria dos homens que ali estava. A isso se seguiu o saque protocolar, que o Salmão não se furtou de praticar,

como bom e autêntico viking.

Depois de terem se apoderado de todas as riquezas que encontraram, Kettle e seus homens partiram num grande drakkar dos irmãos mortos, amplo o bastante para levar todos os despojos em direção à Islândia, já que, por motivos óbvios, não podiam mais permanecer em terras norueguesas. O Salmão emigrou junto com a mulher, os filhos e todos os homens que haviam tomado parte nesta fulminante jornada punitiva.

Baug, irmão adotivo do Salmão, homem rico e de boa família, foi o piloto deste drakkar abarrotado de riquezas.

* * *

Alguns anos antes, Ingjolf e Hjorleif haviam colonizado a Islândia, e muito se tinha comentado acerca de sua viagem. Dizia-se que era uma terra excelente e que havia fartura para todos.

Kettle navegou rumo ao oeste à procura da tal Islândia, até avistar uma ponta de terra que, segundo se supunha, era a entrada da nova terra da promessa. Porém, como o mar estava impetuoso e não houvesse porto algum na região, continuaram todos navegando até o oeste, por fora dos baixios, até o tempo melhorar. Então, desembocaram em um rio e o adentraram, subindo pela orla oriental. (Este rio agora se chama Thjors, mas era, então, muito mais estreito e profundo.) Foram a remo, explorando as terras ao leste do rio, e ali desembarcaram o gado.

O Salmão passou o primeiro inverno na região externa do rio Rang e na primavera explorou o leste da região, instalando-se entre o rio Thjors e o braço de mar Mark. Construiu sua casa em Hofi, junto ao leste do rio Rang, e ali sua mulher Ingunn deu à luz um menino, na primavera. O menino se chamou Hrafn. (Embora esta casa não exista mais, o lugar onde estava continuou a ser chamado Sítio de Hrafn.)

Kettle deu terras a Baug, seu irmão adotivo, em Lithe, desde o rio Mark até o rio que existe ao oeste de Breidabolstead, passando ele a residir em Lithe-End. Aos seus colegas de bordo, Kettle doou terras ou vendeu-as por um preço menor, e estes primeiros colonizadores passaram a ser chamados de “compradores de terra”.

Kettle teve vários filhos, e todos eles tinham terras. Hrafn, de quem já

falamos, foi seu quinto filho e o primeiro instituidor de leis da Islândia, sendo considerado, por isso, o mais renomado dos filhos do venerando Salmão.

* * *

Mas já é tempo de voltarmos a tratar da rixa sangrenta que, em pouco tempo, retirou deste mundo Thorolf e os dois filhos de Hildirida. Úlfr, apesar de já esperar pela notícia da morte do filho, ainda assim entristeceu-se tanto quando ela tornou-se realidade que permaneceu acamado por muito tempo.

– Console-se, meu pai – disse-lhe Skallagrim, seu outro filho. – Thorolf está no Valhalla, e num estado muito mais feliz do que o nosso. Antes servir a Odin no seu reino celestial do que a um rei qualquer em Midgard.

Era este o consolo de praxe naqueles dias ímpios que antecederam a cristianização escandinava, e todos fingiam nele acreditar para tornar a dor mais suportável. Ao ver, porém, que este consolo não bastava, o Careca decidiu servir-se de um outro, talvez um pouco mais prático e concreto.

– Em vez de estarmos a nos lamentar, melhor faríamos, então, em vingá-lo, meu pai. Talvez ainda encontremos algum desgraçado que tenha tomado parte na chacina, e, se não pudermos fazê-lo, não faltará a quem possamos atingir, de modo que o rei sinta o mesmo que agora sentimos.

Como um bálsamo miraculoso, estas palavras bastaram para retirar o velho Lobo Noturno da sua prostração.

– Muito bem, é o que faremos! – disse ele, pondo-se em pé, em busca do machado.

E foi assim que a rixa começou a desenrolar mais uma de suas infinitas espirais.

* * *

Naquele verão, o rei Harold foi a Opalândia e depois, no outono, ao oeste, até Valres, e em seguida a Vors. Aulvir Hnuf, o poeta oficial da corte, estava com ele. Certo dia, perguntou ao soberano se ele pretendia ressarcir Úlfr pela morte do seu filho, ou o que exatamente faria para restabelecer a sua honra.

– Primeiro Úlfr e seu filho Skallagrim deverão, como bons súditos, vir até mim – disse o rei, com a soberba peculiar aos dispensadores de benesses.

Feliz, Aulvir viajou ao fiorde a fim de tentar rearranjar as coisas entre Úlfr e o rei. Ao desembarcar, foi muito bem recebido por ambos, pois era velho amigo da casa, permanecendo ali por um certo tempo.

Aulvir lhes contou da intenção do rei, mas Úlfr atalhou-o, querendo saber, antes dos detalhes, de tudo quanto se passara no episódio da morte de Thorolf. Úlfr perguntou quando Thorolf morrera, o que fizera antes de cair, que armas haviam lhe ferido, qual fora a sua ferida mais grave, e como, enfim, se dera o seu trespasse.

– O golpe de misericórdia quem aplicou foi Sua Alteza, quando ele caiu de bruços diante do seu machado – disse Aulvir, pois assim convencionara-se dizer, para maior honra e glória do rei de todas as Noruegas.

Então, Úlfr respondeu:

– Como dizem os mais antigos, deve-se vingar o homem que cai de bruços, e a vingança deve recair sobre aquele que lhe estava mais próximo na hora da sua morte.

Aulvir ficou pálido, pois aquelas palavras não auguravam nada de bom.

– Melhor faria, bom amigo, em esquecer tudo isso, já que o rei pretende ressarcir-lo da perda.

– Ressarcir-me como? Pretende o rei dar-me outro filho? Como o fará? Deitando-se com minha mulher?

Aulvir lembrou-se da lenda que pesava sobre Úlfr ao ver alguns traços lupinos começarem a instalar-se nas suas velhas feições, enquanto a noite terminava de descer sobre a Terra.

– Sua Alteza lhes dirá que tal será o ressarcimento, desde que compareçam à sua presença – disse ele.

– Eu não irei – respondeu Úlfr, fulminante.

– E quanto a você, Grim? – disse Aulvir.

– Não vou cheirar a bunda de rei nenhum – disse Skallagrim, repetindo o seu mote predileto. – Como haverei de falar com o assassino do meu irmão e tratar de qualquer compensação pela sua morte?

Aulvir disse que não teria necessidade de fazê-lo.

– Eu me encarregarei de negociar os termos da indenização. Tudo quanto se fará preciso é a sua presença, para que o rei esteja certo da pacificação e da inexistência de represálias.

– Pois aí está algo de que ele deveria ter a absoluta certeza! – disse o Careca, explodindo de vez.

Diante disso, Aulvir decidiu reencetar o assunto nos próximos dias.

– A persistência amolece até mesmo o ferro – disse ele a si mesmo.

E, de fato, tanto o poeta insistiu que acabou arrancando dos lábios do filho de Úlfr este assentimento dúbio.

– Vou pensar no assunto.

Aulvir esperou mais alguns dias antes de partir, não sem antes ter combinado uma data para a tal entrevista.

* * *

Skallagrim escolheu doze homens fortes e valentes e se preparou para a viagem, a fim de conversar com o rei Harold. Úlfr deixou que ele partisse, pois lá poderia colher mais detalhes acerca do rei e do seu real poder.

– Já que vai, seja meu espião! – disse-lhe Úlfr, desinteressado de todo o resto.

Junto com o Careca, foram os filhos de Thororna, a feiticeira que morava perto da sua casa, e também um homem que todos chamavam, não sem razão, de Gigante Thorir. Embarcaram todos no drakkar de Skallagrim e seguiram costeando no rumo do sul, entrando pelo fiorde de Ostra, e seguindo até Vors, onde havia um lago. Após atravessarem-no, chegaram à propriedade onde o rei morava.

Skallagrim e os seus chegaram justo no instante em que o rei se preparava para o seu banquete diário. Nas imediações da casa senhorial havia alguns homens espalhados, os quais lhes perguntaram quais eram as novidades.

– Quero falar com Aulvir, o escaldo do rei – disse o filho de Úlfr, laconicamente.

Um dos homens entrou na casa do rei e chamou Aulvir.

– Aí estão doze homens – ou, antes, doze gigantes – que desejam falar-lhe.

O poeta pressentiu imediatamente que se tratava de Grim e seus homens, e tratou de ir recebê-los. Após dar-lhes as boas-vindas, pediu que entrassem no recinto do rei.

– Imagino que aqui também deve vigorar o costume dos visitantes se apresentarem desarmados diante do rei – disse Skallagrim, começando a despir seu armamento.

Aulvir disse que, de fato, assim era.

– Pois então entraremos apenas seis – disse Grim –, enquanto o restante permanecerá aqui fora, a vigiar as armas.

Aulvir, mais uma vez, concordou e foi ter com o rei junto dos seis.

– Alteza, aqui está Skallagrim, o filho de Kveldúlf. Vem conversar convosco, conforme a vossa vontade.

Aulvir regurgitou mais uma enfiada de salamaleques protocolares antes de fazer uso de sua natural eloquência para começar as tratativas acerca do ressarcimento que o rei pretendia fazer pela morte de Thorolf.

Harold escutou tudo com a paciência que podia, observando a figura dos visitantes, até o instante em que seus olhos pousaram sobre Skallagrim.

– Pelo porte e altura, você deve ser Skallagrim – disse ele.

O Careca assentiu num meneio discreto da cabeça lisa, parecendo disposto a cumprir fielmente o seu propósito de não pronunciar uma única palavra ao assassino do seu irmão.

Acontece que o rei agradara-se tanto da figura de Grim que decidiu, no mesmo instante, refazer os termos da sua proposta.

– Eis a compensação que agora vos tenho a propor – disse o rei, cortando a palavra ao poeta, e olhando fixamente para Skallagrim. – A partir de hoje você deverá servir em minha guarda pessoal. Se os seus serviços me agradarem, certamente hei de oferecer-lhe uma vultosa compensação, e até mesmo honras maiores do que aquelas que a Thorolf concedi nos dias em que me era servo fiel. Desde, é claro, que você se comporte melhor do que ele.

Skallagrim sentiu chegada a hora de quebrar o seu voto de silêncio para responder a oferta real.

– Isso não será possível, senhor, uma vez que o homem que o senhor assassinou sempre foi melhor do que eu em tudo. Sendo, portanto, incapaz de igualá-lo, rejeito vossa oferta, que seria, para nós dois, um péssimo negócio.

Nem bem Grim terminara de proferir sua recusa, o rosto do rei tornou-se rubro como o sangue, obrigando o poeta a dispensar os visitantes antes que algum incidente desagradabilíssimo sobreviesse.

Skallagrim saiu e juntou-se aos demais, tomando as suas armas.

– Daria um olho da cara para saber o que o tirano está dizendo agora – disse ele, pois sabia que, a partir dali, qualquer coisa poderia acontecer.

Eis, porém, o que o rei disse aos seus homens:

– Este calvo, filho de Kveldúlf, está cheio de ódio e ferocidade! Se sua ira se esparramar por todo um exército, não restarão de meus soldados nem

mesmo os dentes! Vão atrás dele, pois, e matem-no já, antes que isso aconteça!

Aulvir, ao ver os preparativos para o massacre, conseguiu afastar-se do rei e ir avisar Grim da cilada.

– Foge, Grim, a toda pressa, pois o rei não o deseja vivo nem aqui nem em sua casa!

– Aí está o resultado das suas conversinhas! – disse ele ao poeta.

– Infelizmente, você tem razão. Apressei-o para que viesse, e agora tenho de apressá-lo para que parta.

Então Skallagrim e seus companheiros partiram para o lago, tomando o cuidado de danificar os navios do rei que estavam nas margens, para que não pudessem lhes sair no encalço.

Antes, porém, de partir, viram chegar a turba palaciana de machados em riste.

– Depressa, são os esbirros do rei! – gritou Skallagrim.

O navio dos indesejados partiu, e foi com grande alívio que eles arremessaram chufas do meio do lago à turba do rei enquanto ela corria atarantada, de lá para cá, em busca de algum navio que não estivesse danificado.

Impotentes como um grupo de nonagenários, os guardas do rei retornaram para dar a Harold a péssima notícia da fuga do filho de Úlfr e da impossibilidade de alcançá-lo.

– Estejam certos, seus asnos, de que alguém morrerá por isso! – rugiu Harold, deixando, porém, para depois do almoço a diversãozinha consoladora de escolher o bode expiatório.

* * *

Skallagrim continuou o seu percurso com seus companheiros até chegar em casa. Ele contou a viagem ao seu pai, que ficou muito orgulhoso de saber que o filho não havia se submetido ao rei, como o fizera o infeliz Thorolf, bem contra a sua vontade.

– Está dito que deste rei só nos sobrevirão prejuízos, e nenhum benefício!

Então Grim sentiu-se no dever de alertar o pai para o fato de que o prejuízo sobreviria agora, de qualquer jeito.

– O melhor que fazemos é sairmos deste reino em busca de outra terra para viver, pois, do contrário, só nos restará um destino semelhante ao de Thorolf.

– Tem razão, meu filho, nos apartemos de uma vez por todas deste tirano e busquemos o refúgio da Islândia. Muitos nobres não têm feito outra coisa desde que Harold começou a sua obra nefasta de unificação da Noruega. Lá estão nossos amigos e parentes, de quem poderemos obter terras sem pagar uma única moeda.

– Mas há terras férteis para todos em tal abundância? – disse Grim, um tanto descrente.

– É o que dizem. Mas, se não houver, faremos com que haja!

Skallagrim exultou. Que o raio de Thor o rachasse se ali não estava o melhor dos argumentos vikings!

Em princípios da primavera, Úlfr partiu para a Islândia com Skallagrim e Thorir Hroaldson, o irmão adotivo de Skallagrim, educado desde a infância na casa de Úlfr. Ele tinha quase a mesma idade de Skallagrim e ambos se davam muito bem, mesmo Thorir tendo aceitado ser, anteriormente, barão do rei.

Úlfr e os dois filhos embarcaram em dois drakkars enormes, tripulados por trinta homens habilidosos. Ninguém se atreveu a comprar as terras de Kveldulf por medo das represálias do rei.

XI

O Lobo Noturno em ação

Nem só inimigos tinha o rei Harold. Havia alguém que ele amava muito: Guttorm, seu tio e pai adotivo. Ele havia administrado suas terras no tempo em que o rei era criança, bem antes de subir ao trono, tendo-se tornado, mais tarde, comandante-chefe dos exércitos de Harold na campanha de unificação.

Quando Harold se tornou rei único de todo o país e uma paz relativa se estabeleceu, Harold deu ao seu tio Guttorm todas as terras que haviam pertencido antes a seu pai Halfdan, o Negro.

Guttorm teve dois filhos e duas filhas. Sigurd e Ragnar, os filhos, e Ragnhildr e Aslaug, as filhas.

O tempo passou e o amigo do rei adoeceu, e um dia, quando estava prestes a morrer, enviou o mensageiro ao rei, pedindo-lhe que se encarregasse de seus filhos e de seus bens.

Quando Harold soube da sua morte, chamou os dois mensageiros irmãos e ordenou:

– Vão a Tunsberg e tragam-me os filhos de Guttorm. Suas filhas devem permanecer lá, onde serão educadas até se casarem.

Os dois irmãos escolheram homens e os melhores navios, dentre os quais estava o navio que havia pertencido a Thorolf Kveldulf, filho de Úlfr, o Lobo Noturno. Então partiram junto com a sua tripulação e houve vento favorável, até que, na primavera, chegaram em Vik, e depois a Tunsberg, onde entregaram a mensagem.

Hallvard e seu irmão buscaram os filhos de Guttorm, assim como muitas riquezas, embora a viagem de retorno tenha transcorrido sob um péssimo tempo. Quando chegaram ao fiorde de Sogn, decidiram fazer pouso, estendendo as lonas no chão do navio, e se acomodando para passar a noite ali.

* * *

Certo dia, Úlfr e seu filho Skallagrim, em viagem para a Islândia, estavam pousando numa ilha quando, de repente, avistaram o navio que pertencera a Thorolf.

– Veja, meu pai, aquele é o navio de Hallvard, o mensageiro do rei! – disse o Careca.

– Tem certeza? – disse o velho pai.

– Sim, é ele! – gritou Grim. – O desgraçado tomou o barco de Thorolf!

No mesmo instante, os olhos de Úlfr brilharam como dois fochos numa caverna.

– Que bela oportunidade nos surge, então, de vingarmos nosso Thorolf! – rugiu ele, tomando da espada.

Depois de olhar para o céu, que começava a escurecer, Úlfr montou sua estratégia.

– Vamos aguardar que a noite caia para capturarmos estes cães!

Prepararam dois barcos, com vinte homens em cada. Úlfr comandava um e Skallagrim o outro, e assim remando aproximaram-se sorrateiramente do navio de Hallvard até serem avistados por uma sentinela postada na prancha de desembarque. Um grito violento ecoou na noite para avisar os tripulantes da presença inimiga.

Hallvard e seus companheiros acordaram e correram em direção às armas. Enquanto Úlfr e sua tropa tomavam a prancha de desembarque da popa, Skallagrim fazia o mesmo com a outra, do lado da proa.

Era noite fechada, e o Lobo Noturno estava em seu elemento. Portando seu machado de lâmina dupla, ordenou aos seus homens que alcançassem as lonas e cortassem as amarras, enquanto ele, em estado de fúria assassina, se precipitava para cima dos tripulantes, varrendo-os com o seu machado. O mesmo fez Skallagrim, no outro extremo, até o instante em que pai e filho encontraram-se no centro do navio, cobertos do sangue das suas vítimas.

– Hallvard ainda resiste no castelo de proa, meu pai! – disse o Careca.

Úlfr franziu ainda mais as sobrancelhas tintas de sangue e rumou a passos sólidos para lá.

– Saia para fora, cão infernal e venha morrer como um viking! – urrou o velho, dentro da noite.

Os dois irmãos Hallvard e Sigtrygg apresentaram-se, finalmente.

– Aqui estamos, traidor do rei! – disse Hallvard, portando um machado em cada mão.

– Hoje terminam os seus dias de cães sabujos do tirano! – disse, em resposta, Úlfr.

Feitas as apresentações, engalfinharam-se todos no último embate da noite. Enquanto Úlfr atracava-se com Hallvard, Skallagrim duelava com Sigtrygg, e todo o restante da tripulação, paralisados, acompanhavam o desfecho.

Apesar de mais velho, o Lobo Noturno tinha a vantagem de ter a noite e o ódio a lhe centuplicarem as forças. Úlfr, atirando longe o machado, tomou um arpão e golpeou Hallvard, atravessando-lhe o peito e então o suspendeu como a um peixe e lançou-o ao mar. Skallagrim também não encontrou maiores dificuldades para vencer Sigtrygg. Tão logo viu o irmão morto, Sigtrygg perdeu toda a força e o ânimo para continuar combatendo, e só não negociou sua vida porque sabia da absoluta inutilidade do gesto.

– Mate-me de uma vez, filhote do lobo, e deixe ir-me juntar a Hallvard nos salões do Valhalla!

– Eu o mandarei, sim – disse Skallagrim –, mas é bom que não esteja por lá quando eu chegar, pois irei matá-lo também lá, tantas vezes quantas possíveis, até a consumação do Ragnarök!

Grim desceu, então, o machado sobre a cabeça de Sigtrygg, abrindo-lhe uma rachadura completa, desde o topo do crânio até a arcada dentária inferior.

Nesse instante, a tripulação, apavorada, atirou-se às águas, mas Skallagrim, decidido a não deixar nenhum sobrevivente, tomou um bote e saiu matando um por um dos que bracejavam na água.

No fim de tudo, porém, ainda havia restado meia dúzia, que Úlfr quis interrogar. Úlfr tomou da “Bicuda”, o seu velho punhal de estimação, e aproximou-se de um dos sobreviventes, resgatado das águas

– Diga logo o que andavam fazendo por aqui! – rugiu ele nas barbas ensopadas do outro.

O sujeito abriu a boca para falar, mas um ruído cavo parecido com o de um corne, seguido do splash mole de algo que cai sobre a madeira, foram as duas únicas coisas que pôde escutar.

– Tragam outro! – disse Úlfr, enterrando o punhal no coração do desgraçado.

Enquanto estertorava, o moribundo regurgitou sobre o seu carrasco o restante das fezes esverdeadas. Impassível, Úlfr deixou que aquele caldo

infecto fosse misturar-se à pasta de sangue e vísceras que lhe ornava o peito como um emblema macabro.

– Vejamos este! – disse ele, tomando outro miserável.

Este gania tão alto que Úlfr teve de sacudi-lo pelas barbas, apanhadas num único molho, para despertá-lo do seu delírio de pavor. Num linguajar desconexo, ele disse que traziam consigo os filhos de Guttorm para levá-los até o rei.

– Quem é este Guttorm maldito?

Skallagrim conhecia, pelo menos de nome, o tal sujeito.

– É o lambedor de botas predileto de Harold, meu pai!

Úlfr voltou-se, com a mesma fúria, ao prisioneiro.

– Onde estão os filhotes deste tal Guttorm?

O prisioneiro balançou a cabeça freneticamente, o que podia significar uma destas três coisas, no mínimo: que eles haviam morrido, que ele não sabia de nada, ou que não iria falar.

Sem paciência para fazer todas estas três perguntas, Úlfr enterrou a Bicuda até o cabo no peito do infeliz. Enquanto o ferro trabalhou-lhe nas entranhas, a vítima permaneceu com a mão esquerda erguida e estertorante, como a segurar uma pedra em chamas, até conseguir libertar-se, finalmente, do inferno desta e de qualquer outra sensação.

Então, alguém gritou:

– Vejam, devem ser aqueles os desgraçadinhos!

Sobre o espelho da água boiavam, misturados ao reflexo das estrelas, os corpos de dois meninos, um de doze e o outro de dez anos. Eles haviam sido jovens promissores e isto seria tudo que se poderia dizer deles para sempre.

Skallagrim deixou que dois prisioneiros partissem para levar ao rei o anúncio da vingança de Úlfr.

– Vão até o rei tirano e lhe contem tudo o que aconteceu!

Grim, que tinha lá suas veleidades poéticas, compôs estes versos de improvisado.

– Se tiverem boa cabeça, repitam isto ao rei canalha:

*Executada está no rei
a vingança do nobre Thorolf,
e já lançam-se o lobo e a águia*

*aos descendentes do soberano.
Voaram os pedaços
De Hallvard até o mar,
Enquanto o abutre dilacera
A ferida de Snarfari.*

Depois disso, Skallagrim e seu pai levaram o navio com sua carga até onde haviam deixado os seus próprios navios. Trocaram para o navio capturado e embarcaram ali as suas mercadorias, enquanto punham a pique o menor dos seus navios, enchendo-o de pedras e perfurando-o.

Zarparam com os navios maiores, pois houve vento muito favorável e tempo excelente, enquanto Úlfr, passada sua fúria de guerreiro *berserker*, tornou-se tão completamente esgotado que ficou de cama muitos dias.

O vento favorável os levou mar adentro por duas semanas. Úlfr, restabelecido, comandou o barco que havia tirado de Hallvard, e navegava bem junto do navio de Grim, de maneira que não se perdiam de vista. Seu cansaço, porém, continuava, até o ponto em que, perdidas todas as forças, Úlfr retornou ao leito, onde começou a delirar.

– Valhalla... valquírias... – sussurrava ele, como se já estivesse nos braços das amazonas nórdicas, sendo conduzido velozmente ao paraíso dos heróis nórdicos.

Quando se aproximou a hora da sua morte, Kveldulf teve um momento de lucidez e, chamando a sua tripulação, lhes disse:

– Chegou a hora mais nobre de um homem: a de estar face a face com Odin. Já sinto mãos macias perfumarem minhas barbas, preparando-me para o encontro. Quando isso acontecer, lancem meu corpo ao mar. Digam a Skallagrim que mudei um pouco o meu itinerário, e que ele deverá seguir sem mim até a Islândia. Vou para um outro lugar muito melhor, o único verdadeiramente digno de um viking, mas que, se por acaso o meu corpo arribar às praias da Islândia, que ele faça a sua casa o mais perto possível do lugar onde meu corpo tenha sido lançado.

E assim morreu Úlfr Kveldulf, o velho Lobo Noturno.

Sua tripulação fez tal como ele havia dito: colocaram-no em um caixão e o arremessaram ao mar.

XII

Um esquife à deriva

Havia um homem chamado Grim, filho de Thorir Kettleson Keel, que tinha sido muito amigo de Úlfr Kveldulf e de seus filhos Grim e Thorolf, tendo-os acompanhado em muitas de suas viagens e pilhagens. Por essa razão Thorir havia atraído a ira do rei Harold. Foi ele que se encarregou do comando do navio quando Úlfr morreu.

No momento em que os dois navios comandados por este Grim e pelo outro Grim (Skallagrim, filho de Úlfr) chegaram a Reykja e viram o fiorde se descortinar aos seus olhos, decidiram entrar por ele com ambos os navios.

Havia uma borrasca intensa, com muita chuva e nevoeiro, e graças a isso os dois navios se separaram.

Grim de Halogaland navegou pelo fiorde de Borgar e aguardou até o tempo melhorar, quando então ingressou no estuário de Gufu, subindo até onde foi possível. Depois, ordenou o desembarque naquelas terras adjacentes, onde passou o primeiro inverno. Explorou as terras costeiras, pelo interior e exterior, e quando havia se distanciado um pouco, encontrou, miraculosamente, em uma enseada, o caixão de Kveldulf encalhado.

Agradecendo a Odin e a todas as valquírias, os vikings carregaram o esquife num cortejo solene até um promontório, e ali enterraram os restos mortais do grande patriarca dos exilados.

Skallagrim, por sua vez, desembarcou em um cabo imenso que adentrava o mar. O navio foi descarregado e o filho de Úlfr chamou este lugar de Shipness. Mais tarde Skallagrim explorou as terras, descobrindo um grande pântano, além de extensos bosques que iam desde a montanha até a praia de areias brancas como o sal.

Quando explorava as terras do sul, pela costa, Skallagrim encontrou um grande fiorde. Entrou por ele e não parou até reencontrar os companheiros extraviados. Ao se reverem, todos explodiram numa alegria próxima da comoção. Mas a maior emoção Skallagrim sentiu ao ser informado da chegada miraculosa do esquife do pai.

– O velho danado veio mesmo, então? – gritou Skallagrim.

– Sim, o esquife arribou na praia e nós o enterramos no ponto mais alto do promontório! – disse o outro Grim. – Doravante, como uma sentinela perpétua, ele estará ali para dar as boas-vindas aos nossos amigos e lançar sua maldição sobre nossos inimigos!

Skallagrim instou com o amigo para que o levasse imediatamente até lá, pois por nada deste mundo queria deixar de ver o túmulo de seu velho pai, além do seu paraíso particular.

– Que o raio de Thor desça sobre mim se o velho lobo não escolheu o melhor lugar para eu edificar a minha casa! – disse o Careca, eufórico.

Skallagrim passou o inverno ali com sua tripulação, e ocupou as terras que havia entre a montanha e a praia, além de todos os pântanos existentes até a lagoa das Focas, para cima até Borgarhraun, e ao sul de Hafnar e de todas as terras que havia entre os rios até o mar.

Na primavera seguinte, Skallagrim levou o navio até o fiorde, mais ao sul, e subiu por uma enseada próxima, no lugar onde Kveldulf havia chegado. Instalou ali sua casa, chamando-a de Borg, e ao fiorde de Borgar, da mesma maneira a região em torno do fiorde. Skallagrim explorou as terras da região e distribuiu terras a seus marinheiros como um soberano, pois desde aquele momento o rei ali era ele, o Harold de todas aquelas terras.

Para Grim de Halogaland, Skallagrim deu uma moradia ao sul do fiorde de Borg. A alguns deu terras ao longo dos rios, a outros nas colinas. Ao gigante Thorir e a seus irmãos lhes deu terras para cima de Einkunnir, e na região afastada do rio Long, e assim por diante a todos os demais.

Distribuída as terras, Skallagrim foi ao fiorde de Borg, até onde este terminava, depois ao lado ocidental do rio, e chamou-o de rio Branco, pois nunca havia visto rios que saíssem dos glaciais, e lhe pareceu que o rio tinha uma cor fantástica. Depois, subindo por este mesmo rio, encontrou outro que descia desde as montanhas ao norte, e seguiu até encontrar um terceiro rio de águas rasas, que ele cruzou, continuando a travessia rio Nordra. Mais adiante, um quarto rio despontou, a descer desde os aluviões, e ainda um outro, muito extenso, que chamou de rio Transversal, por desaguar transversalmente. Satisfeitíssimo com esta verdadeira malha de rios, de águas potáveis e repletos de peixes, Skallagrim retornou, finalmente, a Borg, após uma longa e frutífera expedição.

Além de ser um trabalhador incansável, Skallagrim tinha ao seu lado

homens deste mesmo feitio, expeditos e disciplinados, que ele encarregava de prover o sustento da pequena população que já começava a se formar no novo povoado. Nessa época, como havia pouco rebanho para as necessidades de toda aquela gente, Skallagrim havia deixado o gado solto a pastar pelos bosques, aguardando que a engorda e a reprodução acelerada multiplicassem o número destes animais tão essenciais à sobrevivência de qualquer comunidade daqueles dias.

O filho de Úlfr também era um bom construtor naval, e como não faltava madeira por ali, construiu casas também no cabo dos Cisnes, para que se transformasse numa estação de pesca, onde os homens iam caçar focas e munir-se de ovos e outros víveres que por ali existiam em grande quantidade.

Havia, também, próximo da arrebentação, grande quantidade de baleias, em tal número que a caçada era sempre rendosa, pois elas, desacostumadas dos homens, tornavam-se presas fáceis e indefesas.

A terceira casa de Skallagrim foi erguida junto ao mar, a oeste de Myrar, pois ali havia grande abundância de madeira. Ele mandou semear todo o lugar e chamou-o de Campos Cultivados. Em frente dali, havia algumas ilhas onde foram encontradas baleias, e por isso foram chamadas, obviamente, de ilhas das Baleias. A pesca do salmão também se tornou outra atividade muito rendosa, especialmente no rio Solitário.

* * *

Algum tempo depois de Skallagrim chegar, um homem chamado Oleif Halt também atracou no fiorde de Borg. Ele trazia junto mulher, filhos e outros familiares, e vinha com a intenção de se instalar na Islândia.

Skallagrim mandou se informar rapidamente de quem era.

– Se for gente do rei, daremos um fim em todos, compreenderam?

– Mas ele vem com muitas pessoas, entre mulheres e crianças – disse um dos seus.

Skallagrim esperou a voz do outro silenciar, e falou outra vez, um tom acima:

– Se for gente do rei, daremos um fim em todos, *compreenderam?*

Sim, agora todos haviam compreendido.

Oleif revelou-se como sendo um homem muito rico, de estirpe nobre e

muito sábio.

– Faltou dizer se é amigo do rei – disse Skallagrim.

Oleif sorriu amigavelmente e disse que não, que tanto ele quanto todos os outros que demandavam outras terras o faziam por não poderem suportar mais os confiscos e a tirania do rei.

– Somente a ralé subserviente consente, atualmente, em servir ao usurpador.

Skallagrim convenceu-se das palavras do imigrante, e decidiu acolhê-lo.

“Antes um aliado que um rival”, pensou ele, abrindo um largo sorriso.

Oleif passou o primeiro inverno na Islândia, sob as vistas atentas de Skallagrim. Quando este se convenceu de que o recém-chegado não representava uma ameaça à sua autoridade, decidiu oferecer-lhe algumas terras ao sul do rio Branco, que iam desde o rio de Grim até o rio Flokadale.

– Não há outro jeito, senão incorporá-los – disse Skallagrim aos conselheiros mais próximos. – Afinal, há terra para todos e precisamos aumentar a população.

Um dos pioneiros, porém, inconformado, quis estabelecer uma diferença entre estes e os que chegavam.

– Afinal, se chegamos na frente, temos de ter regalias!

– Nada disso – disse Skallagrim. – Isso iria criar um conflito desnecessário. No momento, precisamos de gente, acima de tudo de homens adultos e fortes. Temos de crescer em população ou continuaremos a ser um alvo fácil para uma simples esquadra de piratas, quanto mais para as tropas de Harold, caso este louco decida incorporar a Islândia ao seu império. Oleif e sua gente terão o seu lugar, e viveremos em paz, pois há espaço de sobra para todos.

Oleif aceitou as terras oferecidas e mudou-se para lá, passando a residir num lugar chamado Riacho Quente, onde se tornou homem de grande importância. Ele teve um filho chamado Thorarin, que se tornou um dos mais famosos recitadores de leis. Thorarin se casou com Thordis, filha de Olaf, o Tímido, e irmã de Thord, o Gritão.

* * *

Enquanto isso, na Noruega, Harold apropriara-se de todas as terras que

havam pertencido a Úlfr e a Skallagrim, sem esquecer de punir todos quantos tinham ajudado os rebelados a abandonarem o país. Alguns foram punidos, enquanto outros conseguiram escapar, seguindo o mesmo caminho da Islândia.

Ingvar, o sogro de Skallagrim, foi um dos que fugiram. Após desfazer-se de todos os bens e comprar um navio de longo curso, zarpou em direção à Islândia, pois sabia que o genro havia se estabelecido ali.

– Certamente a mim não faltarão boas terras! – disse ele, fazendo-se ao mar como um golfinho.

Poderia ter ido antes, caso quisesse, junto com o genro, porém recusara a oferta categoricamente.

– Esta tal de Islândia é um atoleiro! – dissera ele, o viking mais bem informado de toda a Noruega. – Vão se enfiar, então, naquele fim de mundo?

Ingvar, no entanto, não insistira para que os demais não fossem, pois estava certo de herdar as terras de Úlfr, após um “arranjinho” com o rei. Afinal, ele tinha influência e era personagem graúdo da corte. Sim, melhor que fossem. Ele não iria, tinha fontes seguras, sabia de tudo o que se passava dentro e fora da Noruega.

Infelizmente, na hora agá, as informações não bateram, e a carreta dera com tudo para trás. O rei não quisera nem conversar com Ingvar, apesar do seu elevado status entre a nobreza.

– É sogro do careca traidor! É quanto me basta! – rugira Harold, autorizando a repressão.

Quando o negócio virara, então, e as perseguições começaram para valer, Ingvar mudara espetacularmente de ideia, e agora estava ali, muito satisfeito – no atoleiro da Islândia, sim, mas com todos os membros do corpo.

Quando Skallagrim soube da chegada de Ingvar, foi imediatamente ao seu encontro.

Não, o sogro não morrera durante a repressão do rei, nem afundara com o seu barco durante a longa travessia.

Os fatos, era preciso sempre aceitar os fatos, pensava ele, indo ao encontro do Grande Importuno.

Skallagrim convidou-o a ir viver na sua casa, arrumando também um lugar para a sua tripulação, desde que, é claro, se declarassem todos inimigos do rei. (É claro que, ao mesmo tempo em que dava largas à sua generosidade, coisas como estas também passavam na sua cabeça: primeiro Oleif, agora o

sogro, e quantos mais depois? O ideal, é claro, seria abater a machado, dali por diante, todos que desembarcassem na costa. Mas isso era impraticável, ia contra a marcha dos fatos. As coisas tinham de ser feitas desde o começo, ou então não se consertavam mais.)

– Comigo aqui, esta tal de Islândia vai prosperar, você vai ver só! – disse o sogro, assumindo, repentinamente, ares de anfitrião.

– Já fiz prosperar, Ingvar, veja tudo isso! – disse Skallagrim, abrindo os braços.

– O quê?! Chama isso de *prosperidade*? Mas deixa estar, que eu vou ajeitar o atoleiro!

De fato, o primeiro desembarque fora o começo de tudo.

O começo era sempre a causa de tudo.

* * *

Na primavera, Skallagrim instalou o sogro no cabo dos Cisnes, que, desde este dia, passou a ser dono de muitas terras, que iam desde o riacho de Mud até o fiorde de Strome.

– Uma mixaria! – disse Ingvar, mais tarde, à filha, uma tonta incapaz de reivindicar um pedaço de terra decente para o próprio pai.

Livre parcialmente do sogro, Skallagrim começou a pôr em prática seu velho plano de construir uma forja, junto ao mar, num lugar chamado cabo da Pedra Furada. Infelizmente, ele não conseguiu, por mais que procurasse, encontrar uma pedra dura e plana que servisse de forja, já que só havia seixos na praia de areias finas.

Mas ele estava obcecado em ter a sua forja, e por isso, numa manhã bem cedo, enquanto a maioria ainda dormia, ele tomou um bote e remou até as ilhas de Midfirth. Lá, percorreu tudo até encontrar: uma pedra lisa do tamanho de um cavalo. Carregou-a nos ombros até o bote e retornou ao cabo da Pedra Furada, instalando o pedregulho diante da porta da ferraria.

– Pronto, uma pedra digna de Skallagrim! – disse ele, lavado em suor.

O Careca acendeu os fogos e, no mesmo instante, começou a golpear com um martelo em cima dela. Desde então, a pedra passou a ser a sua bigorna, pedra esta que continua no mesmo lugar, até hoje. Em volta dela há muitas escórias com sinais de golpes, e a marca do lento e quase imperceptível

desgaste provocado pelas ondas. Não se parece com nenhuma outra pedra que há ali, e é tão imensa, se diz, que quatro homens não conseguiriam levá-la.

Desde a inauguração da forja, Skallagrim passava ali a maior parte do seu tempo, como um Vulcano nórdico, em meio ao reflexo das fogueiras e da fumarada espessa. Seus serviçais protestavam por ter que se levantar tão cedo, então ele, só para aborrecê-los ainda mais, compôs um poema e passou a cantarolá-lo o dia inteiro. Seus versos duros diziam que “cedo se levanta o ferreiro que requer metais ao fole”, e que os foles sopravam o vento, fazendo cantar o martelo sobre o metal ardente, enquanto os “vorazes sopradores” bramiam e bramiam...

Felizmente, a melodia está perdida para sempre.

* * *

Skallagrim e Bera tiveram muitos filhos. Os da primeira fornada morreram todos muito cedo. Então tiveram mais um filho e batizaram-no de Thorolf. Todos diziam, ao nascer, que se parecia muito com Thorolf Kveldulf, e por isso Skallagrim lhe deu o mesmo nome do irmão morto pelo rei.

Quando Thorolf se tornou adolescente, superava os rapazes da sua idade em força e coragem, destacando-se em tudo em que tomava parte. Não havia nada que os outros homens não fizessem que ele não fizesse melhor. Thorolf era muito alegre, fortíssimo, e o povo acreditava que ninguém era capaz de competir com ele em matéria de fortaleza física – o que o deixava muito feliz e envaidecido, pois se tratava do maior elogio disponível para um viking.

Skallagrim e Bera também tiveram duas filhas: Saeunn e Thorunn.

Depois das duas meninas, veio outro filho, que se chamou Egil – e assim chegamos, finalmente, ao herói máximo desta saga. Ele era tão feio quanto o pai, e mais mal-humorado que o seu avô Úlfr em noite de Lua cheia, o que o vocacionava, naturalmente, a grandes feitos. Aos três anos, era grande e forte como um menino de seis ou sete, e quando atingiu os seis ou sete era já um “cavalo”, no dizer do falecido tio. Apesar da má índole e dos péssimos hábitos, era também eloquente e sábio com as palavras. Quando brincava, o seu esporte favorito era atirar golpes terríveis nas árvores até derrubá-las pela raiz, ou então sovar os amiguinhos até deixá-los desacordados. Um pouco

antes da puberdade, Egil mandou antecipadamente para o Valhalla dois frangotes atrevidos que o haviam desfeitoado, chamando-o de “poeta efeminado”. Os dois eram maiores do que ele, e por isso tudo lhe foi perdoado.

Então, certo dia, durante os festejos de Balder, Egil saiu-se com esta tirada imprevista:

– Meu maior desejo é crescer de uma vez para matar meus inimigos e *estrupear* suas mulheres!

Uma ovação frenética encheu-o ainda mais de soberba. Bera chorou de emoção e declarou o filho um “Thor terreno”, enquanto Skallagrim, com um barril de hidromel na barriga, urrava todo alterado:

– Isso mesmo, garoto! Estupre-as de verdade! Elas não querem outra coisa!

Mais ou menos por esta época, Ingvar foi a Borg convidar Skallagrim para uma festa em sua casa.

– Leve também Bera e os filhos! Vocês vão ver só o que é uma festa!

– Iremos sim – respondeu Skallagrim, sem a menor vontade de ir.

Ingvar voltou para casa e começou a preparar o banquete e a cerveja, distribuindo pancadas nos servos.

– Que não me saia algo direito!... Que não me saia!...

Quando chegou o dia, Skallagrim preparava-se para partir quando Egil veios aos gritos interpelá-lo.

– Eu quero ir junto! Por que não me convidaram?

– Você não vai enquanto não aprender a se comportar.

Egil estrangulara sete vacas e dezenove porcos, por pura pirraça, e por isso estava de castigo.

– Sou tão neto de Ingvar quanto Thorolf, e vou de qualquer jeito! – respondeu Egil batendo o pé no chão.

– Não vai – respondeu Skallagrim, taxativo – Lá haverá muita bebida, e você já é perverso o bastante quando sóbrio.

Então Skallagrim partiu com a sua comitiva de quinze pessoas, entre parentes e amigos.

Acontece que para Egil “não” era uma palavra sem sentido, e por isso ele tratou de arrancar dos estábulos um dos cavalos do seu pai e saiu, um pouco mais tarde, no encalço da comitiva.

O mais complicado foi atravessar os pântanos, que ele não conhecia direito. Mesmo assim, foi capaz de seguir o grupo de Skallagrim a certa distância, quando este não ficava escondido pela mata.

Egil chegou ao cabo dos Cisnes ao anoitecer. Todos estavam sentados bebendo, quando ele entrou no salão de festas de seu avô, sem se fazer anunciar.

Ingvar, ao ver a má cara do neto e como havia crescido desde a última vez em que o vira, tratou de acolhê-lo com um sorriso que lhe ia de orelha a orelha.

– Garotão, seja muito bem-vindo! Por que se atrasou tanto?

– Meu pai não queria que eu viesse – respondeu Egil, fuzilando um olhar tão intenso para o pai que a careca de Skallagrim despediu um reflexo. – Ele pensa que eu não sei me comportar direito em festas!

– Ora, que bobagem! – disse Ingvar, tentando, inutilmente, passar o braço ao redor dos ombros de Parthenon do neto. – Venha, sente-se e vamos comer e beber à vontade!

Somente Skallagrim e Thorolf não fizeram boa cara diante da chegada do garoto. Todos os demais lhe endereçaram sorrisos de satisfação, ofertando-lhe todos os dentes da boca.

Depois da primeira dentada, e, principalmente, depois de ter empinado um chifre, Egil soltou a língua e começou a recitar poemas e a contar histórias, sendo muito aplaudido por todos, especialmente por Ingvar.

– Tem a facúndia do avô, aqui! – dizia o velho, a todo instante, adonando-se do prodígio.

Apesar do mau começo, Egil comportou-se às mil maravilhas, de tal sorte que retornou já reconciliado com o pai.

No dia seguinte, Ingvar apareceu em Borg com três conchas espirais e um ovo de pato, presenteados ao “poetaço” do neto. Egil, translúcido de vaidade, compôs de improviso um poema acerca do prêmio – até ali, o mais hermético de quantos já inventara, cheio de versos obscuros que ninguém entendeu, mas que todos elogiaram.

XIII

Bjorn e Thora

Por esta época existiu também um certo Bjorn, filho de Brynjolf, lorde de Sogn.

Como a maioria dos vikings, este Bjorn era um navegador versátil: às vezes saía em viagens mercantis e outras vezes saía a piratear alegremente por aí. Numa destas viagens, ele conheceu uma bela jovem que lhe agradou muito.

Bjorn perguntou qual era a sua família, e ela lhe respondeu que era irmã de Thorir Hroaldsson.

– Chamo-me Thora Lacehand – disse ela, e este nome deslizou como o mel sobre a alma de Bjorn.

– *Thora Lacehand...!* – repetiu ele, encantado.

A jovem fez a bênção de repeti-lo, reintroduzindo a ponta da língua entre os dentes a fim de acentuar o “Th” lingual dos povos do norte – um som que soará sempre tão belo e feminino nos lábios de uma mulher quanto repulsivo na boca de um homem.

– *Thhhora* Lacehand...

Não demorou muito para Bjorn pedir a mão de Thora, mas um irmão dela chamado Thorir recusou.

– Aqui não há mais nada a fazer, matutão, senão partir! – disse-lhe Thorir, imperativo.

Bjorn encarou o empecilho, e lhe disse, de ânimo aceso:

– Muito bem, partirei. Mas assim como partirei, também voltarei, ou não me chamo Bjorn, filho de Brynjolf!

– Adeus, Bjorn, filho de Brynjolf, e de quem mais o seja! – disse Thorir, estreitando a irmã nos seus braços.

Apesar do desgosto, Bjorn retornou para casa um tanto empolgado, pois tinha agora a oportunidade de praticar uma terceira modalidade de viagem muito apreciada pelos nórdicos: a viagem de rapto.

Ainda naquele mesmo outono Bjorn reuniu uma pequena tropa e, depois

de aboletá-la no seu drakkar, partiu em direção às terras de Thora. Para sua felicidade, Thorir não se encontrava em casa, facilitando o rapto da bela Thora.

Desde aquele dia Thora passou a residir em Aurland, não tanto contra a sua vontade, porém temerosa das consequências daquele gesto tão impensado. Bjorn quis casar imediatamente com ela, mas seu pai Brynjolf não gostou nada da ideia.

– É uma desonra o que você fez, meu filho – disse ele, sisudamente. – Ao raptar Thora você destruiu minha antiga amizade com Thorir. Não haverá casamento algum aqui em minha casa sem o consentimento de Thorir.

E foi tal como Brynjolf disse, porque aquela era a sua casa e não a de Bjorn – gostasse ele ou não. Em seguida, Brynjolf enviou homens à casa de Thorir para lhe oferecer uma indenização pelo rapto da irmã.

Mas ele não queria indenização alguma, senão sua irmã mais que amada de volta.

– Sinto muito, meu filho, mas você terá de devolvê-la – disse Brynjolf, ao tomar conhecimento da resposta.

Mas Bjorn não quis devolver Thora por nada deste mundo.

– Sairemos desta casa, se preciso for! – disse ele, intransigente.

Então as coisas ficaram neste pé, e o inverno foi a única coisa que partiu.

Porém, quando a primavera chegou, Brynjolf e Bjorn tornaram a debater o assunto.

– Meu filho, todos sabemos que a primavera é a época da resolução das pendências – disse o velho, preocupadíssimo. – Thorir não tardará a vir buscar sua irmã.

– Que venha – disse Bjorn. – Asseguro-vos que saberei defender a mulher que eu amo.

– Faria melhor em partir, e sozinho – disse o pai.

– Então me dê um navio de guerra com uma tripulação sanhuda, para que eu possa sair por aí a pilhar.

Mas o velho não aceitou.

– Piratear, nunca mais. Não quero mais vê-lo metido em encrencas.

Então Brynjolf deu ao filho um barco mercante e uma tripulação cordata e pacífica – se tal coisa era possível na gente da sua raça – para que fosse mercenciar ao sul de Dublin, um ponto comercial importante da época.

Bjorn disse que faria o que o seu pai quisesse, e assim que surgiu o

primeiro vento favorável embarcou com doze dos mais dóceis tripulantes na direção de Dublin.

Apesar de pacíficos, os doze homens mandaram ver nos remos, de tal sorte que não custou muito para Bjorn chegar a Aurland, onde sua doce Thora o esperava na casa de sua mãe, tudo isso sem o conhecimento de Brynjolf.

As duas estavam sentadas sob um caramanchão, com muitas outras mulheres.

– Vim buscá-la, Thora! – disse Bjorn.

Thora, felicíssima, tomou seus pertences, disse adeus à tropa inteira das mulheres, e partiu com seu amado.

– Não comentem nada com Brynjolf – cochichou a mãe de Bjorn às outras mulheres. – Isso seria jogar pai contra filho, algo que nem a mais perversa das criaturas ousaria fazer.

O casal navegou aquela noite para o mar de Sogn. Logo, estavam em alto-mar, com o navio corcoveando sobre as ondas, pois na pressa de fugir haviam partido com vento desfavorável e prenúncios de uma terrível tempestade.

De qualquer modo, era preciso distanciar-se o quanto antes da Noruega amaldiçoada, e eles o fizeram.

* * *

Bjorn e Thora, num clima vago de Tristão e Isolda, navegaram longamente para longe dos inimigos do seu amor, até alcançarem Shetland em meio a um terrível temporal, desembarcando, logo depois, em Mossey.

Ali, Bjorn ancorou seu barco, reparou os estragos e comercializou algumas mercadorias, aproveitando a ocasião também para oficializar sua união com Thora, dando início a uma lua de mel que durou todo o inverno.

Ali pela primavera, porém, chegou à costa de Mossey um navio vindo do sul de Orcades, trazendo mensageiros do rei Harold, da Noruega. Eles vinham encarregar um conde local, um certo Sigurd, de prender e executar Bjorn Brynjolfsson, estivesse ele onde estivesse. A mesma mensagem foi enviada a Dublin e às ilhas do Sul.

Bjorn, porém, ao saber dessas notícias, tratou logo de fugir, ganhando o mar outra vez com a sua amada. Durante o percurso tiveram um vento mais forte que os empurrou para a costa do sul da Islândia. O vento soprava em

direção a terra, e eles se deixaram ir, na esperança de encontrarem ali um lugar seguro para viver.

Nenhum dos homens a bordo tinha estado na Islândia anteriormente, e foi com assombro que penetraram num dos fiordes, seguindo em direção à costa ocidental. Como não havia porto algum por ali, continuaram rumando a leste até avistarem outro fiorde. Entraram nele até que decidiram ancorar na embocadura de um espaçoso cabo. Havia ali uma ilha e um profundo canal no meio deles. A oeste do cabo surgia uma baía e no alto desta havia uma grande colina com aspecto de fortaleza. Bjorn subiu em um bote acompanhado de alguns homens e os orientou para que não comentassem nada a respeito da viagem, pois poderiam ter problemas.

Eles subiram até uma propriedade situada às margens das águas límpidas e cristalinas e encontraram alguns homens parados, a observá-los atentamente.

– Bons amigos, poderiam nos dizer em que lugar estamos? – disse Bjorn.

– Estão no fiorde de Borg, e aqui é a propriedade de Skallagrim, senhor nosso e de todos que aqui desembarcam.

Bjorn pediu, então, que o levassem à presença daquele senhor, que desde já era também seu senhor.

– Sou Bjorn, filho de Brynjolf, lorde de Sogn – disse ele, diante de Skallagrim.

– Muito prazer, conheço já a sua família! – disse o Careca, afavelmente. – Vem mais alguém consigo?

– Sim, minha esposa Thora e alguns homens.

– Não seria porventura Thora, irmã de Thorir?

Bjorn engasgou, com o receio de estar na presença de um amigo do seu desafeto.

– S-sim, ela mesma, senhor...

– Mas que grande alegria! – exclamou o anfitrião. – Será um prazer receber em minha casa a irmã de Thorir!

Bjorn desembarcou seus teres e haveres, enquanto observava a guarda de seu anfitrião, que nunca estava composta de menos de sessenta bravos guerreiros, prontos a fazer em pedaços qualquer agressor.

Mas o passado não cansava de perseguir a Bjorn, de tal modo que acabou chegando também à Islândia a notícia de que ele havia raptado Thora e casado com ela sem o consentimento da família.

– Harold quer a cabeça deste Bjorn assada e em cima de uma bandeja –

disse o informante.

Diante disso, Skallagrim foi falar com Bjorn.

– Por que me ocultou um segredo tão grave? – disse o Calvo, severo. – Jamais esperei que um filho de Brynjolf fosse capaz de praticar um ato tão criminoso!

– Respondi-lhe o que me perguntou – disse Bjorn, de ânimo altivo. – Não vejo por que deva me repreender por não lhe ter dito algo além do que não me perguntou.

– É verdade que raptou a jovem?

– Sim, é verdade – disse Bjorn.

– Então, que raios de atrevimento foi este de instalar-se em minha casa, sabendo que eu era amigo do homem que você vilipendiou? – bradou Skallagrim, cada vez mais enfurecido.

– Estávamos em alto-mar, e fomos impelidos para cá por um forte vento – disse Bjorn. – A esta altura, não tínhamos mais para onde ir, pois até nas cercanias de Dublin os esbirros de Harold já nos perseguiram. Pensei estar em segurança aqui com minha esposa. Porém, se for da sua vontade, partiremos hoje mesmo.

Neste ponto, Thorolf, o filho de Skallagrim, interferiu.

– Por favor, meu pai, eu lhe peço: deixe-os ficar!

– Que tem você com isso, enxerido? – exclamou Grim ao filho.

– Bjorn é um homem justo e trabalhador – insistiu Thorolf. – Não atente contra a sua vida depois de tê-la salvo!

Então Skallagrim, sentindo-se incapaz de lançar o jovem casal a um destino incerto pelos mares, resolveu atirar tudo para cima, pois de problemas já estava cheio até os tubos.

– Se quiser, que fique, mas não na minha casa – disse ele a Thorolf.

Alguns dias depois, Bjorn e Thora mudaram-se para a casa de Thorolf.

* * *

No verão, Thora deu à luz uma menina. Aspergiram-na com água benta (pois a mistura entre pagãos e cristãos começara a se operar também na Islândia), e depois a batizaram com o nome de Asgerdr.

Graças à intervenção que fizera em favor de Bjorn, o jovem Thorolf

passou a ser estimado pelo jovem casal, tornando-se amigo íntimo deles. Um dia, quando a primavera chegou, Thorolf foi falar com seu pai e lhe perguntou que conselho lhe daria em relação a Bjorn, pois pretendia ajudá-lo a se estabelecer na Islândia.

Grim perguntou a Thorolf o que Bjorn tinha em vista.

– Penso – disse Thorolf – que seria melhor que Bjorn retornasse à Noruega, se ali pudesse viver em paz. E se enviássemos alguém à Noruega para negociar uma reparação com o irmão de Thora? Se esta proposta vier chancelada por você, há boas possibilidades de que cheguemos a um entendimento.

Thorolf foi tão persuasivo que Skallagrim se deixou convencer, e escolheu alguns mensageiros que iam à Noruega, numa expedição de verão. Estes foram à casa de Thorir e tentaram conseguir um acordo em favor de Bjorn.

Quando Brynjolf, pai de Bjorn, soube da mensagem, fez de tudo para conseguir um acordo com Thorir. Este, por sua vez, resignado já com o fato consumado, acabou aceitando a indenização proposta.

Estas boas novas, porém, só chegaram ao conhecimento do principal interessado no verão, pois naquele tempo as viagens eram praticamente suspensas por ocasião do inverno. Quando isso aconteceu, Bjorn preparou-se para partir, levando consigo a sua tripulação original. Bera, esposa de Skallagrim, disse, no entanto, que sua filha adotiva Asgerdr era muito novinha para viajar, e que deveria ficar com ela. Bjorn e sua mulher aceitaram. Bera alegrou-se, mas, em compensação, teve o desgosto de saber que seu filho Thorolf desejava ir junto na expedição.

– Você?! Mas o que vai fazer na Noruega, meu filho?

– Está mais do que na hora de eu conhecer o mar – disse ele. – Afinal, sou ou não sou um viking?

Bera começou a choramingar, mas Skallagrim colocou um fim no negócio com um bom e rijo grito:

– O garoto vai para o mar, sim! Não quero saber de calcanhar de esterco na família!

Assim, Bjorn, Thora e Thorolf partiram no verão. Sua viagem transcorreu bem e foi com ânimo feliz que chegaram à Noruega. Assim que desembarcou, Bjorn, juntamente com Thorolf, foi logo à casa de seu pai. Este os recebeu com alegria, mandando avisar, no mesmo instante, a Thorir Hroaldsson que pretendiam fazer-lhe uma visita de reconciliação. A visita

ocorreu e, desfeita a teia dos rancores, Thorir chegou a entregar à sua irmã Thora os bens que lhe correspondiam, selando sua amizade com Bjorn, seu antigo e mortal desafeto.

E não sendo este um livro de moral, mas da vida como ela é, pode-se concluir este episódio dizendo que aqui está um bom exemplo de como um crime pode acabar sendo, muitas vezes, maravilhosamente recompensado.

XIV

O Machado Sangrento

Thorolf e Bjorn passaram o inverno na Noruega. Quando começou a primavera, prepararam um navio com sua tripulação e, quando chegou o verão, saíram para pilhar até o Báltico, pois eram inexperientes demais para exercer o complicado ofício de mercadores.

– É isso aí, garotos. Antes de negociar, é preciso aprender a roubar – dissera Brynjolf, um homem de métodos.

No outono retornaram felicíssimos para casa, depois de obterem um razoável saque. Pareciam dois colegiais modernos depois de ganharem o seu primeiro torneio de pingue-pongue, ou seja lá do que for.

Ao chegarem em casa, porém, souberam que o rei Harold estava em Rogalândia, e que tinha a intenção de passar ali todo o inverno. (Nessa altura, Harold estava bastante velho e a maioria dos seus filhos já eram adultos, inclusive Erik, o seu filho mais novo e predileto.) Mesmo assim, Bjorn resolveu ir visitar seu cunhado Thorir numa grande embarcação, junto com Thorolf e uma tripulação de trinta homens, dos quais catorze eram remadores.

Esta embarcação tinha sido capturada durante o “saque de verão”, quando os dois amigos haviam feito sua estreia bem-sucedida como piratas. Ela era belíssima e toda pintada acima da linha de flutuação. (Inexperiente, ainda, nas artes da “maquiagem naval”, Bjorn preferira deixar o barco tal como o aprisionara.)

Ao chegar à casa de Thorir, Bjorn deixou o vistoso drakkar flutuando em frente à casa, assim como um *nouveau-riche* de hoje deixa sua *van* importada na calçada, a fim de excitar a inveja dos basbaques. Eles foram bem recebidos e permaneceram ali por um bom tempo, enquanto a embarcação, com as lonas ao Sol, subia e descia sobre as ondas como um inatingível sonho de consumo viking.

Então, certo dia, Thorolf e Bjorn abandonaram por um momento os prazeres da estadia para irem rever sua amada embarcação. Ao subirem nela, porém, deram de cara com o príncipe Erik, o filho favorito do rei Harold.

Nem Bjorn nem Thorolf sabiam, ainda, que aquele jovem com ar ligeiramente apalermado viria a ser conhecido, um dia, pela alcunha de “Machado Sangrento”. Graças a isso, mantiveram-se relativamente calmos ao indagarem dele quem era e o que fazia no interior da maravilhosa nau.

– Sou o filho predileto do meu pai – disse ele, com um sorriso cretino.

Bjorn e Thorolf olharam-se, apiedados: o tipo devia ser um tanso ou algum vagabundo pedindo uma boa lição.

Bem, se era isso, ali estava uma bela ocasião para eles mostrarem que não haviam subido e descido o Báltico à toa, pilhando e cortando cabeças.

– DÁ O FORA, PASPALHO!! – rugiu Bjorn, apontando o polegar deitado para o alto-mar.

Erik, porém, em vez de um simples sorriso, respondeu com uma gargalhada estridente.

– Ouviram isto, ursada?... – disse ele para trás, após esgotar o riso.

Do nada surgiram, então, cerca de quarenta trogloditas loiros e de dentes arreganhados. A maioria trazia um machado de lâmina dupla, enquanto o restante carregava piques quase tão altos quanto o mastro da embarcação.

– O negócio é que eu gostei desta coisinha – disse Erik, sem se mover. – Por que não continuam a sorrir e me oferecem de uma vez o barquinho? Garanto-lhes que não há remédio melhor para a garganta em toda a Noruega do que fazer um agradinho ao filho predileto do rei.

Estas palavras produziram nos dois amigos a mesma sensação de um balde de gelo despejado colarinho adentro, em pleno Ártico.

– Filho... *de Harold?* – balbuciou Bjorn.

Então o sorriso falso de Erik desfez-se como por magia. Num pulo, ele pôs-se em pé, possibilitando a Bjorn e Thorolf avaliarem a sua real estatura.

– É isso aí, dentuça-torta! Esta tina coloridinha agora é minha, compreendeu?

A barba ainda incipiente de Thorolf agitou-se fio por fio diante do hálito daquela cria gigante de Harold.

Erik afastou-se um pouco, e voltou-se, de repente:

– E então, matutos...?

O cabo do machado rodopiava tão velozmente entre os seus dedos que a lâmina dupla, na extremidade, parecia agora uma bola de aço ofuscante.

Bjorn sorriu como pôde, e disse, numa simulação penosa de descontração:

– Se o filho predileto do rei está encantado com a embarcação, então ela deve passar a ser sua!

Ao contrário do que se poderia esperar, Erik pareceu frustrado com a resposta. Aos poucos o machado começou a parar de rodopiar, como se alguma bateria interna houvesse pifado, e seu olhar esmoreceu. Não, não haveria sangue, nem cabeças esmigalhadas, nem olhos dependurados das órbitas pelos nervos oculares, nem nada no gênero.

Thorolf resmungou algo ao amigo, que sugeria uma insatisfação vagamente protocolar.

– Vai entregar nosso barco de graça...? (Ele ia dizer também “sem luta”, mas o restante, por algum motivo, não chegou a lhe sair dos lábios.)

– Isso é o de menos – cochichou o outro. – De graça o obtivemos, de graça o perderemos. – Além do mais, com este presente poderemos conseguir com que Erik seja nosso intercessor junto ao rei para aplacar o ressentimento que ele ainda guarda contra o seu pai Skallagrim. Trata-se, portanto, de um acordo, nada mais.

Thorolf demonstrou imediata concordância com a perspicácia do amigo.

– Disse muito bem! Com efeito, aqui não há desfeita alguma, senão um belo trato!

Bjorn concordou tão vivamente que exclamou, também, ao filho do rei:

– Sim, senhores, um belo trato entre homens!

– E então, gostou da sua nova embarcação, *herdeiro de Harold*? – disse Thorolf, caprichando na inflexão.

Erik estava quase deprimido, mas depois desta maravilhosa expressão seu rosto ganhou novo ânimo. Não, ele bem sabia que não era herdeiro de coisa nenhuma, pois não era o primogênito.

– De fato, lombriguinhas... é realmente magnífica! – disse ele, por fim, num arremedo quase de sorriso, enquanto quarenta bocas atrás de si rinchavam algo que, depois de um estudo atento, poderia ser entendido como um riso.

– Ela é sua, sua para sempre – completou Thorolf –, como, um dia, há de ser o trono da Noruega!

Neste ponto Erik teve outra reação chocante e imprevista.

– Basta, idiota! Está mentindo só para me agradar! – disse, ele, encolerizando-se horrendamente. – Bem sabe, ladrãozinho de barcos, que

jamais hei de ser rei da Noruega!

Bjorn sentiu de novo aquela sensação de gelo descendo pela espinha, enquanto fixava Thorolf.

“Por que raios repetiu o maldito absurdo?”, dizia o seu olhar atônito.

– Pois há de ser, e o será por meu gosto – balbuciou Thorolf, sentindo-se, instantaneamente, o mais vil dos seres.

Pelo raio de Thor, como pudera descer tão baixo? E se o seu pai o visse, agora, Odin todo-poderoso? Ele, Thorolf, filho de Skallagrim e inimigo mortal de Harold, “cheirando a bunda” do filho do rei...!

O pior, porém, ainda estava por vir. Num novo gesto impulsivo, Erik avançou repentinamente para cima de Thorolf, estreitando-o mortalmente entre os seus braços de carvalho.

– Pois sejamos, então, amigos, desde já e para sempre! – disse o bom urso esmagador.

Thorolf, nem que quisesse, poderia ter respondido algo, pois tinha o nariz enterrado no peitoral de pelo de urso de Erik, uma coisa viva e em constante decomposição, aderida perpetuamente às carnes do seu dono.

Assim que Thorolf viu-se liberto do abraço, despediu-se como pôde, junto com Bjorn, e ambos abandonaram o barco – o belo barco que lhes havia custado alguns homens e o corte de, pelo menos, vinte cabeças inimigas.

Ao regressarem à casa de Thorir, Thorolf lhe perguntou:

– É verdade que o rei continua a sentir um profundo ressentimento contra meu pai?

– Certamente – disse Thorir. – Seu pai e seu avô, além do seu tio, que tinha o seu mesmo nome, injuriaram-no abertamente.

– Quisera eu – disse Bjorn – poder interceder perante o rei no nome seu e de seus parentes para pôr um fim a esta discórdia, pois sinto que daqui por diante o seu destino será o mesmo que o meu.

– Não, Bjorn, amigo, você não precisa se envolver nisso.

– Já estou envolvido. Além do mais, serei sempre grato a você por tudo que fez por mim e por minha esposa, na Islândia. Vou ver o que posso fazer a respeito, ainda mais agora que contamos com um aliado do peso de Erik.

Depois disso, Thorolf e Bjorn continuaram o caminho até Sogn, num outro barco emprestado por Thorin, enquanto este e Erik rumavam para o sul, ao encontro do rei, que se encontrava em Hordaland.

Harold recebeu Thorir com grande alegria, ainda mais vendo seu filho

preferido junto dele. Thorir contou que Thorolf havia chegado da Islândia, e que ele era filho de Skallagrim.

– Matou-o? Está preso? – disse ele, de olhos subitamente acesos.

– Não, meu senhor – disse Thorir, cauteloso.

– Então trate de fazê-lo imediatamente! Será um refém à altura!

– Alteza, não seria melhor colocarmos uma pedra sobre esta tão antiga desavença? Estamos aqui para vos pedir que exerça a sua clemência e misericórdia tão proverbiais.

– “Estamos” – exclamou o rei, olhando para Erik. – O que quer dizer com isso?

Então Erik intrometeu-se.

– Conheci Thorolf, meu pai, ele é um bom homem. Deu-me até o mais belo drakkar de guerra que olhos humanos já viram!

Harold voltou os olhos a Thorir, desprezando, como bom pai nórdico, as tolices do filho.

– Meu amigo, você bem sabe que Úlfr e a sua descendência de ratos povoaram de desgosto meus dias e minhas noites. Thorolf – não este, mas o seu tio – era um ladrão e sedicioso, que tive de abater com minhas próprias mãos!

– Mas este Thorolf, meu rei e senhor...

– A fruta não cai longe do pé, caro Thorir. Seja quem for este novo Thorolf, não há de ser diferente do restante da sua raça nefasta. São todos arrogantes, e tratam como inferiores a todos quantos lhe dirigem a palavra.

Harold concluiu sem perceber que, inadvertidamente, acabara de fazer o perfeito retrato de si mesmo.

– Meu pai – disse Erik, voltando à carga –, Thorolf é meu amigo, prometi-lhe solenemente a minha amizade! Creia-me, meu pai, poucos homens merecerão serem meus amigos, se este não merecer. Não posso permitir que nada de mal aconteça a um homem capaz de me oferecer um presente tão valioso.

– Ah, os presentes...! – disse o velho viking, enterrando os dedos na barba. – Você ainda terá de viver muito, caro filho, para descobrir as coisas terríveis que os presentes ocultam!

Acontece que Erik, como já se disse, era o filho predileto de Harold, e graças a isso chegou, por fim, a conseguir uma relativa isenção de ódio real à pessoa do seu amigo.

– Muito bem, lavo as minhas mãos – disse o rei, exausto, pois não aguentava mais voltar a falar naquela gente repulsiva, que só lhe trouxera problemas. (E que Odin sagrado o protegesse de eles começarem outra vez!)

Harold repetiu o mesmo gesto daquele prefeito-juiz da cidade romana da Judeia, antes de acrescentar:

– Seja amigo dele o quanto quiser, mas bem longe daqui. Thor poderoso permita que depois de conviver algum tempo com este sujeito você não venha a se arrepender amargamente do pedido que me fez!

Então, Erik e Thorir partiram felizes para o fiorde, e mandaram um recado urgente a Thorolf, avisando-o de tudo quanto se passara na casa do rei.

Thorolf e Bjorn passaram esse inverno com Brynjolf, e, quando o verão retornou, saíram todos a pilhar.

XV

Erik torna-se rei

Então, quando menos se esperava, Erik tornou-se o sucessor direto de Harold, pois seu pai o havia escolhido, sem atender a questões de primogenitura. O Machado Sangrento seria o melhor rei para a Noruega, e pronto.

Numa primavera, Erik preparou-se para ir a Bjarmaland, e reuniu uma grande tropa para a viagem. Thorolf, transformado em amigo do rei, seguiu junto, posicionando-se no castelo de proa do navio. Thorolf tornara-se, rapidamente, o mais alto e o mais forte dos homens da sua companhia, igualando-se a seu pai Skallagrim.

Nesta expedição, ocorreram muitos “feitos de armas”. Num deles, Erik venceu uma grande batalha em Bjarmaland, junto ao rio Dvina, triunfo celebrizado em vários poemas.

Durante esta expedição vitoriosa ele casou-se com Gunnhilda, filha de Auzur Toti, levando-a para a corte. Ela era uma mulher belíssima, muito inteligente e hábil feiticeira, e Thorolf afeiçãoou-se a ela, tal como ao rei.

Num certo verão, Thorolf preparou-se para iniciar uma viagem comercial, mas com a verdadeira intenção de, no caminho, ir à Islândia ver seu pai, pois estava muito tempo sem vê-lo. Ele tornara-se, em pouco tempo, um homem rico, dono de muitos tesouros, graças ao seu talento empreendedor de comerciante e saqueador – duas atividades quase idênticas naqueles dias – e também à sua amizade com o novo rei.

Quando chegou o momento de embarcar, Thorolf foi despedir-se de Erik. Como presente, o Machado Sangrento lhe deu, é claro, um machado. Era uma bela peça: sua lâmina tinha o formato de meia-lua banhada em ouro e estava enfeitada nos dois lados com a característica ornamentação nórdica de bestas de garras em forma de “s” entrelaçadas.

– Entregue ao seu pai – disse Erik, estendendo o presente. – Graças aos deuses, parece que o passado de ódio ficou para trás, e não chegou a envenenar a descendência de nossos pais.

Thorolf abraçou o rei e amigo e partiu, cumprindo uma viagem tranquila até chegar ao fiorde de Borg, na Islândia, onde seu pai Skallagrim morava. Todos ficaram muito felizes com este reencontro.

– Quer dizer que se estabeleceu por lá, afinal? – disse o pai, numa vaga repreensão, pois perdera todo o gosto pela Noruega desde a sua fuga, há muitos anos.

– Sim, meu pai, consegui muitas riquezas, dentre as quais a maior foi a consideração de Erik – disse Thorolf.

Grim torceu a boca, contrariado, pois esta amizade o desgostava. Antes, porém, que pudesse passar às censuras, recebeu das mãos do filho o presente que o rei lhe mandara.

Skallagrim pegou o machado, mirou-o muito rapidamente e atirou-o, em seguida, a um canto.

Um dia, já no outono, Skallagrim ordenou que lhe trouxessem alguns bois que queria sacrificar. Mandou juntá-los junto à parede da casa e colocá-los com as cabeças cruzadas. Depois pegou uma grande pedra plana e colocou-a debaixo dos seus pescoços. Em seguida, aproximou o machado que havia recebido do rei e golpeou o pescoço dos dois animais, de uma só vez, cortando fora suas cabeças. Ao bater, porém, contra a pedra que estava embaixo, a ponta do machado rompeu-se e a lâmina de aço rachou.

Skallagrim olhou o estrago e não disse nada, limitando-se a entrar na casa, onde ardia uma fogueira. Skallagrim levantou a viga da parede e empurrou o machado para cima entre as vigas sobre a porta, como uma cunha, com grande desprezo. Desde aquele dia o machado de Erik permaneceu enfiado naquela fresta, curtindo na fumaça durante o inverno inteiro, feito um salame.

* * *

Quando a primavera chegou, Thorolf disse que queria partir outra vez para o estrangeiro.

– Passe o verão conosco – disse o velho pai. – Passe, ao menos, um ano inteiro com sua família.

Bera, a mãe de Thorolf, aproveitou para vingar-se do esposo.

– Viu só? Foi encorajá-lo a partir naquela época, e agora aí está! Tornou-se amigo do filho do tirano e não quer mais saber da família nem da sua terra!

Skallagrim lançou um grunhido que, no jargão dos grunhidos, significava algo como “Não me aborreça, mulher!”.

– Vou fazer só mais esta viagem, meu pai – disse Thorolf. – Quando retornar, será para ficar, eu prometo.

Thorolf levou consigo Asgerdr, sua filha já crescida, que teimava em juntar-se ao pai.

Skallagrim, no fim das contas, terminou concordando.

– Está bem, vá com Odin, mas retorne logo para junto de nós, pois a Islândia livre, e não a Noruega tiranizada por reis, é a sua pátria.

Antes, porém, que Thorolf embarcasse, seu pai retirou de cima da porta o machado que havia recebido do rei norueguês. O cabo enegrecera de fumaça e a lâmina havia oxidado completamente.

Skallagrim, durante o inverno inteiro, compusera alguns versos, que rabiscou e entregou ao filho junto com os restos do maravilhoso presente.

– Devolva ao rei, pois de pouco me valeu – disse ele, estendendo a Thorolf aquelas duas coisas lamentáveis.

*Muito dentado está o machado,
Ruim de danar decerto é esta arma,
Assim como o cão de estimação
Fraco e que só feridas nos causa.
Devolvo, pois, este machado,
De cabo fajuto e lâmina torta,
Já que para nada me vale possuir
O presente pobre e medíocre do rei.*

* * *

No verão, enquanto Thorolf estava fora, chegou ao fiorde de Borg, na Islândia, um navio mercante vindo da Noruega. O capitão se chamava Kettle Blund, um rico norueguês de nobre estirpe. Consigo trouxera seu filho Geir, um jovem forte e adulto e que não queria outra coisa da vida senão casar-se de uma vez e estabelecer-se.

Kettle chegou no fim do verão e também tinha intenção de fixar residência na Islândia. Skallagrim o conhecia e ofereceu alojamento para pai e filho,

bem como a todos os seus marinheiros.

Kettle passou o inverno com Skallagrim. Nesse mesmo inverno, Geir, o filho de Kettle, pediu a mão de Thorunn, uma das duas filhas de Skallagrim. Depois de algumas tratativas para tentar valorizar o dote, o Calvo chegou a um acordo vantajoso para ceder a mão da filha, uma criatura loira e feia como uma vassoura.

Skallagrim ofereceu terras a Kettle, que se estendiam desde as terras perto do rio Branco, vizinhas da propriedade de Oleif – aquele segundo imigrante que chegara à Islândia um pouco depois de Skallagrim –, até a embocadura do rio Reykjadale.

Geir, o filho de Kettle, mais uma vez aceitou o que veio, disposto a fazer render tudo o que lhe caísse nas mãos. Da terra exígua, pretendia extrair riquezas e bens, e da esposa esquelética, uma batelada de filhos.

* * *

No início do inverno, foi organizado, no Vale do Rio Branco, uma espécie de olimpíada nórdica composta apenas de jogos brutais, à qual compareceram pessoas de todos os brejos da região.

Mas foi da casa de Skallagrim que apareceram, de verdade, os jogadores de peso.

Skallagrim gostava muito de fazer exercícios físicos, e mais ainda de se exhibir, alardeando seus feitos, e era consenso unânime entre os islandeses da região que não havia ninguém naquelas paragens capaz de rivalizar com a sua força física, mesmo ele estando já numa idade bem avançada.

– Imaginem, então, quando eu era mais jovem! – exibia-se ele, a cada nova vitória.

Skallagrim sempre afirmou que jamais fora vencido em qualquer esporte, bem como em qualquer batalha, algo que ninguém ousava contestar, a menos que pretendesse engrossar a estatística dos seus triunfos sangrentos.

Egil, o filho de Skallagrim, era fanático da luta livre e, tal como o pai, insuportavelmente arrogante. Apesar de ser ainda um jovem imberbe, metia medo em qualquer um, especialmente nas mãos destes quaisquer uns. (Egil era temido por todos e amado somente por Thord, filho de Grani, seu amigo predileto.)

Quando Egil viu que seu pai não o havia escalado para os jogos, no receio de vê-lo fazer em pedaços algum moleque desavisado, resolveu recorrer ao seu amigo Thord.

– Monte aqui, companheiro! – disse Thord, que já estava a cavalo.

Thord não temia os destemperos de Egil, porque ele próprio apreciava, também, uma boa confusão.

– É pra já! – disse Egil, montando de um pulo na garupa.

E assim os dois amigos partiram a galope, esfalfando, já na saída, o pobre cavalo.

Quando chegaram ao local do jogo estavam formadas todas as duplas do pugilato. Egil, entretanto, não se conformou e exigiu que lhe dessem uma vaga numa das duplas.

– Está bem, você enfrentará Grim, filho de Hegg – disse um magricela, juiz natural de todas as disputas.

Entre todos, este tal de Grim era o único capaz de fazer frente a Egil.

– Não se engane com as suas provocações! – disse a Grim o seu irmão mais novo.

Mal os dois contendores estiveram frente a frente, Egil descarregou no adversário um golpe do seu punho. Grim, porém, se não era o mais forte, era o mais ágil, e, depois de desviar-se do golpe, agarrou as mãos de Egil e lhe deu uma chave de braço, atirando-o por terra com toda a força.

Um urra! dos amigos de Grim fez o filho de Skallagrim se levantar num vermelhão de vergonha e de ódio, debaixo das vaias ferozes dos demais. Egil já não metia mais medo em ninguém, e foi sob o mais cruel dos estigmas – o da fraqueza – que ele passou por todos e foi falar com Thord, que observara a tudo em cima do cavalo.

– Volte lá e não deixe a coisa assim! – disse Thord, entregando ao amigo uma alabarda. – Quero ver se diante disso ele vai demonstrar o mesmo atrevimento!

Egil voltou e golpeou com tanta força a cabeça de Grim que o crânio do adversário rompeu-se como a casca de um ovo, despejando por uma fenda enorme os miolos amarelados e estriados de sangue.

Depois disso, Egil correu até o cavalo do amigo, pulou na garupa e ambos desapareceram por entre a multidão.

Logo que os amigos de Hegg, pai de Grim, viram esta barbárie, correram a pegar seus machados e trataram de ir buscar vingança em Skallagrim. Oleif,

porém, saiu-lhe em defesa, junto com seus homens, e logo se estabeleceu a primeira rixa séria desde a chegada de Skallagrim à Islândia.

Sete homens mortos – entre eles Hegg, pai do garoto assassinado, e seu irmão Kvig – foi o saldo deste conflito iniciado por Egil e seu amigo Thord, que haviam desaparecido na noite.

Quando Egil chegou em casa, no dia seguinte, Skallagrim mostrou-se tão enfurecido que surrou o jovem até quase matá-lo, e se não fosse a intervenção de Bera, sua mãe, assim teria sido.

Bera compreendeu que pai e filho jamais poderiam viver juntos sem que o sangue corresse, de um ou de outro.

– Aí está o que você sempre quis! – disse ela, revoltada, ao esposo. – Não é isso o que todos vocês, homens cegos e brutais, estão sempre querendo, uma criança assassina? Agora já não há mais nada a ser feito senão dar um drakkar ao seu filho para que ele vá viver a sua vida longe daqui! O monstro já está criado, e ele agora quer destruir!

Egil ficou tão radiante com a solução que o seu talento artístico oculto brotou e ele compôs alguns versos ainda piores do que os compostos pelo pai, contando como sua mãe o incentivara a montar o seu barco, “dotado de belas velas e de rijos remos”, para ele tornar-se, enfim, um verdadeiro viking.

E foi assim que, mais uma vez, um crime foi não só recompensado, como posto em péssimos versos.

* * *

Antes de Egil partir, entretanto, era preciso esperar ele crescer mais um pouco, pois, apesar do tamanho, tinha apenas doze anos. Nessa época o seu amigo Thord tinha vinte anos e era também muito forte.

Então, de tanto esperarem para colocar em prática a ideia da mãe de Egil, nova tragédia acabou acontecendo. Num dos jogos do ano seguinte, celebrados em Sandvik, ao sul de Borg, ficara decidido que Egil e Thord enfrentariam Skallagrim “numa brincadeira inocente”. Thord e Egil saíram-se melhor, a princípio, mas quando a noite começou a cair, o velho sangue de lobo noturno herdado de Úlfr encheu a Skallagrim de novas forças. Não só de forças, como de fúria: o Calvo tornara-se tão irritado com os deboches dos seus adversários – especialmente os de Thord – que tomou o

amigo de Egil pelos braços e estrangulou-o em pleno ar.

Este acesso de fúria *berserker* foi tão intenso que acabou se estendendo também a Egil, que só não morreu às garras do pai porque Thorgerdr Brak, a ama de leite que o havia amamentado quando bebê, interveio corajosamente.

A ama era grande e forte como um homem, e também hábil feiticeira.

– Meu senhor, não faça isso! – gritara ela, arrancando o filho dos braços do pai. – Vai matar seu próprio filho!

Skallagrim soltou Egil, numa espécie de transe diabólico, e se voltou contra ela, agarrando-a brutalmente. Graças, porém, à sua força desmedida, a criada conseguiu se safar e fugir para o meio do mato. Skallagrim saiu no seu encalço até ambos alcançarem o cabo de Digra, de onde a serva saltou para as águas e pôs-se a nadar com a rapidez possível para uma mulher do seu tamanho.

– Leve isto consigo, vaca ordinária! – disse Skallagrim, lançando sobre a fugitiva um enorme pedregulho.

O rochedo acertou a mulherança em cheio, bem no meio das paletas, e os dois afundaram instantaneamente.

“Freya protetora, a ti eu invoco! Freya suprema, em ti eu confio!”

Thorgerdr Brak não cessou um instante de repetir a si mesma esta prece de fé e encorajamento enquanto o enorme pedregulho a arrastava cada vez mais às profundezas do rio. Com o pensamento firmemente posto na energia cósmica da Grande Deusa Invencível, a destemida mulher passou a travar uma luta titânica e sem tréguas contra a rocha – e mesmo nos instantes em que a sua salvação parecia aparentemente perdida, suas forças no fim e a última bolha de ar prestes a escapar-lhe dos pulmões, ainda assim ela esteve sempre imbuída da serena e positiva certeza de que, no fim das contas, acabaria triunfando e ressurgindo à tona, viva e vitoriosa como a Deusa Suprema.

Nem ela nem o pedregulho jamais retornaram à superfície.

* * *

O lugar onde Thorgerdr morreu miseravelmente passou a se chamar canal de Brak, em sua homenagem.

Nessa mesma noite, ao retornar escondidamente a Borg, Egil ficou

sabendo do fim trágico de sua ama.

– Maldito seja o covarde do meu pai! – rugiu ele, com um fio elástico de baba pendido do queixo.

Egil prometeu vingar-se do pai naquele mesmo instante, e foi direto ao seu encontro. Skallagrim estava sentado à mesa, estripando com os dentes um frango cru e mal depenado. Na sua frente, também sentado e de costas para quem entrasse, estava um dos seus auxiliares prediletos. Além de passar regularmente a chibata nos servos, este sujeito administrava os bens de Skallagrim com tamanho zelo que pareciam seus. Egil ergueu o pilão que tinha na mão e desceu-o com tanta força na cabeça do desgraçado que ele arriou com tudo no chão, urinando-se todo. Depois, arredou o amontoado para um canto e sentou-se calmamente no seu lugar, ficando de frente para o pai.

Skallagrim olhou para o corpo do administrador, embolado no chão, e continuou a mastigar. Depois, num único gesto, partiu em dois o frango cru e estendeu metade da carcaça ensanguentada ao filho.

Dali em diante, a única coisa que se escutou foi o ruído úmido das suas mastigações ensalivadas.

Desde então, houve uma trégua entre pai e filho – embora tenham continuado sem trocar uma única palavra, nem por bem nem por mal, durante todo o inverno.

No verão seguinte, Thorolf, filho de Skallagrim e irmão de Egil, retornou, passando o inverno inteiro na Islândia com a família. Quando os primeiros calores retornaram, porém, ele quis partir outra vez.

Destas vez, porém, Egil quis ir com ele. Depois de um longo tempo sem falar com o pai, Egil foi até ele.

– Vou partir com Thorolf – disse ele, laconicamente.

– Ele sabe disso? – perguntou Skallagrim, pois sabia muito bem que quando Egil decidia alguma coisa não estava se importado se a outra parte concordava ou não com isso.

– Ainda não.

– Pois, então, faça-o saber.

Thorolf, contudo, não quis saber da presença do irmão.

– Não vou levá-lo, coisa nenhuma. Se nem nosso pai pode controlá-lo em nossa casa, imagine se vou aventurar-me a levá-lo para o estrangeiro.

– Pois se eu não vou, você também não vai! – rugiu Egil, farto de pedir.

Thorolf decidiu que teria de partir às escondidas, se não quisesse uma grossa confusão: “Como hei de levar para a Noruega este destemperado? Logo arrumará encrenca com todos, especialmente com o rei Erik!”.

Naquela mesma noite, houve uma violenta ventania vinda do sudoeste. Egil esperou que escurecesse e a maré ficasse alta, e subiu a bordo do navio na parte que não estava coberta pelas lonas e rompeu os cabos que prendiam a âncora. Então, pulou a ponte o mais rápido que pôde e cortou os cabos sobre o solo, e o navio adentrou o fiorde.

– Seu louco, volte aqui! – berrou Thorolf, junto com seus homens.

Não havia ninguém a bordo e Egil começou a navegar às cegas pelo fiorde até encalhar no canal de Duck, e nas ilhas de lá. Diante do desastre, só restou a Egil, marinheiro de primeira viagem, retornar humilhado a Borg.

Mas mesmo assim Egil não baixou a crista.

– Isso não foi nada! – disse ele ao irmão. – Esteja certo de que em pouco tempo causarei mais danos ao seu barquinho do que um furacão, se você teimar em não me levar junto!

Diante disso, Thorolf começou a pensar em reconsiderar.

– Terei menos prejuízo levando este bastardo – disse ele, por fim.

Egil recebeu a notícia com um sorriso de orelha a orelha, e começou logo os preparativos para o embarque, que se deu no dia seguinte. Thorolf, além do irmão, levava o machado esbarrondado que Erik dera ao seu pai.

Incapaz de devolver o presente do rei junto com os versos atrevidos do pai, Thorolf achou melhor atirá-lo no mar, assim que o drakkar ganhou as águas azuis do oceano.

“Quisera poder fazer o mesmo com o estrupício do meu irmão!”, pensou ele, ao ver o machado afundar para sempre, num rodopio melancólico, para as profundezas do mar.

Thorolf seguiu seu percurso até alcançar Hordaland, e dali em diante direcionou a proa para o norte, até Sogn.

XVI

O assassinato de Bard

Bjorn não entrou na corte do Erik e, apesar disso, ele era rico e poderoso. Tinha, ainda, uma filha bela e inteligente chamada Asgerdr, que chegou a ser amada por Thorolf.

Thorolf, assim que chegou à Noruega, foi ver o rei Erik e, assim que o viu, disse:

– Meu pai Skallagrim lhe manda seus cumprimentos e manda agradecer o presente.

A fim de não encompridar o assunto, Thorolf entregou ao rei uma magnífica vela para o seu drakkar de guerra, segundo ele, uma retribuição de seu pai.

Erik ficou muito agradado do presente e ainda mais da consideração.

– Lindo presente, obrigado!

Depois, o rei pediu a Thorolf que permanecesse em sua corte durante o inverno.

– Certamente, meu rei. Antes, porém, devo visitar meu cunhado Thorir, pois tenho um assunto urgente a tratar com ele.

Thorolf foi bem recebido pelo cunhado, esquecido completamente das mágoas passadas.

– Fique em minha casa para matarmos a saudade!

Thorolf agradeceu, mas sentiu-se na obrigação de revelar que trouxera consigo o seu irmão Egil.

– Tenho de ficar de olho nele, pois é a primeira vez que ele sai de casa.

Quanto ao seu temperamento turbulento, Thorolf preferiu nada dizer.

– Não tem problema algum, traga-o logo! – respondeu Thorir. – Se for parecido com você, alegrará ainda mais a nossa casa!

– Obrigado, meu amigo! Tem mais uma coisa: estou apaixonado pela sua parenta Asgerdr, como já lhe confessei certa vez. Não quer me dar uma mãozinha para pedir a sua mão?

– Com muito gosto! – respondeu Thorir, num largo sorriso de satisfação.

Que os raios de Thor o partissem em quatro se aquilo não cheirava a mais um casamento, ou seja, a mais uma viração de chifres daquelas!

Tudo acertado, Thorolf foi ao navio e retornou com Egil.

Lorde Thorir tinha um filho chamado Arinbjorn, que era um pouco mais velho que Egil. Assim como Egil, este Arinbjorn também era viril e amante dos exercícios físicos.

Felizmente, os dois tornaram-se amigos assim que se avistaram e Arinbjorn pôde tornar-se, assim, o substituto de Thord, que o pai de Egil estrangulara naquela brincadeira estúpida dos jogos da Islândia.

Thorolf foi com uma respeitável comitiva até a casa de Bjorn, com a intenção de pedir a mão de sua filha, e tanto a sua presença quanto o seu pedido foram aceitos com grande prazer. Thorolf e Asgerdr ficaram comprometidos e marcaram a data do casamento, que se daria no outono, na casa de Bjorn.

Só depois disso Thorolf pode retornar à casa de Thorir e lhe contar as novidades da sua viagem.

* * *

Quando se aproximou a data na qual Thorolf deveria celebrar o matrimônio, pediu a vários amigos que o acompanhassem: Thorir, seu filho Arinbjorn, seus tripulantes e alguns proprietários de terras.

Egil, entretanto, não pôde tomar parte nesta comitiva por ter adoecido.

– É sempre assim, com Egil parece que as coisas se dão sempre pelo avesso – disse Thorolf. – Quando não quero que vá, ele vai. Quando quero que vá, não vai.

Thorolf, na verdade, estava satisfeitíssimo por não correr o risco de ver o irmão matar algum convidado durante os festejos, e por isso partiu com a melhor das expectativas para o grande dia da sua vida.

* * *

Havia um homem chamado Aulvir, que trabalhava na casa de Thorir e era seu pau-para-toda-obra: administrador, capataz, cobrador de dívidas e, ainda, tesoureiro. Aulvir não estava mais na flor da idade, mas também não era,

ainda, um velho. Na primavera, Aulvir teve que sair para cobrar os arrendamentos das propriedades de Thorir. Ele tinha um barco a remo e a bordo estavam doze guardiões de Thorolf.

Então, de repente, surgiu Egil, dizendo:

– Quero ir junto nesta viagem!

– O que o seu irmão Thorolf pensa disso? – disse o tesoureiro.

– Não importa o que ele pensa – disse Egil. – Ele não é meu guardião, nem coisa alguma.

Apesar de muito novo, Egil tinha o aspecto de um homem, e por isso Aulvir decidiu levá-lo consigo.

– Está bem, entre aí. Está na hora mesmo de aprender algo sobre negócios.

Egil embarcou, feliz, embora nem de longe estivesse interessado em qualquer outro negócio que não o negócio de se divertir. Ele estava trajado a rigor, ou, antes, *armado a rigor*, munido de quase todas as armas disponíveis no arsenal bélico daqueles dias: espada, machado, escudo, alabarda e broquel. Parece que o passageiro de última hora trouxera consigo, também, o azar, pois desde o primeiro momento a viagem fez-se sob um pesado mau tempo. De qualquer modo, chegaram todos sãos e salvos à ilha de Atla, ao entardecer, e lá atracaram.

Nesta ilha havia uma grande propriedade do rei Erik. Ela era administrada por um homem chamado Bard de Atla, um trapaceiro bem-sucedido que o jargão social nos tem obrigado a chamar, em todas as épocas, de “um negociante hábil e operoso”. Este Bard, apesar de não possuir uma linhagem nobre, era muito estimado pelo rei.

Aulvir e seus tripulantes foram até a propriedade e confraternizaram com o honestíssimo Bard, que lhes cedeu logo, como bom anfitrião, um local para todos se abrigarem durante a noite.

Como estavam todos encharcados, os viajantes foram levados imediatamente a uma cozinha que estava separada das outras casas. Uma grande fogueira ardia no centro da peça e logo todos aqueles brutamontes começaram a livrar-se das roupas até a última peça. Depois, penduraram-nas num varal improvisado e acercaram-se completamente nus ao redor da fogueira, como num horrendo pesadelo homossexual. Ninguém cogitou de aproveitar a ocasião para atirar algumas canecas de água por cima do corpo, e assim permaneceram em pé e a tagarelar sobre quem, nos últimos tempos,

havia passado melhor a perna nos competidores, e outros assuntos de igual sordidez. Risadas espocavam de minuto a minuto, fazendo com que a coleção abominável dos seus pênis chacoalhassem ridiculamente em todas as direções, até que um vira-bosta qualquer apareceu para avisar que a mesa estava finalmente posta.

Depois de vestidos, eles retornaram alegremente ao salão inicial. Todos continuavam fedendo da mesma maneira que na chegada, e foi deste jeito que tomaram seus assentos à mesa do anfitrião.

– Agora comam e bebam até se fartarem! – disse Bard, erguendo um brinde aos viajantes.

Crostras de pão preto lambuzadas com uma camada rala de manteiga começaram a ser distribuídas à revelia, junto com jarras transbordantes de coalhada.

Bard disse:

– Desculpem-me se não lhes ofereço cerveja ou hidromel, mas estamos em falta.

Então, diante desta novidade estarrecedora, Egil não pôde se conter e falou pela primeira vez.

– Como? NÃO TEM CERVEJA?!...

Aulvir e os demais estavam tão sedentos que beberam a coalhada em largas tragadas. Ninguém respondeu ao questionamento de Egil, e Bard mandou trazer também soro de leite, que todos beberam de um trago.

– Senhor Bard! Quer dizer que só tem esta merda de leite para nos oferecer? – insistiu Egil.

Ele bem sabia que estava numa casa alheia, e que era alvo de sua hospitalidade, e somente por isso foi que começara a sua interpelação fazendo uso daquele tratamento cortês.

– Meu jovenzinho, todos os adultos conformaram-se com a ausência da cerveja – disse Bard, com serenidade. – Contentem-se, como eles, com o leite – que, para você, aliás, é a bebida mais apropriada.

Numa fração de segundos houve o estouro simultâneo de trinta bocas cheias de mosto, e um espirro branco subiu pelos ares, descendo, em seguida, sob a forma de uma chuva láctea, sobre todas as cabeças.

E então começou uma gargalhada ragnarokiana que fez tremer até os caibros do teto.

Egil, apatetado e com a cara salpicada de coalhada, observava aquelas

faces estorcidas pelo riso e com as barbas gotejantes de leite, parecendo extraídas de uma pintura de Hieronymus Bosch.

O pobre jovem tartamudeou uma resposta qualquer, que imaginou adequadamente espirituosa, mas ela não teve o menor efeito, sepultada pelo peso daquele primeiro riso avassalador e inextinguível.

Então, quando começava a erguer-se para ir rachar a cabeça do seu anfitrião, a mão forte de Aulvir pousou no seu braço – e foi assim que Egil teve de engolir, junto com o líquido abominável, a sua maior humilhação.

* * *

Terminada a frugalíssima refeição, foram todos alojados numa espécie de hospedaria para viajantes, dentro do complexo da propriedade. Antes, porém, que pudesse adormecer, Aulvir ficou sabendo que o rei Erik e a rainha Gunnhilda tinham acabado de desembarcar na ilha Atla, naquele mesmo anoitecer.

Bard mandou a matula dos servos e dos cozinheiros começarem tudo outra vez, e preparou um novo banquete para o rei, com sacrifícios às divindades. Foi uma festa magnífica e desta vez havia cerveja em abundância para todos, coisa que Egil, naturalmente, muito estranhou.

– Para nós, leite azedo, e para este reizinho, a cerveja? – disse ele a Aulvir.

– Cale-se, não sabe que os reis têm privilégios? – respondeu Aulvir, arrotando azedamente na cara do jovem.

Egil estava de péssimo humor, pois já tinha ido evacuar fora da casa por quatro vezes. O leite, além de azedo, tinha-lhe descido ainda mais quadrado com a humilhação.

Enquanto isso, dentro do salão de recepções, Erik também não estava de melhor humor.

– Onde raios está Bard? – rugia ele, contrariadíssimo, a todo instante.

– Bard está lá fora, alteza, atendendo os seus outros hóspedes – respondeu-lhe um lacaios de nariz lustroso.

Erik sentiu, no mesmo instante, uma vertigem de ira apossar-se de todo o seu ser.

– Animal de tração! Como ousa dizer-me tal? – gritou ele, agarrando o nariz do sujeito. Mas o nariz estava tão engraxado que facilmente escapou-se

da sua mão. Então, ele tomou o desgraçado pelas duas orelhas.

– E desde quando Bard dá preferência a outros hóspedes que não ao seu rei? Vá buscá-lo já, sua cavalgadura!

Erik limpou nas roupas o azeite do nariz e a cera que transbordava, feito goiabada, das orelhas do laçao,

– Aulvir está aqui? Mande, então, chamar todos! – disse ele, a um segundo laçao.

Não demorou muito e todos estavam diante do rei. Erik disse a Aulvir que se sentasse à sua frente, no assento superior, e o resto mais abaixo. Egil sentou-se perto de Aulvir, e pôde desfrutar, enfim, da cerveja abundante.

O rei ergueu muitos brindes, e em cada um deles Egil bebia um corno inteiro de cerveja.

Conforme a noite avançava, os companheiros de Aulvir foram ficando cada vez mais embriagados. Alguns permaneceram na sala, enquanto outros saíram porta afora para vomitar o coquetel abominável de leite e cerveja que se formara no interior das suas entranhas.

Bard não cessou um instante de servir a cerveja. Então, a certa altura, Egil pegou o corno que Bard havia dado a Aulvir e o bebeu inteiro em menos de cinco segundos.

– O garoto desidratou! – disse Bard ao ver Egil empinar o seu nono chifre com as bochechas infladas e lustrosas.

Em resposta, Egil arrancou da sua mão mais um corno cheio e sorveu a última gota, recolhendo com os dedos até mesmo os respingos espargidos em sua barba rala, que mal começava a despontar. E tantos chifres esvaziou que chegou a compor estes versos, ditados por uma musa certamente embriagada:

*Disseste, Bard, ao grande guerreiro,
que cerveja não mais havia
no festim sagrado das divindades.
Miserável! A hóspedes tais como nós,
bom anfitrião, decerto não foste!
Bard embusteiro, tu nos ludibriaste!*

Então, a cólera finalmente nasceu no peito do administrador do rei.

– Já basta, moleque! Beba até cair, mas ponha um fim às suas zombarias!

Egil respondeu com um arroteo que trouxe de volta à sua boca os cinco últimos goles.

Farto destes excessos, Bard decidiu recorrer à rainha, deusa terrena de seios alvos e fartos.

– Grande senhora, há aqui um jovem gigante que zomba da festa e do anfitrião mais do que os gigantes de Jotunheim já zombaram, um dia, dos deuses! Nem mesmo Thor, ao sorver toda a água do mar, bebeu tanto quanto este atrevido bebe agora, diante da vossa soberana presença!

– Ponha veneno no seu corno, então, e não me aborreça mais! – disse Gunnhilda, no estilo prático e direto dos soberanos, pois estava aborrecidíssima até a morte com aquele festim estúpido e grosseiro.

Bard levou a coisa a sério, e tratou de achar qualquer coisa que pudesse envenenar Egil. Após um ligeiro *tour* pela cozinha, recolheu uma porção de lixívia da barrela utilizada para a lavagem das roupas e outras porcarias mortais que achou pelo caminho, fez disso tudo um coquetel mortal, e deu-o a uma criada para que o levasse ao importuno.

Egil, porém, que trazia o administrador de olho desde o instante em que ele fora conspirar com a rainha, logo suspeitou do negócio, e, assim que a criada se aproximou, ele puxou a sua faca e furou a palma da própria mão. Depois, pegou o corno que ela lhe oferecera e gravou nele as seguintes runas ensanguentadas.

*Gravo no corno estas runas,
Tintas do meu próprio sangue.
Traço-as, uma a uma, no chifre,
enquanto bebo, sereno, a cerveja
que a gentil serva me trouxe.
Vejamos, agora, a quem fatal há de ser
a bebida que o pérfido Bard ungiu!*

O chifre se quebrou em pedaços, e a bebida se derramou sobre a palha do chão. Então, ao perceber que Aulvir também estava embriagado, Egil conduziu-o até a porta. Enquanto com uma mão conduzia Aulvir, com a outra, sob o manto, Egil tateava em busca da espada.

Bard, porém, ao perceber que Egil descobrira o ardil do envenenamento,

correu até a porta para tentar consertar as coisas, oferecendo a ambos um último brinde de cerveja, e não de veneno.

Egil pegou, bebeu de um trago e recitou sua última estrofe:

*Embriagado é bem certo que estamos,
Tanto eu como o amigo Aulvir
A cerveja que lhe atordoa
Ainda molha também os meus lábios
Chuva que jorra do chifre
Não sabe onde cai,
Guerreiro Odin,
Sinta a chuva mortal.*

Então, em meio à penumbra do ambiente, Egil lançou ao chão o chifre esvaziado, puxou para o lado a aba do manto, sacou a espada e cravou-a, de cima para baixo, na garganta de Bard. Quando Egil puxou o metal de volta, uma urinada de sangue escapou-se da ferida como o vinho de um odre repleto e repentinamente furado.

Aulvir caiu também, ao lado de Egil, vomitando cerveja como um barril emborcado.

Então, ao ver que arrumara nova e grossa confusão, Egil tratou de dar no pé outra vez, metendo-se nas trevas de um bosque vizinho.

Não tardou, no interior da casa, que descobrissem o malsucedido da entrada. Imediatamente o rei mandou que trouxessem velas e archotes para ver o que sucedera.

Enquanto Aulvir jazia caído e podre de bêbado, Bard, ao seu lado, caminhava a passos largos para estar podre de morto.

– Onde está aquele monstrengo que bebeu sem parar? – perguntou o rei, adivinhando logo a coisa.

– Fugiu! – gritaram diversas vozes, como num jogral.

– Tragam-no até mim! Este pingüço, decerto, tem muita coisa a nos dizer!

Fizeram-se buscas por toda a propriedade, mas Egil não foi encontrado. Quando chegaram à cozinha, viram que os companheiros de Aulvir ainda estavam ali deitados, num estado muito parecido ao do seu senhor.

Então o rei expediu ordem para que Egil fosse caçado até o amanhecer.

Quanto a Aulvir e aos demais, nada lhes fez, pois soube, por diversas vozes, que eram inocentes de tudo.

* * *

Egil tentou a noite inteira encontrar um barco para escapar da ilha, mas a praia estava fervilhando de gente e não havia um único barco livre. Todos os covardes e bajuladores da ilha haviam se alistado na caça ao assassino, no receio de se verem transformados, eles próprios, na caça.

Egil caminhou a noite inteira e quando começou a clarear avistou, da terra, um braço de mar bem grande. Egil envolveu suas armas no seu manto, fez uma trouxa e amarrou-a às costas. Depois, mergulhou no mar e começou a nadar e não parou de brucejar até chegar à ilha, chamada Sheppey.

Era uma ilha pequena, com uma vegetação composta basicamente de arbustos. Havia gado em abundância a pastar por ali, todos pertencentes a Atla. Ele torceu as roupas até secarem e tratou de se acomodar e dormir um pouco, pois passara a noite toda correndo de lá para cá feito um alucinado.

O rei mandou vasculhar a ilha enquanto havia claridade. Demoraram bastante, pois a ilha era imensa, e mesmo assim não encontraram Egil. Então, foram de barco, procurar em outras ilhas menores.

Ao entardecer, doze homens armados desembarcaram na ilha onde Egil se escondia. Nove rumaram em caminhos diferentes, enquanto três ficaram encarregados de vigiar o barco, nas areias da praia.

Egil esfregou as mãos e começou a rastejar por entre os arbustos como uma cobra, até chegar bem perto do barco, e então, quando estava a uma cuspida dos adversários, ainda em terra, pulou mortalmente sobre eles.

O primeiro ele abateu no mesmo instante em que lhe surgiu pela frente.

O segundo foi um pouco mais difícil, pois ele começou a correr loucamente em direção a um rochedo. Egil tomou do machado e arremessou-o, com magnífica pontaria, no pé do fugitivo. O pé decepado saiu quicando pelo chão e ainda deu cinco passadas desorientadas antes de tombar resignado sobre as pedras, à espera do bico das garças ou do alicate preciso dos caranguejos.

Finalmente, o terceiro pulou para dentro do barco e tentou se distanciar da orla, mas Egil tomou as amarras e trouxe o barco de volta, pulando com

rapidez para dentro. Egil lutou de mãos limpas com o sujeito, mas elas não estavam tão limpas assim quando o combate se encerrou: um olho humano, pelo menos, estava grudado à palma da sua mão, meio esmagado e temperado numa pasta de sangue.

Egil atirou borda afora o corpo do adversário e aprendeu a navegar sozinho, viajando durante toda a noite, até chegar à casa de lorde Thorir. Aulvir e seus companheiros haviam chegado em casa antes de Egil, ainda na mesma noite dos fatos, deparando-se com Thorir e Thorolf que acabavam de voltar do casamento.

Aulvir contou tudo sobre a morte de Bard e a acusação que pesava sobre o irmão de Thorolf.

– O culpado fui eu, ao levá-lo comigo – disse Aulvir, envergonhado.

Thorolf, porém, perdoou-o, mesmo sabendo que, após muitos anos, estava para ser reacesa a fogueira da velha rixa entre os reis da Noruega e a sua família.

* * *

Thorolf achou que seu irmão iria morrer, ou, ao menos, converter-se num fora da lei. Mas, pela manhã, ele reapareceu e Thorolf foi correndo conversar com ele.

Egil estava meio abilolado e recitava mais algumas coplas que alguma musa náutica lhe havia inspirado.

*Estremeceu o poder
do rei da Noruega!
E não me orgulhei
da rainha Gunnhilda!
Três guerreiros reais
enviei aos portais
de Hel, e ali agora
eles repousam mortos.*

O jovem Arinbjorn, filho de Thorir, ficou impressionado com as façanhas do seu amigo e disse que seu pai daria um jeito de reconciliá-lo com o rei.

– Se nós dissermos que Bard mereceu morrer, talvez Erik o perdoe – disse Thorir, disposto a tentar a reparação.

Thorir foi no mesmo dia conversar com Erik. O rei, porém, estava furioso, e não foi nada fácil chegar a um acordo.

– Só agora percebo o quanto de verdade havia nas palavras do meu pai quando amaldiçoava o sangue desta família! – disse Erik. – São um bando de celerados, isto é o que são!

Thorir concordou com tudo, mas pediu ao rei que, em nome da sua amizade, evitasse uma nova rixa.

– Muito bem, em consideração a você, aceitarei uma reparação em dinheiro. Mas que este monstro vá embora do meu reino e nunca mais apareça!

O rei impôs a multa que lhe pareceu conveniente e o próprio Thorir se encarregou de pagá-la.

Egil e Thorolf desfrutaram mais um pouco da hospitalidade de Thorir, mas na primavera prepararam um imenso navio de guerra, escolheram a tripulação e no verão rumaram ao oriente para pilhar.

– Depois de tudo quanto fez, acho que já pode ir conosco, meu irmão – disse Thorolf a Egil.

Egil ficou quase fora de si de alegria ao descobrir que iria tornar-se, finalmente, um viking de verdade.

Outros que também ficaram fora de si, só que de raiva e revolta, foram os familiares de Bard e os pregadores de moral da época, ao verem mais um crime bárbaro ser regiamente recompensado.

XVII

Saqueador e violador

Thorolf e Egil conquistaram muitas riquezas em suas expedições. Para Egil, porém, nenhuma riqueza foi mais valiosa do que aprender, em detalhes, a arte milenar da guerra e do saque.

Aos quinze anos, Egil já era um viking salteador dos mares completo. A barba terminara de montar-se na sua cara e os músculos haviam atingido o tônus máximo de vigor e resistência. Ele estava sempre à testa da nau, debaixo de chuva ou debaixo de sol, rivalizando em feiúra e ferocidade com a carranca da proa.

Normalmente, Egil e Thorolf dividiam em duas partes as suas viagens. Primeiro, comercializavam tranquilamente em determinada região, e quando Egil enchia-se de barganhar – pois não tinha talento nenhum para regatear (“Por que regatear, quando se pode tomar?”) –, levantavam âncora e saíam a pilhar alegremente por vários lugares.

Um dia chegaram a um estuário, na Curlândia, onde havia uma vasta floresta, e decidiram desembarcar. Após se dividirem em dois grupos de doze homens, um liderado por Thorolf e o outro por Egil, internaram-se no bosque e não custaram a encontrar uma pequena aldeia habitada. Imediatamente, caíram de machado sobre ela, matando e pilhando à vontade, até não deixarem um único bem de valor para os sobreviventes.

Ao cair do dia, Thorolf ordenou a chamada de embarque, mas nem Egil nem seus homens apareceram.

– A noite já está caindo, o que vai dificultar as buscas! – exclamou Thorolf.

Egil e seus doze homens tinham atravessado o bosque e avistado imensas planícies e lavouras. Próximo dali, havia uma casa completamente abandonada.

– Vamos nos servir, rapaziada! – dissera Egil, entrando por tudo como se fosse o próprio dono.

Egil estava encantado: nunca havia sentido uma sensação tão boa na vida!

Graças à sua chegada, os proprietários haviam fugido como ratazanas de um celeiro em chamas! Que maravilha! A partir de agora ele tinha o poder mágico de expulsar os donos das suas casas e de apossar-se livremente delas! Aquilo chegava até mesmo a ter um gostinho de violação, o primeiro dos prazeres!

– Recolham o que há por aí e depois vamos queimar esta porcaria inteira! – disse ele, quebrando tudo o que encontrava pela frente.

Sim, ele também tinha o poder de reduzir a cinzas a casa dos desgraçados! Oh, Odin, isto sim é que era vida!

Ao sair da casa, porém, ele e seus doze vikings depararam-se com uma tropa de guerreiros que não demoraram a lançar um selvagem brado de ataque.

– Vamos em fila, para não sermos atacados por todos os lados! – disse Egil, seguindo na frente.

Os demais seguiram atrás e tão colados que ninguém poderia se colocar entre eles.

Os curlandeses os atacaram bravamente, sobretudo com lanças e dardos, mas sem chegar ao corpo a corpo. Para piorar as coisas para o grupo de Egil, havia uma paliçada que os impedia de seguirem adiante.

Sentindo-os encurralados, os curlandeses atacaram para valer, arremessando sobre os vikings uma chuva de dardos e atravessando as espadas pelas paliçadas. Ao fim de tudo, Egil e os sobreviventes foram capturados e levados até a casa senhorial que não estava nem um pouco abandonada.

O proprietário era um homem rico e poderoso e tinha um filho já grande. Ambos discutiram sobre o que deveriam fazer com os prisioneiros. O proprietário fora taxativo, e queria a morte dos invasores.

– Muito mais divertido, meu pai, será torturá-los à luz do dia! – disse o filho. – Vamos prendê-los e ao amanhecer nos divertiremos à vontade!

O pai acabou concordando.

– Está bem, meu filho. Não deixará de ser um bom exercício para você.

De fato, o filho, ainda jovem, precisava dominar rapidamente a técnica maravilhosa da tortura, indispensável, naqueles dias rudes, para arrancar informações preciosas aos inimigos.

Egil foi trancafiado num quarto e amarrado, de pés e mãos, numa estaca, enquanto seus captores foram comemorar a vitória com um banquete regado

a vinho e cerveja.

“Pois é, otário, a vida de saqueador também tem destas coisas!”, disse-lhe, na mente, uma voz muda, mas muito nítida. Era o outro lado da moeda, pois nem sempre se vencia, e o mal que se fazia também se recebia, e etc. e tal.

Egil cuspiu para a frente, como se cuspiisse na cara do autor da constatação moral.

– Pelo martelo de Thor, se tiver de ser assim, então os enfrentarei! – sibilou ele, enfurecido.

Nada, porém, o impedia de tentar, antes, escapar da arapuca, um direito básico e legítimo de qualquer prisioneiro desde os malditos dias de Ask e Embla.

Egil tentou arrancar as amarras, mas elas eram muito fortes e impossíveis de serem rompidas. Então se inteiriçou todo e começou a suspender-se com força nas pontas dos pés e a balançar-se para a frente e para trás, a fim de soltar a estaca do chão. Não demorou muito e a estaca soltou-se.

Pronto, já podia mover-se, ainda que de mãos e pés amarrados!

Saltitando, ele foi até um dos companheiros e, ficando de costas um para o outro, conseguiram liberar um ao outro de suas respectivas amarras.

– Agora, os outros, rápido! – ciciou Egil, e quando todos os outros já estavam livres, procuraram por todo o quarto uma saída. O local tinha as paredes construídas com grandes vigas de madeira. Em um canto, havia um tabique plano, que eles puseram abaixo. Do outro lado, havia um segundo quarto, no qual entraram, e escutaram vozes vindas do chão. Encontraram um alçapão, de onde vinham as vozes.

– Quem está aí? – perguntou Egil, após arrancar os cadeados.

– Socorro! – respondeu uma voz abafada. – Estou preso aqui com meus filhos!

Egil e seus companheiros desceram uma das cordas que havia sido usada para amarrá-los e puxaram três homens. O primeiro que surgiu disse chamar-se Aki. Ele, assim como os seus filhos, eram daneses e tinham sido capturados durante uma guerra, no último verão.

– No começo fui muito bem tratado e tornei-me até administrador da propriedade – disse o homem. – Meus rapazes, porém, não tiveram a mesma sorte e foram brutalmente escravizados. Então, na primavera, tentamos escapar, mas fomos apanhados e colocados neste porão.

– Foi administrador, você disse? Então deve conhecer bem a planta baixa

desta casa – disse Egil, sem o menor interesse pela historinha triste. – Por onde é mais fácil sair?

– Há outro tabique. Transponha-o e você chegará a um celeiro e a partir dali encontrará a saída.

Egil e seus companheiros assim fizeram e encontraram, finalmente, a saída. Estava escuro como breu.

– Vamos em direção ao bosque – disse ele aos daneses. – Temos barcos nos aguardando.

No caminho, porém, Egil mudou de ideia.

– Espere, não vou embora sem antes completar o que vim fazer – disse ele ao danês. – Há coisas de muito valor na casa? Poderia nos indicar o caminho mais vantajoso?

– Sem dúvida, bens valiosos não faltam! – disse o homem, mais sequioso de vingança do que de liberdade. – Há um grande sótão onde o dono dorme e ali não faltam armas e das melhores!

– É para lá que vamos, então – disse Egil a seus homens.

Quando chegaram na escada, viram que o sótão estava aberto. Dentro havia luz e alguns criados estavam preparando os leitos.

– Fiquem aqui fora e não deixem ninguém sair vivo – disse Egil, entrando com os demais para realizar o ataque.

Após uma luta breve e quase silenciosa, Egil e os seus abateram os criados surpreendidos. Após pegarem as armas, já iam sair quando Aki lhes revelou a existência da despensa, por debaixo de outro alçapão.

– E quem é que quer saber de comida, idiota? – disse Egil, irritado.

– Além de alimentos, senhor, há aí um belo tesouro, também, para ser devorado!

Egil sorriu e o danês retribuiu o sorriso, sem perceber que Egil sorria só para si mesmo.

De fato, além de muita comida, havia, também, naquele depósito grande quantidade de objetos preciosos, pertencentes ao tesouro do proprietário. Os homens carregaram tudo para fora, enquanto Egil levava sob o braço um barril de hidromel. Todos correram até o bosque, mas quando chegaram lá, Egil parou e disse:

– Esperem, este desfecho não me agradou! Roubamos os bens do proprietário, mas ele não sabe que fomos nós. Nunca vamos superar esta vergonha! Vamos voltar lá para que ele saiba quem foi o responsável pelo

saque!

– Que loucura é esta? – perguntou o danês. – Voltar agora, que já estamos quase a salvo? Entremos no navio e zarpemos enquanto é tempo!

– Sim, já temos os saques! O que quer mais? – perguntou o filho do outro.

– Vingança – disse Egil, largando o barril e se metendo, outra vez, com seus homens, para dentro do bosque.

Ao chegar lá, Egil entrou na casa e avistou uns servos que saíam da cozinha em direção ao refeitório. Um imenso fogo crepitava embaixo de caldeiras borbulhantes. As toras ardentes estavam dispostas segundo o costume, com uma ponta da madeira comprida enterrada no fogo, para que fosse queimando aos poucos. Egil pegou o lenho incandescente e levou-o até a parte externa do refeitório, colocando a ponta que ardia debaixo do beiral, até atingir o telhado de cortiça de bétula, e não precisou mais nada para que o fogo se estendesse às madeiras enfeixadas.

Os que estavam dentro, bebendo, não se deram conta da desgraça até que o teto começou a crepitar. Então, correram todos, num estouro, para a porta, mas não foi fácil atravessá-la, devido às madeiras que ardiam. E os que conseguiam ganhar a liberdade, pereciam num segundo e definitivo obstáculo, representado pela espada de Egil.

– Quem está aí? Deixe-nos sair! – gritava o proprietário, sem coragem para sair.

– Sou eu, idiota! – respondeu Egil, com a espada gotejante. – Egil Skallagrimsson, aquele mesmo que você, ontem, sem a mínima consideração, amarrou as mãos e os pés na estaca, deixando preso naquele quarto infecto. Estou agradecendo, agora, a sua hospitalidade. Venha para fora e terminemos logo com isso.

Impelido pelo fogo, o proprietário ainda tentou sair furtivamente, buscando uma saída lateral, mas Egil o alcançou e lhe deu um golpe mortal com a própria acha com a qual começara o incêndio. Com o golpe, a cabeça da vítima abriu-se como um melão e Egil aproveitou para enfiar ali dentro a tora, fazendo chiar os miolos do infeliz.

Somente depois de completar sua vingança, Egil voltou para o bosque. Thorolf e seus companheiros se alegraram muito quando ele reapareceu. Repartiram com ele a parte do saque que lhe correspondia.

– Agora vamos beber do meu barril! – disse Egil, abrindo um rombo na tampa. – Thorolf, o primeiro gole é seu!

Thorolf abriu o bocão, enquanto Egil empinava a pipa, até que uma chuva de moedas de prata despejou-se sobre a boca do irmão, fazendo explodir um coro de risos entre os homens.

E, desta forma, partiram todos da ilha que tantas surpresas reservara a Egil.

* * *

Aki e seus filhos seguiram o grupo de Egil. No verão navegaram até a Dinamarca e ancoraram à espera de navios mercantes para os abordarem. Aki conhecia bem tanto os mares como as terras da Dinamarca e informou detalhadamente a Egil os lugares nos quais havia possibilidade de extraordinários saques.

– Há na costa um grande porto comercial chamado Lund – disse ele, ao chegarem a Eyri. – Só que os habitantes são hábeis em rechazar ataques.

Então todos discutiram acesamente se desembarcariam ou não, e a decisão acabou ficando, naturalmente, nas mãos dos comandantes. Thorolf estava disposto a desembarcar e Egil respondeu poeticamente, com mais um verso de sua própria lavra, e que, em resumo, queria dizer que ele estava de acordo.

Os homens se prepararam para o desembarque e foram resolutamente à cidade. Mas quando os habitantes perceberam a iminência do ataque, tomaram imediatamente armas e começou uma sangrenta batalha.

Muralhas cercavam a cidade e havia sentinelas por tudo, mas Egil seguiu em frente e foi o primeiro a entrar. Os moradores resistiram enquanto puderam, mas, ao verem o número e a fúria dos agressores, começaram a fugir.

E então se iniciou verdadeiramente, para os vikings, o saque e a matança generalizada. Thorolf e seu irmão mataram quantos puderam, pilharam a cidade e depois a incendiaram.

– Acho que podemos voltar! – disse Thorolf, com o rosto coberto pelos baús empilhados.

– Não!... Hoje vou estraçalhar uma destas cachorras antes de embarcar!

– Não há tempo a perder – insistiu Thorolf. – Não tardará a aparecer alguém para nos estorvar a fuga.

– Então nunca haverá, porque você sempre diz isso! – disse Egil, ávido por

praticar sua primeira violação.

Assim, enquanto os demais recolhiam das cinzas algum resto de riqueza extraviada, ele vasculhava os corpos caídos a fim de saciar seu apetite ancestral.

Todas as que avistava, porém, estavam mortas ou desmaiadas, até que seus olhos pousaram, afinal, numa jovem ainda viva e desperta, criatura muito feia de rosto, mas com um par de seios apetecíveis. A criatura o olhava com certos laivos de luxúria, afetando, provavelmente, uma atração, a fim de tornar a agressão menos brutal.

Egil aproximou-se e arrastou-a para um canto. Ao ver, porém, que ela continuava com o sorriso convidativo, chacoalhou-a de cima a baixo, aplicando-lhe dois pares de bofetadas.

– Não, assim não quero! Quero o medo! Grite, vamos, quero o grito!

Apavorada, a mulher feia tornou-se feia de verdade ao começar a gritar.

– Isto, grite! Morda também, vadia, arranhe! – dizia Egil, fora de si, enquanto a desgraçada abandonava os gritos para começar a ganhar com todas as suas forças.

E foi assim que Egil degustou a sua primeira violação, o manjar supremo da carne de todos os indignos realmente dignos do nome.

XVIII

O banquete do conde Arnfid

Thorolf ancorou o navio abarrotado de riquezas na costa da Holanda, porque o vento estava desfavorável para a navegação. A pouca distância da costa vivia o conde Arnfid, com sua bela filha. Quando ele soube da chegada dos vikings, enviou sua tropa com a missão de saber o que eles queriam, se era paz ou guerra.

– Paz – respondeu Thorolf, talvez pela primeira vez na sua vida.

– Paz de veras? – insistiram os mensageiros.

– Só lutamos por algo que valha a pena e aqui só vejo pobreza – respondeu Thorolf. – Não podemos tirar nada de quem nada tem.

Os mensageiros levaram a novidade ao conde que desceu em pessoa para recepcioná-los.

– Já que vieram em paz, quero que venham à minha casa, onde lhes servirei algo que em minha terra miserável também tomamos a liberdade de chamar de “banquete”.

Thorolf e Egil agradeceram o convite e foram ver que tal era o banquete daquela gente que não parecia fazer outra coisa na vida senão expelir fumaça de cachimbos de todos os tamanhos.

A festa, porém, revelou-se além de qualquer expectativa. Os convidados beberam hidromel à vontade e, quando a comilança acabou, o conde anunciou:

– Agora, a hora da brincadeira! Vamos tirar a sorte para ver quem bebe com quem!

Era costume nas mesas de então estes jogos etílicos de se beber em pares, um homem e uma mulher. Os que sobravam, tinham de beber sozinhos. Os homens lançaram, então, suas senhas dentro de uma capa e o conde as tirou. Cada um sentou com seu par e Egil foi sorteado para sentar ao lado do assento da bela filha do conde. Só que ela não se encontrava ali no momento, pois havia saído para ir divertir-se noutra parte, com as jovens da sua idade.

Egil foi ao lugar onde ela estivera sentada, e ali a aguardou até ela

finalmente retornar.

Ao vê-la, porém, seu coração transtornou-se e ele compôs, de improviso, mais alguns versos abomináveis, nos quais começava falando pela boca da jovem adorável:

*Que fazes, jovem atrevido, em meu assento?
Tu que, raras vezes, alimentaste
Com carne aquecida ao lobo!
Não, prefiro ficar sozinha!
Não ouviste o corvo no outono,
Cantando com regozijo,
No lugar onde as lâminas das espadas
Vibram loucamente nos combates?*

Egil imaginou, então, a sua própria resposta:

*Fui, sim, com a lâmina ensopada,
E o corvo me acompanhava,
E fui com a lança a retinir.
Pois muito lutavam os vikings,
E demasiado irados combatemos,
Queimando, depois, todas as casas,
Enquanto guerreiros tombavam
Diante da alta paliçada.*

Egil e a donzela beberam juntos nesta noite, e logo se descobriram apaixonados.

– Querida, você é tão bela quanto a visão de cem cabeças rolando aos meus pés, enquanto minha lança atravessa os corpos decapitados em urros mortais! – disse ele, com a voz ligeiramente empastada. (Felizmente não lhe acudiu a ideia de incluir esta vigorosa imagem nos seus versos quadrados.)

– Meu senhor, és verdadeiramente forte e versátil – respondeu ela, piscando seus cílios albinos de nórdica –, eis que tanto podes derrotar os teus inimigos com o machado ou a espada, com a lança ou a marreta.

Estes eram os elogios possíveis daquela época, que o guerreiro recebeu de

maneira tão lisonjeada que logo cresceu em seu coração a vontade de ver-se casado com aquela jovem de gosto poético tão apurado.

Antes do fim da festa, Egil já tinha manifestado ao anfitrião o seu exaltado desejo e conseguido arrancar a sua aprovação.

– Vamos formar um clã poderoso! – gritou o noivo, tão bêbado que encheu o seu capacete de cerveja pensando tratar-se do chifre tradicional.

– Clã...? – disse ela, piscando muito fortemente.

– Uma família, cara donzela – disse Thorolf, que estava ali perto.

Diante desta novidade, o conde decidiu estender os festejos por mais três dias, e somente ao cabo deles foi que os vikings puderam finalmente partir, despedindo-se do conde como verdadeiros amigos e com direito até a troca de presentes – algo que, decididamente, não faltava nas naus abarrotadas de saques.

* * *

Depois disso, Thorolf e Egil seguiram até as ilhas Brenn. Nessa época vivia ali grande quantidade de vikings, pois entre as ilhas circulavam muitos navios mercantes.

Aki voltou para casa com seus filhos. Era homem rico e tinha muitas propriedades na Jutlândia. Despediram-se com afeição e juraram amizade.

Thorolf seguiu com sua gente para a Noruega. Assim que chegaram ao fiorde, foram ver lorde Thorir, que os recebeu com alegria. Seu filho Arinbjorn convidou Egil para passar o inverno ali, algo que desagradou ao conde.

– Erik não vai gostar de saber disso – disse ele. – Você sabe muito bem que Egil foi expulso do reino.

– Fale com Erik, ele acabará esquecendo aquele incidente desagradável – disse Arinbjorn, referindo-se ao assassinato de Bard, o administrador do rei.

Thorir amava muito o filho e por isso decidiu ver o que conseguiria.

– Desde que assuma a responsabilidade de vigiar o monstrengo, tudo bem – disse Thorir, completando com uma reflexão que lhe escapou quase involuntariamente: – Pobre Bard! Se soubesse que a sua trágica e injusta morte já desceu à condição vulgar de “incidente desagradável”!

– As grandes humilhações estão a cargo do tempo e não dos reis, meu pai

– respondeu o filho, inesperadamente filosófico.

Assim, pai e filho hospedaram os filhos de Skallagrim por todo o inverno. Também hospedados estavam dois irmãos chamados Thorvald, o Orgulhoso, e Thorfid, o Forte, dois ousados capitães encarregados de acompanhar Bjorn em suas expedições. Quando a primavera chegou, eles pediram para acompanhar Thorolf e Egil, tornando-se membros da tripulação. Desde então os dois irmãos se converteram nos melhores marinheiros de Thorolf.

No outono, Thorir foi visitar o rei, que o recebeu muito bem.

– Espero que não leve a mal o fato de Egil ter passado o inverno em minha casa – disse o lorde.

– Na minha não entraria, mas na sua, convide quem desejar – respondeu o rei sem muitos sorrisos.

Quando Gunnhilda escutou o que falavam, disse:

– Você não muda mesmo, Erik! Sempre recebendo insultos e logo os esquecendo! Já trouxe de volta os filhos amaldiçoados de Skallagrim que acabou de expulsar, não é? Pois bem, que fiquem por aí até matarem mais um homem inocente!

– Deixe de bobagens, Gunnhilda – respondeu o rei. – Você sabe muito bem que não posso faltar à palavra empenhada. Além do mais, não era você que admirava Thorolf quase a ponto de despertar meus ciúmes?

Gunnhilda sacudiu a cabeça ligeiramente, afastando certas lembranças inconvenientes como moscas.

– Sim, eu apreciava muito Thorolf, mas isso quando ele era um homem sensato, justo, agradável...

– *...e sempre disposto a satisfazer a todos os meus caprichos!* – atalhou o rei, arremedando a voz da esposa, com uma gargalhada. – Como agora ele não anda mais tão servil, perdeu um pouco do seu charme, não é?

Erik teve um novo acesso de riso, antes de completar:

– Oh, Gunnhilda, Gunnhilda! Vocês, mulheres, é que nunca mudam!

– Thorolf era tudo isso *que eu disse* até juntar-se com aquele seu irmão asqueroso e cruel – disse ela, escarlate. – Depois que isso aconteceu, não vejo mais diferença alguma entre os dois.

Erik recomeçou a rir com tanta vontade que a rainha, num acesso de furor maligno – tornando-se, ela própria, insensata, injusta e desagradável –, exigiu que Erik lhe entregasse numa bandeja a cabeça de Egil.

– Ora, viva! Temos, agora, uma Salomé nórdica entre nós! Ah, ah, ah!

Gunnhilda, ofendidíssima, ergueu-se e abandonou velozmente o recinto, enquanto Thorir foi para casa contar de uma vez ao irmão a rusga do rei e da rainha, para que Egil ficasse prevenido.

XIX

O fim de um orgulhoso

A rainha Gunnhilda gostava muito de falar mal dos irmãos Skallagrim, mas tinha dois, também, que nada ficavam a dever àqueles. As criaturas chamavam-se Eyvind Skreyja e Alf. Eles eram fortes, arrogantes e muito jovens ainda, apesar de já serem adultos. Eram muito amados pela rainha, mas pouco estimados pelo restante da humanidade.

Certa feita, deu-se em Gaular a celebração do grande sacrifício de verão, no principal dos grandes templos, onde havia grande número de pessoas, a maioria nobres, vindas do fiorde das Cataratas e de Sogn.

Ao saber que os filhos de Skallagrim lá estariam, a rainha chamou seus irmãos e lhes ordenou:

– Aproveitem a confusão da festa e deem um jeito de matar os filhos de Skallagrim.

– Assim será feito – responderam Eyvind e Alf, satisfeitos em servir e matar ao mesmo tempo.

Lorde Thorir também se preparou para ir à festa, mas antes mandou chamar seu filho Arinbjorn.

– Estou indo para as festividades – disse ele. – Mas não quero que Egil vá, pois receio o que vá acontecer se ele cruzar com a rainha. Thorolf irá comigo, mas Egil deve ficar aqui em casa com você.

Arinbjorn concordou e foi falar com Egil.

– É melhor nós dois obedecermos – disse ele ao amigo.

– Por mim, tudo bem – disse Egil, inesperadamente.

Arinbjorn fingiu acreditar, mas ele já tinha montado uma estratégia para segurar o gigante caso ele mudasse de ideia, que outra não era senão a de embebedar Egil até ele cair.

Egil entornou, de fato, duas dúzias de chifres e acabou adormecendo com um sorriso cretino no rosto.

Enquanto isso, Thorir e Thorolf tomavam parte nos festejos sacrificiais, metidos no meio de uma gentalha vulgar e grosseira, como acontece em

qualquer festa, popular ou esnobe. Uma névoa invisível e nauseante, feita do ranço das comidas em rápida deterioração, de péssimos perfumes e do mau hálito de trezentas bocas tagarelas, adensava-se rapidamente. Ao mesmo tempo, um ar de imbecilidade eufórica contagiava a todos, como se, pelo simples fato de estarem ali, as suas vidas estúpidas tivessem se encerrado para sempre, e uma outra, superior e maravilhosa, feita somente de conversações chulas e de comida e bebida à vontade, tivesse começado para nunca mais acabar.

Toda festa humana é uma paródia triste do céu. Graças a isso, pessoas irremediavelmente feias, porém esplendidamente trajadas, tentavam enganar o decreto fatal da natureza transformando-se em caricaturas lamentáveis da verdadeira beleza, enquanto as realmente belas, mergulhadas num vórtice imbecil e quase histórico de vaidade, flutuavam pelas esferas celestes, sem perceber que o tempo solerte continuava, mesmo ali, a arrancar-lhes da pele anestesiada, segundo a segundo, os enfeites efêmeros da beleza e da juventude.

Enquanto Thorolf e Thorir andavam animadamente de lá para cá, imaginando-se partícipes, eles também, de um acontecimento fundamental do universo, os dois irmãos crapulosos da rainha, Eyvind e Alf, espreitavam-nos.

– Não tenho como chegar perto de Thorolf, com Thorir sempre grudado nele! – queixou-se Eyvind à rainha.

– Mate, então, os dois! – disse a rainha, impaciente.

– Os dois?! – disse Alf, embasbacado.

– Sim – disse Gunnhilda.

* * *

À noite, o rei recolheu-se aos seus aposentos, enquanto Thorolf e Thorir foram terminar a noite à melhor maneira viking, com uma bela carraspana.

Nesse instante, Eyvind e Alf chegaram e, sem serem convidados, sentaram-se próximos do grupo, que contava, ainda, com a presença de Thorfid, o Forte, e Thorvald, o Orgulhoso, os dois melhores marinheiros de Thorolf.

Todos bebiam aos pares, como já se referiu anteriormente. Eyvind escolheu o Orgulhoso para beber consigo, enquanto Alf preferiu ficar com o

Forçudão.

– Primeiro, como manda o velho costume – disse o Forçudão a Alf –, bebamos do mesmo corno!

Alf concordou, mas ao mesmo tempo sentiu-se meio desconfortável, pois as palavras ásperas da rainha ainda ecoavam acusadoramente em sua mente. Após tomar nas mãos o corno babujado, e girá-lo discretamente para não lambuzar-se da saliva do Forçudão, ele ingeriu uma boa quantidade de cerveja.

Uma palmada forte e cúmplice estourou nas suas costas.

– Muito bem, é isso aí! Já se vê que é parceiro, o amigo!

– Muito bem, agora cada qual bebe a metade do corno! – anunciou, do outro lado, Thorvald, o Orgulhoso.

Os pares entregaram-se à prática de esvaziar, em duplas, os cornos repletos de cerveja.

E assim, conforme a noite passava, mais cornos iam sendo ingeridos, tornando a conversação cada vez menos hipócrita e cavalheiresca, até chegarem todos, finalmente, no rabo da noite, à discussão e ao insulto.

Eyvind, que ainda estava vagamente lúcido, lembrou-se então da sua missão, e resolveu levá-la a cabo de uma vez, pois um pretexto já havia: o Orgulhoso acusara-o de pretender ser mais orgulhoso do que ele.

– Sou sim, pois motivos não me faltam! – rugiu Eyvind, estufando o peito, como um pombo.

– Mentas, como me mentia, nas palhas do estábulo, a rameira da tua mãe! – disse o outro, estrábico de ira.

Então Eyvind, que já tinha a espada na mão há bom tempo, atravessou-a, de baixo para cima, na garganta de Thorvald, impossibilitando-o, para sempre, de fazer as duas coisas que mais adorava: beber e jactar-se.

Numa fração de segundos, como se tivessem uma mola engatilhada embaixo dos assentos, todos pularam e foram postar-se em pé, com as espadas na mão. Thorir, porém, com o espírito mais lúcido, tratou de serenar os ânimos:

– Nada de violências! Lembrem-se de que estamos num templo sagrado!

– E daí? Nossos deuses amam a guerra! – rugiu colericamente o Forçudão.

Thorir, no entanto, conseguiu que a guarda real desarmasse os mais exaltados.

“E depois Egil que é o violento!”, pensou ele, ao ver os irmãos da rainha

se portarem pior que porqueros num sábado à noite.

Mais tarde, o rei ofereceu a Thorolf e Thorir uma polpuda indenização pelo morto, mas eles a recusaram elegantemente, já que não costumavam aceitar recompensas pela morte de um homem bom e humilde como fora o Orgulhoso. Thorir e Thorolf ainda tiveram de apreciar mais algumas mostras sublimes da magnanimidade real, sempre as recusando polidamente, antes de se verem livres para retornarem à sua casa.

Quanto a Eyvind, foi enviado para curtir um exílio no país vizinho da Dinamarca, pois cometera um crime num local sagrado, algo imperdoável à moral piedosa dos vikings. Eyvind chegou ao país vizinho comandando um navio de guerra e esta chegada impressionou tanto ao monarca que ele logo decidiu transformá-lo num respeitado guarda-costeiro a fim de defender a Dinamarca dos ataques vikings.

Quanto a Thorolf e Egil, fartos de festas e confusões, decidiram voltar a piratear, retornando ao Báltico, onde, normalmente, conseguiam realizar uma boa colheita de saques. Também na Jutlândia saquearam à vontade, bem como na Frísia, e só então decidiram retornar.

Na volta, porém, decidiram dar uma passadinha na Dinamarca, estacionando na fronteira entre este país e a Frísia. Enquanto se preparavam para dormir, chegaram dois homens ao navio de Egil.

– Aki, o Rico, envia-lhe esta mensagem – disse o mensageiro, entregando-lhe um pergaminho que dizia o seguinte:

“Eyvind está postado em frente à costa da Jutlândia, e pretende atacá-los quando vocês vierem do sul. Ele reuniu um grande exército, diante do qual você não terá como se defender. Ele comanda dois navios velozes, e está à espreita.”

Assim que Egil terminou de ler a mensagem, ordenou a imediata partida. Sem que Thorolf pudesse saber o que estava acontecendo, Egil partiu sozinho com seus homens. Ele conhecia suficientemente bem aquelas águas para tomar um atalho por dentro dos estuários e golfos e atacar de surpresa, praticamente pelas costas, os seus tocaiadores. Egil chegou ao local da armadilha ao amanhecer e encontrou os navios ancorados. Um vento terreiro fortíssimo soprava, o que deu ensejo a ele para mandar desfraldar as velas.

Como que impelido por um motor a propulsão, o barco do filho de Skallagrim avançou sobre os do armador de tocaias, abalroando-os e cuspiendo-lhes para dentro mais de cem atacantes armados até os dentes. Uma chuva de golpes desceu sobre os homens de Eyvind, mas ele próprio conseguiu escapar, lançando-se ao mar. Acostumado a nadar de uma ilha a outra, como a maioria dos vikings, Eyvind conseguiu sair-se desta com todos os membros do corpo, o que não aconteceu exatamente com aqueles dos seus que não conseguiram fugir: Egil transformou os navios apreendidos em verdadeiros açougues, cortando fora os braços e as pernas dos prisioneiros ainda vivos, antes de lançar seus troncos estertorantes aos tubarões.

Apesar do crapuloso irmão da rainha ter conseguido escapar, Egil exultou com o triunfo, pois os navios dinamarqueses estavam repletos de armas e preciosidades e no mesmo dia ele voltou para onde estava o irmão.

– Onde raios conseguiu estes navios, Egil? – perguntou Thorolf, boquiaberto.

– Estas tinas de banho pertenciam a Eyvind Skreyja, o irmão da rainha. Eu os tomei dele – disse Egil, com a mesma naturalidade de uma criança a se vangloriar a outra de uma espantosa travessura.

Depois disso, Egil decidiu dar um descanso a si mesmo e pôr a sua musa poética a trabalhar, colocando numa espécie de Ilíada nórdica toda aquela sucessão de maravilhosos feitos.

– Creio que depois dessas peripécias todas o melhor será não voltarmos tão cedo à Noruega! – disse Thorolf, com um sorriso que lhe repuxou as barbas ruivas.

Egil, acostumado a discordar, desta vez concordou plenamente.

XX

Uma careca estriada de sangue

Quando o rei Athelstan foi coroado entre os saxões, ninguém dava nada por ele.

– Com este rei fraco e indeciso será muito fácil recuperarmos o poder de nossos antepassados – diziam os chefes britânicos, escoceses e irlandeses, que haviam perdido o seu poder para os soberanos coroados.

O descontentamento tornara-se latente, tanto ali na Grã-Bretanha como na Escandinávia, desde que surgira aquela irritante mania política de se tirar o poder das mãos dos chefes de clãs para passar às mãos de um só rei.

Muitos daqueles que haviam sido súditos fiéis do rei anterior também juraram deslealdade eterna ao seu sucessor. Athelstan era um rei menos guerreiro e mais diplomata. Preferia fazer alianças a guerrear. Casou suas irmãs com personagens poderosos e foi estabelecendo alianças. Começou casando sua irmã com Sihtric, o rei viking de York e de Nortúmbria. Sihtric morreu no ano seguinte, e Athelstan anexou a Nortúmbria ao seu reino, convertendo-se no rei saxão com a maior extensão de terras já vista, aumentando seu poder e prestígio de forma avassaladora.

Sua maior vitória sobre uma aliança inimiga foi a batalha de Brunanburgh. Ele reuniu um grande exército e ofereceu uma recompensa a todos aqueles que quisessem fazer fortuna, tanto estrangeiros como nativos. Isso atraiu muitos vikings. Assim que Thorolf soube da promessa do rei, disse ao irmão Egil:

– Que tal entrarmos no exército do rei Athelstan? Podemos conseguir excelentes lucros.

Egil, como um bom mercenário, entendeu que não tinha nada a perder e concordou.

Após reunirem um bom número de soldados, rumaram para o sul, costeando a Saxônia e Flandres. No outono chegaram diante do rei Athelstan, o Crente, assim chamado por ser um cristão fanático. (O cristianismo já estava estabelecido na Inglaterra há muito tempo, assim como o fanatismo.)

– Jesus Cristo, Rei de todos os homens! – cumprimentou-os o rei-crente, assim que viu Thorolf e Egil diante dele. – Fico feliz que guerreiros tão valorosos venham juntar-se a mim para defender as minhas fronteiras.

Athelstan molhou o dedo num recipiente de água benta que havia na entrada do salão real e fez o sinal da cruz com a mão erguida na direção das cabeças dos recém-chegados. Ele sabia que os vikings, em bom número, ainda relutavam em abandonar seus deuses demoníacos, e pretendia, se não convertê-los, ao menos exorcizá-los.

Egil, ofendidíssimo, limpou das barbas as gotas que o rei arremessara e secou-as acintosamente na virilha.

– Antes de mais nada, Majestade, é preciso ficar bem claro que somos guerreiros vikings e devotos de Odin. Viemos para lutar o seu lado, mas não para cultuar o seu deus.

– O deus de todos nós – corrigiu Athelstan.

– Não, Majestade, o deus daquelas crias imundas do deserto, e que o senhor adotou.

Athelstan ficou escarlate de raiva, pois não admitia ofensas ao seu deus, e, menos ainda, ao seu fanatismo.

– Então devem retornar imediatamente, pagãos imundos, pois nenhum soldado lutará ao meu lado sem consentir antes em ser batizado na santa lei do Senhor!

Neste ponto, Thorolf interveio com a voz serena, mas inflexível.

– Queremos servir-vos, Majestade, mas queremos, ainda mais, servir a Odin.

Então o rei fechou os olhos e começou a orar fervorosamente. Depois fez o sinal da cruz um sem-número de vezes, em todas as direções.

– Fazer devotamente o sinal da cruz traz incontáveis benefícios para o corpo e para a alma – disse o rei –, independentemente do deus que se cultue. Ele tem o dom de afugentar os demônios e obter o perdão dos pecados.

– Eu não sou demônio, nem tenho pecado algum – disse Egil, friamente.

Thorolf completou:

– Vikings não pecam, Alteza, apenas navegam e guerreiam sagradamente, conforme as leis de Odin.

Ao ver que não conseguiria a conversão total, Athelstan conformou-se em aplicar nos pagãos uma espécie de pré-contrato cristão chamado “batismo preliminar”.

– Todos aqueles que mantêm relações conosco, seja de que natureza for, recebem este batismo preliminar. Depois disso podem continuar a seguir a fé que melhor lhes aprouver. Não são obrigados a nada.

– Bem, se é assim, não perdemos nada – disse Thorolf.

Thorolf e Egil aproximaram-se da pia batismal e, depois de chapinharem a palma da mão inteira na água benta, fizeram o sinal da cruz desajeitadamente, que mais parecia uma boa coçada no peito.

Como os irmãos estavam acompanhados de trezentos homens, aquelas trezentas cabeças foram aspergidas com a água miraculosa e declaradas prontas e santificadas para matar em nome de Cristo.

* * *

O reino de Northumberland representava um quinto de toda a Inglaterra e era a sua parte mais setentrional. Pertencia a Athelstan, que o havia entregue a dois condes para administrá-lo, chamados Alfgeir e Gudrek. Eles protegiam as fronteiras contra as invasões de dinamarqueses, escoceses e também contra os normandos, que, além de saquearem com frequência o país, também reivindicavam boa parte do seu território, pois todos os habitantes próximos a Northumberland eram de origem dinamarquesa.

A Grã-Bretanha, por sua vez, era governada por dois irmãos, Hring e Adils, tributários do rei Athelstan. Quando participavam do exército do rei, ocupavam a dianteira dos exércitos em frente ao estandarte real. Os dois irmãos eram magníficos guerreiros, embora já não fossem tão jovens.

Olaf, o rei dos escoceses, vinha da linhagem de um poderoso príncipe. Ao saber que mais uma guerra estava se formando para os lados de Northumberland, reuniu um grande exército e partiu em direção à Inglaterra. Quando chegou lá, avançou com o escudo de guerra e a partir daí o negócio ferveu de uma vez.

Durante a sangrenta batalha o conde Gudrek morreu e Alfgeir fugiu com a maior parte da tropa que o havia acompanhado, escapando vergonhosamente do campo de batalha.

E foi assim que Olaf, não encontrando mais resistência alguma, conquistou Northumberland.

* * *

Alfgeir, o guerreiro fujão, foi ver o rei Athelstan para lhe contar da derrota. Quando Athelstan soube que um imenso exército havia invadido as suas terras, convocou os seus homens, reuniu sua tropa, chamou também os seus condes e outros nobres e se pôs a caminho para combater os escoceses.

No caminho, o seu exército foi engrossado por nobres, mercenários e a ralé de todo tipo que, desde tempos imemoriais, costuma enrabichar-se nestes cortejos marciais a fim de auferir alguma vantagem, exatamente como uma nuvem imunda de moscas varejeiras costuma ir na cola do majestoso puro-sangue real.

Enquanto isso, do outro lado, Olaf havia recebido o apoio de Hring e Adils, os reis tributários de Athelstan, da Grã-Bretanha, que haviam decidido trair a confiança de Athelstan e ir em alistar-se nas fileiras do rei escocês.

Quando Athelstan soube disso, convocou uma assembleia com seus capitães e conselheiros para decidir o que seria mais conveniente fazer. Contou ao conselho, detalhadamente, o que sabia acerca da expedição do rei da Escócia. Todos estavam de acordo que o conde Alfgeir fora culpado e aconselharam o rei a retirar o seu condado. Decidiram também que Athelstan deveria regressar ao sul da Inglaterra e reunir ali mais tropas, pois as que tinham, ao que tudo indicava, não seriam suficientes para fazer frente ao adversário.

Então o rei designou como comandantes Thorolf e Egil. Eles deveriam juntar suas tropas vikings às de Athelstan, enquanto Alfgeir continuaria a comandar as suas próprias tropas.

Quando tudo estava pronto, Athelstan despachou mensageiros ao rei Olaf, comunicando-lhe que queria desafiá-lo para uma batalha campal. O Páramo de Vin, junto à Floresta de Vin, foi oferecido como palco da batalha. Reinaria sobre a Inglaterra aquele que triunfasse no combate.

Foi fixado o prazo de uma semana para o encontro. O primeiro que chegasse, aguardaria o inimigo também pelo prazo de uma semana. Como nessa época era costume que o rei desafiado à batalha campal fizesse cessar imediatamente os saques, Olaf deu ordem expressa neste sentido. Como não se conhecia, porém, ordem semelhante em relação aos estupros, eles continuaram a ocorrer livremente – afinal de contas, ninguém era de ferro.

Olaf instalou-se numa cidade ao norte do Páramo de Vin, pois o vilarejo era rico e ali seria mais fácil conseguir mantimentos para o exército. Enviou seus homens ao Páramo e quando eles chegaram lá encontraram umas estacas de aveleira colocadas em volta do local onde se daria o combate e só faltavam mesmo arquibancadas montadas.

Os homens escolheram um lugar plano para que o exército pudesse acampar. De um lado do Páramo havia um rio e de outro uma grande floresta, e no lugar onde o rio e a floresta estavam mais próximos os homens do rei Athelstan já haviam acampado. Suas barracas ocupavam todo o espaço entre a floresta e o rio.

Athelstan havia disposto de tal modo as suas barracas que a cada três delas uma estava vazia e em outras havia um único homem – pois o grosso das tropas ainda não havia chegado.

Quando os homens do rei Olaf chegaram, aglomeraram soldados diante de todas as barracas que ficaram atonetadas de guerreiros. Eles acamparam ao norte das estacas, em um leve declive, e todo dia se perguntavam quando é que o grande filho da puta do Athelstan iria chegar.

– Não tarda a chegar – diziam os mensageiros. – Está, agora, em uma cidade ao sul do Páramo.

Novas tropas chegavam dia e noite, engrossando a multidão. Rapidamente o rio de águas azuladas começou a ganhar uma coloração barrenta, pois cerca de mil homens revezavam-se, ininterruptamente, no ato de evacuarem naquela sentina a céu aberto. E, assim, abriram-se majestosamente as portas do Páramo para que se desse ingresso à cólera e às diarreias de todos os tipos, companheiras inseparáveis de todo acampamento.

* * *

Quando chegou, finalmente, o grande dia, Athelstan enviou mensageiros a Olaf, tentando um acordo. Os mensageiros chegaram quando Olaf já estava pronto para atacar e disseram:

– O rei Athelstan já está pronto para a batalha. Já está completo seu poderoso e imenso exército. Mas ele manda avisar que, por uma única palavra sua, está determinado a evitar um massacre das tropas que pretendem enfrentá-lo, sem a menor chance de vitória. Por isso, pede que sua Majestade

reconsiderar e retorne imediatamente à Escócia. Como demonstração de agrado pelo vosso gesto, o rei Athelstan dará um xelim de prata para cada arado que houver em todo o seu reino. É este o acordo de paz que o legítimo detentor da posse de Northumberland tem a vos fazer.

Olaf ficou impressionado com os termos do acordo, e por isso pediu prorrogação para mais um dia no início dos combates, pois pretendia aconselhar-se com os capitães do seu exército.

– Acho ótimo – disse um dos capitães. – Poderemos nos considerar vitoriosos, além de retornarmos para casa com um considerável tributo de Athelstan.

– Penso que não – disse Olaf. – Athelstan ofereceria muito mais caso não aceitássemos agora.

Então ficou decidido que Olaf pediria um aumento no preço do tributo para evitar a guerra.

Mais três dias de trégua foram declarados para se ter a resposta de Athelstan, que acabou sendo a de aceitação do aumento do valor da indenização. Athelstan ofereceu um xelim a cada homem livre, um marco de prata a cada oficial, um marco de ouro a cada capitão da guarda do rei e cinco marcos de ouro a cada um dos condes.

Novo conselho se fez entre os capitães de Olaf, que resolveu fazer sua última negociação, pois a oferta de Athelstan ainda não era exatamente o que ele queria.

– Aceito a oferta se, além disso, Athelstan entregar-me toda a região de Northumberland com os tributos e encargos correspondentes.

Ele pensava que Athelstan não deixaria escapar uma oportunidade de chegar a um acordo.

Na verdade, porém, o que Athelstan pretendia era protelar ao máximo o começo da batalha, a fim de engrossar ainda mais os seus exércitos.

– Digam a Olaf que lhe concederei regressar à Escócia, desde que devolva todas as propriedades saqueadas nesta região – disse Athelstan aos mensageiros. – Então faremos a paz entre os nossos países, e nenhum pilhará mais o outro. Além disso, Olaf se tornará meu vassalo e governará a Escócia em meu nome, como meu vice-rei.

Diante desta proposta claramente chistosa, Olaf ordenou que todos se preparassem para a batalha.

– O que vos disse, está acontecendo – disse Adils, o comandante vira-

casaca. – Estes ingleses são traiçoeiros: perdemos um longo tempo com esta lenga-lenga de mensagens, enquanto eles aproveitaram o tempo para encorpar seus exércitos. Eis agora o meu conselho: que eu e meu irmão ataquemos amanhã cedo com nossas tropas, enquanto Athelstan não chega com o grosso das suas. (Athelstan estava numa localidade próxima, e ainda não chegara, ele próprio, ao campo de batalha.)

Olaf aprovou imediatamente a ideia e Hring e seu irmão Adils partiram, ainda de noite, em direção ao sul do Páramo. Quando clareou, os sentinelas de Thorolf viram o exército que se aproximava. Soaram as cornetas de combate e os homens se armaram, formando dois batalhões. O conde Alfgeir comandava um batalhão e levava a sua bandeira. Era uma tropa muito maior que a que seguia Thorolf e Egil.

* * *

Neste dia gélido, Thorolf observava a natureza com estranha melancolia. Sentira uma saudade repentina de avistar os prodigiosos fiordes da Islândia, onde os navios atracavam, nas proximidades da propriedade de seu pai.

Ele caminhou até as margens de um pequeno lago, que refletia as montanhas acinzentadas, mescladas de neve, e, do outro lado, o verde escuro da floresta. Viu-se, lá também. Uma figura alta e forte, com um escudo largo e maciço que se refletia no rio como uma lua. Apertou na mão a fria alabarda. A lâmina tinha duas polegadas de comprimento, formada por quatro gumes, sendo larga em uma de suas pontas. A haste tinha comprimento suficiente para poder encaixá-la na mão e era bastante grossa. A ponta de ferro fundido era rematada na haste.

“As alabardas são chamadas de furadores de malha de ferro”, pensou ele, mecanicamente.

– Pensando no que, meu irmão? – perguntou Egil, surgindo ao seu lado.

Ele também estava armado ao modo de Thorolf. Pesando-lhe na cintura, estava sua magnífica espada Adder, que ele pilhara na Curlândia. Nenhum deles tinha cota de malha de ferro, mas ambos tinham elmos.

Thorolf não respondeu, parecendo imerso, ainda, no seu transe.

– Vamos, a batalha já vai começar – disse Egil, animando o irmão com um belo tapa nas costas.

Thorfid, o Forte, alçou a bandeira viking. Toda a tropa estava equipada de escudos e armaduras norueguesas. A tropa de Thorolf estava formada perto da floresta, e a de Alfagir, junto ao rio.

– Vamos ficar todos juntos, um ao lado do outro, e bem rentes à floresta, a fim de protegermos nossas costas. Não podemos estar vulneráveis de todos os lados.

Assim fizeram, e logo foi dado o sinal de ataque. Numa fração de segundos, Egil e Thorolf sentiram-se imersos numa tempestade, como no interior de uma coluna de nuvens tempestuosas, arremessando e sendo, ao mesmo tempo, arremessados ao encontro de outra coluna, tão negra e repleta de raios quanto a sua. Egil atacou o conde Adils e ambos travaram uma luta de igual para igual. Impossível saber quem seria o vencedor. Thorolf, a seu turno, estava enfurecido, como se pressentisse algo ruim e quisesse apressar as coisas neste sentido. Jogou o escudo às costas e, com as duas mãos seguras no cabo da sua Furadora de Malha de Ferro, começou a correr enlouquecidamente por entre o inimigo, golpeando de um lado e de outro. Os homens, assustados, retrocederam, dando-lhe passagem. Deste modo, Thorolf foi abrindo caminho até chegar à bandeira do conde Hring. Matou o porta-bandeira do conde, cortou a haste do estandarte, e então atravessou o peito do conde com a sua alabarda, de baixo para cima, transpassando a cota de malha até a ponta da arma irromper nas costas do adversário, escarlate e adornada de vísceras ainda palpitantes. Logo depois, Thorolf empinou a alabarda, com o conde ainda atravessado, e a cravou duramente no chão, deixando o adversário empalado, à vista de todos, no ferro vertical.

– Aí está! Um belo feito para um viking encerrar a sua vida! – urrou ele, arquejante.

Mas aquilo ainda não era tudo – ainda havia algo a ser feito antes que a sua hora também chegasse, pois Thorolf estava certo de que as suas horas de vida na Midgard terrena também estavam contadas.

Thorolf desembainhou a espada longa e voltou a atacar, com fúria redobrada, ceifando britânicos e escoceses, como quem ceifa o trigo. Tudo era grão para o seu moinho, como se costumava dizer, pelos campos, e ele agora repetia com uma voz esganiçada. Cumpria matar – quantos mais, melhor –, a fim de poder ser recebido no Valhalla como um guerreiro de escol, e não como um vibrador de machados qualquer.

Ao ver que seu irmão tinha morrido, Adils se deu conta de que a batalha

estava perdida. Então, pegou sua tropa e fugiu floresta adentro, pois não pretendia ir engrossar, ainda, as tropas celestiais de deus nenhum.

Thorolf e Egil perseguiram os fugitivos, matando-os às dezenas, enquanto o restante das tropas de Olaf se dispersava pelo Páramo como um punhado de formigas desorientadas.

O estandarte do conde Adils estava definitivamente arriado. Começava a escurecer e Thorolf e Egil regressavam, vitoriosos, ao seu acampamento.

Thorolf, um tanto desconcertado, descobriu que ainda não se tornara um guerreiro de Odin.

* * *

Quando o rei Athelstan soube que uma primeira batalha já havia acontecido no Páramo, se preparou com todos os seus exércitos e se dirigiu imediatamente para lá.

Thorolf e Egil foram ao encontro do rei, e ele lhes agradeceu a bravura e a vitória, prometendo-lhes grandes honrarias. Olaf também chegou com seu exército – pois também ainda não havia chegado, ele próprio, ao local do combate – e acampou no mesmo lugar onde seus homens haviam acampado antes. Assim que soube da morte e do fracasso de seus dois condes, Hring e Adils, tornou-se sombrio e pesaroso.

Mal o Sol raiou, Athelstan despertou o seu exército e preparou seus capitães. Então formou seu próprio batalhão e colocou os melhores homens na dianteira, dizendo a Egil:

– É este o batalhão que você irá comandar!

– E Thorolf? – perguntou Egil.

– Ele comandará suas próprias tropas e outras que eu lhe designar. Por enquanto, é melhor que comande a segunda divisão, pois os escoceses estão sempre em movimento, correm em todas as direções, não se sabendo nunca de que lado poderão surgir. São muito perigosos, e Thorolf é muito alerta.

Egil, porém, não gostou da ideia de ficar separado do irmão.

– Deveríamos ficar juntos onde a batalha for mais intensa e arriscada.

– Cabe a mim decidir o que é melhor, meu comandado – disse o rei, sisudamente.

Egil torceu a boca, desagradado, mas foi ocupar o seu lugar.

Aí estava o resultado de submeter-se às ordens dos outros!

Os regimentos foram formados conforme o rei havia organizado. Os estandartes foram alçados. O batalhão do rei se posicionou perto do rio e o de Thorolf mais acima, ao lado da floresta.

Olaf, por sua vez, também formou o seu grandioso exército, em contrapartida com o do seu adversário, que era tão grandioso quanto o dele. Formou dois batalhões e ordenou que alçassem o estandarte, pois seria o seu batalhão que começaria o ataque. O segundo batalhão de Olaf se deslocou para perto da floresta, indo de encontro às tropas que Thorolf comandava. A maioria dos homens era escocesa, como também o comandante.

Era, de fato, uma multidão, e quando os batalhões avançaram, ao toque de rebate, se tornou uma multidão feroz.

Thorolf lutou selvagememente, outra vez, no melhor estilo *berserker*. Levou seu estandarte junto à floresta e avançou, protegido pelos escudos na frente e pela floresta à direita, pronto para atacar o batalhão de Olaf.

No entusiasmo, porém, avançou tanto e tão rapidamente que deixou seus homens para trás. E só então ele viu, finalmente, a face da morte surgir em sua direção. Ela trazia a face de Adils, o irmão do homem que ele empalara. Mas Thorolf sabia que aquela máscara era só um disfarce, um acessório humano. Adils não passava de um pobre instrumento da velha inimiga das gentes para encher ainda mais o seu embornal.

Emerso da floresta, Adils veio na direção de Thorolf, junto com uma centena de homens, e uma chuva de golpes desceu sobre o filho de Skallagrim e irmão de Egil, pondo um fim rapidíssimo à sua vida.

E ali morreu Thorolf, perto da floresta e longe do irmão.

* * *

Quando os escoceses viram Thorolf abatido, lançaram um brado de vitória que atroou os campos.

Egil escutou o rugido e suspendeu, por alguns instantes, a espada ensanguentada. Seu coração falhou uma batida ao ver o estandarte de Thorolf retroceder. Isto era sinal de que seu irmão não estava com ele.

Então, com o coração aos saltos, lançou-se na direção dos dois batalhões adversários.

– Thorolf está morto! – alguém gritou.

Egil sentiu no mesmo instante a sua aflição evaporar-se, e uma espécie de alívio fatalista descer sobre a sua alma. Pronto, agora não havia mais espaço na sua alma para o medo nem a esperança, mas apenas para a fúria – a velha fúria *berserker* herdada do seu pai Skallagrim e do seu avô Úlfr, o Lobo Noturno.

– Avancemos! – urrou Egil, em tal estado de fúria que o seu batalhão o acompanhou como um único homem.

Egil ia na dianteira empunhando a espada Adder, e foi golpeando de um lado e de outro, abrindo caminho junto com Thorfid em direção ao conde Adils.

Adils percebeu que algo muito sério estava para acontecer quando viu a massa dos seus soldados começar a esfarelar-se diante dos seus olhos. Uma lança parecia ter se atravessado no corpo do seu exército, e do centro brotara a sua cabeça, Egil, a avançar coberto de sangue e de fúria. Adils tomou a espada nas duas mãos e esperou o ataque, que não tardou a cair sobre si. Num único golpe, Egil lançou longe a espada do adversário e preparou-se para atirar o último e derradeiro golpe. Adils protegeu a cabeça com o escudo, mas a lâmina de Egil perfurou o metal como se fosse uma reles manteiga. A lâmina entrou pelo escudo, transfixou a cara e saiu pela nuca.

Egil deixou que Adils tombasse ao chão com o escudo colado à cara e a lâmina transfixada.

– Que ninguém retire a lâmina ou o escudo, para que nem o dia nem a noite tornem a ver rosto tão vil!

Tão logo viram o conde morto, seus seguidores se puseram a correr em todas as direções. Mas Egil e sua tropa os perseguiram, matando a todos quantos alcançaram. Depois, retornaram em direção ao batalhão de Olaf, causando terrível destruição e fazendo os sobreviventes ganharem asas nos pés.

Quando Athelstan viu que o batalhão de Olaf estava cedendo, sentiu-se mais forte e ordenou que seu estandarte avançasse. Atacou tão cruelmente que Olaf e a maioria dos seus comandantes nele pereceram.

Não demorou muito para o toque da vitória ressoar nos ares para o rei cristão. Eufórico, e com a boca coberta de sinais da cruz, ele deixou o campo de batalha, enquanto seus homens ainda perseguiram os fugitivos, e cavalgou

em direção à cidade, sem pernoitar em lugar algum.

Egil, porém, estava mais preocupado em caçar até o último dos assassinos do seu irmão, e teria ido até as profundezas de Hel para arrancar-lhes as cabeças e pisoteá-las até transformá-las numa pasta própria para ser ingerida.

Egil só retornou quando havia alcançado o último possível de ser alcançado, e foi, então, ver o corpo de seu irmão Thorolf. Sua espada havia caído da mão e seu corpo estava irreconhecível e lavado em sangue.

Egil tomou em seus braços o corpo do irmão, lavou-lhe as feridas no rio, e preparou-se para enterrá-lo segundo o costume viking. Colocou em cada pulso um bracelete de ouro e mandou cavarem uma sepultura, onde Thorolf foi enterrado com todas as suas armas e roupas. Depois colocaram pedras em cima e moldaram a terra.

* * *

Depois dos rituais fúnebres, Egil foi com suas tropas ver o rei Athelstan. Havia uma alegria exultante no ar e todos comemoravam a vitória ingerindo pipas de cerveja.

Assim que o rei avistou Egil, pediu que deixassem livre um banco alto e o indicou ao viking.

Egil sentou-se e jogou o escudo aos pés. Depois, colocou a espada fria sobre os joelhos e a desembainhou com o coração apertado. Tornou a embainhá-la e ali permaneceu sentado, ereto, mas com a cabeça pendida até sentir a barba roçar desagradavelmente no elmo. Só então se lembrou de retirá-lo. Um murmúrio de espanto correu pela multidão reunida: o metal raspava tanto em diversas partes da sua careca – pois ele já se fizera calvo, tal como o pai – que cordas ressequidas de sangue desciam-lhe desde o cocuruto até o pescoço, como numa pintura ritual *berserker*.

Egil enrugou a testa e suspendeu uma das sobranceiras meladas de sangue, tornando sua máscara ainda mais assustadora.

– Um brinde à nossa vitória! – exclamou o rei, estendendo a Egil um chifre transbordante de hidromel.

Porém, contra todas as expectativas, Egil recusou a bebida com um gesto rude da mão, suspendendo ainda mais a sobranceira rubra.

Intrigado, o rei não perdia um único movimento do melhor de seus

guerreiros. Então, de repente, desembainhou a espada, tirou do próprio braço um bracelete de ouro maciço, grande e ornado de runas, e colocou-o na ponta da espada. Por cima do fogo, o rei ofereceu a Egil o bracelete.

Egil desembainhou a espada e estendeu-a até a ponta das duas armas tocarem-se. Então, o rei suspendeu ligeiramente a sua espada e o bracelete deslizou, num ruído rascante, até passar para a espada de Egil.

Egil colocou o bracelete no braço onde pousa o falcão, e sua sobrancelha retornou instantaneamente ao lugar. E só então aceitou o corne de hidromel que o rei lhe oferecera.

Mas este não foi o único presente. O rei mandou trazer também duas arcas repletas de prata e dois anéis de ouro, além de uma capa adamasquinada que o próprio rei havia usado.

– Estas arcas são para o seu pai – disse Athelstan. – Envio-lhe como compensação pela perda do seu valoroso filho. Parte do dinheiro divida entre os parentes de Thorolf, conforme desejar. Quanto a você, caríssimo Egil, terá como compensação pela morte do seu irmão terras ou bens móveis, a sua escolha. E se quiser permanecer comigo, lhe concederei honras e distinções que você mesmo escolherá.

Egil respondeu rápida e secamente:

– Ficarei na corte.

Bem sabia ele que esta era uma resposta, sem dúvida, que seu avô jamais teria dado. Porém, quando a primavera chegou, Egil foi até o rei lhe comunicar da vontade que tinha de ir à Noruega para saber de Asgerdr, a mulher de Thorolf.

– Ela possui muitas propriedades, e se os filhos de Thorolf ainda estiverem vivos, cuidarei deles como se fossem meus. Caso contrário, se seus filhos não vivem mais, me tornarei o herdeiro.

Athelstan pareceu frustrado.

– Gostaria que permanecesse aqui. Mas, enfim, vá. Resolva como achar melhor, e depois volte, se assim desejar.

Egil fez como o rei dissera e partiu a bordo de seu drakkar de guerra, com cerca de cem homens.

Ao chegar à Noruega, porém, foi surpreendido pela notícia da morte de Thorir.

Seu filho Arinbjorn tornara-se o herdeiro, e agora era o novo barão por ali.

XXI

Nova briga com o rei

Arinbjorn ficou muito feliz com a vinda de Egil e o convidou a ficar. Egil agradeceu, e decidiu passar o inverno inteiro com o velho amigo. Durante este tempo visitou Asgerdr, a viúva de Thorolf, que estava morando na propriedade do novo barão. Ela tinha uma filha de Thorolf, chamada Thordis.

Asgerdr pediu a Egil que contasse os detalhes acerca da morte do esposo.

– Thorolf morreu como deve morrer um viking: heroicamente, no furor da batalha.

– Vim para cuidar de você e de minha sobrinha – disse ele, após a cunhada enxugar suas lágrimas.

Asgerdr sorriu tristemente, pensando consigo mesma que as mulheres de Midgard eram uma espécie de contraversão terrena das valquírias. Enquanto estas passavam de um guerreiro morto a outro, aquelas, aqui na Terra, passavam de um vivo a outro.

Quando o outono chegou, porém, Egil começou a se tornar melancólico. Bebia pouco e escondia a cabeça no manto como uma grande e desajeitada ema a ocultar o bico sob a asa.

– O que houve? – disse Arinbjorn, ao vê-lo a suspirar e escrever poemas sem fim.

Ao imaginar que o problema de Egil fosse o da maioria dos autores – ou seja, o de encontrar um público para as suas criações –, Arinbjorn dispôs-se, abnegadamente, a suportar esta provação.

Então, Egil recitou um poema cheio de paixão por uma mulher, que outras bocas recitaram e mais outras continuarão a recitar, sob as mais diversas formas, enquanto o Sol rodar pelo céu.

– Quem é ela? – perguntou o amigo, protocolarmente, pois tanto ele quanto o universo inteiro já sabiam.

– Omiti o nome para que ninguém saiba quem ela é. Mas para você, meu melhor amigo, posso dizer. É a esposa do meu irmão. Quero me casar com ela, e gostaria de contar com seu apoio.

– Certamente que sim! – disse Arinbjorn. – Ela, decerto, ficará muito feliz em se casar com o cunhado.

Egil fez uma careta de desagrado, e pensou consigo mesmo que tanto fazia se ela iria gostar ou não, pois tanto em Midgard quanto no Valhalla esta questão era a de menor importância.

Egil, enfim, casou-se com Asgerdr, debaixo de uma magnífica festa. E, com isso, Egil tornou-se alegre e expansivo outra vez, assim permanecendo durante o inverno inteiro.

Na primavera, porém, muito a contragosto, Egil se viu obrigado a partir para a Islândia, pois Arinbjorn lhe aconselhou que não se estabelecesse na Noruega enquanto a rainha Gunnhilda fosse tão poderosa.

– A rainha ainda não esqueceu o seu encontro com Eyvind, o irmão dela, perto da Jutlândia.

Então, quando o vento tornou-se propício, Egil partiu para a terra do seu pai, levando consigo a esposa.

* * *

A viagem transcorreu sem qualquer percalço. Egil desembarcou no fiorde de Borg, e foi visitar o pai, que não via há doze anos. Junto com ele estavam muitos homens, entre eles Thorfild, o Forte, que resolvera casar-se com a irmã de Egil. Egil e o pai aprovaram o casamento, e o Forçudão acabou recebendo de Skallagrim uma bela propriedade para começar nova vida.

– Vejo que a prata desceu com força sobre a sua barba – disse Egil, ao ver a barba grisalha e a aparência quase frágil do seu pai, que nem parecia mais o velho guerreiro indestrutível de quinze anos atrás.

– Vejo que o ouro desceu com força sobre as suas burras – respondeu o velho, ao olhar o bracelete que Egil recebera do rei Athelstan, bem como o manto e as arcas cheias de riqueza que os homens descarregavam.

Egil sorriu com orgulho, e mandou entregar ao pai a arca que o rei mandara lhe presentear.

Skallagrim recebeu o presente com um ar evidente de desagrado, pois se tinha coisa que detestava neste mundo era receber presentes de reis. Depois de dar uma ligeira vista de olhos, mandou guardá-la num local em separado, sem incorporá-la ao tesouro público da cidade, que ele, orgulhosamente,

queria continuar a chamar de Cidade Livre.

Egil permaneceu vários anos com Skallagrim, administrando as propriedades do pai até perder o último fio da penugem rala que ainda lhe circundava, como uma orla, o ovo liso da careca.

O povoado estava a cada dia mais povoado, e Egil foi ficando por ali até ser informado, certo dia, que o seu sogro Bjorn havia morrido. Soube também que todas as suas propriedades haviam sido herdadas pelo outro genro, Bergonund, que já se apropriara de tudo: bens móveis e imóveis, com o apoio do rei Erik e da rainha Gunnhilda.

– Pelos abismos de Hel! – praguejou Egil. – Só podia ter o dedo maldito destes dois!

Egil havia caído, outra vez, nas más graças do casal real depois de ter atacado o navio do irmão da rainha.

Diante disso, Egil mandou desencalhar o seu navio e partiu com a esposa para a maldita Noruega, a fim de disputar esta polpuda herança, e, mais que tudo, não fazer o papel de bobo para rei nenhum.

Skallagrim sorriu, satisfeito, e deixou o filho partir. Depois de lançar um olhar para a colina onde estava enterrado o velho Lobo Noturno, congratulou-se com a sombra do pai e consigo mesmo.

– O velho sangue rebelde volta a ferver...!

* * *

Assim que chegou à Noruega, Egil foi informar-se com Arinbjorn a respeito da herança.

– Lamento, amigo, mas acho que não há mais nada a fazer – disse o amigo. – Bergonund é implacável e de difícil trato. Injusto como uma hiena e cobiçoso como um dragão. E ainda conta com o apoio amplo e irrestrito do rei e da rainha Gunnhilda, sua inimiga mortal. Eles farão o impossível para que não lhe caiba um único anel desta herança.

– Erik é obrigado a cumprir a lei, quer queira, quer não – respondeu Egil. – Isso não é assunto pessoal. Com a sua ajuda, acho possível vencer esta questão judicial com Bergonund.

– Podemos tentar.

Egil preparou um escaler e rumou com vinte homens para o sul de

Hordeland, até alcançar Ask. Então encontrou Bergonund e exigiu que ele repartisse a herança de Bjorn, dizendo que a filha deste tinha todo direito.

– Mas você é mesmo um atrevido, Egil! – disse Bergonund. – Foi banido pelo rei e vem agora provocar novas confusões! Devia saber, Egil, que derrubei pessoas tão importantes como você e por razões de menor importância. Está pedindo a herança para a sua mulher, mas todos sabemos que ela é filha de escrava.

– Vou recorrer à corte – urrou Egil – e apresentar a questão judicial perante a lei de Gulathing.

– Irei ao Gulathing e farei com que perca! – vociferou-lhe Bergonund, em meio a muitas injúrias.

Então Egil saiu com seus companheiros, e quando chegou à casa de Arinbjorn contou-lhe sobre a viagem e a resposta de Bergonund. Arinbjorn ficou furioso ao saber que Thora, irmã de seu pai (e mãe de Asgerdr), tinha sido chamada de escrava, e foi até o rei Erik apresentar suas queixas.

Erik, porém, estava farto até as orelhas de Egil.

– Por favor, não me toque mais neste nome! – disse o rei, fazendo um gesto de enfado. – Você já me pediu favores em nome dele que cheguem. Daqui a pouco irão chamá-lo por aí de “babá do Egil”, ou coisa pior. Como sempre, o seu amigo está passando da conta, e já começou a atacar os meus amigos.

– Mas alteza, é justo que lhe conceda seus direitos legais... – insistiu Arinbjorn.

Então, Erik, pondo-se em pé subitamente, gritou com todas as suas forças:

– *Mas não me entendeu?... Basta desta criatura, eu já disse! BASTA!!*

Depois desta chinelada real, Arinbjorn não teve outra coisa a fazer senão ir dizer a Egil, quase no mesmo tom, que o assunto, da sua parte, estava encerrado.

– Meu amigo, agora quem lhe pede sou eu: não me force mais a me indispor com o rei!

– Ora, o toleirão! Quem foi que o forçou a alguma coisa? – exclamou Egil, subitamente irritado.

Arinbjorn, ao ver-se desfeito pela segunda vez, achou que, realmente, a coisa já passara dos limites.

– Não me peça mais embaixadas, torno a dizer-lhe!

Então, pela primeira vez desde que conhecera Arinbjorn, Egil sentiu raiva do amigo – “amigo de merda”, segundo o novo conceito –, e decidiu esperar, quieto, o dia da maldita audiência no tribunal. O amigo de merda se ofereceu, ainda, para ir junto, “mas sem pronunciar-se diretamente”.

Egil, dando as costas, rosnou-lhe um agradecimento que foi quase uma injúria.

* * *

O inverno passou e chegou o momento de Egil ir bater boca com Bergonund no tal Thing.

– Antigamente não era assim que se consertavam as patifarias! – disse ele, embainhando a espada.

– São os novos tempos, meu amigo, é a civilização – respondeu Arinbjorn, tentando acalmar as coisas.

– Civilização de merda! – respondeu Egil, segurando a língua para não dizer mais nada.

Arinbjorn levou uma pequena multidão consigo, para demonstrar o apoio a Egil. Este, porém, envenenado pela primeira negativa, viu na manobra uma clara tentativa de Arinbjorn de diluir o seu próprio envolvimento no caso.

“Patife! Quer apresentar-se como um assistente, um simples curioso! Esta é que é a verdade, e não outra!”

Parece que a amizade azedara mesmo de vez. Depois do primeiro “não”, a lembrança das dezenas de “sim” anteriores havia se esfumado na alma de Egil como a fumacinha de um palito de fósforo soprada por um furacão.

Erik estava presente na audiência e tremeu de fúria ao escutar a atrevida peroração de Egil. Sua vontade foi matá-lo ali mesmo, mas seus homens estavam todos desarmados, já que o Thing Sagrado não era lugar de vinganças e batalhas. Então, enquanto a tagarelice continuava a correr solta dos dois lados, ele ordenou a seus homens que, acabada a audiência, fossem aos navios e que remassem ao encontro de Arinbjorn e Egil.

– Matem o rebelde! – disse o rei. – Não os perderei se falharem, compreenderam?

No fim do dia, os homens fizeram o que o rei ordenara, remando para onde sabiam que os navios de Arinbjorn estavam. Porém, ali, não o encontraram.

Então decidiram ir até o norte, pelos canais.

– E se, ainda assim, o desgraçado não estiver lá? – disse um dos soldados ao líder.

– Então, idiota, vamos remar com todas as forças e desaparecer no oceano!

Felizmente, quando chegaram às águas do fiorde de Sogn, viram a tripulação de Arinbjorn. Os longos navios entraram pelos canais de Saundug, até alcançar o navio amaldiçoado.

– Egil está a bordo? – disse o líder dos assassinos a Arinbjorn.

– Não – disse ele, laconicamente.

– Estará escondido aí dentro, porventura?

– Não, que ele não é homem para isso.

– Para onde ele foi, então?

– Ele partiu em um escaler, com trinta homens, na direção do canal de Stensund.

– Espero que a sua informação esteja correta, senão...

– Senão vocês não o encontrarão e terão as suas cabeças cortadas – disse Arinbjorn, despachando-os.

Arinbjorn, convertido, ao que parece, em verdadeiro amigo de merda, dera a informação correta aos perseguidores. Egil seguira, de fato, pelo canal de Stensund até alcançar o seu navio, que estava lá ancorado, com as lonas estendidas. Egil subira com seus homens, deixando o escaler flutuando ao lado, com os remos amarrados.

– Há navios enormes se aproximando! – gritou o sentinela, de repente.

Egil pulou, num sobressalto, e, assim que viu seis proas apontadas na sua direção, teve certeza de que haveria luta.

– Ao escaler! – ordenou ele, pegando as duas arcas de prata que havia ganho do rei Athelstan, e que sempre levava consigo, e pulou junto com os demais.

Todos se armaram até os dentes, e assim remaram entre a baía e o navio que os perseguia. O dia ainda não tinha amanhecido totalmente quando os navios e o escaler cruzaram entre si. Egil arremessou uma lança em direção ao homem que achava ser o rei, e que estava no timão, mas matou Kettle Hod, um homem muito parecido com ele.

– Não parem até termos matado este maldito! – urrou o chefe dos perseguidores.

Os homens do rei subiram a bordo do navio mercante, onde antes se

encontrava Egil, e mataram todos os homens que não tinham podido embarcar no escaler. Depois de incendiarem o navio, reencetaram a busca.

O navio que perseguia Egil parecia voar, pois os remadores alternavam-se em diversas turmas, de tal sorte que a distância entre ele e o escaler foi diminuindo cada vez mais.

– Vamos em direção à costa da ilha! – disse Egil – A maré está baixa e um navio daquele porte não conseguirá nos acompanhar!

E assim aconteceu. O escaler navegou tranquilamente naquele canal pouco profundo, enquanto o navio dos perseguidores teve de ficar para trás. Egil aproveitou para ir ao encontro de sua mulher, e Arinbjorn, o amigo de merda de todas as horas.

Egil contou a Arinbjorn tudo quanto se passara.

– Fuja para a sua Islândia natal, Egil! – exclamou Arinbjorn. – O rei não vai deixar isso barato!

Ele prontificou-se a ceder um navio ao amigo para facilitar a fuga. (Arinbjorn ajudava o amigo, sim, mas o fazia com a exclusiva intenção de ajudá-lo, ou também com a intenção de retirar da Noruega o desafeto do rei, recaindo, de certo modo, nas graças do seu amo e senhor? A esta altura ninguém mais podia responder, pois, uma vez inoculada a semente da desconfiança, a antiga amizade passara a estar sob a sombra permanente da dúvida.)

– Obrigado, meu amigo verdadeiro! – disse Egil, afinal estava tendo a sua vida salva, também, de verdade.

Enquanto partia, Egil ainda encontrou tempo para elaborar mais este pedregulho poético:

*Que os deuses castiguem a Erik,
e de Asgard também o expulsem!
Que o próprio Odin se irrite,
pois minhas riquezas roubou!
Que Frey e Njord exilem para sempre,
da terra e do mar, o miserando tirano,
e que desça o martelo de Thor
sobre o violador do Thing sagrado!*

XXII

Egil mata o filho do rei

Quando o rei Harold, o Loiro, envelhecera suficientemente, achara que era hora de passar o trono para o seu filho Erik. “Quem melhor para governar do que o implacável Machado Sangrento?”, pensara o rei.

Sem levar em conta direitos de primogenitura, Harold fizera de Erik o seu herdeiro natural.

Três anos depois, Harold morrera e a discórdia começara a lavrar de verdade entre os irmãos. O povo de Trondheim, dando uma sardinha podre para a vontade do morto, elegera Sigurd como o seu novo rei, enquanto o povo de Vik elegera a Olaf.

Sabendo disso, Erik Machado Sangrento partiu de Hordaland em direção ao leste para preservar o trono em suas mãos. Mas, antes de partir, deixou Bergonund encarregado de vigiar a sua fazenda.

– Fique de olhos bem abertos! Sempre que o rei sai em viagem, piratas do tipo do Egil se aproveitam para saquear alguma propriedade real. Que seu irmão Hadd vigie com você!

Erik também designou Frodi, um jovem audaz e robusto, e mais alguns homens para ajudarem Bergonund.

Frodi permaneceu em Alrekstead, uma fazenda da nobreza, onde estava terminando de ser mal educado o filho de Erik e de Gunnhilda, uma besta de sangue azul chamada Rognvald.

Erik partiu com seu exército e também com Arinbjorn, pois este, além de continuar amigo fiel de Egil, voltara a cair nas boas graças do rei. E quando lhe diziam que não se devia servir a dois senhores, Arinbjorn, apesar de pagão, respondia, também, muito cristãmente: “A Egil o que é de Egil, e a Erik o que é de Erik”.

Erik travou uma luta feroz, mas acabou estraçalhando seus dois irmãos. Agora só faltava matar o desgraçado do irmão mais velho – um tal de Hacon, primogênito de Harold, que havia retornado, em bom tempo, à Inglaterra, onde fora criado como filho adotivo do rei Athelstan – para que Erik pudesse

continuar a reinar na santa paz de Odin.

* * *

Voltando, agora, a Egil.

Depois de fugir da Noruega, Egil chegara a uma estação de pesca chamada Vitar, que ficava afastada das rotas marítimas. Ali ficara sabendo, em alto-mar, através dos pescadores, que o rei o havia banido e que, depois disso, qualquer comedor de bacalhau poderia matá-lo impunemente.

– Maldita Gunnhilda! – vociferou, pois sabia que era ela quem induzia o rei a persegui-lo implacavelmente.

O tempo estava calmo, era noite, e soprava uma brisa suave. Egil seguiu reto, enquanto os pescadores remaram às pressas para a praia, a fim de levar a informação a Bergonund, o desafeto de Egil que, ao lhe roubar uma polpuda herança, dera origem a toda a discórdia, obrigando-o, finalmente, a fugir da Noruega.

Feliz da vida, Bergonund largou tudo o que não fazia para ir correndo avisar seu amigo Frodi – aquele que ficara na fazenda real, vigiando o filho do rei.

– Vamos virar um barril de cerveja para comemorar a partida do importuno! – disse Bergonund.

– Infelizmente não posso – respondera Frodi. – Tenho que proteger o príncipe real.

– Ora, proteger o marmanhão! Além do mais, o pirata já partiu! Venha, vamos entornar logo este barril! Além do mais, está aí um exército inteiro de cretinos para proteger a besta do príncipe!

Sem querer Bergonund dera a razão exata para que Frodi não se ausentasse. Mas este, sendo tão estúpido e irresponsável quanto o outro, terminou concordando, e os dois foram beber do seu tonel.

– Ao exílio de Egil! – brindavam os dois, a cada gole, pois havia cerveja à vontade.

Enquanto os dois se emborrachavam, Rognvald, também pouco amigo da disciplina, aproveitou o descuido para embarcar em seu navio particular, belo e veloz, e ir a Herdla com doze homens, para a fazenda do rei, que era administrada por um tal de Skegg-Thorir. Rognvald havia passado sua

infância adorável ali, e Thorir o recebeu efusivamente. Eles tinham maravilhosas lembranças a compartilhar daquele período, e por isso passaram, também, a beber efusivamente, sem tomar precaução alguma, tal como fizeram Hrothgar e seus homens, no castelo de Heorot, enquanto o monstrengo Grendel, de dentes arreganhados, espreitava ao redor.

Thorir e o príncipe Rognvald não estavam, certamente, na saga de Beowulf, mas na saga de Egil. O que eles não sabiam, porém, era que uma criatura tão sanguinária quanto aquela outra também avançava, dentro da noite, na sua direção.

* * *

Egil navegara com vento calmo, mas ao amanhecer o vento cessou por completo, e ele ficara à deriva.

– Usemos os remos – dissera ele aos marujos – e partamos para as águas de Herdla.

Lá havia um bom porto, e todos estenderam as lonas no navio para passar a noite.

Quando amanheceu, Egil desceu num bote com três homens e foram até Herdla.

– Vá ver se há alguma novidade – ordenou Egil a um de seus homens.

O marujo, um sujeito expedito, foi e voltou num passo ligeiro.

– Rognvald, o filho do rei, está na fazenda real – disse ele, esbaforido. – Vi uma das sentinelas podre de bêbada e lhe perguntei qual era a razão do pifão. Então ele me disse que era assim em toda a ilha, sempre que o rei afrouxava a vigilância, e que na casa de Bergonund, onde estão Frodi com mais cinco pinguços, também se bebe de dia e de noite.

– Quem raios é Frodi? – quis saber Egil.

– É o sujeito encarregado de vigiar o filho do rei.

Egil começou a pensar, enquanto arrancava alguns fios compridos do nariz, pois isso o ajudava a raciocinar.

– Ancoremos o navio! – disse ele, de repente.

Assim que o barco encalhou, ele ordenou aos seus homens que descessem.

– Não esqueçam dos machados! Talvez tenhamos de arrombar, também, algumas pipas por aí!

Egil deixou doze homens para vigiar o drakkar e embarcou num escaler com dezoito homens, e silenciosamente desembarcaram na orla.

– Esperem aqui que vou dar uma espiada – disse Egil, indo ele próprio espionar.

Egil correu pela beira da mata, paramentado com elmo e escudo, espada na cinta e machado na mão. De repente, escutou algo, baixou rapidamente o capuz sobre o elmo, mas já era tarde: à sua frente acabara de surgir um bando de pastores de ovelhas. Junto com eles vinha uma matilha de cães quase tão peludos e ariscos quanto os seus donos.

– O que está havendo? – disse Egil, num improviso veloz, antes que os pastores, abismados com aquela aparição marcial e sobrenatural, perguntassem *a ele* o que estava havendo.

– Então o cavaleiro não sabe? – gengivou um velhote barbudo e de olhos extraordinariamente remelentos. – Um danado de um urso está à solta, causando uma danada de uma destruição em toda a ilha!

– Um urso à solta...? – perguntou Egil.

– Sim, o danadão já matou ovelhas sem conta, e até mesmo homens! – confirmou o pastor.

Então, um segundo pastor acrescentou, empolgado:

– É, sim! E há uma bela recompensa pela sua cabeça!

Colado às suas palavras, seguiu-se um ai! agudo e mal modulado. Uma cotovelada certa do velhote acabara de trincar-lhe a segunda vértebra direita, contada de baixo para cima.

– Abostado, não há recompensa nenhuma! – corrigiu o velhote, abanando convictamente a cabeça, enquanto uma pequena chuva de remelas graúdas como sucrilhos despencava da maçaroca encardida da sua barba.

– Recompensa nenhuma! – repetiu ele, convictamente. – E o cavaleiro, o que faz por aqui se não caça o urso?

Então Egil teve uma ideia.

– Agora que vocês falaram em urso, lembro que vi algo se mexendo um pouco mais adiante, na beira da floresta.

– É mesmo? – disse o velho, arregalando os olhos.

– Sim, era uma sombra enorme, e havia um rastro de sangue nas proximidades.

Os pastores entreolharam-se assustados, pois não traziam nas mãos senão

algumas foices enferrujadas e dois ou três chuços frágeis como caniços.

– Se pretendem mesmo caçar o urso, devem pedir o auxílio de alguém realmente capaz – disse Egil.

O velhote enfiou a mão nas barbas e cogitou um pouco, antes de perguntar:

– O senhor quer vir conosco?

– Não posso, tenho de retornar logo. Mas e na fazenda, estão todos dormindo?

– Todos, menos Bergonund, Frodi e Hadd, que estão bebendo.

– Então vá até estes beberrões e peça a ajuda deles, pois vocês sozinhos serão estraçalhados.

Egil virou as costas enquanto um dos pastores correu até a fazenda. Quando chegou, avisou os três beberrões de que o urso estava a um passo da propriedade.

A contragosto, os três amigos do barril ergueram-se e, de espada na mão, foram à floresta.

– Foi mais ou menos ali que o homem disse ter visto o urso – disse o velhote.

– Que homem? – quis saber Bergonund.

– O homem do elmo.

Como todo mundo na ilha estava atrás do urso, Bergonund não estranhou em demasia o fato, e correu naquela direção para acabar de uma vez com aquela história.

– Corram para o centro da floresta, para que o urso não fuja – disse ele a Frodi e a Hadd.

Bergonund embrenhou-se na mata, com a espada numa mão e o escudo na outra. Algo, com efeito, se mexia, e ele foi pé ante pé até, subitamente, dar de cara não com o urso, mas com Egil.

Assim como Bergonund, Egil também tinha as duas mãos ocupadas, só que, em vez do escudo, tinha uma alabarda numa das mãos.

– Não, imbecil, não sou o urso. Sou pior que o urso – disse Egil, correndo na direção de Bergonund, enquanto este posicionava o escudo para se defender da alabarda golpeada pelo adversário.

Bergonund aparou o golpe com o escudo demasiado inclinado, e uma parte dele se rompeu. Com a outra mão tentou aplicar um golpe com a espada, mas Egil aparou-a com a sua espada. Enquanto as duas espadas estavam terçadas

no ar, Egil voltou a arremessar a alabarda. Desta vez ela fez o resto do escudo em farelos e penetrou profundamente no peito de Bergonund, deitando-o por terra.

– Aqui está o resto da herança que me tomou! – disse Egil, mostrando a espada, antes de vibrar um golpe veloz que, numa fração de segundos, separou para sempre a cabeça de Bergonund do restante do seu corpo.

Egil retirou tranquilamente a alabarda do corpo do adversário morto e aguardou a chegada de Hadd e Frodi, que vinham em sua direção. Quando chegaram, Egil arremessou com toda a força a alabarda contra Frodi. A arma atravessou o escudo e penetrou-lhe pelo peito até sair pelas costas.

Egil tomou, então, a espada, e se voltou contra Hadd. Após meia dúzia de golpes, Hadd tombou morto.

Logo surgiram os pastores, esbaforidos e surpresos com o desfecho.

– Foi o urso...? – disse o velhote, observando o estrago.

– Sim, o urso os destroçou com facilidade, pois eram péssimos guerreiros! – disse Egil.

Ao verem que três guerreiros do rei não haviam podido enfrentar o urso, os pastores deram no pé, o mesmo fazendo Egil, pois já tinha se vingado do causador da sua desgraça.

Esta façanha Egil também colocou em versos, que recitou, mais tarde, aos seus companheiros. Antes, porém, convocou-os a irem saquear a propriedade do rei, como honrados vikings que eram.

Egil e seus homens liquidaram com todos os homens, bêbados ou não, que encontraram. Depois, saquearam a fazenda, destruíram tudo o que não puderam levar e seguiram remando pelos canais entre as ilhas.

Egil ainda estava violento, em estado de *berserker*, feroz e bufando como um touro descontrolado, o que significa dizer que, enquanto esteve imerso neste estado, não compôs rima nem verso algum.

* * *

Quando saíram pelo fiorde em direção a Herdla, Egil encontrou Rognvald, o filho farrista do rei, que retornava alegremente para casa com seus doze parrudos marujos. Em má hora o príncipe retornava, pois, além de não ter mais casa nem servo algum, ainda fora dar de nariz com o maior inimigo do

seu pai.

– Pela égua de Loki se aquela não é a embarcação particular de Rognvald, o filho do rei! – disse um dos companheiros de Egil.

O filho de Skallagrim correu até a proa e quase não acreditou em tamanha ventura: numa mesma noite, duas vinganças esplêndidas a serem tiradas!

– Vamos, abalroem o maldito! – disse Egil, retomando seu transe demoníaco.

As embarcações se chocaram, a ponta da pinaça entrou pela proa do barco do príncipe, e logo a banheira real começou a fazer água. Egil ficou em pé, pegou a alabarda e ordenou aos seus homens que matassem a todos.

Nem precisava ter pedido isso, porque, assim que todos se jogaram na água, morreram afogados, inclusive Rognvald, o filho de Erik Machado Sangrento e da rainha Gunnhilda.

Mas ainda não fora tudo para Egil. Ainda queria aproveitar a noite de sorte para fazer uma desfeita à rainha, principal instigadora das suas desditas. Assim, após desembarcar, pegou uma estaca de aveleira e escalou o topo de um promontório, levando nas costas a cabeça de um cavalo.

Ao chegar ao topo, ele pegou a cabeça do equino e colocou-a em cima de uma estaca, esconjurando:

– Cravo aqui uma estaca de agravo, e dirijo o insulto ao rei Erik e à rainha Gunnhilda!

Egil posicionou a cabeça do cavalo em direção à terra, e inscreveu runas mágicas na estaca.

– Dirijo o insulto aos espíritos protetores do país que habitam estas terras, a fim de que vaguem perdidos até que se resolvam a expulsar do país os tiranos da Noruega.

Após firmar bem a estaca na rocha, Egil retornou ao navio e partiu, finalmente, em direção à Islândia.

XXIII

O machado destronado

Após ter matado o filho do rei, Egil retornou à sua Islândia natal. Após atracar no fiorde de Borg, desembarcou o produto dos seus saques nas areias da praia e foi para casa em busca dos braços da sua esposa.

Egil encontrou o velho pai doente e incapaz de administrar suas propriedades. A partir de agora, caberia a ele levar adiante a obra começada por Skallagrim, já que Thorolf, seu irmão, não mais existia.

Num certo outono, Thord, homem rico e honrado, foi a Borg para ver seu sobrinho Egil e convidá-lo para uma festa em sua casa. Egil aceitou, e quando chegou o dia da festança, partiu com sua mulher e mais um grupo de doze homens. Egil estava no cavalo, pronto para partir, quando seu pai se aproximou da montaria e disse:

– Meu filho, quando irá me entregar os baús de riquezas que o rei Athelstan me mandou?

Egil estranhou aquela interpelação.

– Por que pergunta, meu pai? Está com pouco dinheiro?

– Estou tentado a imaginar que você já decidiu sozinho o que vai fazer com o meu dinheiro! – disse o velho com franca animosidade. – Quero que me dê agora, para que eu faça com ele o que bem entender!

Egil, normalmente colérico, conseguiu manter, desta vez, a serenidade.

– Não precisa da minha permissão para isso, meu pai. Vá, pegue, e faça com ele o que bem entender.

E depois de indicar o lugar onde estavam os baús, partiu com os seus para a tal festa em Lambastadir.

Assim que Egil partiu, Skallagrim mandou encilhar seu cavalo e, depois de mandar atrelar ao animal os dois baús pesadíssimos, partiu sozinho num rumo que só ele sabia. Ao lado do cavalo estava uma pá de madeira.

Muito tarde da noite, retornou. Ninguém o viu chegar, e seu aspecto era o de um homem que retornava apenas para morrer. Skallagrim sentou-se num banco, na entrada da sua casa, e ali entregou a alma às valquírias.

Quando o dia clareou, o pai de Egil foi encontrado ainda sentado, com a cabeça e o tronco pendidos. Seu corpo estava tão rígido que não foi possível endireitá-lo, apesar de todos os esforços.

– É preciso avisar Egil – disse alguém, e um mensageiro partiu imediatamente na direção de Lambastadir.

Ao saber da notícia infausta, Egil retornou a Borg, chegando ao anoitecer. Correu até onde estava seu pai, morto e ainda sentado, e tomou-o nos braços. Egil tentou erguer a cabeça do pai, mas não conseguiu.

Então, sem poder admitir que o velho pai fosse ficar para sempre naquela posição cabisbaixa, de abjeta subalternidade, como se estivesse a curvar-se a algum rei desaforado, Egil endireitou à força a cabeça e os membros do pai, estalando-os como gravetos, a fim de que, no caixão, ele tivesse a postura ereta e retilínea de um verdadeiro filho de Úlfr, o Lobo Noturno, inimigo dos reis e de qualquer tirania.

Skallagrim foi levado até o cabo de Nausta, onde seria sepultado. Durante a noite, colocaram uma lona sobre o corpo, e pela manhã o puseram num barco, transportando-o até o cabo de Digra.

Egil mandou fazer um túmulo diante do cabo, e ali colocou os restos mortais de Skallagrim, bem como o corpo do seu cavalo, suas armas e suas ferramentas de forja. As arcas que ele reclamara, no entanto, não foram encontradas. Certamente, ele as havia escondido para não ter de sofrer a suprema desonra de ser enterrado com as riquezas de um rei.

Desde então, Egil tomou o lugar do pai e continuou administrando as propriedades junto com sua mulher Asgerdr e a filha que ela tivera com Thorolf, irmão dele morto em combate.

* * *

Após matar seus dois irmãos, numa luta pela coroa, Erik Machado Sangrento reinou sozinho por mais um ano, até o retorno de seu irmão Hacon, que fora adotado pelo rei Athestan, da Inglaterra.

Hacon desembarcou ao norte de Trondheim, e ali foi aclamado como o novo rei.

A Noruega, agora, vivia a situação absurda de ter dois reis – algo assim como uma prostituta ter dois gigolôs.

– Um de nós está sobrando! – diziam os dois irmãos, cada qual em seu trono.

Assim, quando chegou a primavera, os dois reis reuniram seus exércitos e foram disputar o trono da Noruega, como mandava a boa tradição fratricida das antigas disputas dinásticas.

Desta vez, porém, Erik não conseguiu estraçalhar com o terceiro irmão, pois o exército de Hacon era muito mais numeroso, de tal sorte que Erik é quem foi derrotado.

Humilhado e vencido, Erik se viu obrigado a fugir do país com suas mulheres e filhos. Arinbjorn, o amigo de Egil e do rei, partiu com ele, pois era seu irmão adotivo e pai adotivo de um de seus filhos. Fugiram todos rumo ao oeste, em direção às Orcadas, onde o rei casou sua filha Ragnhild com o conde Arnfinn. Depois, seguiram até o sul da Escócia, onde se puseram a saquear a torto e a direito, até alcançar o sul da Inglaterra.

Quando isso chegou aos ouvidos do rei Athelstan, ele reuniu sua tropa e foi para lá, fazer uma proposta a Erik.

– Darei a você as terras de Northumberland, caso você aceite ser meu protetor contra os escoceses e irlandeses.

Estes dois povos nervosinhos já eram, naquele tempo, duas pedras colossais no sapato dos reis ingleses, e Athelstan achou que somente um viking possuído por cem mil demônios poderia acalmá-los.

Erik pensou consigo, à maneira de Satanás: “Antes rei de Hel que lambebotas em Asgard!”.

– Fechado! – disse ele, pois não via a hora de voltar a desfrutar das regalias reais, fosse onde fosse.

Mas quem não estava nada satisfeita com a situação era Gunnhilda, esposa de Erik. Não seria uma possessãozinha qualquer que a faria esquecer do causador de todos os seus infortúnios, especialmente da morte do seu filho.

– Não terei descanso enquanto Egil não estiver morto! – repetia todo santo dia a sua única prece.

Sem força política, entretanto, só restava a Gunnhilda fazer o que fazia qualquer feiticeira nariguda dos brejos escandinavos: elaborar uma série infinita de encantamentos mágicos para que Egil viesse a cair em suas garras.

* * *

Durante o período que durou a pendenga armada entre Erik e seu irmão Hacon, Egil foi obrigado a permanecer em sua Islândia natal: o tráfego marítimo na região estava interdito a qualquer outro barco que não fosse dos dois contendores, assim como uma rinha de galos está vedada ao ingresso de qualquer outro galináceo enquanto uma das aves destrambelhadas não arrancar a crista e furar os olhos da outra. Pela mesma razão, Egil ficou sem saber o que se passava na terra desgraçada dos noruegueses.

Tudo isso, somado à dor pela perda do pai, acabou por tornar Egil um homem deprimido – ainda que seja difícil imaginar-se um viking deprimido –, e isso aumentou ainda mais durante o inverno.

Quando o verão chegou, porém, o Sol espantou o tédio e a tristeza da sua alma, e ele decidiu organizar uma expedição à Inglaterra para ver o rei Athelstan, conforme havia lhe prometido num distante dia.

Mas os preparativos demoraram mais do que o previsto, e quando conseguiu zarpar, o vento havia mudado e isso atrasou demais a viagem. O outono chegou mais cedo, trazendo consigo as tempestades.

Egil tentava evitar a todo custo a direção ao norte das Orcadas, pois pensava que Erik continuasse a exercer a sua tirania em todas as ilhas. Mesmo sob ventanias e tempestades, Egil rumou para o sul da Escócia, e por aquele caminho alcançou, enfim, o sul da Inglaterra.

O desembarque, porém, não foi dos melhores: graças a um vento fortíssimo e inesperado, o barco encalhou antes mesmo da arrebentação e o navio se desintegrou. Mas a tripulação, pelo menos, salvou-se inteira.

Mas a grande surpresa estava reservada, mesmo, para depois. Assim que colocou os pés em terra, Egil foi informado por um pescador de que Erik e a sua miserável esposa se encontravam ali mesmo, na cidade de York.

Egil coçou a careca enrugada pela surpresa.

– O que este paspalho está fazendo aqui? – disse ele ao pescador que, apesar de batizado, continuava devotíssimo de Bran, o Abençoado, o verdadeiro protetor da Inglaterra contra os selvagens irlandeses e escoceses.

– Ora, então não sabe? – exclamou o devoto do gigante. – Erik governa, agora, Northumberland, e é protetor do rei Athelstan contra os demônios da Escócia e da Irlanda, que a Cabeça de Bran os confunda!

Egil olhou desolado para as areias da praia, onde o mar cuspia, a cada nova onda, mais destroços do seu navio.

“Estou entre o mar e a espada”, pensou ele. “O melhor é enfrentar, de uma

vez, a espada.”

Para seu refrigério, porém, soube também que Arinbjorn também se encontrava ali.

– Menos mal! – exclamou Egil, suspendendo as sobrancelhas.

Egil decidiu ir ver, o mais rápido possível, o velho amigo.

Depois de repetir a feliz estratégia da ilha do urso, cobrindo o elmo com o capuz, Egil rumou para a cidade e não tardou a descobrir que Arinbjorn estava instalado numa estalagem chamada Bico do Tordo.

Ao ver um cavalição postado debaixo da placa com a efigie do tordo bicudo, Egil aproximou-se.

– Sabe dizer se Arinbjorn está aí? – disse ele ao cavalição.

O tordo bicudo parecia ter comido o nariz do sujeito, transformado em duas fuças equinas.

– O barão Arinbjorn está fazendo sua refeição.

– Diga que um velho amigo deseja falar com ele.

– Lá dentro ou aqui fora?

– Em qualquer lugar, menos onde você dorme.

Egil apontou para o estábulo, enquanto a outra mão pousava sobre o cabo do machado.

O centauro humano entrou ligeirinho e retornou em seguida com o recado.

– Egil, você aqui! – disse Arinbjorn, ao surgir, num misto de alegre surpresa e censura.

Os dois amigos abraçaram-se, enquanto Arinbjorn lhe dizia:

– Que raios quer aqui, nas barbas do Machado Sangrento?

– Venho em busca do conselho de um amigo – disse Egil, revelando o seu aperto.

– Alguém o reconheceu enquanto vinha?

– Ninguém.

Arinbjorn pensou um pouco, e decidiu ousar tudo.

– Egil, prepare-se, vamos à casa do rei.

– O que disse?!

– Você irá agora se apresentar ao rei e oferecer-lhe a sua cabeça. Eu serei o seu porta-voz.

– A bebida daqui deve ter cozinhado os seus miolos! – disse Egil, dando meia-volta.

Arinbjorn, no entanto, conseguiu convencê-lo a fazer o que ele dizia.

– Confie em mim, ainda hoje teremos resolvido esta pendenga.

Os dois seguiram até a casa de Erik – rei, agora, de Northumberland.

– Majestade, trago comigo um homem que fez um longo caminho apenas para vir reconciliar-se convosco – disse Arinbjorn, ao estar diante de Erik. – Peço-vos, por ele, a vossa complacência.

Egil deu um pisão no pé do amigo.

– Que história é essa de “complacência”? – sussurrou ele.

Ao lado de Erik estava a vingativa ex-rainha dos noruegueses.

“Meus esconjuros é que o trouxeram até mim, assassino!”, pensou Gunnhilda, lambendo-se toda.

O rei fixou os olhos na face serena e digna de Egil. Nela, não havia expectativa nem medo algum.

– Que atrevimento é este de vir me procurar? – disse Erik, tornando-se rapidamente escarlate. – Como espera encontrar meu perdão depois do que fez a meu filho?

– Não peço o seu perdão; apenas proponho a reconciliação – disse Egil.

A crônica original diz, porém, que, em vez de regurgitar esta resposta viril, Egil tomou nas mãos o pé de Erik e começou a recitar alguns versinhos hipócritas, dignos do pior bajulador já existido em todas as cortes. Entretanto, como isso contradiz frontalmente a psicologia deste bravo viking, e todas as atitudes por ele tomadas até aqui, preferimos passar por alto este episódio inadmissível e provavelmente apócrifo.

– Não preciso enumerar os crimes que você cometeu! – disse Erik, após a versalhada improvável. – São tantos e tão graves que o menor deles já é razão bastante para que eu o impeça de sair vivo daqui!

Então, Gunnhilda intrometeu-se no negócio.

– Mas o que tanto você conversa aí com o monstro que matou o nosso filho? – esbravejou ela em direção ao marido. – O que está esperando para mandar decapitar este desgraçado?

Então Arinbjorn sentiu ser a sua vez de intrometer-se.

– Alteza, se Egil falou mal do rei, ele pode compensar com louvores que o imortalizarão perpetuamente!

– Não quero louvor nenhum, mas a cabeça deste degenerado! – gritou a rainha, pronta para ir, ela própria, executar a sentença

– Lamento, rainha, mas o rei não há de permitir que se cometa tal crime – disse Arinbjorn. – Veja, é noite! Executar um homem durante a noite é

cometer um assassinato!

– Ao inferno! Foi à noite que este cão tirou a vida do meu filho!

Aquele argumento legal, entretanto, sensibilizou o rei, muito amante das suas ordenações, e foi somente por isso que transferiu para a manhã do dia seguinte a execução de Egil.

– Arinbjorn, você será o guarda do meu prisioneiro – disse o rei, lançando às costas do amigo a responsabilidade atroz. – Leve-o à sua casa e traga-o pela manhã para que seja morto.

Arinbjorn, diante das tremendas circunstâncias, não pôde fazer outra coisa senão curvar-se e agradecer, enquanto a rainha, segura por alguns guardas, espumava injúrias pela boca, dirigidas muito mais ao esposo que ao homem que ela queria ver decapitado:

– Maldito louco! Vai deixar escapar o assassino do nosso filho!

Arinbjorn saiu às pressas, arrastando Egil e agradecendo ao rei por sua indulgência.

– Espero, Majestade, que a noite benfazeja vos aconselhe o perdão das ofensas. Lembre-se de que Egil também sofreu muitos desgostos e injustiças ao longo de toda esta lamentável discórdia.

Quando chegaram à estalagem, Egil quase estrangulou Arinbjorn.

– Aí está, falastrão! Quase entregou minha cabeça ao assassino!

Arinbjorn, porém, via as coisas por um outro ângulo – o ângulo, decerto, de quem não está com a cabeça no cepo –, mas que, mesmo assim, não era de todo despropositado.

– O rei estava furioso, é verdade, mas me pareceu muito inclinado à concórdia.

– Algo que a rainha destruirá durante a noite! – exclamou Egil.

Arinbjorn, no entanto, aconselhou Egil a acalmar-se e a compor, durante a noite, uma canção de louvor a Erik. Egil olhou para a cara do amigo com uma expressão tão selvagem que este não ousou repetir a gracinha.

Só que esta gracinha – convenceu-se ele, logo – era a última chance de salvar sua vida.

Depois de espionar para fora, de todas as saídas da estalagem, e descobrir que ela estava cercada por mais de cem guardas do rei – e mais cinquenta civis pagos com um escrínio abarrotado de joias da rainha –, Egil reconsiderou.

– Você acha mesmo...? – disse ele ao amigo.

- Acha o quê?
- Que aquele negócio dos versos pode ajudar?
- A Canção Real de Louvor?
- *Os versos...!*

– Se há alguma salvação, meu amigo, é esta – disse Arinbjorn, friamente. Então Egil encaminhou-se lentamente a uma mesa e, depois de tomar uma vela, começou a emparelhar, mal e porcamente, algumas runas num pedaço de pano.

– O ideal seria um poema de vinte estrofes – disse Arinbjorn.

– O ideal seria um machadão no alto do crânio! – exclamou Egil, tapando as orelhas.

Enquanto compunha suas enormidades poéticas, Egil lutava para afastar da mente a efígie severa do pai e do avô, a flutuarem acusadoramente por todos os recantos da peça onde ele e o amigo estavam praticamente aprisionados.

– Sabe, não há demérito algum nisso – disse Arinbjorn. – Foi exatamente isso que fez meu parente Bragi para escapar à cólera do rei Bjorn, da Suécia. O pilantrão compôs um poema de louvor em apenas uma noite e salvou, com isso, a sua cabeça.

– Está saindo uma merda! Estou sem a menor inspiração! – exclamou Egil.

– Lembre-se de que disso depende a sua vida. Quando se conscientizar realmente disso, a inspiração descerá sobre a sua cabeça como um falcão.

Egil retornou às pressas à janela e viu a malta armada até os dentes, sedenta da sua vida. Num pulo, retornou à mesa e começou a garatujar qualquer disparate que lhe viesse à cabeça.

– Lembra de Aulvnr, o guerreiro que se fez poeta? – disse Arinbjorn.

– O covarde de merda que desistiu de lutar para ir ser o poeta favorito do rei inimigo?

– Ele mesmo. O covarde de merda viveu bastante depois disso, e comeu e peidou à vontade.

Egil pulou do assento e levou as duas mãos à cabeça.

– Maldição! Mas isso é tudo quanto um viking de verdade abomina!!

– Egil amigo, você é um poeta e andou lendo sagas heroicas demais por aí. Sente-se de novo e componha seus versos como um *verdadeiro* viking de verdade.

Egil retomou os esforços, mas nada. Sua têmpera viril e, especialmente, as

duas faces misturadas do pai e do avô, a fuzilarem-no com olhares mortais, não permitiam que seu cérebro espremesse um único verso passável.

Então Arinbjorn, entendendo que teria de recorrer ao último e perigoso estratagema – que até então ocultara, por considerá-lo demasiado arriscado –, resolveu finalmente apelar para ele.

– Egil, a sua salvação é que você é um bárbaro inteligente. Vamos, componha logo uma sátira.

– Como...?!

– Uma sátira, seu cretino. Nunca ouviu falar? Componha uma sátira, debochando do rei.

Egil arregalou os olhos até eles quase lhe saltarem das órbitas.

– Quer que eu seja torturado mil vezes antes de morrer?

– Egil, não me decepcione. Você sabe perfeitamente que uma sátira realmente perfeita é impossível de ser reconhecida no seu tempo. Como todos os reis, Erik é uma cavalgada plena e total. Se você fizer a coisa direito, em menos de cem anos nenhum asno do nosso tempo será capaz de identificar o ardil.

– O que significa dizer que nos próximos cem anos serei conhecido como “o maior cheirador de bunda viking de todos os tempos”!

– Conhecido por quem? Pelos idiotas? Você é superior, deixe os cretinos debocharem à vontade. Daqui a cem anos os cérebros realmente privilegiados começarão a reconhecer a sua real intenção, e as risadas começarão a ressoar tão alto por estes céus gelados de Odin que os ossos do rei chacoalharão dentro da sua tumba esquecida e coberta de bosta de gralhas como uma porção de dados num copo de prata.

Subitamente, fez-se um brilho nos olhos de Egil.

– *Cem anos!*... Escute, Arinbjorn, você acha que o Ragnarök acontecerá antes disso?

– Por que, diabos?

– Porque antes quero assistir, do alto do Valhalla, este negócio aí das risadas! E os ossos do rei chacoalhando!

– Fique tranquilo, não haverá Ragnarök nenhum. Loki já está no Valhalla, há muito tempo, se esbaldando com Odin, Thor, as valquírias e a crápula toda. Os safardanas vão protelar a bobagem até todo mundo esquecer.

Só então Egil sentou a bunda definitivamente no tamborete e começou a

escrever a sua obra-prima incompreendida – a única obra de arte verdadeiramente digna de figurar no universo fraudulento de todas as artes.

* * *

Erik estava à mesa, cercado de muita gente, comendo e bebendo, quando Arinbjorn se fez anunciar. Ele e Egil haviam chegado acompanhados dos seus homens, mas só os dois amigos puderam entrar.

– Como vê, Alteza, Egil não se furtou a retornar – disse Arinbjorn. – Gostaria de saber, antes de mais nada, qual a vossa posição em relação a ele. Sei que é um homem justo e que decidirá pelo melhor. Vossa Alteza sabe que sempre defendi Egil tanto quanto defendi a vós. Abandonei meus bens, parentes e amigos na Noruega para acompanhar-vos em vosso exílio, mesmo quando todos vos abandonaram. Fiz isso porque Vossa Alteza é um rei justo e generoso.

Se Erik soubesse da existência do poema, certamente teria perguntado: “Já é o poema?”, mas como ainda não sabia, limitou-se a escutar a verborreia com um semblante frio e inescrutável.

A rainha, no entanto, não estava com semblante frio e inescrutável nenhum, e tratou logo de reduzir Arinbjorn ao silêncio:

– Basta de tagarelices! – gritou ela, voltando-se para o rei: – O que está esperando para chamar o carrasco? Quero ver quantas vezes a cabeça deste verme irá quicar nas pedras antes de vidrar os olhos!

– Se Vossas Majestades decidirem que Egil não merece o perdão real, seria honroso, alteza, que lhe concedessem, ao menos, uma semana para que vá e se salve, pois ele viajou só para reconciliar-se e está completamente desarmado.

– Cale-se, raposa velha! – bradou a rainha – Se lhe dermos uma semana, ele pedirá proteção ao rei Athelstan. Isso será, por acaso, honroso?

– Nem tampouco seria, nobre rainha, assassinar o filho de um camponês que se pôs à inteira mercê da misericórdia de Vossas Majestades.

– Acho que teremos duas cabeças cortadas por aqui! – disse Gunnhilda, voltando-se de novo para Erik.

– Talvez mais, Alteza, pois nossos homens lá fora não irão assistir imóveis ao massacre dos seus senhores.

– Que rolem mil cabeças, então! Mas a primeira será a deste cão! – disse ela, em pé, como uma fúria.

Neste ponto, Erik resolveu pôr um fim enérgico à altercação.

– Já chega de gritarias! – disse ele, dando um grito mais alto que todos.

Depois, retomando a sua frieza inicial, dirigiu-se novamente a Arinbjorn.

– Meu bom amigo, bem sabe você que este homem ao seu lado não é um simples e honrado camponês, mas um pirata regicida.

Erik fez um brevíssima pausa, pois algo soara esquisito na frase. (Ah, sim! Era aquele negócio de “honrado camponês”. Ele nunca havia reunido, antes, estas duas palavras.)

– Arinbjorn, eu não tive a intenção de prejudicá-lo nesta história, mas se insistir em colocar o seu corpo entre a minha espada e este vilão assassino, a escolha será sua. Gunnhilda está certa. Este monstro cometeu crimes de sobra para experimentar mil vezes a morte. E é isso que ele veio buscar aqui, nesta manhã.

Arinbjorn curvou a cabeça diante do rei antes de colocar Egil no centro das atenções.

– Só o que vos peço, magnânima alteza, é que escuteis o que Egil vos tem a dizer, e mais nada.

Arinbjorn continuou de olhos postos no chão, e isso mexeu profundamente com as camadas atávicas e subterrâneas de Erik. Que a égua de Loki o carregasse se rei algum era capaz de resistir a um negócio desses!

– Muito bem, que o pirata regicida se adiante e pronuncie, em poucas palavras, as suas aleivosias.

Egil sorriu interiormente, pois era exatamente o que iria fazer.

– Compus um poema, Alteza, pois além de guerreiro sou também um poeta. O guerreiro já depôs suas armas perante os vossos pés. Agora o poeta irá depor os seus versos, na esperança de que eles vos soem um pouco melhor.

Erik não moveu um único músculo facial – mas que aquele troço soara poderoso, soara, sim senhor.

Egil retirou do peito um pergaminho e começou a ler, então, as vinte estrofes da sua canção real de louvor, que ele chamou de “Resgate da Cabeça”. Já na dedicatória, esmerou-se em elencar uma série de vinte sinônimos para a palavra “digníssimo”, antepondo-os, um a um, ao nome de Erik. Dezesseis deles o rei jamais havia escutado, nem mesmo em sonhos.

Mas aquela sucessão de superlativos não deixavam dúvida: tratava-se de elogios maravilhosos. Logo depois, veio o preâmbulo, em que o poeta resumia, em poucos versos, o conteúdo apetitoso de todo o poema.

“Pela racha de Freya! Se cumprir metade do que anuncia, não só deixarei de cortar a sua cabeça, como ainda colocarei sobre ela a minha coroa!”, pensou o rei, um tanto irônico, mas também ansioso.

Depois, Egil deu início, propriamente, ao poema. E foi então uma sucessão de imagens esplendorosas, recheadas de metáforas – as maravilhosas *kennings*, de sabor genuinamente nórdico –, nas quais Erik surgia não mais como um mero ser de carne e osso, mas como uma criatura superior até mesmo aos deuses, triunfando sobre os inimigos como um Thor terreno em sua charrete de fogo. Até mesmo na derrota posterior e no amargo exílio que agora tinha de suportar, Erik surgia como um mártir pagão, perseguido e ultrajado pela escória usurpadora.

Quando Egil fez uma pausa para tomar o fôlego e um bom gole de hidromel, Erik tinha a mão direita enterrada na barba fofa, tentando conter os músculos do sorriso e da euforia como um cavaleiro a puxar as rédeas do puro-sangue arisco e indomável. Gunnhilda, porém, remexia-se, inquieta, pois, além de não ter entendido uma única palavra do que o assassino dissera, não escutara nenhuma vez o seu maravilhoso nome ser pronunciado.

Recuperado o fôlego, Egil começou a recitar o majestoso e retumbante final, no qual o rei, triunfando de todas as adversidades, esmagava seus inimigos a pata de cavalo e a machadaços certos e impiedosos. Então, após reinar mais mil anos, concedidos como um prêmio nunca antes visto pelos deuses, Erik era alçado ao Valhalla, sem precisar passar pela morte, deixando, ainda, em toda a Midgard terrena, a expectativa futura do seu retorno triunfal, como uma versão nórdica e quintessenciada de um rei Artur ou de um D. Sebastião.

Quando tudo acabou, o rei tinha os olhos fechados, a simular um certo enfado, pois não podia permitir que o mundo – e, especialmente, o vilão – percebessem a violenta emoção que se apoderara da sua alma.

– Acabou a versalhada? Que entre, então, o carrasco! – gritou Gunnhilda, quebrando o silêncio majestoso como quem espatifa uma pilha de pratos num salão de mármore.

Só então Egil deu-se conta do lapso terrível que cometera ao negligenciar

a figura da rainha. (Na verdade, ele concedera-lhe apenas uma breve menção, na qual, sob a aparência de uma soberana justa e honrada, Gunnhilda era tratada de prostituta e alcoviteira.)

Erik, contudo, apreciara demais os versos, e queria-os com todas as suas forças. Com um sinal discreto, chamou o poeta oficial da corte.

– Decorou tudo? – ciciou ele na orelha do outro.

Não, o poeta não decorara, pois o despeito, a certa altura, o tornara completamente surdo. (Erik notou que ele tinha marcas de mordidas raivosas nas duas mãos, e logo entendeu tudo.)

– Idiota. Desapareça da minha frente – disse ele, baixinho.

Afligido, então, por esta ambição incontrolável, Erik tornou-se definitivamente magnânimo.

– Muito bem, o poema não foi dos piores. Dê-me o pergaminho e poderá escolher qual morte deseja.

Não funcionou.

– Alteza, reconheça que tais versos bem merecem a liberdade daquele que os ditou – disse Arinbjorn.

Erik estava tão confuso e inquieto que a sua barba remexia-se sozinha na cara.

“Danação e degredo!”, pensou ele, até o instante em que entendeu que deveria ceder.

– Está bem, em consideração a você, meu bom amigo Arinbjorn, o assassino sairá daqui com vida. Mas que saia rápido e nunca mais apareça na minha frente, e nem na frente dos meus filhos! E que nunca mais se atreva a cruzar o meu caminho e o do meu povo! E que nunca mais esqueça de que a sua cabeça só continua sobre os seus ombros porque foi alvo da minha magnânima clemência!

Ao terminar de dizer isso, o rei arregalou os olhos e chamou outra vez o poeta da corte.

– E isso aí, idiota, decorou?...

Sim, o idiota decorara cada palavra de Sua Alteza.

– Muito bem. Volte ao seu lugar.

O idiota voltou.

Enquanto isso, Egil e Arinbjorn, após agradecerem em pouquíssimas palavras, começaram a retirar-se.

– Esperem! – disse o rei, apontando um dedo ansioso para o manuscrito. –

Os versos! Deixem comigo!

Egil entregou o poema e retirou-se com o amigo, enquanto Erik, com um ar falsamente displicente, enterrava o manuscrito nas profundezas do peito – *e foi só neste momento que ele estranhou o silêncio da rainha.*

Gunnhilda, de boca aberta, jazia desmaiada em seu assento.

* * *

Antes de partir da Inglaterra, onde estava, Egil recompensou a fidelidade de Arinbjorn com dois braceletes de ouro que havia recebido do rei Athelstan. Cada um deles pesava um marco. Arinbjorn, por sua vez, presenteou Egil com uma espada maravilhosamente afiada, chamada Dragvandill, que ele recebera de presente de Thorolf, irmão de Erik, e que já havia estado nas mãos de muitos nobres poderosos.

Arinbjorn retornou, depois, para a casa do rei Erik, em York, enquanto Egil, após desfrutar de toda a tranquilidade para poder vender, juntamente com sua tripulação, o carregamento todo do navio, anunciou que pretendia retornar à Noruega, já que lá não havia mais Erik nenhum a reinar.

Mas novos fatos o obrigaram a permanecer, ainda, na Inglaterra.

XXIV

Egil duela com Ljot

Havia, naqueles dias, um riquíssimo barão na Noruega chamado Erik Alspak. Ele era casado com Thora e tinha um filho chamado Thorstein. Este Thorstein, por sua vez, fora criado por Arinbjorn e ido com ele para a Inglaterra.

Ora, naquele mesmo verão em que Egil pretendia retornar à Noruega – governada agora por Hacon, o irmão de Erik –, chegou à Inglaterra a notícia de que o barão Alspak havia morrido, e que os senescais do rei haviam se apropriado da sua herança.

Egil, sabendo da coisa, mandou avisar a Arinbjorn que o seu afilhado havia sido esbulhado.

Imediatamente, Thorstein – um jovem já perfeitamente capaz de defender seus interesses – foi falar com o rei Athelstan e pedir-lhe que enviasse uma ordem ao seu filho adotivo Hacon, rei da Noruega, para que restituísse a herança a quem de direito.

Egil ofereceu-se para ir à Noruega resolver o assunto.

– Tenho de ir para lá, mesmo, a fim de reaver, também, as minhas propriedades que Erik e o safado do Bergonund me roubaram. Atli, o Baixo, um irmão patife de Bergonund, agora as administra.

Athelstan, entretanto, disse que preferia que Erik permanecesse na Inglaterra.

– Você é muito necessário aqui, para defender minhas fronteiras.

Mas Egil firmou propósito de ir, pois não podia negligenciar seus próprios interesses.

– Tenho mulher e propriedades pelas quais zelar, Alteza – disse ele.

Athelstan não insistiu mais e deu ainda um bom navio mercante para que Egil e Thorstein fossem juntos.

– Espero que ambos consigam reaver as suas heranças e que voltem logo – disse o rei, na despedida.

Egil e Thorstein chegaram a Vik, na Noruega, e penetraram no fiorde de

Oslo, pois Thorstein tinha propriedades ali e também em Raumarike. Nem bem desembarcou, Thorstein tratou de ir reivindicar os seus direitos junto aos senescais do rei. Muita gente o apoiou em sua reivindicação, pois Thorstein tinha muitos parentes nobres e influentes, e a decisão foi parar nas mãos do rei. Thorstein, contudo, não quis esperar a decisão e apropriou-se por conta das propriedades em litígio, enquanto aguardava a decisão do rei, e trouxe Egil para ficar um tempo consigo.

Neste inverno reinou grande alegria, e tanto Thorstein quanto Egil passaram magnificamente bem, pois havia mantimentos e conforto de sobra na espaçosa residência.

* * *

Por esta época, o rei Hacon, que governava a Noruega, estava em Trondheim no norte. Quando o inverno passou, Thorstein e Egil, acompanhados de trinta homens, embarcaram a caminho de Opalândia e logo em seguida foram ao norte passando por Dolrafjall, até chegarem em Trondheim, onde foram ver o rei Hacon.

O resultado para Thorstein foi o melhor possível, pois o rei não só o investiu em todos os seus direitos, como ainda o nomeou barão do rei, do mesmo modo como seu pai havia sido.

Egil também apresentou o seu pleito, reclamando os bens e propriedades que lhe haviam sido tomados injustamente graças a um conluio sujo de Bergonund e o ex-rei Erik.

Hacon, porém, deu para trás, e disse a Egil que nada poderia fazer neste caso.

– Erik e Gunnhilda dizem que você se excedeu neste episódio, chegando a matar meu sobrinho, num ataque vil e covarde. Desculpe-me, mas, apesar de meu irmão e eu sermos rivais, não posso tomar o seu partido nesta questão.

Egil sentiu uma espécie de vertigem ao escutar isso. Sim, aí estava a velha hidra real norueguesa a erguer, outra vez, outra de suas mil cabeças para afrontar a ele e ao seu clã!

– Isto é uma injustiça, Majestade, e as injustiças comigo não costumam perdurar – disse ele, escarlate de ira. – Tenho linhagem suficiente neste país para enfrentar este Atli, o Baixo, e seja mais quem for, alto ou baixo.

Hacon também começou a alterar-se, e Egil resolveu valer-se, então, de um último argumento benigno.

– Alteza, estou disposto a alistar-me entre os seus guerreiros e o faço porque sei que não tardará muito para que seu irmão Erik queira recuperar o trono que ele considera usurpado. Talvez Vossa Alteza não saiba, mas Gunnhilda, esposa de Erik, tem dado à luz filhos tão vingativos e ambiciosos quanto ela.

A resposta de Hacon, entretanto, foi a pior possível.

– Você, meu guerreiro? E de onde tirou que desejo tê-lo como meu vassalo? A verdade é que os seus parentes já causaram dano suficiente à minha família, e não desejo tê-lo aqui. A Noruega sequer é o seu país. O meu conselho é que volte à sua Islândia natal e fique por lá até lhe caírem todos os dentes.

Egil preparava-se para espalmar uma bofetada dupla nas bochechas suínas do rei quando lembrou, de repente, da mensagem do rei inglês.

– Antes de seguir adiante nas injúrias, queira Vossa Baixeza ler as palavras ditadas por vosso pai adotivo – disse Egil, estendendo, com mão trêmula, o pergaminho real.

Egil lutou para manter os lábios unidos enquanto o rei lia a mensagem, mas eles teimavam em recuar, deixando exposta a sua dentição aguda de lobo.

Felizmente, quiseram os deuses que, após a leitura da missiva real, Hacon retornasse ao bom senso.

– Muito bem, em honra do meu pai adotivo, lhe concederei os direitos que reivindica – disse o rei, secamente.

Os lábios trêmulos de Egil rosnaram qualquer coisa parecida com um agradecimento antes dele se retirar.

Thorstein e Egil iniciaram, em seguida, os preparativos para os seus respectivos destinos. Thorstein iria voltar à sua propriedade enquanto Egil iria acertar as coisas na sua, e depois partir para a Islândia.

– A Noruega, com a sua costumeira fedentina de reis, está me causando náuseas outra vez! – disse ele ao amigo, que riu a valer.

– Calma, Egil, relaxe, que agora tudo está resolvido!

– Tudo não, caro Thorstein – respondeu Egil. – Ainda tenho muitas coisas a resolver!

Algumas, inclusive, imprevistas, como se verá a seguir.

* * *

Egil seguia caminho com doze homens quando chegou ao povoado de Raumsdale. Ali conseguiu um barco para prosseguir até More, seja lá onde fique, até meter-se na ilha Hod, onde, depois de torrar por quatro horas a careca sob o Sol, conseguiu, finalmente, alojar-se na propriedade de um barão de merda chamado Fridgeir.

Este Fridgeir era bem jovem e recém estava contabilizando os bens que herdara do pai, um velhote rico e avarento que, nos dias áridos do seu mando, jamais fizera um único reparo na casa onde agora Egil estava acolhido.

– Para besta de argola está muito bom! – dizia sempre o velho.

Mas agora a besta de argola estava mudando as coisas rapidamente por ali. Com a morte do formigão, o jovem, apaixonado por luxo e regalias, ingressara, finalmente, no Valhalla dos parasitas: a casa fora inteiramente reformada e a comida e a bebida pareciam brotar sozinhas da madeira das mesas.

A mãe do herdeiro se chamava Gyda. Ela era irmã de Arinbjorn, o melhor amigo de Egil.

Curiosamente, apesar das coisas estarem mudando para melhor, o semblante do jovem não parecia, contudo, nem um pouco feliz, muito menos o de sua mãe.

Enquanto comiam, Gyda perguntou a Egil como estava o seu irmão Arinbjorn.

– Está muito feliz na Inglaterra, minha senhora, cheirando a bunda do rei – disse Egil. (Não, é mentira. Ele só disse a primeira parte da frase, pois jamais se permitiria ser grosseiro com a irmã do seu melhor amigo.)

Egil esteve muito alegre toda a noite, ao contrário de Gyda e de Fridgeir, ambos muito reservados.

Então, lá pelo fim da noite, ele descobriu que a casa tinha um terceiro morador.

– Parece que alguém está chorando aí dentro – disse ele, após escutar alguns soluços mais que evidentes.

Num clima gótico de Edgar Allan Poe, surgiu, em resposta, na semitreva do salão, a figura de uma jovem belamente vestida, mas com as faces pálidas

e encovadas.

Egil ergueu-se e olhou inquisitivamente para seus anfitriões.

– É minha filha, irmã do meu Fridgeir – disse Gyda.

Como uma legítima aparição, a moça desapareceu sem dizer nada. E quando os últimos vestígios da sua presença se evaporaram, os soluços recomeçaram *em alguma parte*.

– Que menina triste! – disse Egil, baixinho, a um de seus homens. – Tem cara de morta!

– Não, ela ainda não morreu – disse Gyda, atenta. – Mas talvez amanhã morra.

Mal ela dissera isso e os soluços aumentaram de intensidade, parecendo brotar, agora, de dentro dos pratos.

– Ela está doente? – perguntou Egil.

– Não, mas há um homem que nos deixa doentes – disse a velha senhora, apertando os lábios. – Ele se chama Ljot, o Pálido, e é um *berserker* amante feroz de duelos.

– Ljot, o Pálido?... – repetiu Egil.

– Ele é soberbo, arrogante e abominável! – disse a velha, empolgando-se. – Há pouco tempo pediu-me a mão de minha filha em casamento. Neguei-lhe terminantemente, e então ele desafiou o meu Fridgeir para um duelo, que acontecerá amanhã, numa planície próxima da praia.

Egil sentiu um arrepio no sistema nervoso, coisa que ele sentira pela segunda vez desde a sua chegada na casa, mas que só agora descobrira a razão. Não era por causa da aparição anterior e vagamente espectral da garota, mas pela enunciação constante, pela velha senhora, do nome do seu filho, o tal Fridgeir.

Sim, senhores, aí estava um nomezinho antipático!

– Oh, aflição! Como eu gostaria que um protetor destemido como você, que não teme nem homens nem reis, acompanhasse o meu Fridgeir! – disse, a senhora, unindo seus soluços aos da filha insubstancial.

Apesar de não pertencer à Távola Redonda, Egil atendeu ao pedido como um perfeito cavaleiro medieval.

– Está bem, eu irei também.

– Oh, que felicidade! – exclamou a velha, começando a cacarejar de alegria, enquanto algo invisível e perfumado estalava delicadamente nas

barbas do viking.

Conversando mais, Egil descobriu que o tal Ljot era de origem sueca e não tinha parente algum no país. Chegara à Noruega como um fanfarrão arrivista, decidido a fazer fortuna com a prática reiterada de duelos.

– O miserável já acumulou uma porção de bens assassinando respeitáveis proprietários sob o pretexto de ofensas imaginárias – disse Fridgeir. – Ele simplesmente escolhe a sua próxima presa, cria uma situação de desavença e depois estraçalha o oponente graças à sua habilidade incomparável com as armas.

Mais tarde, o banquete voltou a reavivar-se com a chegada de alguns amigos de Fridgeir, que iriam acompanhá-lo ao duelo. Fridgeir, entretanto, nada comia ou bebia, e várias vezes tivera de ausentar-se para ir “respirar um pouco de ar puro” lá fora. (Por alguma razão, ele achava que a sentina era o lugar ideal para isso.)

No dia seguinte, Fridgeir se preparou para ir acompanhado por muitos homens, entre eles Egil. Havia uma bonita planície perto do mar, local onde deveria travar-se o duelo. O local estava demarcado com pedras e não tardou muito para que o desafiante aparecesse acompanhado por uma turba de arruaceiros, espécie de urubus loiros que estavam sempre a voejar em torno do rufião para apanhar as migalhas dos seus triunfos bárbaros.

A exemplo da maioria dos personagens masculinos das sagas islandesas, Ljot também era um *berserker* e, tal como os demais, apreciava muito comer a carne das suas vítimas, bem como beber o seu sangue.

Ljot era alto como um pinheiro e largo como um carvalho. Trazia nas mãos um machado de lâmina dupla e um enorme escudo que, por si só, era uma segunda arma ofensiva, já que ele havia afiado as bordas laminadas até torná-lo um disco mortífero. Qualquer um podia ver que ele andara ingerindo durante a noite algo mais do que meros cinco barris de cerveja, ou, pelo menos, batizado eles com alguma coisa realmente extasiante.

Ljot berrava horivelmente e Egil pôde ver que seus dentes haviam sido todos serrados e limados até adquirir o aspecto de pontas de flechas. Apesar de estarem suficientemente afiados, Ljot continuava a limá-los na lâmina do machado e depois a morder o escudo como um cão danado.

Fridgeir não era um homem alto, nem forte. Não só jamais havia tomado parte num combate, como tinha verdadeiro horror de assisti-los. Assim,

quando Ljot, antes de começar o duelo, anunciou para quem quisesse ouvir que Fridgeir não era um homem, “mas um pedaço de bosta seca”, ninguém encontrou argumentos realmente consistentes para opor. Em lugar disso, Egil adiantou-se e lançou a sua própria proclamação:

– Muito bem, grandalhão, a luta hoje será com alguém do seu tamanho!

Ljot olhou bem para o oponente, uma criatura quase do seu porte e não menos ameaçadora. Mesmo assim, como o seu estado alterado o impossibilitava de sentir qualquer coisa parecida com o medo, ele encarou normalmente o desafio e roncou este contradefio:

– Quem é você? Não luto com puxadores de arado! Que bens possui?

Egil, então, disse quem era e os bens que havia recuperado.

– Derrote-me, e toda a minha herança será sua, além dos bens de Fridgeir!

Ljot arreganhou os dentes de flecha e topou na hora o negócio.

– Dois bons negócios em um! – disse ele aos seus, antes de voltar-se para Egil.

– Eu teria mais honra em lutar com este mariola do Fridgeir, pois lutar com você não aumentará em nada a minha reputação! Mesmo assim, não será sem prazer que esmagarei sua cabeça e comerei com as mãos os miolos!

Egil tinha o escudo e a espada Dragvandill na cintura, a espada que havia recebido de Arinbjorn. Na mão tinha uma outra espada, e foi com esta que começou o combate

Num salto Egil cruzou a divisa que demarcava o campo de batalha e disse, em versos improvisados, que por ele o combate estava começado, e que já podiam, ambos, começar a testar o gume das suas armas.

– Minha espada se tingirá de sangue e farei com que o seu corpo se torne pasto dos corvos!

Ljot avançou em direção ao campo, ensandecido.

– Covarde será aquele que se retirar do campo de batalha demarcado pelas pedras! É esta a lei do combate!

Sem dizer mais nada, Egil golpeou Ljot com a sua espada, mas o gigante aparou o golpe com a borda afiadíssima do seu escudo, fazendo a lâmina de Egil saltar longe.

– Espada já não tens, senão um punhal! – urrou Ljot, triunfante. – Vejamos que uso fará dele!

Egil atirou o punhal improvisado para cima, e quando ele desceu, agarrou-o de novo pela lâmina, arremessando-o velozmente na direção da cabeça do

gigante. Um espirro de sangue subiu e a orelha enorme de Ljot ficou-lhe pendida na lateral da cabeça como um brinco natural de carne, todo envernizado de sangue.

Ljot, insensível à dor, graças ao ensandecimento *berserker*, não sentiu nada, a não ser que algo lhe pendia do lado direito da barba. Então, num gesto calmo e descansado, arrancou a orelha e enfiou-a inteira na boca.

Egil manteve-se impassível enquanto o gigante mastigava a sua orelha ao molho pardo.

– Bem vejo que o seu sangue envenenado não faz efeito algum sobre você! – disse Egil, ao ver-se encerrado o lanche do troglodita. – Continuemos, pois, o combate!

Após sacar a espada Dragvandill que trazia na cintura, e empunhar o escudo, Egil aparou a chuva de golpes que o enfurecido adversário começou a arremessar-lhe, até provocar-lhe um primeiro esmorecimento. Então voltou a atacar, com fúria redobrada, pois também ele era um *berserker*, lançando uma sequência esmagadora de golpes que foram empurrando Ljot cada vez mais para a borda demarcada pelas pedras. Egil acometia sem tréguas, golpeando cada vez mais intensamente, até obrigar Ljot a pisar numa das pedras e cair de costas sobre o chão.

Antes, porém, que Egil enterrasse a lâmina no pescoço do adversário, Ljot pediu uma trégua.

Egil, cômico das regras, consentiu e ambos sentaram-se na relva para descansar.

Fridgeir também estava na relva, um pouco mais além, só que deitado e de olhos fechados.

Ljot lançou uma gargalhada.

– Que o maricas acorde do seu desmaio, pois não tarda a hora de também ser estraçalhado!

– Engana-se, rufião! O barão apenas descansa! – disse um dos amigos de Fridgeir, guarda fiel da sua honra.

Depois disso o tempo passou e só se ouviu em toda a extensão do campo os ruídos das duas respirações cada vez menos ofegantes, até que Egil, pondo-se em pé, declarou-se pronto para a segunda jornada do combate. Ele aproveitara para compor, durante o descanso, alguns versos que se pôs a recitar enquanto o adversário ia colocar-se no seu lugar. Neles, dizia que,

diante de seus golpes, o duelista miserável, o usurpador de riquezas, se acovardara, e, não suportando as estocadas, correrá pelo campo como uma lebre a fim de fugir do grande lutador calvo.

– Seus versos, bem sei, são um estratagema mágico destinado a provocar-me o sono! – disse Ljot, sarcástico. – Mas saiba que nem mesmo eles poderão prejudicar a minha concentração!

– Venha logo, fanfarrão! Se algo provocou o sono por aqui foram os seus dotes medíocres de lutador!

Ljot, ofendido na sua corda mais sensível, avançou com o machado e desferiu dois golpes violentos, que Egil aparou duas vezes com a segunda espada. Duas pequenas explosões prateadas fulgiram e, quando o gigante recolheu a arma para desferir um novo golpe, viu que tinha nas mãos apenas o cabo do machado.

Egil apontou para o chão e mostrou as duas lâminas caídas, lado a lado.

– Não jogue fora o bastão, Ljot, pois ele lhe será útil quando tiver de retornar à sua terra amparado num bordão!

Nem bem terminou de dizer isso, Egil agachou-se ao máximo e deu uma torção veloz em seu corpo, com a espada estendida. A espada assobiou horizontalmente no ar e Egil ergueu-se em seguida.

Ao ver que nada acontecera, Ljot gargalhou, empunhando o cabo do machado como um bastão de beisebol.

– Muito bem, isso me bastará para reduzi-lo a uma papa ensanguentada!

Ljot deu um passo para diante, mas a perna direita, que deveria ter ido adiante, permaneceu parada e solitária no lugar, fazendo com que o gigante, desequilibrado, se arremessasse lamentavelmente sobre o chão.

Quando Ljot compreendeu, finalmente, o que acontecera, a perna decepada, perdendo o equilíbrio, caiu macabramente ao seu lado, sobre a grama.

– Então, pobre diabo? Devo picá-lo inteiro antes de matá-lo? – disse Egil, quase com piedade.

Ljot, num último e desesperado bote, tomou o escudo e arremessou-o na direção de Egil, que pulou como um gato para o lado. O escudo deu uma volta no céu e retornou, assoviando.

Quando Egil viu que Ljot erguia a mão para recebê-lo, arremessou-lhe antes a espada. A mão voou para o alto e o escudo, sem ser aparado, encontrou o pescoço do gigante, completando o seu desmembramento.

Encerrado o combate, Egil dirigiu-se até onde estava o combalido Fridgeir. Pelo seu aspecto de pura exaustão, tinha-se a nítida impressão de ter sido ele um dos duelistas.

– Meus parabéns! – disse ele, sinceramente agradecido. – Agora você pode reclamar para si as terras de Ljot!

Egil ficou, ainda, alguns dias na casa de Fridgeir, e depois partiu para o sul de More.

XXV

Outro duelo

Egil continuou seu caminho para regularizar a posse da sua propriedade, que ainda estava nas mãos de Atli, o Baixo. Ele chegou à ilha de Fenhring, em Ask, onde desembarcou com vinte homens, deixando outros dez na guarda do navio.

Atli, informado da chegada de Egil, estava postado na entrada da propriedade usurpada, junto com um bando de homens armados de lanças, espadas, machados e chuços.

– Ouça, Atli! – bradou Egil, a apenas alguns passos da horda armada. – Até hoje você tem administrado uma propriedade que, por direito, sempre pertenceu a mim e à minha esposa, Asgerdr. Hoje, porém, venho agradecer-lhe o desvelo que sempre demonstrou e pedir-lhe que se porte como um homem educado e sensato, entregando-me a posse definitiva das minhas terras. Faça isso e deixarei que leve, como justa paga, um saco abarrotado de feno, a fim de que possam, você e as suas bestas de carga, alimentar-se dele na longa jornada que farão campo afora!

Atli rangeu os dentes, e este foi o único sorriso que pôde ofertar ao autor daquelas palavras.

– Francamente, Egil, pensei que tivesse vindo para oferecer-me uma reparação pela morte do meu irmão Bergonund. Mas agora vejo, realmente, que o último vestígio da sua inteligência desapareceu no mesmo dia em que o seu último fio de cabelo abandonou a sua careca amarela de caveira. Portanto, desapareça daqui!

– Trago comigo, imbecil, uma autorização do rei para tomar posse do que sempre foi meu. Junte suas tralhas e suma das minhas vistas!

Diante daquela novidade, Atli mandou que alguém lhe alcançasse o tal documento.

Atli leu e confirmou que o rei, incompreensivelmente, autorizara a posse de Egil. Então, mudando o tom da sua voz, disse a Egil que iria ao Gulathing para que tudo se esclarecesse de uma vez.

– Conversas outra vez? – exclamou Egil, farto das parlendas jurídicas.

– Se o Conselho referendar como verídica esta carta real, não me restará outro caminho senão entregar-lhe as terras. Antes disso, nada feito.

Então Egil mandou seus homens arriarem os machados.

– Muito bem, faremos isso uma última vez – disse ele, sem mudar, porém, o ar ameaçador do semblante. – Mas juro pelo olho perdido de Odin que, se isso for mais uma de suas trapanças, nem você nem ninguém da sua corja imunda sairá vivo daquele maldito conselho!

Depois disso, Egil partiu para o norte, onde ficou aguardando, impaciente, o dia da audiência.

* * *

A audiência foi muito concorrida. Egil apresentou sua reclamação e Atli se opôs apresentando o juramento legal de “doze homens velhos e probos” de que nada devia a Egil.

Egil, porém, não quis saber de velho proba nenhum.

– Não passam de uns bodes velhos, que vieram aqui apenas para puxar a charrete do seu dono! Proponho outra lei, aquela que nos permite duelarmos aqui no Thing para decidirmos quem tem razão!

Ninguém podia dizer que Egil não era amante das leis, pois acabara de propor a mais antiga delas, ainda em plena vigência na época dos fatos.

– Não recusarei o duelo – disse Atli. – Na verdade, eu ia propor o mesmo, pois desejo vingar meus dois irmãos.

Então, Atli e Egil deram-se as mãos para garantir que travariam duelo, e o vencedor se apropriaria das terras.

Logo se prepararam e foram duelar. Atli ia equipado como Egil. Era experiente em duelos. Era forte e extremamente corajoso. Levaram para ali um touro grande e velho, e chamaram-no de “touro do sacrifício”. O vencedor deveria matá-lo. Egil usava um elmo, um escudo, uma alabarda e a espada Dragvandill suspensa em seu braço direito. Era costume nos duelos não precisar desembainhar a espada em campo, senão tê-la amarrada no braço, pois assim ficava mais fácil tomá-la quando necessário.

Quando estavam prontos, foi dado o sinal e ambos correram um na direção do outro e atiraram suas alabardas. Nenhuma delas cravou-se no escudo do

adversário, apenas ficaram fincadas ao chão. Então, pegaram suas espadas e puseram-se a se digladiar em campo aberto. Atli não fugia e golpeava com força e rapidez. Apesar disso, em breve o seu escudo virou uma peneira e ele teve de jogá-lo fora. Mesmo sem o escudo, Atli não esmoreceu e lançou-se com fúria e valor ainda maiores. Egil o golpeou no ombro, mas a espada não se cravou. Golpeou uma segunda vez e ainda uma terceira, ficando cada vez mais fácil encontrar um lugar onde golpear o adversário, pois Atli não tinha mais proteção alguma. Egil brandiu a espada com toda a sua força, mas mesmo assim não a cravou e ainda recebeu um golpe poderoso que fez rachar em dois o seu escudo. Então Egil deixou cair a espada e as duas partes do escudo e pulou selvagememente sobre Atli, derrubando-o ao chão. Após imobilizar as mãos do adversário, Egil inclinou-se sobre ele e, para estarrecimento de todos mordeu a mandíbula de Atli e arrancou-a inteira, matando-o ali mesmo.

Egil se colocou rapidamente em pé e correu para onde estava o touro. O animal grandalhão tentou desviar-se, mas Egil imobilizou-o, agarrando-lhe, ao mesmo tempo, a boca e um dos cornos. Então, num gesto veloz e cruel, retorceu o bicho de tal maneira que as patas do animal ficaram para cima e o pescoço se quebrou.

E assim resolveu-se o pleito, no melhor estilo primitivo, livre de retóricas astutas ou de alçapões jurídicos. Egil retomou a posse das propriedades que deveriam ter sido, desde o início, de sua mulher Asgerdr, enquanto o esbulhador morto foi comer barro, para todo o sempre, nas profundezas da terra.

* * *

No verão, Egil preparou seu navio e zarpou rumo à Islândia.

Ele instalou-se em sua casa, em plena abundância, pois era, agora, um homem riquíssimo. Tinha uma casa grande e magnífica e conforto à vontade. Graças a isso, não precisava se intrometer nos assuntos de ninguém. Não era molestado nem molestava ninguém e permaneceu em sua casa por muitos anos, tendo com Asgerdr muitos filhos: uma menina de nome Thorgerdr (em homenagem à ama de Egil, que morrera nas mãos de Skallagrim só para defendê-lo), Bodvar, Gunnar, Bera e Thorstein, que era o mais jovem.

Egil soube que Erik Machado Sangrento havia morrido numa expedição viking, e que Gunnhilda e seus filhos haviam se mudado para a Dinamarca. Sem mais bunda real nenhuma para cheirar, seu velho amigo Arinbjorn decidira regressar à Noruega, onde, graças aos seus dotes de cortesão, não tardara a cair nas boas graças do rei Hacon, irmão de Erik. Outro que dera com o couro nas varas fora o rei Athelstan, sendo trocado pelo seu irmão Edmund.

Ao saber de tudo isso, Egil decidiu voltar à Noruega, pois parecia haver um imã de confusões que o atraía sempre para lá. Após preparar um bom navio, buscou tripulantes capazes e experientes. Um destes era Aunund Sjoni, um dos brutamontes mais altos e parrudos da região. Corriam rumores, também, de que era bruxo e podia mudar de forma. Ele havia viajado por diversas terras e era um pouco mais velho que Egil.

Egil partiu numa manhã ensolarada e fria e fez boa viagem até chegar à velha Noruega dos seus ódios. Imediatamente, rumou até Firth, onde encontrou Arinbjorn instalado em sua fazenda.

– Fique aqui, meu amigo, e traga seus companheiros! – disse Arinbjorn, eufórico com a perspectiva de uma bateção de chifres daquelas. – Há lugar para todos!

Enquanto ficou hospedado na casa de Arinbjorn, Egil mandou construir um magnífico navio a velas e o deu de presente a Arinbjorn. No inverno, foi ao sul, em Sogn, para receber os valores de alguns arrendamentos, e ficou algum tempo por lá. Depois disso, retornou novamente a Firth, onde Arinbjorn celebrou uma grande festa natalina.

Passadas as festas, no entanto, Egil começou a tornar-se quieto e abatido. Quando Arinbjorn percebeu, foi falar com o amigo e perguntar que tristeza toda era aquela.

Egil revelou, então, com a voz arrasada, que descobrira que, durante a sua ausência da Noruega, os senescais do rei haviam-no esbulhado da propriedade que ele conquistara no duelo contra Ljot, o Pálido.

A esta altura, qualquer outra criatura que não fosse um viking ganancioso de merda teria lançado este brado: *“Ah, não! Pendengas de terras outra vez, não! Eia, besta! Mas, então, já não tem terras que cheguem por toda a eternidade?”*.

Como, no entanto, Arinbjorn fosse ele próprio um viking obcecado em acumular bens até desaparecer por trás deles, comoveu-se imediatamente com

o gravíssimo drama do amigo latifundiário.

– Cria-me, Egil, também estou desoladíssimo! – disse ele, pousando um braço fraterno nos ombros descaídos do amigo. – Vamos, conte-me, agora, todos os detalhes deste caso ímpar, sem deixar escapar nenhum!

Egil contou, mas nós, de modo algum iremos fazê-lo. Tudo quanto diremos a este respeito é que Egil, depois da jeremiada toda, voltou a pedir ao amigo que intercedesse perante o rei a seu favor.

– Infelizmente, o tesouro real tem uma entrada larga, mas uma saída estreita – disse Arinbjorn, perdendo um pouco do ímpeto inicial. – Mas, como se diz, é preciso cuidar do carvalho debaixo do qual edificamos a casa.

Seja lá o que for que Arinbjorn tenha querido dizer, o fato é que Egil, conhecedor profundo dos ditados vikings, entendeu a coisa logo na hora, e com isso ganhou imediatamente um novo ânimo.

– Irei defender até a morte meus direitos. Talvez o rei resolva voltar atrás.

– Mas não foi Hacon quem, da outra vez, o mandou ir enfiar-se na Islândia, até ficar banguela?

Egil sentiu uma lixa de espinhos passar e voltar na epiderme sensível da sua honra.

– Cão real! Pois terá de devolver o que é meu, ou teremos guerra outra vez entre a minha casa e a coroa!

Arinbjorn percebeu que Egil estava estranhamente regozijado, como se estivesse voltando a cumprir o seu fado genético de combater os reis da Noruega, algo que parecia disposto a fazer pela eternidade afora. Tudo o mais – agora via com clareza – não passava de mero pretexto para colocar nas brasas, outra vez, a velha chaleira da rixa ancestral.

– Cria-me, é melhor deixar este assunto de lado – disse Arinbjorn, sentindo o cheiro de nova encrenca no ar.

Egil fuzilou um olhar em Arinbjorn, que voltara a assumir, a seus olhos, os ares de “amigo de merda”.

– Se não quer indispor-se com o rei, pode deixar que irei sozinho! *Má vontade, má amizade!*

Então, Arinbjorn, sentindo-se incapaz de desvencilhar-se do papel ingrato que lhe atribuíram as Nornas de prestador unilateral de favores, resignou-se a envergar, outra vez, as vestes do serviçal perpétuo.

– Está bem, falarei com o rei – disse ele, subjugado ao seu carma nórdico

nojento e repetitivo.

No mesmo instante em que disse isso, Egil abriu um sorriso tão largo que lhe expôs os dois sisos.

– Aceito o favor, e fico lhe devendo mais esta, caríssimo amigo! – disse ele, dando as costas, agora que as coisas haviam se encaixado, outra vez, nos seus lugares.

Sim, talvez este mundo já fosse o próprio inferno, e a tabuleta da entrada tivesse sido comida, havia incontáveis eras, pelas aranhas, impossibilitando para sempre o seu reconhecimento.

* * *

A corte do rei Hacon estava estabelecida às vezes em Rogaland e às vezes em Hordaland, o que, para nós, não quer dizer nada, mas para Arinbjorn sim, pois devia descobrir, antes de mais nada, o paradeiro do rei.

Assim, antes de partir, ele tratou de certificar-se direitinho sobre o assunto com as pessoas mais bem informadas do lugar, que lhe foram unânimes em garantir que o soberano estava em Hordaland.

Isso acertado, Arinbjorn partiu e depois de uma viagem exaustiva apresentou-se finalmente em Hordaland, na morada do rei, ordenando imediatamente ao senescal que o fizesse anunciar a sua alteza real.

– O rei se encontra em Rogaland – disse o lacaio, com um ar de mofa que convidava ao assassínio.

– MAS COMO?! – rugiu Arinbjorn. – Fui muito bem informado de que ele estava aqui!

– Foi muito bem *enganado* – respondeu a criatura, desaparecendo ligeirinho.

Enquanto afastava-se, Arinbjorn escutou, às costas, o estrondo de uma gargalhada selvagem, vinda da cozinha real, onde a ralé das caçarolas tratava de estourar o bandulho antes que o rei sovina retornasse.

No mesmo dia, o amigo fiel de Erik reembarcou no seu drakkar e enfrentou mais alguns dias de mar agitado, tendo de reescutar, como novas, as mesmas conversas insulsas que suportara no primeiro trajeto.

Dois dias depois, Arinbjorn chegou, afinal, em Rogaland e foi entrando na casa real.

– Aonde vai? – disse um senescal, que era a cópia exata do outro, de Hordaland.

– VOCÊ, DE NOVO?! – exclamou Arinbjorn.

– Não sou ele, sou seu irmão gêmeo – disse a criatura, exibindo o mesmo sorriso cretino.

Arinbjorn deu um suspiro de enfado mortal.

– Que se explodam os dois, então. Avise Sua Alteza de que estou aqui.

– Não posso, o rei encontra-se em Hodaland.

Arinbjorn arregalou os olhos e ficou subitamente roxo.

– Está de brincadeira comigo?! Acabo de chegar de lá!

– Pois o rei acabou de *partir* para lá – disse o sujeito, sumindo com a mesma rapidez do sósia.

Arinbjorn sofreu uma ameaça de acidente vascular cerebral e teve de ficar dois dias de repouso numa estalagem infestada de percevejos, antes de retornar à amaldiçoada Hordaland.

* * *

De fato, o rei já estava de volta a Hordaland quando Arinbjorn ali arribou, depois de outra penosa viagem. Apesar de ter sido muito bem recebido por Sua Alteza, sua embaixada teve a pior das recepções.

– Não sei como ousa vir de novo com estas súplicas da parte daquele renegado! – disse o rei, quase colérico – Já disse pessoalmente a este baderneiro que fosse embora, para sempre, do meu país. São as mesmas exigências descabidas que ele fez, anos antes, a meu pobre e falecido irmão!

O pobre e falecido irmão era o rei Erik, que Hacon destronara e só não mandara garrotear porque ele fugira para a Inglaterra.

– Vossa Alteza tem toda razão – respondeu Arinbjorn –, mas acontece que, neste caso, Egil também tem, pois vossos senescais se apropriaram ilegalmente das terras de Ljot, o Pálido, que Egil conquistou por meio de um duelo.

– Este Ljot era um rufião patife, e suas terras foram adquiridas pelo mesmo meio sórdido de que o seu amigo se valeu para arrebatá-las. Doravante, estas terras são minhas e da Noruega.

– Um terceiro filho da puta de um patife, então, acaba de entrar nesta

história, que é Vossa Canalheza!

Não, Arinbjorn não disse isso, mas apenas pensou. O que ele disse mesmo foi o seguinte:

– Vossa Alteza corrige da maneira mais justa dois crimes abjetos. Acontece que...

– Acontece que você pode ficar em meu país o tempo que desejar, Arinbjorn, desde que coloque os interesses da coroa norueguesa acima dos interesses de um pirata estrangeiro. Tome o seu partido, caro amigo, pois tenho bons motivos para desconfiar da sua fidelidade.

Depois desta escovada, só restava a Arinbjorn fazer o que fez: curvar-se e dar marcha a ré, muito quietinho.

Ao retornar para casa, ele deu as péssimas notícias a Egil.

– Nada feito, a besta do rei não vai mesmo com a sua cara.

Um arco-íris velocíssimo, feito só de cores escuras, desfilou pela cara de Egil.

– Mas você empenhou-se mesmo? – disse ele, por fim. – Bem pobres devem ter sido os seus argumentos para não convencê-lo a dar-me razão neste pleito!

– Meu bom Egil, ele não quer nem ouvir falar no seu nome, quanto mais no seu pleito.

– De que adiantou, então, esta embaixada desastrada?

– Desculpe, Egil, fiz o que pude. Só digo que não tornarei a me empenhar nesta causa.

Ao ver que não adiantava insistir, Egil desistiu das embaixadas. Amigo de merda era isso mesmo: favor pela metade, e adeus, compadre!

– Muito bem, mas se pensam que lutei com o sueco para nada, estão muito enganados – disse ele, voltando à carga. – A luta ainda não terminou!

Arinbjorn correu até o seu quarto e deu quarenta marcos de prata ao amigo para que ele desistisse da luta.

– Este dinheiro lhe dou em compensação pelas terras de Ljot, o Pálido. Em verdade, penso que lhe devo esta recompensa, pois você salvou a vida de meu sobrinho Fridgeir, que deveria ter lutado contra Ljot no seu lugar.

Ao escutar aquele nome outra vez, Egil sentiu uma nova vertigem de irritação.

– Por favor, não pronuncie o nome deste sujeito!

– Está falando de Fridgeir? Pelos deuses, o que Fridgeir fez a você?

– Não fez nada, apenas não suporto este nome! Não o repita!

Egil, no entanto, acalmou-se mesmo foi ao avistar os quarenta marcos de prata. Imediatamente, seus olhos se iluminaram e seu estado de espírito se tornou subitamente cordato.

– Muito bem, aceito e tudo fica resolvido! – disse ele, apoderando-se da bolsa recheada.

Sim senhores, o que não fazia o vil metal neste mundo!

O tempo passou, até que, na primavera, Arinbjorn decidiu fazer uma nova expedição arrecadatória para repor na sua arca os quarenta marcos de prata. Egil prontificou-se imediatamente a ir junto.

Levando consigo uma tripulação de mais de trezentos homens, Egil e o amigo partiram em dois drakkars de guerra e rumaram para o sul. Sua primeira estação de pilhagem foi a Saxônia, onde só não saquearam o Sol. Como o butim resultou farto e generoso, retornaram para o norte e deram um pulinho na Frísia.

Então, certa noite, entraram num estuário com a maré baixa, onde havia um porto em péssimas condições. Estavam em uma terra muito plana, perto de florestas. Os campos estavam molhados, pois havia chovido muito.

Decidiram desembarcar e deixaram uma terceira parte da tropa para vigiar o navio. Avançaram junto ao rio, entre este e a floresta. A pouca distância havia uma aldeia com muitos camponeses, que, logo ao perceberem a presença dos piratas, deram o toque de rebate e caíram nos campos. Os vikings, porém, os perseguiram e, correndo atrás deles, chegaram a uma segunda aldeia e depois a uma terceira. Quem pôde, escapou. A terra era plana e cortada por tantos diques de água que em alguns lugares os nativos haviam improvisado pontes sobre eles com toras de madeira.

Quem pensava, porém, que os frísios só sabiam fugir, enganou-se, pois, de repente, os fugitivos esparsos surgiram de volta, do interior da floresta, transformados num exército compacto de trezentos homens. Uns fracotes, a maioria, mas trezentos era um bom número. Graças a isso, a luta durou um bom tempo, até que os vikings conseguiram botar os frísios, outra vez, para correr. O bando fragmentou-se e Egil e Skallagrimsson partiram novamente no seu encalço.

Os frísios chegaram a um dique e o cruzaram por cima da ponte. Depois, por um artifício premeditado, recolheram a ponte. Egil, então, decidiu saltar o dique, mas seus homens não se atreveram a segui-lo. Egil pulou e, quando

caiu do outro lado, descobriu-se sozinho. Onze frísios sedentos da vida de Egil avançaram, mas Egil, que também tinha sede daquelas onze vidas, não recuou e também os enfrentou. Como o campeão da Islândia era muito melhor lutador que os onze calcanhares de esterco da Frísia, Egil saiu-se vencedor e retornou, com outro pulo, para a margem oposta do dique.

A esta altura quase todos os vikings já tinham retornado aos navios. Eles haviam levado à praia muitos saques e gado. Então cavaram uma espécie de fossa, onde se puseram a abater os animais e a esquartejá-los, a fim de embarcá-los. Em poucos instantes a areia da praia converteu-se num lagar de sangue e viveiro de moscas.

Enquanto uns matavam as reses e outros embarcavam os saques, um terceiro grupo formava uma muralha de escudos a fim de impedir a aproximação dos frísios, que em dois batalhões haviam se aproximado e começado a alvejar os invasores com lanças e chuços. Egil ainda não tinha chegado e quando o fez viu que teria de romper o inimigo pelas costas antes de alcançar os navios. Sem pensar muito – pois ali estava uma situação que não permitia pesar nem os prós nem os contras –, Egil atirou para as costas o escudo e, depois de tomar a alabarda nas duas mãos, investiu numa corrida em direção à multidão. Com a alabarda ele abriu uma brecha considerável na muralha dos frísios e depois atravessou a cortina de escudos, que se abriu providencialmente para a sua passagem.

E depois desta, Egil deu-se por satisfeito e ganhou o mar, junto com os seus outra vez.

* * *

Egil e Arinbjorn navegaram até a Dinamarca, e quando chegaram ao fiorde de Lima ancoraram em Hals. Arinbjorn convocou uma reunião com seus homens e contou seus planos:

– Agora – disse ele –, irei procurar os filhos de Erik, pois pretendo unir-me a eles.

– Unir-se aos irmãos de Erik? Irá trair, então, Hacon? – exclamou Egil, abismado.

– Sim, pois meu coração assim me impõe.

– Seu estômago, deveria dizer.

– Aqueles que quiserem retornar à Noruega, podem fazê-lo.

Depois, voltando-se para Egil, Arinbjorn acrescentou:

– Quanto a você, Egil, o melhor conselho que posso lhe dar é que retorne à Noruega, e depois parta, o mais rápido possível, para a Islândia.

Então os homens se separaram em diferentes navios: aqueles que queriam voltar à Noruega uniram-se a Egil, embora a grande maioria tenha optado por ficar com Arinbjorn. Enquanto Egil retornava à Noruega, Arinbjorn foi procurar os filhos de Erik e se uniu ao exército de Harold Grafeld, seu filho adotivo, e ficou com ele durante o resto da sua vida.

Egil rumou ao norte, em direção a Vik, e entrou no fiorde de Oslo. Ali estava seu navio mercante, o qual havia enviado na primavera passada. Estava, também, sua carga e a tripulação que foi ao navio. Thorstein, o filho de Tora, foi procurar Egil e lhe convidou para ficar com ele naquele inverno, junto com os homens que gostaria de levar.

Egil aceitou e mandou ancorar o navio e a carga e depois foi para a casa de Thorstein com dez ou doze homens e ali permaneceu todo o inverno como convidado de honra.

XXVI

Fúria em Varmland

Varmland, um condado situado na Suécia, fora conquistado, primeiro, por Olaf Cortador de Árvore, pai de Halfdan Perna Branca, que foi o primeiro rei da dinastia do rei Harold, na Noruega. Depois o rei Harold Cabelo Bonito, que procedia desta linhagem, conquistou-o. Todos os seus antepassados haviam governado Varmland e mostraram-se sempre muito hábeis em esfolar a pele do povo com tributos e nomear administradores.

Mas quando Harold envelheceu, um conde vigarista chamado Arnvid passou a administrar Varmland, o que resultou numa queda extraordinária na arrecadação do tributo. (Na verdade, o que houve foi uma queda no *repasse*, já que o conde continuou a esfolar o povo até quase deixá-lo de tanga.) E tudo isso acontecia porque os filhos de Harold, enquanto tentavam conseguir o poder na Noruega, descuidavam do tributo das terras distantes.

Quando Hacon conseguiu firmar a paz (aquele mesmo rei filho da puta, irmão de Erik, de quem estamos falando já há bom tempo), tentou recuperar a autoridade sobre Varmland, mandando doze homens até lá para cobrarem do conde a integralidade do tributo.

Os enviados foram e receberam tudo das mãos de Arnvid.

– Está tudo certinho? – disse o conde aos fiscais.

Sim, estava, disseram eles, e partiram em direção à floresta Eida, que levava ao mar. No caminho, porém, um grupo de salteadores atacou os fiscais e, depois de trucidá-los, retornou com os impostos para a casa de Arnvid.

– Está tudo certinho? – disse o conde aos salteadores.

Sim, estava, disseram eles, e retornaram alegremente à floresta.

Dali a um tempo o rei mandou outros homens e o conde fez o mesmo.

– Não tem medo que o rei desconfie e mande puni-lo? – disse um seu conselheiro.

– O que vem da Noruega não me atinge – disse o conde crápula.

Convencido de que era mesmo o conde Arnvid quem mandava interceptar seus homens e matá-los, o rei decidiu mandar uma terceira missão de

cobradores, só que desta vez mandou junto um mensageiro chamado Kol.

– Vá a Vik e procure Thorstein, filho de Tora – disse o rei.

Kol era homem muito viajado, vivera muito tempo na Dinamarca e na Suécia, e conhecia perfeitamente os caminhos e os homens de lá. Fora isso, mal sabia ler. Ao chegar ao seu destino, o asno geográfico entregou a mensagem a Thorstein. Nela, o rei mandava Thorstein ir a Varmland reclamar os seus impostos e depois sumir da Noruega, pois o traidor Arinbjorn estava ao sul da Dinamarca, junto com os filhos de Erik, pilhando por ali com seus exércitos.

O rei Hacon temia muito os filhos de Erik, pois imaginava que eles queriam destroná-lo criminosamente, exatamente como ele fizera com o pai deles. Caso viessem a reunir forças suficientes, Hacon sabia que não hesitariam em lançar-se sobre ele como lobos esfomeados sobre uma rês desamparada.

Quando Kol levou a mensagem a Thorstein, este a leu e depois a entregou a Egil, seu grande amigo.

– O que acha que devo responder?

– Para mim está bem claro que o rei quer que você saia do país, como fez com os demais parentes de Arinbjorn, que ele expulsou para um duro exílio. – disse Egil. – Sinceramente, não considero adequado a um homem da sua estirpe se envolver numa missão arriscada como esta. Fale com seus homens e diga que eu irei em seu lugar.

Thorstein conversou com os emissários e ficou abismado ao ver que eles haviam aceitado com naturalidade a ideia de levar consigo um pirata notório e inimigo jurado do rei para transportar, mar afora, os seus tributos.

– Quantos homens seremos? – quis saber Egil.

– Oito, no total – respondeu o emissário. – Se levarmos mais quatro daqui, creio que teremos a conta ideal, o senhor não acha?

Egil deu às suas feições o ar circunspecto de quem pesa os prós e os contras da sugestão, mas o que ele estava fazendo mesmo era contar disfarçadamente nos dedos quanto eram oito mais quatro.

– Muito bem, onze é o número ideal – disse ele, afinal.

– Perdão, senhor, mas não são *doze*?

– Onze *mais eu*, idiota! – exclamou Egil.

Ele queria muito levar consigo Aunund Sjoni – aquele amigo forçudão lá

da Islândia, que figurou de relance por aí –, mas ele tinha ido cuidar do seu navio e da carga que havia armazenado no outono passado.

– Muito bem, vocês oito tratem de se preparar de uma vez enquanto vou escolher meus quatro homens. Não demorem, seus moleirões de merda, pois partiremos imediatamente! – disse Egil separando-se a largas passadas.

– Quatro não! Três, *mais o senhor!* – gritou o emissário.

Egil desapareceu na distância, sem responder, mas sua careca estava nitidamente escarlate.

* * *

Egil e os emissários do rei levaram consigo cavalos e trenós, pois era época das grandes nevascas. Parecia que um grande cobertor branco, fofo e gelado havia sido atirado dos céus sobre a Terra, e agora era preciso caminhar sobre ele, ou, antes, deslizar, já que somente os trenós conseguiam transitar livremente por todo aquele inferno branco.

Egil e os onze adentraram pelo país deslizando no trenó, como se fosse num barco terrestre e veloz, puxado por cães do tamanho de lobos. Quando chegaram ao leste, perto de Eida, caiu tanta neve durante a noite que eles não enxergavam mais um palmo adiante do nariz e tiveram de parar para não se perder ou dar de nariz num pinheiro. Depois de forrarem o chão com peles de urso, os doze homenzarrões despiram-se dos pés à cabeça e meteram-se embaixo de uma segunda montanha de peles, unindo os corpos estreitamente até cada qual sentir o batimento cardíaco do vizinho. (Nenhum escândalo aqui: quem conhece um pouco das técnicas de sobrevivência das terras hipergeladas sabe perfeitamente que é exatamente assim que se procede num acampamento a céu aberto e sob temperaturas hipergeladas, a fim de que os corpos possam transmitir melhor o calor uns aos outros.)

Quando os doze acordaram, um Sol de gelo tornava tudo ainda mais gelado. Egil foi o primeiro a levantar-se. Seu corpo estava razoavelmente aquecido, embora tivesse entranhado na pele o chulé conjugado de onze outros vikings relaxados que, como ele, estavam há pelo menos quarenta dias sem lavar os pés (o que dirá o resto). Após vestir-se, ele viu os demais emergirem da montanha de peles como leões-marinhos albinos. Uma espécie de fogo fátuo escapava-se de dentro do abrigo todas as vezes que alguma

destas criaturas híbridas emergia do abrigo.

Na primeira hora clara do dia – dita *rísmál*, ou hora de levantar (tipo cinco da manhã) –, os doze expedicionários retomaram a viagem. Tiveram de cumprir o trajeto vagorosamente, pois havia verdadeiras montanhas de neve obstruindo o caminho. Lá pelo meio-dia, pararam, comeram e deram de comer aos cavalos. Estavam perto da divisa de uma floresta, o que deu ensejo a um dos oito do rei anunciar isto a Egil:

– Agora teremos de nos separar, senhor, pois passando a divisa da floresta vive um proprietário rural chamado Arnold, que é nosso amigo. Iremos nos abrigar ali. Vocês continuarão seguindo a floresta até avistar uma casa grande, onde também poderão acampar. Vive ali um homem riquíssimo, chamado Armod Skegg, o Barbudo. De manhã cedo nos encontraremos para buscarmos a floresta de Eida, onde vive um conceituado proprietário rural chamado Thorfinn.

Egil tomou seus homens, com algum mau-humor, e foi em busca da casa do tal barbudo.

Quanto aos homens do rei, não foram visitar Armod nenhum, mas esperaram apenas Egil e seus companheiros desaparecerem para calçarem seus esquis e retornarem pelo mesmo caminho que vieram até chegarem a Opalândia, de onde tomaram o rumo norte até alcançar a morada do rei Hacon – pois ele ali os aguardava.

* * *

Egil e seus homens atravessaram a floresta nessa noite. Assim que eles saíram do caminho principal, caiu uma nevasca do inferno, os cavalos afundaram na neve e todos tiveram de suar os topetes para sair dali.

Ao saírem da floresta, avistaram uma casa grande e se dirigiram alegremente até ela. Alguns homens estavam ali fora. O líder não era o tal Arnold prometido, mas o Armod Barbudo, que fez o seu papel de anfitrião.

– São mensageiros do rei? – disse ele, ao ser informado por Egil. – Então, entrem, qualquer pessoa enviada pelo rei é bem-vinda em minha casa!

Egil entrou, já meio irritado com aquele discurso de baba-ovo real.

Armod fez com que Egil se sentasse no banco mais alto, diante do principal, e os seus companheiros mais abaixo. Falaram de muitas coisas, da

difícil viagem daquela noite, enquanto os da casa se admiravam de tudo, pois, segundo eles, o caminho que eles haviam vencido não era acessível nem mesmo quando não havia neve.

– O que você acha de arrumarmos as mesas, jantarmos e depois irmos nos esquentar na cama? – disse Armod.

Por uma fração de segundos Egil achou que O Barbudo estivesse de sacanagem. Teria sabido algo da “noite do chulé”? Ao ver, porém, que aqueles eram os termos habituais da cortesia, deixou a prevenção de lado.

– A mim parece uma excelente ideia – disse ele.

O Barbudo mandou preparar as mesas e logo trouxeram grandes jarras de coalhada. Armod disse que lamentava não ter cerveja para lhes oferecer. Egil aceitou a jarra, pronto para ingerir qualquer coisa líquida que houvesse ali dentro, pois estava morto de sede. Havia muitos criados para trazerem as jarras. Havia, também, a dona da casa, até aqui solenemente ignorada. Ela estava sentada na bancada, e ao lado dela havia outra mulher. A filha do dono, uma fedelha de onze anos de idade, corria alegremente pela sala, e também teria permanecido ignorada caso a sua mãe não a tivesse chamado para lhe dizer algo. A senhora falou ao ouvido da menina. Quando a mãe terminou, ela enfiou um dedo na boca, como quem decora algo, e foi depois até a mesa onde Egil estava sentado e recitou-lhe um verso. A quadrinha dizia, em péssimas rimas, que Egil deveria estar atento ao que viria, e que cuidasse do seu estômago.

Quase no mesmo instante Armod vibrou uma bofetada na cara da menina. A criança atravessou o salão como uma bola amarela cheia de pernas, e foi parar do outro lado.

Egil continuou a tomar da jarra, como se nada tivesse acontecido. O seu pomo de adão parou de subir e descer apenas uma única vez, e depois recomeçou. Os fios de sua barba gotejavam uma chuva branca e azeda.

No outro extremo da sala a garota já se desenroscara, e assistia a tudo, muito calmamente. Pela sua bochecha magoada não escorria lágrima alguma, pois ela estava acostumada a pagar o preço das coisas que fazia e também das coisas que deixava de fazer. Tudo tinha um preço e, pelo menos até agora, ela pagara o menor deles.

Egil terminou de beber, depositou a jarra na mesa e então todas as jarras foram retiradas. Logo em seguida, o pessoal da casa tomou seus assentos, prepararam-se as mesas e veio a comida. Pratos deliciosos foram colocados

debaixo do nariz de Egil e seus companheiros. Então, ao invés da coalhada, trouxeram cerveja forte. Os cornos de touro estavam cheios até as bordas. Egil e seus companheiros bebiam avidamente. Egil bebeu sem parar, por muito tempo, e quando seus companheiros ficaram tontos de tanta bebedeira Egil ainda continuou bebendo.

A cada caneca de cerveja, Armod dizia a Egil:

– Bebo à sua saúde, Egil – e seus homens bebiam a saúde dos homens de Egil, com as mesmas palavras.

O escanção da casa incentivava Egil a beber cada vez mais. Egil bebia, mas disse, a certa altura, a seus companheiros que não bebessem mais, até que ele próprio não pôde mais aguentar.

– Espere, tenho de me desobrigar – disse ele, fazendo um gesto para o escanção.

Egil levantou-se, atravessou a passagem até onde Armod estava sentado, colocou as duas mãos sobre os seus ombros e o empurrou para trás contra a parede, imobilizando-o.

E então vomitou na sua cara.

Depois, voltou ao seu lugar, sentou-se novamente e pediu que lhe servissem mais bebida. Bebeu quase tanto quanto antes, e quando se sentiu realmente satisfeito, fez um sinal aos seus homens para que o acompanhassem.

Os homens de Egil ergueram-se e pegaram suas armas que estavam dependuradas na parede, e começaram a rumar para o estábulo, onde os seus cavalos estavam.

Egil seguiu-os, deitou-se com eles nas palhas, e dormiu a noite toda. Quando amanheceu, a primeira coisa que fez foi ir procurar O Barbudo, junto com seus homens. Armod, sua mulher e sua filha dormiam, Egil abriu a porta e foi resolutamente até a cama de Armod. Sacou a espada e com a outra mão agarrou-lhe a barba. Depois o forçou a ir em direção da beira da cama. A mulher e a filha se levantaram depressa, e imploraram a Egil que não matasse Armod.

Egil não disse nada e cortou fora a barba do Barbudo. Depois, arrancou um dos seus olhos. E só então partiu com seus homens, no rumo da floresta.

Na hora da refeição, Egil chegou à casa de Thorfinn, que ficava na floresta de Eida. Egil e seus companheiros pediram comida e pouso para seus cavalos. Thorfinn, com muito gosto, ofereceu. Egil e os seus companheiros

entraram na sala. Egil perguntou a Thorfinn:

– Não viu, por acaso, o restante do meu grupo? Combinamos de nos encontrarmos aqui.

– Por aqui passaram seis homens juntos, um pouco antes de amanhecer. Eles estavam fortemente armados.

Então, um guardião disse:

– À noite fui buscar lenha e, no caminho, encontrei seis homens. Eles eram guardas pessoais de Armod e isso foi muito antes de amanhecer. Não posso dizer se eram os mesmos seis homens.

– Os seis homens que eu encontrei tinham passado após o guardião voltar com a carga de lenha – disse Thorfinn.

Quando Egil e seus companheiros se sentaram para comer, Egil viu que havia uma mulher enferma deitada na tarimba, no final da sala.

– Quem é ela? – perguntou Egil – Por que está doente?

– É minha filha Helga – disse Thorfinn. – Faz tempo que está doente. Não dorme e sofre de delírios.

– Tentou algo para curá-la?

– Sim, o filho de um fazendeiro vizinho gravou runas, mas ela ficou pior ainda. Pode fazer algo por ela?

– Vamos ver.

Egil terminou a refeição e foi até a tarimba. Mandou que suspendessem a doente e colocassem lençóis limpos embaixo dela. No meio dos lençóis havia um pedaço de osso de baleia, sobre o qual estavam as runas. Egil as leu, raspou-as e as lançou ao fogo. Queimou todo o osso e mandou arejar os lençóis usados. Então Egil disse que não deveria esculpir runas aquele que não as soubesse ler. Havia muito erro ao se usar os mistérios da natureza. E que ele havia visto em um ramo dez runas de magia, que haviam sido a causa da longa tristeza e dor da donzela.

Egil gravou novas runas e as colocou embaixo do travesseiro da cama onde a moça deitava. Ela abriu os olhos como se despertasse de um sonho e disse que agora estava se sentindo bem, apesar de fraca.

O homem que gravara as runas para a moça morava ali perto. Tudo começara porque ele havia pedido a mão dela, mas Thorfinn recusara. O jovem tentara, então, seduzi-la, mas ela não queria saber dele. Então ele decidira gravar runas de amor, mas como não sabia usá-las corretamente, gravara as que causavam doença e morte.

Egil sabia disso tudo porque, como bom *berserker*, era iniciado nos mistérios xamanísticos da seita.

* * *

Além da filha Helga, Thorfinn tinha um filho chamado Helgi. Era um jovem valente, e tanto ele quanto seu pai acompanharam Egil na travessia da floresta.

– Não resta dúvida de que aqueles seis eram homens de Armod, o Barbudo – disse Helgi, enquanto avançavam.

– Sim – disse o pai –, e provavelmente haverá mais emboscadas daqui para diante.

Nem bem acabara de dizer isso quando um dos homens avistou os sinais de uma tocaia próxima. Junto com os homens de Thorfinn, a companhia inteira de Egil perfazia, agora, oito homens.

– Podem voltar, você e seu filho – disse Egil a Thorfinn. – De agora em diante, isso é negócio meu.

Thorfinn e Helgi pediram para prosseguir, mas Egil os proibiu terminantemente, e eles acabaram retrocedendo.

– Se precisar de nossa ajuda, nos chame – disse Thorfinn.

– Não se preocupe, podemos derrotá-los perfeitamente em quatro – disse Egil, dando-lhes adeus.

Egil e seus homens prosseguiram, floresta adentro, até que os tais seis da tocaia finalmente surgiram. Cada qual segurava um machado de bom tamanho e era quase certo que não estavam ali na condição de lenhadores.

Os seis de Armod, o Barbudo, avançaram e os quatro rebeldes se defenderam bravamente.

Isso no começo, pois, assim que Egil, sozinho, abateu os dois primeiros, a coisa inverteu e logo os homens de Egil passaram a atacar, enquanto da tocaia se defendiam. E não demorou muito para que a defesa destes se convertesse numa corrida desenfreada floresta adentro.

Egil cuspiu para o lado, fazendo pouco caso daquela ralé, e retomou seu caminho. Atravessou sem problemas o restante da floresta e foi se hospedar na casa de um proprietário chamado Alf, mais conhecido nas redondezas como Alf, o Rico. Era um homem velho e, obviamente, rico, embora só

tivesse consigo dois criados.

Indagado sobre esta exiguidade, o velhote respondeu:

– É justamente por isso que sou rico.

Egil e seu grupo foram muito bem tratados. Alf só não economizava na saliva, falando o tempo todo.

– Pela sua conversa, vejo que não é muito amigo do conde Arnvid – disse Egil.

(Se alguém já esqueceu quem é o conde, não custa repetir que é o governador pilantra, desviador de tributos.)

Não, o velho proprietário não era nem um pouco amigo do ladrão cobrador de impostos e disse que fazia muito gosto em ver o tal sujeito empalado, um dia destes, à beira da estrada.

– Você veio para isso, não veio? – disse o velho, esperançoso.

– Mais ou menos – disse Egil, pois não convinha revelar tudo.

O velho Alf imediatamente ofereceu armas a Egil e seus homens.

– Os matutos dos brejos me chamam de sovina, mas isso não é verdade – disse o velho, quase ofendido. – Quando é para uma boa causa, sei ser muito liberal!

Ser liberal, naqueles dias pré-liberais, significava ser um proprietário avesso a impostos. Neste ponto, o velho Alf poderia ser definido, sem exagero, como um ultraliberal.

– Façam em pedaços o maldito ladrão e todas estas armas serão suas! – disse ele, despejando sobre a mesa uma verdadeira montanha de espadas e machados.

Egil escolheu o que havia de bom ali, mas não foi muito, pois, na maioria dos casos, tratava-se de machados rombudos e de espadas vagabundas, feitas com uma péssima liga.

Mesmo assim, Egil gostou do velho e antes de partir retribuiu sua generosidade com um manto de pele.

O velho Alf entrou imediatamente para dentro do manto e, desde aquele dia, nunca mais o retirou.

– Quando voltar venha me ver, hein! – disse ele, maravilhado com o presente que, sozinho, valia todo o seu amontoado inútil de espadas e machados. – Quero saber em que charneca deixaram estaqueado o miserável!

* * *

Egil continuou seu caminho e, ao entardecer, chegou finalmente à corte do conde Arnvid.

– São os homens do rei, pois não? – disse o conde, recebendo Egil e os demais com um sorriso encantador.

Egil e seus companheiros foram convidados a se sentar ao lado do assento de honra.

– Agora me diga, bom amigo, como está Sua Majestade?

– O rei nos mandou buscar todo o tributo em atraso desde que o senhor assumiu o cargo em Varmland – respondeu Egil, friamente.

Então o semblante do conde ganhou os contornos da surpresa.

– Tributo? Pois já não os mandei duas vezes pelas mãos dos mensageiros anteriores?

– À corte nada chegou – disse Egil.

– Então os miseráveis fugiram com tudo! – exclamou o conde.

– Morreram. Mas que o tesouro fugiu, isso é certo. Resta saber onde está escondido.

– Ladrões, é claro! Bem, meu amigo, o senhor há de convir que eu não tenho culpa se os esbirros do rei se deixaram surpreender pela malta armada dos saqueadores!

– O roubo se deu no seu território. Deve pagar tudo outra vez, pois não provou a segurança dos caminhos.

Encurralado contra a parede, Arnvid tornou-se subitamente cordato.

– Sua Alteza tem sempre razão, assumo a responsabilidade.

O conde tateava com as mãos a parede do seu encurralamento, pois sabia que ali estava a maçaneta salvadora que abria para o costumeiro alçapão das ciladas na floresta.

– Pagarei do meu bolso todo o tributo, para que Sua Alteza saiba que tem em mim um súdito leal e fiel.

O conde deu a Egil duas arcas repletas de prata e de finíssimas peles acinzentadas.

– Ainda é pouco, pois ao rei estas duas arcas são bem menos do que o rei espera, sem contar a indenização que deveria pagar pelos seus mensageiros mortos.

– Infelizmente não disponho de mais nada – disse o conde. – Mas Sua Alteza pode estar certo de que arrancarei a pele de cima e a de baixo destes proprietários sovinas e desta gentalha dos campos para acrescentar tudo quanto falta no próximo envio. Saudações a si e ao rei!

Logo após a partida de Egil, o conde chamou seus capangas, dois irmãos chamados Úlfr, e lhes disse:

– Sigam aquele grandalhão careca e o matem, como também a seus homens. Façam como sempre fizeram e nada há de sair errado.

– Mas, senhor conde – disse um dos Úlfrs –, o que pensa que o rei achará disso, outra vez?

– Partam já, os dois! O que vem da Noruega não me atinge!

Os irmãos recrutaram, outra vez, um bando de rufiões para praticarem o novo assalto. Eram trinta homens e muito bem armados, pois Egil não parecia ser um mensageiro tão basbaque quanto os anteriores.

Os assaltantes emboscaram-se na floresta, onde conheciam cada atalho. Espreitaram o caminho de Egil, pois na floresta havia dois caminhos. Um, seguia por uma cordilheira, onde havia um precipício íngreme e um atalho estreito – era o caminho mais curto –, e o outro ia beirando o cimo, por entre um enorme pântano e árvores caídas.

O atalho era estreito e se posicionaram quinze patifes em cada lado.

Enquanto isso, Egil deu uma passadinha na casa do velho Alf sovina, pois ficava no caminho de volta.

– Voltem caso enxerguem sinais de pegadas no caminho, pois ninguém ainda atravessou a floresta, nem para lá, nem para cá, desde que você chegou.

Egil agradeceu o conselho e partiu outra vez, embrenhando-se na tal floresta. Em certo ponto divisou, de fato, pegadas de homens e cavalos. Elas estavam bem perceptíveis, pois os imbecis que haviam feito o serviço de despistamento se achavam os reis do apagamento de pegadas.

– Esta merda aqui é o apagão de uma pegada – disse Egil, com um sorriso. – É pior do que a própria pegada!

Eida era uma floresta muito grande, habitada em várias partes. No meio da floresta havia arbustos e matagal e em outros havia grandes clareiras despidas de árvores. Os rastros apagados persistiam. Quando Egil e seus homens chegaram a uma bifurcação, as pegadas mal apagadas também se separavam em igual número, em cada direção.

– Preparem-se – disse Egil, simplesmente.

Espadas e machados saíram, como por mágica, de suas posições de descanso. Egil despiu o manto e, após pegar uma grande pedra lisa, colocou-a sobre o peito e o estômago. Depois, pediu aos seus homens que a amarrassem ao seu corpo. E então retomou a viagem, tomando o caminho mais curto, que passava pelo cimo. Todos eles tinham escudo, elmo, armas de cortar e de golpear. Egil ia à frente. Quando chegaram ao cume, viram a floresta no sopé, e no alto, o rochedo íngreme despido de vegetação. Continuaram até alcançar o rochedo, e, no justo instante que o fizeram, viram sete homens surgirem correndo na sua direção. Eles lançavam dardos, enquanto outros homens, posicionados no topo do rochedo, arremessavam pedregulhos, o que era muito mais perigoso.

– Retrocedam para debaixo das escarpas! – gritou Egil.

Todos buscaram abrigo e se protegeram como puderam, enquanto Egil escalava sorrateiramente o topo. Quando ele irrompeu no alto, oito homens caíram em cima dele. Dos oito que caíram, quatro não levantaram mais, pois Egil esfaqueou-os ainda no chão. Colocando-se rapidamente em pé, Egil sorriu de satisfação, pois tinha espaço, outra vez, para brandir livremente o seu machado. Um dos agressores tinha uma alabarda, e a arremessou contra Egil. O gigante careca rebateu-a com um golpe preciso do machado. A alabarda subiu rodopiando e depois desceu, indo cair direitinho na sua outra mão. Egil tinha agora duas armas, e a mesma vontade de matar.

– Joguem-se no precipício e poupem-me tempo, suas marrecas d'água! – disse o carecão.

Os quatro heróis lembraram-se de Thor, de Odin, de Balder, e, principalmente, da grande distância que havia dali até o solo, e decidiram, por isso, tentar a sorte contra o monstro.

– Vamos os quatro, e à uma! – disse o líder, ensaiando uma versão nórdica dos três mosqueteiros.

Egil tornou-se, então, realmente furioso. Sua careca ficou coberta de veias azuis grossas como cordas e elas começaram a pulsar como coisas vivas.

Os quatro deram um grito selvagem e arremeteram. Egil permaneceu imóvel. Então, quando faltavam exatos quatro passos para eles o alcançarem, ele próprio investiu, surpreendendo-os no último instante. Seu machado caiu sobre a cabeça do primeiro, e com a alabarda ele afastou o golpe do segundo. Ao mesmo tempo, cravou-a ao chão, suspendeu o pé de touro e acertou um chute na boca do estômago do terceiro que fez a sua vesícula biliar ir

conhecer pessoalmente como funcionavam os pulmões. O quarto agressor, porém, foi mais feliz e conseguiu aplicar, com toda a força, uma estocada certa na altura do coração de Egil. Pena que havia o pedregulho ali, e a espada se desintegrou em suas mãos. Então, Egil deixou cair o machado e a alabarda e, fazendo uso dos punhos nus e cerrados, aplicou, ao mesmo tempo, duas murraças laterais na cabeça do desgraçado. Resultado: a sua cabeça explodiu como um ovo, e seus dois olhos foram meter-se dentro das barbas de Egil.

Agora, só restava vivo o sujeito que perdera a alabarda. Ele olhou bem para Egil e, após pensar melhor sobre aquele negócio de enfrentar o carecão doido, decidiu que o melhor a fazer mesmo era ir tomar um ventinho antes de se esborrachar nas escarpas pontiagudas do abismo.

E ainda bem que não pensou uma terceira vez.

* * *

Depois de matar os oito, Egil começou a arremessar pedras do tamanho de um cavalo, sem que ninguém se opusesse. Três agressores morreram esmagados enquanto o restante fugiu floresta adentro.

– Muito bem, sigamos adiante – disse ele aos demais, que puderam, finalmente, sair debaixo das escarpas.

Egil chegou rápido ao outro lado do cume. Mas os sobreviventes avisaram seus companheiros que eles estavam no pântano e todos tomaram o caminho inferior para atacar Egil e seu grupo.

– Não podemos deixá-los escapar! – disse um dos irmãos Úlfr. – Vocês vão para o cimo e ataquem quando o carecão passar. Os outros se escondam comigo, na floresta. Vamos atacá-lo pelas costas.

Dez homens subiram o cume. Egil seguia seu caminho sem saber nada deste plano, até que, ao chegar ao atalho estreito, percebeu que, às suas costas, um bando de orangotangos loiros acabara de surgir. Egil e seus homens viraram-se para enfrentá-los. Ao mesmo tempo, do alto, os demais começaram a alvejá-los de todas as maneiras.

Egil atacou os que estavam mais próximos e tratou de buscar refúgio dos mais distantes.

Dos que pularam às costas não restara nenhum após uma breve

escaramuça. Eram onze, entre eles um dos irmãos Úlfr. Depois, voltou ao lugar onde estavam seus companheiros defendendo o caminho diante de oito homens. Havia feridos em ambos os lados. Quando Egil chegou, os varmlands fugiram, pois a floresta estava muito perto. Cinco escaparam, muito feridos, e três morreram ali. Egil e seus companheiros tinham muitas feridas, mas nenhuma grave. Eles cuidaram dos ferimentos e depois subiram nos trenós e continuaram viajando o resto do dia.

Os gatos pingados varmlands que tinham conseguido escapar pegaram seus cavalos e galoparam ao leste, saindo da floresta e indo até regiões habitadas. Lá colocaram ataduras em suas feridas, buscaram montaria para chegar à casa do conde Arnvid e lhe contaram suas desventuras.

– Os dois irmãos Úlfr morreram, senhor conde, mais vinte e três homens – disseram eles. – Apenas cinco de nós escapamos, embora muitos feridos.

– Que morram todos! – explodiu o conde. – Quero saber de Egil!

– Infelizmente, ele conseguiu escapar.

Arnvid sentiu-se como se estivesse num cenário inclinado do Batman. Tudo derivou para a esquerda e ele apoiou-se à primeira coisa que viu.

– Idiotas malditos! Que o lobo Fenrir meta o focinho nos intestinos de cada um de vocês!

E foi assim que o conde crápula teve de admitir, finalmente, que algo vindo da Noruega o atingira.

XXVII

Os rancheiros nórdicos

Depois de apoderar-se dos tributos do rei, em Varmland, Egil chegou à casa de Thorfinn, onde foi muito bem recebido. Helga, a filha de Thorfinn, já estava em pé e recuperada das feitiçarias do seu adorador atrapalhado.

Quando partiu, Egil foi acompanhado por Thorfinn e seu filho. No total, eram doze homens. Viajaram todo o dia com Egil a fim de protegê-lo de Armod, que ainda não conseguira consolar-se da perda da sua barba (a perda do olho até que ele tirara de letra, já que isso lhe dava uma aura de Odin, o deus caolho).

Quando soube que Egil havia lutado na floresta contra uma força superior e havia vencido, Armod ficou muito admirado, e disse que era impossível a qualquer um vencer Egil.

Egil e Thorfinn trocaram presentes ao se despedirem e prometeram amizade. Em seguida, Egil e seu grupo continuaram o seu caminho e em paz até chegarem à casa de Thorstein.

Ali, Egil terminou de curar suas feridas, enquanto Thorstein enviou à Noruega o tributo que Egil havia arrancado das mãos do conde trapaceiro, em Varmland. O rei agora se convencera de que Arnvid havia mandado assassinar os dois grupos de mensageiros enviados por ele.

Como recompensa, Hacon deu permissão a Thorstein para vir morar na Noruega, pois queria reconciliar-se com ele. Os mensageiros voltaram para a casa de Thorstein e contaram que o rei estava satisfeito com tudo.

– Ele deseja ser, outra vez, seu amigo – disseram os mensageiros.

No verão, o rei Hacon foi a Vik e dali viajou a Varmland com uma grande tropa. O conde Arnvid fugiu e o rei impôs multas aos proprietários que se aliciaram ao conde, além de nomear outro governador. Depois aproveitou para fazer algumas conquistazinhas por toda a Gotaland ocidental, tal como está contado em sua saga e nos poemas que foram feitos em sua honra. Empolgado pelos seus feitos, ele foi também à Dinamarca e saqueou o quanto pôde daquela terra de bárbaros, além de distribuir alguns títulos de rei a

parentes e a uma cambada de bajuladores.

* * *

No verão, Egil preparou seu navio mercante e conseguiu tripulação. O navio longo que ele tinha trazido da Dinamarca ele deu a Thorstein, na despedida. Thorstein deu a Egil bons presentes e ambos juraram perpétua amizade.

Egil enviou mensageiros a Thord, parente de sua esposa, em Aurland, e pediu-lhe que se encarregasse de transacionar as terras que ele tinha em Sogn e Hordaland, até que chegou, finalmente, de volta à sua Islândia natal.

Egil ingressou no fiorde de Borg, até perto de sua casa, e mandou desembarcar a carga e encalhar seu navio sobre os troncos. Em sua casa, foi recebido com alegria e ali esteve por todo o inverno.

Durante o tempo em que ele estivera viajando, a Islândia tinha sido completamente colonizada. Todos os desbravadores já haviam morrido, mas seus filhos e netos continuavam a sua obra, ocupando toda a região.

* * *

Bodvar, um dos filhos de Egil, era comparado em beleza e carisma ao deus Balder. Ele era tão amado em Midgard quanto o deus o era em Asgard. Bodvar era belo, charmoso, promissor, elegante, e alto e forte como havia sido seu tio Thorolf em sua juventude. Egil o amava muito e ele também amava muito a seu pai.

Quando era verão, chegou um navio ao rio Branco, houve uma grande feira. Egil comprou muita madeira e mandou transportá-la via fluvial, num barco de oito remos.

Bodvar, como o seu modelo divino, tinha uma vocação prematura para a morte, e decidiu embarcar.

– Vou junto, desta vez – disse ele, alegremente.

Junto dele foram os servos de Egil, até chegarem a Vellir. No total eram seis homens em um barco de oito remos. Quando iam zarpar, a maré alta ocorreu na última hora do dia, e tiveram que esperá-la, de modo que saíram já tarde, ao anoitecer. Então surgiu um violento vendaval do sul e eles se

encontraram na ressaca da maré baixa. O mar estava muito encrespado no fiorde, como costuma acontecer, e o barco afundou, matando todos.

No dia seguinte, os corpos apareceram boiando. O corpo do belo Bodvar chegou até o cabo de Einars, e os outros chegaram ao sul do fiorde.

Egil soube da tragédia naquele mesmo dia e foi buscar os corpos. Ao encontrar o corpo de Bodvar, ergueu-o e colocou-o sobre os joelhos. Egil usava uma calça estreita nas pernas e uma túnica de fustão vermelho, apertada, amarrada nos lados. Seus músculos aumentaram tanto, devido ao esforço, que chegaram a rasgar suas vestes.

Ele ficou abraçado ao filho durante muito tempo, sentindo o coração mudo do filho contra o seu, que também parecia prestes a parar de bater. Depois, levou-o ao cabo de Digra e mandou abrir o túmulo de Skallagrim. Egil colocou Bodvar ao lado do avô e depois tornou a fechá-lo.

Depois do enterro, sentindo o mesmo desespero mudo da deusa Frigga quando perdera seu amado filho Balder, Egil voltou para Borg. Ao chegar em casa, sem beber ou comer, seguiu direto ao seu quarto e ninguém se atreveu mais a lhe dirigir a palavra.

No dia seguinte, ele não abriu a porta, tampouco comeu ou bebeu. Ali passou deitado nesse dia e no dia seguinte também. No terceiro dia, quando amanhecia, Asgerdr, sua mulher, mandou um homem montar num cavalo e ir o mais depressa possível ao oeste, em Hjarðarholt, para contar à sua filha Thorgerdr tudo o que estava acontecendo.

Era noite quando Thorgerdr chegou. Asgerdr a abraçou e perguntou se havia jantado. Thorgerdr disse em voz alta, de propósito, para que seu pai a ouvisse:

– Não jantei nada, mamãe, e não jantarei até que não esteja com a deusa Freya, em Asgard. Não posso fazer algo diferente que o meu pai. Não quero sobreviver nem a ele, nem ao meu irmão.

Então ela foi ao quarto e chamou.

– Meu pai, abra a porta, quero que tenhamos os dois o mesmo fim.

Egil destrancou a fechadura. Thorgerdr entrou no quarto, trancou a porta novamente e deitou em outra cama que havia lá e ambos permaneceram imóveis e calados, até que Egil olhou para ela e disse:

– Faz bem, minha filha, em acompanhar seu pai. É uma prova de amor filial. Como eu poderia viver com esta dor?

Depois o silêncio se fez novamente entre ambos, até Egil perceber que a

filha mastigava algo.

– Que faz, minha filha? Parece que está mastigando.

– Mastigo funcho – disse ela –, porque penso que assim me fará mal. Senão, eu poderia viver, ainda, por muito tempo.

– E funcho faz mal? – Egil perguntou.

– Muito mal – disse ela. – Quer um pedaço?

– Por que não?

Pouco depois, Thorgerdr pediu que lhe trouxessem bebida.

Deram-lhe água para beber.

– Isso acontece quando se come funcho. Ele dá muita sede – disse ela. – Gostaria de beber, meu pai?

Ele pegou um corno e começou a beber desanimadamente, mas já no segundo cuspiu tudo.

– Danação! Isto é leite!

– Leite? Então nos enganaram. Que faremos agora? Já não podemos seguir com nosso plano.

O velho ficou quieto.

– Quem sabe, meu pai, não prolongamos um pouco mais as nossas vidas para que você possa compor um poema em memória de Bodvar? Eu o gravarei sobre a madeira. Depois, sim, poderemos morrer em paz.

– Não tenho ânimo para compor nada,

– Mas poderíamos tentar. Bodvar certamente apreciaria.

Diante disso, Egil começou a se animar e rabiscou alguns versos iniciais. Logo, estava tão empolgado que o poema inteiro estava pronto.

– Por favor, meu pai, recite-o, agora, para mim e para todos da família.

Egil consentiu em suspender sua reclusão para prestar a homenagem ao filho.

O poema chamava-se “*A Perda dos Filhos*”, pois ele já havia perdido um outro filho chamado Gunnar.

Desde então, Egil consolou-se e voltou a sentar-se no banco de honra. Mais tarde, Egil mandou preparar um funeral ao filho, segundo os antigos costumes. E quando Thorgerdr voltou para a sua casa, Egil a presenteou com finos adornos.

Egil viveu por muitos anos em Borg, até tornar-se um homem bem velho.

* * *

Einar, o filho de Helgi, morava no fiorde de Broad. Ele era irmão de Osvif, o Profeta. Apesar de ser forte, como a maioria dos vikings, ele possuía um fraco acentuado pela poesia.

Certa feita, num verão, Einar foi à barraca de Egil Skallagrimsson e eles começaram a conversar, e logo a conversa enveredou para a poesia, a coisa que eles mais gostavam de fazer depois de piratear.

A partir desse dia, Einar passou a ser companheiro constante de Egil e ambos tornaram-se muito amigos.

Einar havia chegado do estrangeiro há pouco tempo.

– E aí? Quais são as notícias do leste, dos meus amigos e dos inimigos? – perguntou-lhe Egil.

Einar contou as novidades e devolveu a pergunta:

– E você, o que tem feito?

– Oh, agora estou velho, quase não tenho feito mais nada!

– Então me conte mais um pouco das suas antigas façanhas.

Egil contou, então, que certa vez enfrentara sozinho a onze homens, e em outra ocasião, a oito.

– E você, continua a serviço do rei? – perguntou Egil.

Einar viveu muito tempo no estrangeiro, entre pessoas notáveis, e fazia parte da escolta do conde Hacon. Apesar disso, andava sempre com pouco dinheiro, pois sofria de uma grave infecção moral chamada filantropia.

– Ainda bem que nunca o vi se queixar – disse Egil, com uma gargalhada. – Isso seria muita burrice da sua parte!

– Por quê?

– Ora, quem se mete a generoso não pode se espantar de só cruzar com aproveitadores. É como um sujeito que mergulha numa tina de mel e sai depois, por aí, a reclamar do mosquedo!

Os dois riram e passaram, assim, o restante do dia.

* * *

O rei Hacon, filho adotivo do rei Athelstan da Inglaterra, governou por muito tempo a Noruega, mas no final de sua vida os seus sobrinhos chegaram

à Noruega e lutaram para destroná-lo. Hacon venceu quase todas as batalhas, mas na última, em Hordaland, foi ferido mortalmente e os filhos de Erik conquistaram o reino da Noruega.

Lorde Arinbjorn, o velho amigo de Egil, estava servindo agora a Harold, o filho de Erik, e se tornou seu conselheiro, recebendo dele grandes honras. Foi comandante de suas tropas e defensor das suas terras e acabou tornando-se governador do povoado de Firth.

Egil Skallagrimsson soube das mudanças na Noruega e que Arinbjorn havia retomado as suas propriedades, gozando, agora, de magnífica reputação.

– Aí está um sujeito que sabe pular para o drakkar certo, na hora certa! – disse Egil, com uma risada.

Infelizmente, não demorou muito para que o último drakkar furasse bem no meio do caminho, pois o rei Harold terminou morrendo na Dinamarca, emboscado traiçoeiramente, e junto com ele Arinbjorn.

Egil lamentou, pelo resto da vida, a perda do seu mais fiel amigo.

* * *

Einar, o filho poeta de Helgi, foi chamado de Skalaglam, ou “o que faz tilintar a balança”. Ele compôs um poema em homenagem ao rei Hacon chamado *Vellekla*. Mas, durante muito tempo, o conde não quis ouvir o poema, porque estava furioso com ele. Então Einar compôs outro poema. Este outro o conde ouviu e não queria mais deixar que Einar fosse embora. Em seguida, deu-lhe um escudo no qual estavam gravadas antigas histórias, e todo ele estava incrustado de ouro e pedras preciosas.

No outono, Einar foi a Borg, na casa de Egil, mas ele não estava, pois havia partido para o norte.

Einar resolveu esperar, mas quando chegou o terceiro dia ele foi obrigado a partir, pois não costumava ficar mais que isso na casa dos outros. Antes de partir, dependurou o precioso escudo nos aposentos de Egil e disse às pessoas da casa que aquele era um presente que ele fazia ao seu amigo.

Nesse mesmo dia, Egil voltou para casa. Assim que entrou em seu aposento, viu o escudo e perguntou de quem era aquele tesouro. Disseram-lhe que Einar Skalaglam havia chegado lá e lhe presenteado com o escudo.

– Miserável! – urrou Egil bufando como um touro. – Ele pensa, então, que vou ficar acordado para compor um poema sobre o seu escudo? Tragam meu cavalo! Irei atrás dele e o matarei como a um cão!

– Einar partiu de manhã cedo – responderam-lhe. – Já deve estar longe, em Dalir.

– Sorte dele, pois, de outra maneira, chegaria a Dalir sem o escudo e a cabeça!

Egil, ao que consta, era tal como o pai e não apreciava presentes vindos, direta ou indiretamente, da realeza.

Apesar disso, Egil e Einar continuaram amigos enquanto viveram. Conta-se que o escudo, Egil o levou a uma boda a que assistiu em Vidimyr. O escudo caiu em um barril de leite azedo e ficou danificado. Egil mandou tirar os ornamentos e descobriu que as incrustações de ouro pesavam doze onças.

– O ouro dos reis, surrupiado dos povos! – disse ele, antes de guardar bem os adereços, pois, se odiava os reis, não odiava certamente o ouro.

* * *

Ao crescer, Thorstein, filho de Egil, tornou-se o mais vistoso dos homens. Era loiro, de tez clara, alto e forte, mas não se parecia nada com seu pai. Além de belo, era inteligente, amável e tranquilo. Egil o amava muito pouco. Tampouco Thorstein o amava, mas, em compensação, a sua mãe o adorava, assim como ele a ela.

Num certo verão, Thorstein decidiu ir ao Thing. Então ele e sua mãe Asgerdr resolveram pegar de uma arca de Egil a túnica de seda que ele havia ganho de Arinbjorn, para que Thorstein fosse com ela. A bainha arrastava no chão e manchou no caminho de Logberg, o Rochedo da Lei.

Quando voltou para casa, Asgerdr devolveu a túnica, também às escondidas.

Algum tempo depois, quando Egil abriu a arca, descobriu que a túnica estava manchada e perguntou a Asgerdr o que havia acontecido. Ela contou-lhe a verdade e ele disse num acesso de autocomiseração:

– Triste sina, a minha! Ter um filho ganancioso capaz de apropriar-se da herança do pai ainda vivo!

Pouco depois deste episódio, Asgerdr morreu. Egil se mudou de casa,

entregando a sua a Thorstein. Velho e entristecido pela perda da mulher, Egil foi ao sul, em Mosfell, na casa de seu genro Grim, pois gostava da sua enteada e sobrinha Thordis mais do que aos próprios filhos.

Livre da presença opressiva do pai, Thorstein casou-se e ficou vivendo ali mesmo em Borg.

* * *

Ao sul do arroio Hafs havia um pântano chamado Stack. No inverno, estava encharcado, mas na primavera, quando os gelos se rompiam, o pasto era tão bom quanto o do perfumado feno.

O arroio Hafs marcava os limites das terras segundo um antigo costume. Mas na primavera o gado de Steinar costumava ir muito frequentemente ao pântano Stack e os condutores das bestas os levavam ao outro lado do arroio. Certa vez, os criados de Thorstein protestaram contra isso. Steinar não levou em conta e transcorreu assim o primeiro verão, sem que as coisas mudassem: enquanto um abusava, o outro reclamava, mas nada mudava.

Há vidas que se perpetuam assim.

Mas na segunda primavera as coisas mudaram e Thorstein resolveu ir tirar satisfações de Steinar.

– Peça, Steinar, que deixe o pasto para meu gado, como sempre fez quando meu pai era vivo.

– O meu gado vai pastar onde eu bem entender – respondeu Steinar grosseiramente.

Thorstein, num clima que prenunciava o do velho oeste, mandou expulsar o gado do intrujão e a partir daí o negócio ferveu de uma vez: quando Steinar soube disso, enviou seu escravo Grani para que vigiasse o gado no pântano, ficando ali o dia inteiro. (Isto se passou no final do verão, época em que todos os pastos ao sul do arroio Hafs já haviam sido consumidos.) Thorstein subiu em um outeiro para observar. Ele viu onde o gado de Steinar estava.

Foi ao pântano, já nas últimas horas do dia, e viu que o gado havia entrado entre o matagal. Thorstein começou a correr pelo pântano, e quando Grani viu isso começou a conduzir o gado o mais rápido possível ao estábulo. Thorstein perseguiu-o e o alcançou no portão.

– Miserável, aqui está a paga do seu ato! – disse Thorstein, enterrando o

machado no crânio do servo.

O servo perdeu a vida, mas teve seu nome alçado à glória de ponto referencial, pois desde este dia o lugar onde ele teve a cabeça rachada pelo machado passou a se chamar “O Portão de Grani”.

Thorstein tirou a cerca de separação e a colocou em cima de Grani para tapar assim o cadáver, pois era considerado delito grave deixar um cadáver insepulto. Mas não durou muito o artifício, pois as ordenhadoras acabaram descobrindo o corpo.

Steinar procedeu ao enterro do servo e procurou outro escravo para acompanhar o gado.

– Chamem outro Grani! – disse ele aos capatazes.

– Não há mais ninguém chamado Grani por aqui – disse o chefe dos capatazes.

– Idiota! – rugiu Steinar. – *Todos aqui são Granis!* Inclusive você!

Thorstein, por sua vez, comportou-se como se nada soubesse do ocorrido.

O tempo passou e Steinar, no início do inverno, foi a Snaefellsstrond e viu ali um escravo chamado Thrand, que era extremamente alto e forte. Ele ofereceu um preço alto pelo escravo, mas o seu dono pediu o dobro do valor normal para um escravo. Não houve barganha e Steinar acabou pagando o que o outro pedia.

– Este Thrand vale bem o preço! – disse Steinar, consigo.

Quando chegaram em casa, Steinar falou ao novo escravo:

– Quero lhe dar trabalho, mas já reparti as tarefas entre os demais. Encarrego-o, então, de um trabalho que não lhe causará muito cansaço. Cuidará do meu gado. Quero que ele tenha bom pasto. Escolha o melhor pasto que há no pântano e mande à merda as reclamações dos vizinhos. E lembre-se: você é meu escravo, mas tem a inteira liberdade para matar qualquer desgraçado reclamão que lhe aparecer pela frente.

O tal Thrand não era um prodígio de inteligência, mas mesmo assim pegou logo o espírito da coisa, pois escutara com perfeita clareza as palavras mágicas “matar” e “desgraçado”. A coisa ficou ainda mais clara quando Steinar pôs nas suas mãos um enorme machado. E a prova definitiva de que Thrand era um sujeito danado de inteligente foi que em momento algum lhe passou pela cabeça que deveria usar aquele instrumento para cortar árvores.

No mesmo dia, Thrand se encarregou de levar o gado para pastar no lado

proibido do pântano.

Quando Thorstein soube disso, enviou um de seus criados para alertar qual era o limite entre as terras.

– Mantenha o gado do outro lado, pois estas terras pertencem a Thorstein, filho de Egil Skallagrimsson.

– Este Thorstein pode ser filho de quem ele quiser, mas eu garanto que isso não vai fazer com que nenhuma rês saia daqui – disse Thrand, brandindo o machado na frente do nariz do outro.

O criado retornou para casa e contou a Thorstein a resposta do escravo.

Thorstein estava muito ocupado e deixou a coisa para o dia seguinte. Quando amanheceu, ele se levantou com o Sol e saiu a caminhar tranquilamente pelo campo. Estava subindo uma encosta, quando viu o gado de Steinar. Então, foi ao pântano e levou junto o seu gado. Perto do arroio Hafs, havia um rochedo arborizado e sobre uma pedra estava Thrand, o escravo. Ele dormia a sono solto, tendo até tirado os sapatos.

Thorstein aproximou-se silenciosamente e subiu na pedra. Na sua mão reluzia um machado pequeno. Thorstein cutucou Thrand com o cabo para que acordasse. Thrand colocou-se em pé rapidamente e suspendeu o seu machado duas vezes maior.

– O que quer? – perguntou a Thorstein, com o machado suspenso.

– Quero lhe dizer, grandalhão burro, que estas terras são minhas e seus pastos estão do outro lado do arroio. Não me surpreende que você desconheça os limites, pois gente do seu tipo não sabe sequer qual é a sua mão direita.

Thrand ergueu a mão esquerda vazia e disse:

– Aqui está, mas não é com ela que vou fazê-lo em pedaços!

Então, Thorstein, aproveitando a distração do monstrengo, aplicou um machadaço certo sobre o pulso deste, e ele voou longe, como uma aranha voadora.

– Este era o esquerdo, idiota! – disse Thorstein. – Agora calce os sapatos antes de vir lutar.

Thrand até calçou o primeiro pé, mas ao descobrir que era impossível amarrar os cadarços sem uma das mãos tornou-se realmente colérico. Então, rilhando os dentes de raiva e de dor, avançou para Thorstein e desceu o seu machadão. Thorstein esquivou-se e golpeou o pescoço de Thrand, deixando a sua cabeça dependurada sobre o peito.

Tal como da outra vez, Thorstein cobriu o cadáver com pedras e foi embora.

No fim do dia, Steinar percebeu que o gado não voltara e desconfiou que havia acontecido algo. Após encilhar o cavalo, pegou todas as suas armas e foi até Borg. Quando chegou lá, perguntou a quem encontrou:

– Não viram por aí aquele ganancioso do Thorstein?

– Está em casa – disseram.

Steinar foi até lá e pediu a Thorstein que saísse de casa, pois tinha uma mensagem.

Thorstein o ouviu, pegou suas armas e saiu.

– O que quer, pulador de cercas? – perguntou Thorstein.

– Você matou meu escravo Thrand?

– Sim, matei. Se espera reencontrá-lo, perde seu tempo.

– Parece que ao matar meus servos você pensa estar protegendo as suas terras.

– Até aqui tem dado muito certo.

– Não me parece que isso seja uma grande façanha.

– Admito. Vale tanto quanto invadir terras alheias.

– Muito bem, então agora irei dignificar o seu modo indigno de defender as suas terras. Doravante, estarei eu mesmo, dia e noite por lá, e é a mim, e não a um mero servo, que terá de enfrentar.

– Não vejo grande aumento na dignidade, mas certamente que continuarei a defender meus direitos.

– Você é um cão, e morrerá como um!

– Escute aqui, seu ladrão ordinário. No verão passado eu matei seu escravo, mas lhe deixei livre o pasto até o inverno chegar. Agora, matei seu segundo escravo, e novamente deixarei a seu dispor o pasto, neste verão. Mas no próximo verão, fique avisado, voltarei a matar quem quer que leve o seu gado a pastar nas minhas terras.

Steinar partiu para sua casa em Brekka e pouco depois foi a Stafaholt, onde Einar vivia. Ele era um pastor. Steinar lhe pediu ajuda e em troca lhe ofereceu dinheiro.

– Pouco ganhará com minha ajuda – disse Einar –, a menos que consiga outros defensores.

Então Steinar foi a Reykjardal ver Tingu-Odd, e pagou pela sua ajuda.

Na primavera, Odd e Einar foram com Steinar na viagem da apelação, e

levaram grande quantidade de pessoas. Steinar processou Thorstein pelo assassinato de seus escravos, pedindo desterro de três anos por cada morte, pois assim era a lei quando escravos eram mortos, e não se pagava a indenização antes do terceiro Sol.

Dois destertos de três anos eram iguais a um desterro definitivo.

Thorstein não contestou, pois já não se vivia nos templos gloriosos em que o machado era a lei. Mas também não deixou de recorrer ao seu pai Egil, mandando-lhe mensageiros.

Apesar do velho não se dar muito bem com Thorstein, ele disse que o ajudaria, pois andava louco por uma briguinha.

– Finalmente, um pouco de movimento por aqui! – disse o velho, esfregando a careca.

Thorstein reuniu muita gente para ir ao Thing e chegou ali uma noite antes dos outros homens, montando as barracas suas e dos seus aliados. Quando tinham feito todos os preparativos, Thorstein pediu aos homens que fizessem paredes para mais uma barraca grande. Então mandou cobri-la com uma lona. Era muito maior que as outras barracas e estava vazia.

Steinar também arrastou consigo uma multidão de apoiadores e também montou e cobriu as suas barracas.

Na hora da audiência, Thorstein não ofereceu indenização alguma.

– Matei os escravos de Steinar porque eles me causaram dano antes.

Então, do Thing, todos viram um grupo de homens montados que vinham pela beira do rio Cleave. Seus escudos brilhavam ao Sol conforme iam cavalgando. Na dianteira ia um homem com capa azul, na cabeça um elmo dourado, ao lado um escudo com adornos de ouro e na mão uma lança farpada incrustada em ouro.

Era Egil Skallagrimsson, que chegava com oitenta homens, todos bem armados, como se caminhassem para uma batalha. Egil havia escolhido a tropa a dedo e levava com ele os mais fortes filhos de proprietários do sul de Sunna.

Egil encaminhou sua tropa até a barraca que Thorstein havia mandado levantar e que estava vazia. Desceram todos das montarias e Thorstein foi com toda a sua tropa recebê-lo. Egil e seus homens deixaram os apetrechos na barraca e levaram os cavalos a pastar.

Feito isso, Egil e Thorstein foram ao Thing e se sentaram nos lugares onde costumavam ficar. Egil se levantou e disse em voz alta:

– Aunund Sjoni se encontra aqui no Thing?

Aunund era pai de Steinar e antigo amigo de Egil.

– Aqui estou – disse o velhote. – Alegro-me que tenha vindo, Egil. Isso porá um fim à divergência entre os nossos filhos.

– Seu filho acusou meu filho e trouxe consigo uma grande multidão. Pretende que Thorstein seja banido?

– Não sou o responsável por eles estarem se enfrentando. Tenho pedido a Steinar que se reconcilie com Thorstein, em nome da nossa velha amizade.

– Logo veremos se o que diz é verdade – disse Egil. – Houve um dia em que comentávamos que seria improvável que nos enfrentássemos diante de um pleito ou que não tivéssemos controle sobre os nossos filhos para que não chegassem até aqui cometendo estas loucuras. Parece-me justo que, enquanto vivermos e pudermos interferir nestes pleitos, façamos de tudo para impedir que Tungu-Odd e Einar aticem nossos filhos um contra o outro como cavalos de luta.

Então o velho começou a arranjar as coisas para que se chegasse a uma reconciliação.

– Muito louvável a sua intenção, meu pai – disse Steinar –, mas acredito que se arrependerá disso.

De qualquer modo, Steinar deixou o caso nas mãos de Aunund, seu pai, que entregou a Egil o poder de decidir o que era melhor e mais justo para a solução daquele pleito.

Thorstein e Aunund deram-se as mãos e elegeram testemunhas para declarar que Egil deveria ser o único que decidiria o caso tal como quisesse, sem nenhuma reserva.

– Darei agora meu veredito a respeito de Steinar e Thorstein – disse Egil. – Meu pai Grim veio ao país e ocupou todas as terras de Myrar e toda a região. Estabeleceu sua casa em Borg, tomou posse de tudo isso e distribuiu terras aos seus amigos por todas as partes. À Ani ele deu uma fazenda em Anabrekka, onde Aunund e Steinar foram viver. Nós todos sabemos que os limites das terras entre Borg e Anabrekka estão separadas pelo arroio Hafs. Logo, não foi por ignorância que você, Steinar, utilizou como pastos as terras de Thorstein e se apossou de suas propriedades. Thorstein matou, por isso, os dois escravos. Eles morreram por sua própria culpa e não merecem indenização, e, mesmo que fossem homens livres, tampouco lhes corresponderia indenização. E você, Steinar, por ter acreditado que poderia

roubar as terras do meu filho, perderá suas terras de Anabrekka. Não mais poderá viver na região que há ao sul do rio Long, nem se hospedará ali. E, se não deixar Anabrekka antes dos dias combinados de partida, qualquer homem que queira ajudar Thorstein poderá lhe matar impunemente.

Steinar olhou para o seu pai e fuzilou-o com um olhar que dizia mais ou menos isto: “Está vendo? Aí está o que acontece quando algum maldito velhote sentimental se mete a bancar o bonzinho!”.

– O povo dirá se a sua sentença é injusta e abusiva – disse o velho pai de Steinar, surpreendido com a intransigência do amigo. – Até agora fiz o possível para evitar discussões, mas a partir de agora não pouparei meios para prejudicar Thorstein.

– Pois eu digo que o destino de sua família será, então, cada vez pior – respondeu Egil, friamente.

Moral da história: jamais seja tão burro a ponto de entregar a solução de um litígio ao pai do seu inimigo.

* * *

A pendenga entre os rancheiros nórdicos prosseguiu com outros lances menores e ainda mais aborrecidos que o anterior e que o respeito intransigente pela paciência dos nossos leitores nos obriga a omitir, saltando para o episódio final, que começa com a aparição de um certo Thorgeir. Este Thorgeir era parente e amigo íntimo de Thorstein, que vivia nessa época no cabo do Cisne. Ele era muito rico e costumava fazer uma festa a cada outono.

– Olá, Thorstein, vim convidá-lo para minha festa – disse Thorgeir, certo dia.

Thorstein assentiu e no dia combinado foi para lá com o seu filho Grim, de dez anos de idade, e uma pequena comitiva, como mandava o ritual viking. Eles foram até a foz, cruzaram o rio Long e chegaram ao rio Aurrida.

À beira do rio, Steinar, seu pai Aunund e seus criados estavam trabalhando, e, quando reconheceram Thorstein, correram em direção às suas armas e os perseguiram.

– Meu pai foi bonzinho demais com estes cães! – disse Thorstein enquanto cavalgava com os seus para longe da turba inimiga. Ao chegar na beira de uma floresta, ele mandou o filho entrar e se esconder.

Quando Steinar e seu bando chegou, houve uma luta ferrenha. No grupo de Steinar havia seis adultos, e o sétimo era um filho de Steinar de dez anos. O combate foi visto por todos que estavam nos prados de outras fazendas, e, depois que eles intervieram para apartar os brigões, fez-se o rescaldo da luta. Dois criados de Thorstein haviam morrido e também um dos criados de Steinar, além de haver vários homens gravemente feridos.

Thorstein foi buscar seu filho Grim e descobriu que também ele estava gravemente ferido.

Quando Thorstein montou novamente o cavalo, Steinar lhe disse:

– Agora você foge, covarde desgraçado? Só é homem quando está debaixo do manto do seu pai?

– Você correrá ainda mais antes que tenha se passado uma semana! – rugiu Thorstein.

Então Thorstein e seu grupo foram pelo pântano levando o pequeno Grim e, quando chegaram num bosque, o menino finalmente morreu. Ele foi enterrado ali mesmo, e desde então o bosque passou a se chamar Bosque de Grim.

O lugar onde eles lutaram foi chamado Colina do Combate.

Apesar de tudo, Thorstein foi à festa no cabo do Cisne e passou três noites ali. Quando foi embora, vários homens se ofereceram para ir com ele, mas ele recusou, mesmo sabendo que Steinar o esperava em algum lugar.

Este algum lugar era nas dunas mais abaixo de Lambastadir. Steinar trazia consigo sua espada chamada Skrymir, uma arma magnífica. Ficou sobre a duna com a espada desembainhada, olhando apenas em uma direção, pois viu que Thorstein vinha a cavalo pela areia.

Um certo Lambi, porém, que vivia em Lambastadir, viu as intenções de Steinar. Chegou devagarinho perto dele e o agarrou por trás. Steinar tentou se soltar, mas Lambi o dominou fortemente e caíram os dois da duna, em uma superfície plana, enquanto Thorstein e o outro cavalgavam pelo caminho mais abaixo.

Steinar havia levado seu cavalo, que escapou correndo pela praia. Steinar conseguiu subir a duna, pois ele não viu que Thorstein havia passado. E quando chegaram à beira do banco de areia, Lambi empurrou Steinar, que não pôde se defender, rolando cômodo abaixo novamente, enquanto Lambi corria em direção à sua casa.

Steinar ergueu-se e correu atrás de Lambi até chegar diante da casa do

fujão. Ele golpeou a porta com a espada, mas esta ficou cravada na madeira.

Então Steinar decidiu ir para a sua casa, pois não poderia invadir uma casa alheia para matar ninguém sem que isso implicasse na sua condenação a morte.

Quando Thorstein retornou para casa, mandou avisar a Steinar que se mudasse para o outro lado de Borgarshraun e que, se ele se recusasse, Thorstein mostraria quem era o mais poderoso por ali.

Steinar se estabeleceu em Snaefelsstrond, onde construiu sua propriedade em lugar chamado Ellida.

E assim terminaram as relações entre Steinar e Thorstein, filho de Egil.

No lugar onde vivera o amaldiçoado Steinar, passou a viver o tal Thorgeir, que ajudara Thorstein na pendenga. Mas este também provou ser um péssimo vizinho, e, a exemplo do outro, logo foi enxotado dali.

XXVIII

A morte de Egil

Egil Skallagrimsson tinha quase cem anos e morava em Mosfell com seu genro Grim e Thordis, sua filha de criação e sobrinha. Nada havia de mais humilhante para um viking do que morrer de velhice. Egil não passava agora de um velho surdo, cegueta e resmungão, que andava com dificuldade. Certa vez, ele resolveu sair a caminhar, mas mal deu dois passos e já se esborrachou no chão como se tivesse pisado numa casca de banana.

Os transeuntes se dobraram de tanto rir, e uma bela jovem troçou, dizendo:

– Da próxima vez traga junto sua ama, velhote, pois se esparrama no chão como uma fruta podre!

Quando Egil contou ao genro o que lhe acontecera, dizendo, tristemente:

– Estas rameiras se derretiam por mim quando eu era jovem e forte!

“As mulheres a quem maltratávamos antigamente, agora se vingam”, poderia também ter dito o inconformado Grim, sem faltar com a verdade.

Mais um ano se passou, e Egil tornou-se completamente cego e um completo estorvo para todos da casa, inclusive para os criados. Quando estava muito frio, ele se aproximava do fogo e das panelas para se esquentar, mas os criados o empurravam para longe, gritando:

– Fora, velhote imprestável!

Egil resmungava e fazia nova investida, dando encontrão nas cozinheiras e virando pratos e panelas.

Ele ia, então, para o seu canto e nestas horas ficava recordando suas expedições e batalhas, seus duelos triunfais e os homens que passara ao fio da espada.

– Nem Thor matou tantos com o seu martelo como eu com o meu machado! – bradava, falando sozinho e dando cutiladas com um pedaço de madeira seca que lhe deixavam à mão, como um brinquedo.

Certo dia, ele ficou obcecado com a imagem de Atli, o Justo, caindo de costas, num duelo em que ambos haviam travado, e de como ele, Egil, se lançara sobre ele, mordendo sua mandíbula e arrancando um pedaço. Egil

lembrou depois do menino de dez anos que ele matara, durante a infância, com um único golpe na cabeça.

Realmente, ali estava um homem que tinha coisas para lembrar.

Um verão, quando os homens se preparavam para ir ao Thing, ele pediu a Grim que o deixasse ir com ele. Grim pensou que não seria conveniente, devido à sua cegueira, mas resolveu consultar a mulher Thordis a respeito disso.

– Que estranho! Por que será que meu tio quer ir junto? – espantou-se ela e resolveu ir falar com ele para saber.

Egil adorava falar com a enteada e, quando ouviu sua voz, mesmo que muito mal, ficou radiante, pelo menos tinha com quem conversar.

– É verdade que quer ir ao Thing? – gritou ela, várias vezes, até que ele ouvisse. – O que pretende fazer lá?

– Quero levar ao Thing as duas arcas que ganhei de presente do rei Athelstan, repletas de prata inglesa.

– Ora, e para que levaria as arcas?

– Vou mandar levar as arcas à Colina da Lei, e, quando todos estiverem lá, atiro toda a prata para o ar e quero só ver a bagunça. Imagino que haverá pontapés e empurrões aos montões, e até, com um pouco de sorte, algumas cabeças rachadas.

A sobrinha, que tinha um sangue bem temperado, achou graça na coisa.

– Esta excentricidade será comentada durante muitas gerações. Vai valer muito a pena!

Então ela falou com Grim, mas como este era um chato de marca maior, não viu graça nenhuma na brincadeira. Sua herança jogada como chuva de bênçãos à ralé? Jamais!

Egil não pôde ir, assim, à reunião e ficou em casa, amuado como uma criança impedida de praticar uma peraltice ardentemente sonhada.

Então ele começou a ficar irritado e a lamentar-se que deveria há muito ter morrido, como um verdadeiro viking, e não sofrer aquela morte reles de um calcanhar de esterco qualquer.

– Odin não podia ter me negado este prazer de morrer em batalha! – lamentava-se ele, ao ponto de enervar até mesmo os cães da casa, que se punham a ganir quando começava a choradeira.

Então, certa noite, Egil chamou dois escravos de Grim e disse:

– Tragam-me um cavalo. Vou banhar-me no rio.

– De noite e com este frio? – estranharam os escravos.

Mas os escravos não estavam ali para questionar e, na ausência dos outros senhores, tiveram de obedecer.

Egil saiu, assim, com os dois escravos, levando junto suas arcas de prata. Montou seu cavalo e partiu em direção à esplanada, passando os picos a trote veloz, de modo que os escravos logo o perderam de vista.

Na manhã seguinte, Egil foi visto perambulando pela colina que ficava ao leste da fazenda, puxando pela rédea o seu cavalo. Mas nem os escravos nem as arcas retornaram e havia muitas suposições sobre o que Egil fizera com seu dinheiro e com os dois escravos.

A leste da fazenda de Mosfell havia um vale que descia desde a montanha.

– Deve ter escondido as arcas na esplanada de Mosfell – cogitavam muitos a olhar cobiçosamente para os pântanos extensos e muito profundos.

– Não – diziam outros. – Deve ter escondido ao sul do rio, onde há fontes termais com grandes cavidades.

Mas sempre que lhe perguntavam o que havia feito com o dinheiro e os escravos, Egil nada dizia, fingindo-se surdo e mudo completo. E cada vez mais sentia terríveis dores de cabeça, pés gelados, e tropeçava nos próprios pés caindo a cada passo.

Assim continuou até que, no outono seguinte, Egil finalmente morreu.

Grim vestiu Egil com suas melhores roupas. Depois o levou a Tjaldaness e mandou que construíssem ali um túmulo onde o colocaram com suas armas e roupas.

Respeitando os costumes vikings, Egil foi sepultado com os trajes e as armas de um verdadeiro guerreiro, e quando começou a época dos primeiros degelos fez-se pelo vale uma colheita farta de moedas inglesas.

E aqui termina a saga de Egil Skallagrimsson, aquele que foi guerreiro e poeta.

Fim

Glossário

A Pequena Sibila – Poderosa profetiza viking. Tinha reputação de já haver previsto a morte de muitos guerreiros vikings que, apesar de estarem fortes e saudáveis, morriam de forma imprevista.

A profetisa – *Vide* “A Pequena Sibila”.

Adgir – Gigante famoso, deus Vanir e Senhor do Mar. Um deus às vezes bom, às vezes mau. Casado com Ran, com quem teve nove filhas, as chamadas Ondinas. Deus nórdico que controla as mentes dos navegadores e as ondas do mar, tomando para si todos os tesouros dos navios naufragados.

Adils – Guerreiro e governador da Grã-Bretanha, juntamente com seu irmão Hring, e tributário do rei Athelstan.

Aesir – Clã dos principais deuses da mitologia nórdica que residem em Asgard.

Aki – Aliado de Egil, que o conheceu ao ser feito prisioneiro após tentar saquear certa propriedade.

Alf, o Rico – Homem velho que auxiliou Egil, oferecendo armas quando este foi perseguido ao fazer a arrecadação do tributo em Varmland, um condado na Suécia.

Alfgeir – Conde que, juntamente com o conde Gudrek, protegia as fronteiras contra as invasões de dinamarqueses, escoceses e normandos.

Alrekstead – Fazenda da nobreza onde Frodi, filho de Erik Machado Sangrento, permaneceu na infância até concluir sua educação.

Ani – Amigo a quem Grim, o pai de Egil, doou uma fazenda em Anabrekka.

Arinbjorn – Barão com grande influência na corte do rei Erik Machado Sangrento. Filho do lorde Thorir e o melhor amigo de Egil, o qual auxiliou ao longo da vida e intercedeu, muitas vezes, a seu favor com o rei.

Arnvid – Governador que desviava os tributos que pertenciam ao rei Harold Cabelo Bonito, do condado de Varmland, na Suécia.

Asgard – Reino dos deuses. Céu da mitologia nórdica, separado de Midgard, o reino dos mortais.

Asgerdr – Mulher de Thorolf, o filho de Úlfr.

Atli, o Baixo – Irmão de Bergonund e administrador das terras de Egil, que viriam a ser confiscadas pelo rei Erik Machado Sangrento.

Atli, o Esbelto – Conde em Gaula e pai de Solveig, a Bela.

Audun III – Poeta do rei Harold Cabelo Bonito e que havia sido anteriormente poeta de Haldfan, o Negro, pai do rei.

Aulvir – Amigo de Thorolf, que, ao se apaixonar por Solveig, a Bela, não mais seguiu com a expedição viking.

Aulvir Hnuf – Poeta oficial da corte de Harold Cabelo Bonito.

Aunund Sjoni – Pai de Steinar e amigo de Egil Skallagrimsson, que por questões de terra viria a ser seu inimigo.

Aurland – Local onde Thora passou a residir quando sequestrada voluntariamente por Bjorn e onde se casaram.

Balder – O mais belo dos deuses do panteão nórdico, filho dos deuses Odin e Frigga. Foi morto pelo seu próprio irmão cego devido a uma trapaça do deus Loki.

Barão Bjorgolf – Viúvo rico, pai de Bard e que na velhice tornou-se marido de Hildirida e pai de Harek e Haerek.

Bard de Atla – Administrador de uma ilha onde havia vastas propriedades do rei Erik. Apesar de não possuir uma linhagem nobre, Bard era muito estimado pelo rei.

Baug – Irmão adotivo de Kettle, o Salmão, e parente e muito amigo de Thorolf.

Beowulf – O poema épico mais longo da literatura anglo-saxã e um marco da literatura medieval, baseado nos feitos de Beowulf, herói da tribo dos gautas.

Bera – Mãe de Thorolf, poderoso barão e guerreiro viking.

Bergonund – Quem herdou todas as propriedades de Egil, bens móveis e imóveis, com o apoio do rei Erik e da rainha Gunnhilda.

Berserkers – Ferozes guerreiros nórdicos que juraram fidelidade a Odin e entravam em fúria assassina antes de uma batalha.

Biafal – Um manto viking com capuz e sem mangas, aberto dos lados e preso às pernas por um botão e um laço.

Bico do Tordo – Estalagem em que Egil Skallagrimsson se encontrou com Arinbjorn quando este, como porta-voz, o levou a enfrentar o rei Machado Sangrento.

Bjarmaland – Local onde Erik Machado Sangrento venceu uma grande batalha, junto ao rio Dvina, triunfo immortalizado em muitos poemas. Foi nesta expedição vitoriosa que ele casou-se com Gunnhilda, filha de Auzur Toti, levando-a para a corte.

Bjarney – Ilha a sudeste encontrada pelos vikings desbravadores dos mares e morada de uma grande colônia de ursos. Por esta razão, foi chamada de *Bjarney*, ilha dos Ursos.

Bjarni Herjúlfson – Navegador norueguês que levou Leif, o Sortudo, a descobrir Vinland, a Terra das Vinhas. Ele garantia ter avistado terras verdes, férteis e quentes quando perdera o curso do barco, enquanto navegava além da Groenlândia.

Bjorn – Filho de Brynjolf, lorde de Sogn. Como a maioria dos vikings, Bjorn era um navegador que tanto seguia em expedições mercantis como pirateava.

Bjórr – Cerveja feita com o malte dos mercadores e distribuída com generosidade entre os vikings.

Blaserkr – Geleira onde Erik, o Vermelho, navegava frequentemente e que se situava próxima ao recife de Gunnbjorn – A Camisa Azul.

Bodvar – Filho preferido de Egil Skallagrimsson. Morreu em um naufrágio, o que fez seu pai procurar a morte, mas foi salvo pela filha Thorderdr.

Borg – Um dos fiordes da Islândia, onde morava Skallagrim, pai de Egil.

Borgarhraun – Onde Skallagrim, pai de Egil, passou o inverno com sua tripulação, ocupando as terras que havia entre a montanha e a praia de Shipness até Borgarhraun.

Bosque de Grim – Lugar em que morreu e foi enterrado Grim – garoto de dez anos, filho de Thorstein – em consequência de uma batalha devido a uma disputa de terras.

Bragi – Compôs um poema de louvor a um rei em apenas uma noite e salvou, com isto, a sua cabeça. Este fato fez Arinbjorn usá-lo de exemplo para que Egil fizesse o mesmo, com o intuito de apaziguar a ira do rei Erik Machado Sangrento, por ter matado o seu filho.

Bran, o Abençoado – Rei gigante da mitologia gaulesa, o qual tinha um caldeirão que ressuscitava os mortos. Teve a cabeça cortada – cabeça a qual, mesmo sem corpo, continuava falando e reinando.

Brattahlid – Local onde Thorbjorn e sua família passaram o inverno com Erik, terminando este por doar-lhe as terras e uma magnífica morada.

Brokey – Local em que Erik, o Vermelho, se estabeleceu após ter sido banido do Vale dos Gaviões.

Brynjolf – Filho do barão Bjorjolf e enteado de Hildirida. Recusou-se a dar parte da herança aos dois filhos da madrasta quando na morte do pai, desencadeando com isso uma longa rixa e um catastrófico desfecho.

Cabeça de Bran – *Vide* “Bran, o Abençoado”.

Cabelo Bonito – Nome dado ao rei Harold, devido a sua promessa de não cortar o cabelo até não ser rei de toda Noruega (promessa feita para conquistar a princesa Gyda). Também chamado de Harold, o Peludo.

Cabo da Pedra Furada – Lugar, junto ao mar, onde Skallagrim encontrou uma imensa pedra que colocou diante da porta da ferraria para ser usada como bigorna.

Cabo de Digra – Onde Egil Skallagrimsson enterrou Bodvar, seu filho predileto, junto ao túmulo de Skallagrim, seu pai.

Cabo de Einars – Ponto onde o corpo de Bodvar, o filho de Egil, encalhou após o naufrágio.

Cabo de Nausta – Local onde Skallagrim, pai de Egil, foi sepultado.

Cabo dos Cisnes – Terras onde Skallagrim construiu casas para que se transformasse numa estação de pesca.

Canal de Brak – Foi onde Thorgerdr Brak, serva e ama de leite de Egil Skallagrimsson, morreu para salvá-lo.

Canal de Duck – Local onde o jovem Egil, como forma de pressionar seu irmão maior a levá-lo consigo nas expedições, cortou os cabos do navio e navegou às cegas pelo fiorde até encalhar no Canal de Duck.

Clã de Brynjolf – Refere-se aos descendentes do barão Bjorjolf, pai de Brynjolf, o qual, por não ter repartido a herança com os dois filhos de Hildirida, terminou por desencadear uma luta longa e catastrófica.

Colina da Lei – Espécie de tribunal nórdico, também chamado de Thing. Local onde Egil Skallagrimsson teve muitos processos e, quase no fim de sua vida, tentou em vão pregar uma boa peça a todos.

Colina do Combate – Local onde ocorreu a luta que matou o pequeno Grim, filho de Thorstein e neto de Egil. O menino foi enterrado ali, em um bosque que passou a ter o seu nome.

Conde Arnfinn – Conde com o qual o rei Erik Machado Sangrento casou sua filha Ragnhild.

Conde Arnvid – Conde que administrava o condado de Varmland, na Suécia, e que mandava interceptar e matar os homens do rei Harold Cabelo Bonito, para se apossar da arrecadação do tributo.

Conde de Hacon – Conde do rei Harold que morreu durante uma batalha para conquistar Firthfolk.

Conde Gudrek – Quem administrava, juntamente com outro conde, o reino de Northumberland – o qual representava um quinto de toda a Inglaterra. Ambos protegiam as fronteiras contra as invasões de dinamarqueses, escoceses e normandos. Gudrek morreu durante uma sangrenta batalha na Inglaterra onde lutou também Olaf, o rei dos Escoceses.

Cornucópia – Símbolo da fertilidade, riqueza e abundância. Na mitologia greco-romana é representada por um chifre abarrotado de frutas e flores, seu significado provindo da cabra Amalteia, que amamentou o deus Júpiter quando bebê.

Corte asgardiana – Deuses do panteão nórdico que habitam em Asgard, o reino dos deuses vikings.

Crepúsculo dos Deuses – Expressão usada por Richard Wagner referindo-se ao Ragnarök, batalha travada entre os deuses Aesires e Vanires, do panteão nórdico.

Curlândia – Região situada no oeste da Letônia, que vai do golfo de Riga à fronteira com a Lituânia, e onde Egil, com apenas quinze anos, iniciou com seu irmão Thorolf os saques, as piratarias e os comércios marítimos.

Dimunarvagr – Canal de Dimunar, onde Erik, o Vermelho, se ocultou quando foragido por ter matado um compatriota.

Distrito de Jaedar – Lugar situado na costa sudoeste da Noruega, onde Erik nasceu e morou durante sua infância.

Dragvandill – Nome da espada que Egil Skallagrimsson recebeu de seu grande amigo Arinbjorn.

Drakkar – Nome dado às embarcações vikings, geralmente usadas em expedições para piratear e comercializar. Barco que possui uma cabeça de dragão na proa e navega tanto em águas profundas quanto rasas.

Drangar – Braço de terra no extremo-norte islandês onde Erik fez sua morada quando seguiu com seu pai para a Islândia, ocupando terras em uma colônia nórdica em Hornstrandir.

Egil Skallagrimsson – Herói da saga nórdica que leva seu nome e significa Egil, o filho de Skallagrim.

Égua de Loki – Loki metamorfoseado numa égua, que deu à luz Sleipnir, cavalo de oito patas doado a Odin.

Eida – Nome de uma vasta floresta em Varmland, um condado na Suécia. Egil o atravessou quando foi cobrar os impostos do rei Harold Cabelo Bonito, correndo o risco de ser morto, em emboscadas, pelos homens do administrador do condado.

Einar – Filho do rico e poderoso Thorgeir. Homem extremamente belo, educado e vaidoso. Espécie de Casanova viking e grande navegador.

Einar, o filho de Helgi – Irmão de Osvif, o Profeta. Apesar de ser um forte guerreiro viking, possuía, como Egil, uma queda pela poesia. Isso os tornou grandes amigos e Einar o presenteou com um magnífico escudo.

Einkunnir – Nome dado às terras que Skallagrim doou ao gigante Thorir.

Eiriksstadr – Morada de Erik, o Vermelho, que ficava perto das margens da água, e que acabou nas mãos de Thorbjorn quando Erik foi banido do Vale dos Gaviões.

Erik Thorvaldsson – *Vide* “Erik, o Vermelho”.

Erik, o Vermelho – *Eiríkr rauði Þorvaldsson*. Também conhecido como Erik, o Ruivo. Célebre navegador norueguês, nascido por volta de 940. Foi banido da Noruega por ter matado um importante compatriota e se estabeleceu na Islândia, de onde acabou por ser banido também. Sem poder morar na Noruega ou na Islândia, Erik seguiu navegando e descobrindo novas terras. Pai de Leif Eriksson, o descobridor da América antes mesmo de Cristóvão Colombo.

Espada Adder – Nome da espada de Egil, a qual ele havia pilhado na Curlândia.

Eyvind Skreyja – Jovem forte e arrogante, muito amado pela rainha Gunnhilda e pouco estimado pelos demais da corte.

Eyxney – Local em que Erik, o Vermelho, se estabeleceu após ter sido banido do Vale dos Gaviões.

Fenrir – Um dos filhos gigantes de Loki. Lobo que decepcionou a mão direita do deus Tyr que a havia colocado entre as mandíbulas do monstro como garantia de que Fenrir seria libertado das cordas mágicas que o prendiam.

Fiorde Brilhante – Local no oeste da Groenlândia onde Thorstein possuía uma morada em sociedade com um homem que tinha o mesmo nome que ele.

Fiorde de Borg – Fiorde onde Egil atracou e desembarcou o produto dos seus saques nas areias da praia, após ter matado o filho do rei.

Fiorde de Borgar – Fiorde onde Grim de Halogaland encontrou, em uma enseada, o caixão de Kveldulf encalhado.

Fiorde de Oslo – Local onde Egil reencontrou seu navio mercante, com a carga que ele havia enviado na primavera anterior.

Fiorde de Strome – Nome de uma das terras que Skallagrim presenteou a seu sogro.

Fiorde Largo – Local onde habitava Bjarni, filho de Grimolf.

Fiorde de Oslo – Nome dado às terras onde se estabeleceu Thorstein, filho do abastado e poderoso Erik Alspak.

Floresta de Vin – Onde ficava o Páramo de Vin, palco de batalha, no qual reinaria sobre a Inglaterra aquele que triunfasse.

Freya – Deusa do sexo, da sensualidade, da fertilidade, do amor, da beleza e da luxúria, como também deusa da magia, da adivinhação e da riqueza. Pertencia à dinastia de Vanir e era líder das valquírias.

Freydis – Filha de Erik, o Vermelho.

Freyr – Filho de Njord, irmão de Freya e casado com a gigante Gerda. Deus da Agricultura, da prosperidade e da fertilidade. Seu cavalo saltava qualquer obstáculo e a sua espada mágica, forjada por anões, movia-se sozinho nos ares desferindo golpes mortais. Este deus estava destinado a lutar, na batalha de Ragnarök, contra Surtur, mas não pôde utilizar a espada mágica, porque esta foi perdida por Skirnir, seu escudeiro.

Fridgeir – Barão que alojou Egil Skallagrimsson, o qual enfrentou em duelo Ljot, o Pálido, no lugar do anfitrião a fim de salvar a filha de Gyda.

Frigga ou Friga – Rainha do céu e esposa de Odin. Grande Mãe dos povos nórdicos. Deusa da fertilidade e considerada a deusa do casamento, da família e do destino.

Frísia – Lugar onde Egil e Thorolf piratearam e saquearam.

Frodi – Guardião que o rei Erik designou para zelar por seu filho Rognvald, quando soube que Egil se encontrava em seu reino.

Furadora de Malha de Ferro – Nome da alabarda de Thorolf.

Garth – O primeiro viking a morrer de uma febre maligna que atacou o fiorde Brilhante.

Gaula – Local onde morava o conde Atli, o Esbelto.

Gaular – Lugar onde se celebrava, no templo principal, os grandes sacrifícios de verão. Havia grande aglomeração de pessoas, a maioria nobres, vindas do fiorde, das cataratas e de Sogn.

Gerstein – Parente de Eyjolf, que tomou a si punir Erik, o Vermelho, convocando um conselho dos clãs para que se procedesse ao julgamento do assassino.

Gotaland – Local onde o rei Hacon fez grandes conquistas, tal como está contado em sua saga e nos poemas que foram feitos em sua honra.

Grani – Escravo de Stainer que morreu por vigiar o gado de seu patrão no pântano de seu vizinho e inimigo Thorstein.

Grendel – Personagem monstruoso do poema épico anglo-saxão Beowulf que atacava durante a noite Heorot, o salão de festas do rei dinamarquês Hrothgar.

Grim – Filho de Thorstein e neto de Egil que morreu com dez anos de idade, em consequência de uma disputa de terras.

Grim de Halogaland – Quem encontrou, em uma enseada, o caixão de Kveldulf encalhado.

Grim Skallagrim – Filho de Úlfr Kveldulf, o Lobo Noturno, irmão de Thorolf. Casou-se com Bera, com a qual teria os filhos Egil Skallagrimsson e Thorolf, entre outros.

Grim, filho de Hegg – Garoto morto por Egil Skallagrimsson quando ambos ainda eram crianças.

Gudrek – Conde que, juntamente com o conde Alfgeir, protegia as fronteiras contra as invasões de dinamarqueses, escoceses e normandos.

Gudrid – Jovem bela e nobre. Filha do poderoso Thorbjorn, sacerdote de um templo cristão em Laugarbrekka, mas criada por Orn, habitante da Rocha da Águia.

Gunnar – Um dos cinco filhos de Egil.

Gunnhilda – Feiticeira, rainha e mulher de Erik Machado Sangrento. Inimiga figadal de Egil Skallagrimsson.

Guttorm – Tio e pai adotivo do rei Harold Cabelo Bonito, e uma das poucas pessoas amadas pelo rei. Administrava suas terras na infância do rei e mais tarde tornou-se comandante e chefe dos exércitos de Harold na campanha de unificação.

Gyda – A musa inspiradora de Harold Cabelo Bonito, rei único da Noruega.

Gyda – Irmã de Arinbjorn, cuja filha foi a causa de Egil lutar com Ljot, o Pálido, num duelo.

Hacon – Filho primogênito de Harold Cabelo Bonito.

Hadd – Guardião designado pelo rei Erik Machado Sangrento, para vigiar seu filho Frodi, quando

este se encontrava em uma fazenda em Alrekstead e temia a aproximação de Egil.

Haerek – Filho de Hildirida e irmão de Harek com o qual, em busca de sua herança, acabou por causar a morte de Thorolf, o filho de Úlfr.

Halfdan Perna Branca – Filho de Olaf Cortador de Árvore, que conquistou Varmland, um condado situado na Suécia. Primeiro rei da dinastia do rei Harold, na Noruega.

Hallvard – Mensageiro do rei Harold, tanto dentro como fora do país, juntamente com seu companheiro Sigtrygg.

Halogaland – Uma região conquistada pelo rei Harold Cabelo Bonito, a qual foi a grande causa das intrigas e disputas entre os filhos de Hildirida e Thorolf.

Hals – Local onde Egil e Arinbjorn ancoraram, após longa navegação na Dinamarca, até o fiorde de Lima.

Harek – Um dos filhos de Hildirida e do barão Bjorgolf. Devido às suas intrigas com o rei, ele e seu irmão Haerek causaram, indiretamente, a morte do poderoso Thorolf.

Harold Grafeld, casaco de pele cinza – Filho adotivo de Arinbjorn, o qual ficou com ele durante toda sua vida.

Harold Cabelo Bonito – Poderoso e destemido guerreiro, conquistador de todos os reinos da Noruega, onde se tornou o rei único. Marido de Gyda. Também chamado de Harold, o Peludo, devido à promessa de não cortar o cabelo até conquistar toda a Noruega.

Harold, o Peludo – *Vide* “Harold Cabelo Bonito”.

Hegg – Pai do garoto Grim que foi assassinado por Egil.

Heimdall – Vigia e guardião da “Bifrost”, ponte do arco-íris que conduzia à Asgard, morada dos deuses. Tinha a visão e a audição extraordinariamente apuradas, sendo capaz de ouvir crescer a grama e a lã da ovelha. Nunca dormia e sua missão era alertar os deuses da invasão dos inimigos, soprando a corneta Gjallarhorn, que podia ser ouvida em todo o mundo.

Hel – Na mitologia nórdica, criatura monstruosa, filha de Loki com a gigante Angrboda e guardiã dos mortos. Seu corpo era metade branco e metade negro.

Helga – Filha de Thorfinn e irmã de Helgi. Foi curada por Egil de um feitiço que a deixara entre a vida e a morte.

Helgi – Filho de Thorfinn e irmão de Helga. Jovem valente que, juntamente com seu pai, acompanhou Egil na travessia de uma floresta onde o aguardava uma emboscada.

Helluland – Ilha que Leif e seus homens encontraram durante uma expedição. O nome foi dado em alusão a Hel, o inferno gelado dos nórdicos. Atualmente se chama ilha de Baffin, no Canadá.

Heorot – Nome de um grande salão real. No poema épico de Beowulf, o rei Hrothgar e seus guerreiros dormiam em Heorot quando foram atacados pelo monstro Grendel.

Herjolfsnes – Local na Groenlândia onde morava Thorkell, um nobre proprietário de terras que deu abrigo e alimento a Thorbjorn e toda a sua tripulação pelo inverno inteiro.

Hidromel – Bebida dos deuses nórdicos que equivale à cerveja.

Hildirida – Filha de Hogni e mãe de Harek e Haerek. Quem instigou os dois filhos a jamais abrirem mão da herança de seu pai.

Hjadarholt – Povoado que ficava no oeste, onde morava Thorgerdr, filha de Egil.

Hjorleif – Viking que, juntamente com Ingjolf, colonizou a Islândia. Tanto se falou acerca de sua viagem, que muito vikings se aventuraram por lá depois.

Hogni – Plebeu riquíssimo, pai de Hildirida e avô de Harek e Haerek.

Homens-feras – Forma de se referir aos *berserkers*, guerreiros tomados pela fúria irracional.

Hordaland – Ponto onde ficava a corte do rei Hacon quando não se encontrava em Rogaland.

Hothgar – Rei dinamarquês de Daneland. Para libertar seu castelo, o herói épico Beowulf matou o monstro Grendel.

Hraeda-ox – “Machado de Assustar”, em pseudonórdico antigo.

Hrafn – Filho de Kettle, o Salmão, e Ingunn. Nasceu quando seu pai construiu sua casa em Hofi, junto ao leste do rio Rang.

Hring – Juntamente com Adils foi rei tributário de Athelstan, da Grã-Bretanha. Ambos optaram por trair a confiança de Athelstan e irem alistar-se nas fileiras do rei escocês.

Hrollaug – Rei do norte de Naumdale que entregou sem luta o trono ao rei Harold Cabelo Bonito.

Ilha de Alost – Ilha onde morava Sigridr, filha de Sigurd, um barão riquíssimo.

Ilhas Brenn – Onde Thorolf e Egil aportaram, após suas navegações. Vivia ali grande quantidade de vikings, devido ao fato de circularem entre as ilhas muitos navios mercantes.

Ilhas de Midfirth – Onde Egil encontrou uma pedra tão gigantesca e especial que fez dela uma bigorna.

Ingjolf – Viking que, juntamente com Hjorleif, colonizou a Islândia. Tanto se falou acerca de sua viagem que muitos vikings se aventuraram por lá depois.

Ingvar – Sogro de Skallagrim e um dos que fugiram da tirania de Erik Machado Sangrento. Após desfazer-se de todos os bens e comprar um navio de longo curso, zarpou em direção à Islândia, na esperança de encontrar seu genro Skallagrim, que havia se estabelecido ali.

Irmãos Skallagrim – Egil e Thorolf Skallagrimsson.

Jormungand – Gigantesca serpente marinha, filha de Loki com a gigante Angrboda. Irmã do lobo Fenris e de Hel. Jormungand foi jogada por Odin no grande oceano que circula Midgard, onde passou a

habitar. Ali cresceu tanto que era capaz de fazer a volta na Terra e morder sua própria cauda.

Jotunheim – O País dos Gigantes, eternos inimigos dos deuses, governado pelo rei Thrym e cuja principal cidade é Utgard.

Jutlândia – Península onde Egil Skallagrimsson saqueava nas suas expedições. Forma a parte terrestre da Dinamarca e o extremo norte da Alemanha e é separada da Noruega pelo Skagerrak e da Suécia pelo Kattegat.

Kari de Berdla – Amigo de Úlfr, o Lobo Noturno. Homem nobre, célebre por suas vitórias em batalhas e *berserker*, tal como Úlfr.

Kenning – Figura de linguagem poética muito usada pelos bardos das cortes vikings. Em vez de dizerem “alabarda”, por exemplo, eles costumavam dizer “Furadora de Malha de Ferro”, ou em vez de dizerem “mar”, diziam “Caminho da Baleia” etc.

Kettle Blund – Capitão e rico norueguês de nobre estirpe. Pai de Geir. Como Kettle pretendia fixar residência na Islândia, Skallagrim ofereceu alojamento para pai e filho, como também a todos os seus marinheiros.

Kettle Haeing, o Salmão – Parente próximo e um dos melhores amigos do guerreiro Thorolf. Era membro muito rico da nobreza e homem de excelente reputação.

Kol – Mensageiro do rei Harold Cabelo Bonito. Homem muito viajado, que por ter morado muito tempo na Dinamarca e na Suécia conhecia perfeitamente os caminhos e os habitantes de lá.

Kveldúlfr – Chamado de Úlfr, o Lobo Noturno. Célebre guerreiro *berserker*. Pai de Grim e de Thorolf.

Kylfings – Saqueadores que também negociavam com os finlandeses.

Lambi – Obscuro habitante de Lambastadir, que salvou Thorstein, filho de Egil, de uma emboscada.

Laufgroen – “Folha de árvore”, no idioma islandês.

Laugarbrekka – Morada de Thorbjorn durante muitos e prósperos anos. Fica no condado de Breidavik no lado sul da península Snæfellsnes, perto da aldeia de pesca Hellnar.

Leif Eriksson – Grande navegador e desbravador dos mares, filho primogênito de Erik, o Vermelho, e irmão de Thorstein. Quem praticou na saga de Erik, o Vermelho, o mais notável dos feitos: descobriu a América, antes mesmo de Cristóvão Colombo.

Leif, o Sortudo – Apelido dado a Leif Eriksson por ter salvo cerca de quinze homens brancos que haviam naufragado.

Lidandisness – Rota marítima que Thorolf seguia habitualmente e que ficava em direção a Fold, onde ele e seus homens saqueavam todos os povoados da costa.

Lithe – Terras que Kettle, o Salmão, deu a Baug, seu irmão adotivo, que ia desde o rio Mark até o

rio que existe ao oeste de Breidabolstead.

Lithe-End – Terra onde se estabeleceu Baug, irmão adotivo de Kettle, o Salmão.

Ljot, o pálido – Jovem sueco arrogante que duelava para ganhar a vida. Morreu num duelo com Egil Skallagrimsson, quando este honrava a filha de Gyda.

Loki – Descendente dos gigantes, não pertence ao panteão dos deuses Aesir, embora viva com eles. Deus do fogo e da trapaça, também está ligado à magia e pode se metamorfosear em vários animais. Apesar de suas astúcias prejudicarem momentaneamente os deuses, estes acabam por se beneficiar de uma forma ou outra.

Lorde de Sogn – Navegador, filho de Brynjolf, que seguia ora em viagens mercantis, ora para piratear.

Lorde Thorir – Pai de Arinbjorn.

Lund – Grande porto comercial onde Egil, Thorolf e seus homens desembarcaram para saquear, desencadeando uma sangrenta batalha.

Machado Sangrento – Segundo rei da Noruega e o filho mais velho do rei Haroldo Cabelo Bonito. Era chamado também de “assassino de irmãos”. Ao ser coroado rei, entrou em disputa com seus dezoito irmãos, vindo a decapitar quase todos, salvando-se apenas Hacon, que havia se refugiado na Inglaterra. Era casado com Gunnhilda, mulher bela e inteligente, que tinha a reputação de ser bruxa.

Maera – Reino conquistado por Harold Cabelo Bonito.

Markland – Nome dado pelos exploradores vikings à atual costa do Labrador, situada ao sul da ilha de Baffin, no Canadá. O nome significa terra da madeira e é uma referência à abundância de árvores da região. Foi descoberta e explorada por Leif Eriksson, filho de Erik, o Vermelho. Juntamente com Vinland, era um dos locais mais prometedores para uma eventual colonização viking da América do Norte.

Martelo de Thor – *Vide* “Miolljnir”.

Midgard – Nome dado ao reino dos humanos na mitologia nórdica. Domínio da deusa Jord. Localiza-se em meio à Yggdrasil, a Árvore da Vida.

Mimir – O mais sábio dos deuses nórdicos. Obteve todo o seu conhecimento ao beber do poço da sabedoria nas raízes de Yggdrasil, a Árvore da Vida. Teve sua cabeça cortada, mas o deus supremo Odin a manteve viva a fim de consultá-la sempre que necessário.

Minn sonr – “Meu filho”, na língua islandesa.

Miolljnir – Nome do martelo do deus Thor, o mais fortes dos deuses. Uma das mais temíveis armas, capaz de aplinar montanhas. Forjado pelos anões filhos de Ivaldi numa aposta contra o deus Loki. O deus Thor usava este artefato para defender Asgard de um ocasional ataque dos gigantes do País de Jotunheim, os inimigos mortais dos deuses.

Mossey – Onde Bjorn Brynjolfsson, que havia raptado Thora, desembarcou após longa viagem pelo mar, oficializando ali sua união. Ali, também, ficou sabendo que o rei Harold mandara

mensageiros com ordem de prendê-lo e executá-lo.

Naumdale – Reino conquistado pelo rei Harold Cabelo Bonito, que o tomou das mãos dos reis irmãos Herlaug e Hrollaug.

Nifhel – Terra gélida, cujo solo é gelo salgado e o ar é um denso nevoeiro infinito. Localizada ao norte dos abismos de Ginunngagap.

Njord – Deus do mar, da raça do Vanir e marido da gigante Skadi. Pai de Freya, a deusa do amor, e de Freyr, deus da fertilidade.

Nornas – Três entidades femininas fiandeiras do destino cuja missão é controlar a sorte, o azar e a providência, quer dos homens quer dos deuses. São representadas pela virgem Skuld ou Skald, a mãe Verðandi e a anciã Urð. Nesta respectiva ordem, a guardiã do futuro, que detém o controle do Destino, vive encapuzada e possui um pergaminho oculto que contém os mistérios do futuro. A mãe representa o presente, o movimento e a continuidade; tudo o que acontece é tecido por seus pensamentos. A velha representa o passado e vive olhando para trás, por sobre os ombros. São protegidas por um dos ramos da árvore Yggdrasil e todas as manhãs despejam hidromel sobre suas raízes, a fim de que as folhas se mantenham verdes.

Northumberland – Reino que representava um quinto de toda a Inglaterra e era a sua parte mais setentrional. Sua fronteira era protegida contra as invasões de dinamarqueses, escoceses e normandos.

Odin – Deus nórdico da sabedoria e do poder mágico que resgatou as runas. Aceitou a condição de perder um olho para obter sabedoria e onisciência. É considerado também o deus da morte, por receber, ao lado de Freya, os guerreiros mortos que chegavam em Valhalla levados pelas valquírias.

Oleif Halt – Homem muito rico, sábio e de estirpe nobre que foi com sua família e amigos para se estabelecer na Islândia junto a Skallagrim.

Oráculos – Previsões feitas por seres humanos, baseadas, segundo as lendas, em uma conexão destes com os deuses. O deus Odin, na Mitologia Nórdica, consultava a cabeça do deus Mimir como oráculo, em Asgard, morada dos deuses.

Orcadas – Arquipélago localizado no mar do Norte, ao largo do norte da Escócia. Inicialmente, foram colonizadas pelos vikings.

Orn – Chamado de Orn da Rocha da Águia. Homem próspero, casado com Halldis e pai adotivo de Gudrid, filha do sacerdote.

Os doze berserkers – Soldados do rei Harold, da Noruega, que entravam em tal estado de fúria quando em combate que se acreditava que suas peles se tornavam imunes às armas.

Osvif, o Profeta – Irmão de Einar e filho de Helgi.

Óthokkuligr bikkja – Insulto na língua islandesa.

Palácio da Morte – Referindo-se ao Valhalla, o mais belo Salão em Asgard, onde as valquírias levavam os guerreiros mortos em batalha para viver em constante banquete à espera do Ragnarök.

Portão de Grani – Nome dado a um portão em homenagem a Grani, o servo de Steinar, por ter

perdido a vida neste local.

Rainha Gunnhilda – Esposa do rei Erik Machado Sangrento e feroz inimiga de Egil Skallagrimsson. Tinha a reputação de ser uma bruxa.

Rei Athelstan, o Crente – Rei e cristão fanático que converteu Leif Eriksson à religião cristã e o convenceu a converter muitos outros pagãos através dele.

Rei Audbjorn – Soberano de Firthfolk que convocava soldados para combater contra Harold Cabelo Bonito, quando este lutava para usurpar todos os reinos da Noruega.

Rei Hacon – Filho adotivo do rei Athelstan da Inglaterra.

Rei Harold – *Vide* “Harold Cabelo Bonito”.

Rei Olaf Tryggvason – Rei que se empenhou fanaticamente em restaurar a religião cristã entre os pagãos vikings.

Rei Peludo – Como também era chamado o rei Harold Cabelo Bonito, devido a seu longo cabelo e barba.

Resgate da Cabeça – Nome dado a uma poesia feita em uma noite por Egil Skallagrimsson para o rei Erik Machado Sangrento, e a qual veio a salvar a sua vida.

Reykja – Fiorde onde Grim, filho de Úlfr, e Grim de Halogaland decidiram entrar cada qual com seu navio. Devido a um terrível temporal, entretanto, acabaram se perdendo um do outro.

Riacho de Mud – Rio que ficava nas vastas terras onde Skallagrim instalou o sogro no Cabo dos Cisnes e que ia desde o riacho de Mud até o fiorde de Strome.

Riacho Quente – Onde Oleif aceitou as terras oferecidas por Skallagrim e mudou-se para lá, tornando-se muito poderoso.

Rio Aurrida – Rio em cujas margens houve uma luta feroz entre Thorstein e Steinar devido a rixas de terra. Acabou morrendo, neste dia, Grim, o filho de Thorstein, dois criados de Thorstein e também um dos criados de Steinar, além de outros homens.

Rio Flokadale – Rio que fazia parte das terras ao sul do rio Branco, que foram oferecidas por Skallagrim a Oleif.

Runas – Alfabeto que guarda os mistérios do universo.

Sandvik – Local ao sul de Borg, onde foi celebrado um jogo em que Egil e Thord enfrentariam Skallagrim num jogo que acabou em tragédia.

São Olavo – Rei que se empenhou fanaticamente em restaurar a religião cristã entre os pagãos vikings.

Senhor da lança – Referindo-se ao deus nórdico, Odin.

Shetland – Lugar onde Bjorn, que havia raptado Thora e navegado longamente, chegou com o

objetivo de oficializar sua união.

Sigrid – Esposa de Thorstein. Possuíam uma morada no assentamento oeste da Groenlândia, num lugar chamado fiorde Brillhante, onde habitava também Thorstein, o filho de Erik.

Sigridr – Filha de Sigurd, um barão riquíssimo que habitava na ilha de Alost. Foi esposa de Bard, de Thorolf e de Eyvind, todos poderosos guerreiros.

Sigtrygg – Mensageiro do rei Harold, que com outro mensageiro de nome Hallvard viajava tanto dentro como fora do país.

Sigurd – Barão abastado e poderoso, pai de Sigridr.

Sihtric – Rei viking de York e de Nortúmbria, com o qual o rei Athelstan fez alianças e casou sua irmã. Sihtric morreu no ano seguinte e Athelstan anexou a Nortúmbria ao seu reino, tornando-se o rei saxão com a maior extensão de terras e aumentando poderosamente seu poder e prestígio.

Skald – Bardo viking.

Skallagrim – Filho de Úlfr e marido de Bera. Com vinte e poucos anos já era calvo, por isso lhe chamavam de *Skallagrim*, que equivale, no idioma islandês, a “Grim calvo”. Administrava todas as propriedades do pai, além das suas, e todo o rendimento de ambas. Era forte e gigantesco e possuía um temperamento feroz.

Skegg-Thorir – Administrador da fazenda do rei Erik Machado Sangrento, em Herdla.

Skraelings – “Os Horríveis”. Nativos encontrados por Leif Eriksson ao descobrir Vinland. Chamados assim pelos navegadores nórdicos devido às suas peles escuras e fisionomia muito diferente da beleza padrão viking.

Sleipnir – Cavalo de oito patas do deus Odin. Filho do cavalo do gigante Svadilfari e de Loki, quando este se transformou em uma égua.

Snaefellsstrond – Onde Steinar comprou o valoroso escravo chamado Thrand, que morreu nas mãos de Thorstein, filho de Egil, desencadeando uma longa rixa entre Steinar e Thorstein.

Snorri Sturlusson – Historiador, poeta e político islandês. Autor de *Edda* em prosa e do *Heimskringla*, uma história dos reis nórdicos que inicia na *Ynglinga saga*. Na Edda em Prosa, sustenta a teoria de que deuses mitológicos começam como líderes de guerra humanos e reis e acabam se tornando objetos de culto. Foi atribuída a ele a *Saga de Egill Skallagrimsson*, mas esta suposição nunca foi confirmada.

Sogn – Fiorde onde os vikings ancoravam habitualmente durante suas expedições.

Solstício – Momento em que o Sol atinge a maior declinação em latitude. Os solstícios ocorrem somente no mês de dezembro e de junho. O dia mais longo do ano se dá no Solstício de Verão e a noite de maior duração acontece no Solstício de Inverno.

Solveig, a Bela – Filha do conde pela qual o amigo de Thorolf se apaixonou, abandonando a expedição viking, na esperança de conquistá-la.

Solvi, o Audacioso – Rei que instigou os demais vikings a lutarem contra a tirania de Harold Cabelo Bonito, quando este lutava para conquistar os reinos com o objetivo de destronar todos os reis da Noruega.

Solvi, o Pernas Arqueadas – *Vide* “Solvi, o Audacioso”.

Steinar – Vizinho de Thorstein, filho de Egil. Tornou-se seu inimigo mortal, por insistir em levar seu gado pastar nas suas terras.

Stokknes – Propriedades onde Thorbjorn e sua família ficaram com Erik durante o inverno. Na primavera seguinte, Erik as doou a Thorbjorn, que se estabeleceu em definitivo.

Sumbel – Banquete de confraternização onde a profetiza, A Pequena Sibila, demonstrava todo o seu poder de suas artes sobrenaturais.

Taufr – Talismã usado pela profetisa A Pequena Sibila.

Terra da Promissão – Terras da Islândia, que se dizia, entre os vikings, serem verdes, férteis e quentes e onde havia grande fartura.

Terra do Gelo – Forma de se referir à gélida Groenlândia.

Terra Verde – Terra que Erik, o Vermelho, descobriu e onde se estabeleceu, batizando com este nome para atrair os noruegueses.

Terras de Myrar – Terras em que Grim, pai de Egil Skallagrimsson, ocupou quando colonizou a Islândia.

Thing Sagrado – Tribunal Nórdico.

Thjodhild – Filha de Jorund e esposa de Erik, o Vermelho, com quem teve dois filhos, Thorstein e Leif. Juntamente com seu filho, foi uma das primeiras pagãs a se converter ao cristianismo.

Thjors – Rio estreito e profundo que os colonizadores da Islândia percorreram a remo, explorando as terras ao leste, onde desembarcaram o gado.

Thor – O mais forte dentre todos os deuses. Sua arma é um martelo de guerra mágico de nome Mjollnir. Possui cabelos e barbas vermelhos. Representa a força da natureza na mitologia nórdica, disparando raios com o seu poderoso martelo. Filho do deus Odin e de Jord, a deusa de Midgard, a Terra. Durante o Ragnarök, Thor matará e será morto por Jörmungandr.

Thora Lacehand – Irmã de Thorir Hroaldsson e mulher de Bjorn, um navegador que a conheceu numa viagem mercantil.

Thorbjorg – Poderosa profetisa viking, chamada também de A Pequena Sibila.

Thorbjorn Vifilsson – Sacerdote de um templo cristão em Laugarbrekka. Homem poderoso e

respeitado que, além de uma propriedade magnífica, possuía uma belíssima filha chamada Gudrid.

Thord, filho de Grani – Sujeito temido por todos, mas grande amigo de Egil e de Thord, filho de Grani. Incentivou Egil a ir à desforra em uma desavença que terminou em tragédia.

Thorfinn Karlsefni – Grande navegador, filho de Thord Cabeça-de-Cavalo. Habitava no norte da Islândia.

Thorgeir – Parente e amigo íntimo de Thorstein.

Thorgerdr Brak – Ama de leite de Egil Skallagrimsson, que morreu para salvá-lo de morrer nas garras enfurecidas do próprio pai.

Thorir Kettleesson Keel – Amigo de Úlfr Kveldulf e de seus filhos Grim e Thorolf, tendo-os acompanhado em muitas de suas navegações e pilhagens. Por essa razão, Thorir atraiu a ira do rei Harold Cabelo Bonito.

Thorir Thruma – Timoneiro viking e senescal do rei. Era também administrador da propriedade rural onde o rei islandês passava grande parte de seu tempo.

Thorkell – Rico proprietário que acolheu Thorbjorn e sua filha Gudrid após a sua chegada à Groenlândia.

Thorolf – Filho de Bera e Skallagrim, que lhe deu este nome por se parecer muito com seu tio Thorolf Kveldulf.

Thorolf – Guerreiro viking, primogênito de Úlfr, o Lobo Noturno e irmão de Grim. Era belo como a mãe e valente como o pai.

Thorsnes Thing – Local onde Erik se tornou um fora da lei, passando a ser perseguido por toda parte, até finalmente conseguir embarcar num navio, em *Eiriksvagr* (o Canal de Erik).

Thorstein – Filho de Erik Alspak, um riquíssimo barão na Noruega e de Thora, e afilhado de Arinbjorn.

Thorunn – Filha de Bera e Skallagrim.

Thorvald – Filho de Erik, morto por um nativo na América.

Thorvald, o Orgulhoso – Capitão encarregado de acompanhar Bjorn em suas expedições.

Thrand – Escravo morto por Thorstein por invadir suas terras para pastar os gados de Steinar, desencadeando uma longa rixa entre vizinhos que levou muitos à morte.

Tjaldaness – Local onde Egil Skallagrimsson foi enterrado.

Torgar – Terras onde havia as propriedades do barão Bjorgolf e que foi causa de longas e catastróficas disputas entre seus filhos.

Tradir – Local onde Erik morou, no primeiro inverno, quando se mudou para Brokey e Eyxney.

Tributo finlandês – Imposto arrecadado pelo rei.

Thyr – Filho de Hymir, o gigante do mar do inverno. Guerreiro ousado e corajoso, considerado o guardião da justiça. Possui apenas uma mão, a outra foi devorada por [Fenrir](#), o monstruoso lobo filho de Loki.

Úlfr, o Lobo Noturno – Guerreiro *berserker*, pai de Grim e de Thorolf.

Úlfrs – Dois irmãos, igualmente chamados Úlfr, que armaram uma emboscada para matar Egil numa floresta, mas acabaram ambos mortos por ele.

Uvaegi – “Pai”, na língua islandesa.

Vaca sagrada Audhumla – Vaca nascida de gelo derretido, tal como o gigante Ymir. De seus úberes corriam quatro rios de leite. Ela alimentava-se do sal que o gelo continha e que ela fundia ao lamber.

Vaetildi – “Mãe” na língua islandesa.

Vale do Rio Branco – Espécie de olimpíada nórdica onde se realizavam jogos brutais e à qual compareciam pessoas de todas as regiões.

Vale dos Gaviões – Lugar de onde Erik, o Vermelho, foi banido após assassinar um poderoso compatriota.

Valhalla – O mais maravilhoso dos palácios de Asgard onde são levados, pelas valquírias, os guerreiros mortos em batalha.

Valquíria – Belas mulheres servas de Odin que, armadas com elmos e lanças, escolhem os mais bravos guerreiros recém-mortos sobrevoando os campos de batalha para levá-los ao Valhala. A mais célebre delas desobedeceu ao deus Odin, desencadeando uma das maiores tragédias da mitologia nórdica.

Vanir – Um dos dois panteões dos deuses na Mitologia Nórdica, sendo o outro Aesir.

Varmland – Condado situado na Suécia conquistado, primeiramente, por Olaf Cortador de Árvore, pai de Halfdan Perna Branca. Depois o rei Harold Cabelo Bonito, que procedia desta linhagem, o conquistou. Todos os seus antepassados haviam governado Varmland, mas, quando Harold envelheceu, o conde Arnvid passou a administrá-lo.

Velho Caolho – Apelido dado ao deus Odin devido à ausência de um olho, perdido, voluntariamente, em troca da obtenção da sabedoria das runas.

Vellekla – Poema composto por Einar, o filho poeta de Helgi, em homenagem ao rei Hacon. Durante muito tempo, no entanto, o conde se recusou a ouvi-lo.

Vellir – Embarcação de oito remos que naufragou com seis servos de Egil, durante um forte vendaval do sul.

Vemund – Irmão de Arnvid, administrador de Varmland, morto em combate.

Vidimyr – Local onde Egil Skallagrimsson levou seu magnífico escudo, presente de um amigo poeta, e o deixou cair em um barril de leite azedo.

Vikings ou viquingues – Navegadores, guerreiros e piratas que, no final do século VIII e do IX, saquearam e colonizaram as costas da Escandinávia, Europa e Ilhas Britânicas.

Vinland – Terra das Vinhas. Nome dado por Leif Eriksson com o objetivo de atrair os seus compatriotas, uma vez que era muito diferente das terras geladas em que eles habitavam.

Vitar – Estação de pesca que ficava afastada das rotas marítimas e onde Egil soube, através dos pescadores, que o rei o havia banido e que qualquer um poderia matá-lo impunemente.

Ygdrasil ou Yggdrasil – Grande árvore da vida que, na mitologia escandinava, era o eixo do mundo. Suas raízes se espalhavam pelos nove mundos e as mais profundas chegavam a alcançar Niflheim, o mundo subterrâneo. Midgard, o mundo dos mortais, era seu tronco. Asgard, a cidade dos deuses, ficava na copa mais alta que tocava o Sol e a Lua. Havia um esquilo que corria de cima abaixo da árvore, levando e trazendo as novidades de um mundo a outro.

Yngvar – Barão e poderoso guerreiro. Quando o rei Harold Cabelo Bonito subiu ao trono, ao contrário dos demais, ele optou por permanecer em suas terras, sem prestar-lhe qualquer vassalagem.

Yule – Festividades pagãs comemoradas no Solstício de Inverno.

Apêndice

Os Poemas de Egil

(Tradução de Ariadne Guedes)

Resgate da Cabeça

1. Por mar ao oeste fui,
E de Odin obtive
O sumo da poesia
Assim sempre tenho feito
Em meu navio carreguei
Quando nele embarquei
Fardos de poesia
Já o gelo se fundia.

2. Hospedagem o rei me concedeu,
Devo louvá-lo eu:
De Odin trago hidromel
Na Inglaterra agora é sorvido
Ao rei elogiei,
Na verdade cantei.
Uma canção de louvor preparei,
Se está a ouvi-la rápido.

3. Agora o rei recebe
O poema que cede
O poeta, o recita
Se o silêncio suscita
Conhecidas do senhor
Suas lutas e seu ardor
Odin foi expectador
Dos mortos e do fragor.

4. As espadas soavam
Escudos golpeavam
Feroz luta surgiu
Quando o rei atacou
Então se ouvia
O sangue corria
Das armas o estrondo
Como ondas rompendo.

5. Uma trama de lanças
Lá se lança
Golpeiam com pujança
Chocam sem erro
De sangue já pleno
Estão os terrenos
As ondas serenas
As bandeiras pretas.

6. Os homens caíam,
Os dardos lhes feriam.
Grande fama ganhava
Erik e se agraciava.

7. Mais fatos contarei,
Das mortes direi,
Mais longa é minha história
De sua grade memória.
Sua fama se acresce,
Assim o rei a merece,
Rompe-se o ferro fiel
Sobre o azul do broquel.

8. Quebrou-se o aço
contra o ferro arremesso,
A ponta ensanguentada
Chocou contra outra espada
A que pende do talim
Matou a tantos ali,
De Odin os guerreiros
No jogo morreram.

9. Grande fama ganhava
Quando o dardo soava.
A espada talhava,
E Erik se agraciava.

10. Tingiu o rei a espada
De sangue, devorada
Por corvos, era achada
A carne destroçada
Por lobos, e a lança
A Hel guerreiros lançam,
Da Escócia o adversário
Nutre assim o sanguinário.

11. Devora da ferida
O néctar da vida
Nos mortos aninha
A boca avermelhada,
O corvo voava
Bebia sangue carminado,
O lobo desgarrava
A carne que sangrava.

12. Ficou alegre isso é certo
O assassino esperto.
Ao lobo entrega o morto,

Junto ao mar aberto.

13. Despertava o guerreiro
O proprietário do aço
Do escudo a beira
Rachou-se primeiro,
As bordas se quebraram
Os gumes cortavam,
Os dardos voavam
Quando ao arco esticavam.

14. O dardo voador
Adiante flutuou
O arco esticado
Ao lobo alegrou.
As ânsias de Hel
Venceu o guerreiro fiel,
O arco estalou,
Os gumes golpeando.

15. O rei esticou seu arco
Nas sendas do barco.
As flechas voaram,
Ao lobo alimentaram.

16. Ainda mais contarei,
Aos homens direi
As façanhas do rei,
Componho com ardor.
Regala ardente ouro,
Reparte seu tesouro,
A ele se deve louvar,
Governa sem poupar.

17. Os braceletes divide,
Seus presentes não mede,
Não ama a avidez,
Reparte sem mesquinhez.
Abundante tesouro
Possui peças em ouro,
Sempre alegre o marinheiro
Com o metal verdadeiro.

18. Seu escudo defende
Da lâmina que brande,
De sua mão o desprende
Erik, o excelente.
Sei muito bem como era,
Aqui, lá onde impera,

Pelo mar se tem sabido
Que sua fama tem crescido.

19. Ante o rei tenho cantado
Os versos que tenho formado,
De coração tenho falado,
Atento me tem escutado,
Com minha boca recitei
Um poema que imaginei
De Odin o hidromel,
Ao guerreiro fiel.

20. Ao rei devo exaltar,
Recitar sem errar,
Em casa de senhores
Bem sei cantar louvores.
Agora desde o peito
Ao rei um canto tenho feito.
Disse assim meu poema,
Houve atenção suprema.

Sona Torrek (A Perda dos Filhos)

1.

A língua resiste
Mexer em minha boca,
Não posso levantar
 A balança do verso.⁵
Não encontro prazer
 No néctar de Odin⁶
Não é fácil surgir
De seu lar em meu peito.

2.

Não posso tirar
Da moradia profunda
De meus pensamentos
Atormenta-me a dor,
Impede-me mover
O licor da poesia
Que um dia trouxe Odin
Do país dos gigantes.

3.

Vivia sem culpa
Na longa casa
Similar ao barco

De guerra de Nökkver.⁷
Sibilou o sangue,
O mar, nas rochas
Onde habita
O povo dos Elfos.

4.

Minha linhagem afunda
Na decadência,
É uma floresta repleta
De árvores caídas.
Profunda dor sofre
Quem tira do leito
O parente querido
E o leva a sua tumba.

5.

Mas contarei, primeiro,
A morte do pai,
Como morreu minha mãe,
Tirarei de minha boca
Torrentes de palavras,
Serão folhas da árvore
Alta e copada
Da poesia.

6.

Quanto dano me causou
A brecha que abriram
As ondas do mar
Nos muros paternos,
Aberta a fenda,
Vazia está e escura.
Uma onda maligna
Arrebatou-me o filho.

7.

Duro golpe me acertou
A deusa do mar,
Desamparado estou
De amigos amados.
O mar rompeu os laços
Que minha estirpe unia,

Os mesmos elos
Que a mim mesmo me unem.

8.

Certamente, se esse agravo
Com espada se vingasse,
A esposa de Aegir
Estaria já morta.
Se pudesse matar
O senhor dos mares,
Se atacar pudesse
A amante de Aegir.

9.

Mas a lei não permite
Vingar-se com morte
A quem matou meu filho,
Assim eu creio.
Qualquer um sabe
Que Aegir, o ancião,
Não possui nem um filho,
Desamparado e sozinho.

10.

O mar me causou
Perda irreparável,
Que triste é contar
A morte de um filho.
Era escudo de minha estirpe,
Pôs-se a andar pelo caminho
Que conduz a alta
Mansão dos mortos.

11.

Sei muito bem que meu filho
Grande teria sido
Se tivesse crescido
E chegado a ser homem.
Se tivesse chegado
A ter o vigor,
A mão fornida,
De um forte guerreiro.

12.

Atendia sempre

As palavras do pai,
Embora os outros
Dissessem o contrário.
Ele era meu apoio
Em todos os momentos,
Nele minha força
Podia repousar.

13.

Frequentemente me vem
Ao pensamento
A falta de amigos.
Quando a luta
Ainda mais se endurece
Penso nisto,
Retorna a minha lembrança,
Minha alma atormenta:

14.

Em quem confiarei,
Acaso algum homem
Chegará a me ajudar
Em minha amarga aflição.
Fará tanta falta
Quando o pérfido ataque,
Há de ir com cuidado
Quem de amigos carece.

15.

É difícil encontrar
No tronco de Odin
Alguém tão somente
Em quem possa confiar.
Serve ao escuro
Quem vende por ouro
O corpo de um irmão,
Por compensação?

16.

Dizem, a compensação
Nunca se obtém
Pelo filho morto.
Somente tornam a gerar
Mais outro filho
Segundo afirmam
Que é tão bom

Quanto o irmão perdido.

17.

Já não me agrada
Companhia de pessoas,
Embora todos busquem
Conservar a paz.
Chegou o meu filho
Ao albergue de Odin,
O filho de minha esposa
Foi ver aos seus.

18.

Mas me é hostil
O deus que destila
Doce licor de malte.
Seu coração rude.
Já não posso erguer
Minha cabeça cansada,
Não posso ter firme
O carro da razão.

19.

Desde que meu filho
Foi arrastado
Pela febre ardente
Do mundo dos vivos.
Bem sei que ele sempre
Evitou com orgulho
Cair na vingança,
Que evitou o vitupério.

20. Ainda lembro
Que o deus dos geats
Levou meu filho
Ao país dos deuses.
Ramo de minha estirpe
Que gerei.
Querido retorno
Era de minha esposa.

21.

Fui amigo fiel
Do senhor da lança
Tão crédulo fui
Que nele confiei.

Mas o deus, que é rei
De todos os deuses,
E que o triunfo outorga,
Rompeu a amizade.

22.

Por isso, não poderei
Fazer sacrifícios
Agradáveis a Odin,
Defensor dos deuses.
Mas hei de ser sincero,
O deus mais sábio
Deu-me compensação
Por todas minhas aflições.

23.

Odin, o guerreiro
Habitado ao combate,
Concedeu-me uma arte
Perfeita e sem defeito,
Que obriga o inimigo
A descobrir suas artimanhas,
Tal é a força
Da poesia.

24.

Estou triste
Pois já está perto
Hel, a deusa
Dos homens mortos.
Mas com alegria,
E ainda com desejo,
E já sem medo,
Aguardarei a morte.

[5](#) Balança do verso: a língua.

[6](#) Néctar de Odin: poesia.

[7](#) Nókkver: anão que inventou a poesia. Barco de Guerra de Nókkver: poderia ser a poesia.



Todas as emoções deste mundo

Satyro, Antonella Guimarães

9788574212623

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pelo impacto que causa nas vidas de quem passa por ali, o Caminho de Santiago de Compostela tem admiradores e peregrinos espalhados no mundo inteiro. Para Antonella Guimarães Satyro a experiência foi tão transformadora que ela decidiu compartilhar em forma de diário sua experiência e fazer um paralelo entre o Caminho e a vida — em uma exaltação à felicidade e à busca pessoal de cada um por seus sonhos. Em *Todas as Emoções deste Mundo*, a jovem autora além de oferecer dicas práticas para quem quer ir (por onde começar, o que levar...), mostra que a beleza da vida está no modo de viver, nas pequenas coisas do cotidiano, na imperfeição imperfeita da arte que se encontra fora dos padrões e que presenciamos nas nossas vidas diariamente. O texto e as histórias contadas por Antonella vão cativar peregrinos, quem quer ainda fazer o Caminho, mas, principalmente, quem quer mudar algo e assumir as rédeas de sua vida. Um livro para quem gosta de viajar, mas também para quem é apaixonado pela vida e quer transformar seu dia a dia em uma grande viagem ao seu interior, rumo ao autoconhecimento e à felicidade. Um livro que convida a não desistir de seus sonhos.

[Compre agora e leia](#)

Neto Fagundes

CAUSOS DO NEGO VÉIO



Causos do Nêgo Véio

Fagundes, Neto

9788574212647

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não há prática mais comum e prazerosa na vida campeira

do que a contação de causos (versão gaudéria da milenar arte de narrar histórias entre amigos), dom que Neto Fagundes domina como poucos. O repertório do Causos do Nêgo Véio é um variado cardápio de histórias engraçadas recolhidas desde a infância do Neto lá pelas bandas do Alegrete, no interior do Estado, ou nas rodas de mate e música pela vida.

[Compre agora e leia](#)



As tintas que não se comportavam

Andreazza, Graziela

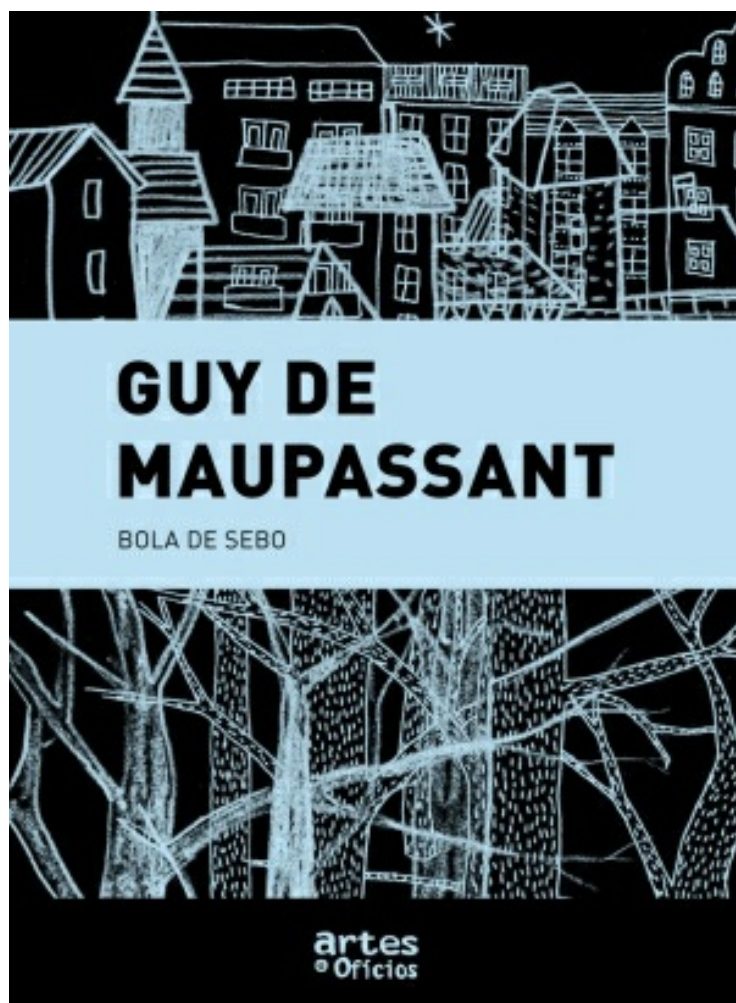
9788574212708

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ebook interativo - é possível colorir e jogar Em seus coloridos e primeiros traços publicados, Graziela Sanvito Andreazza Ramos sintetiza com uma dócil e colorida simplicidade muito do que move parte significativa de sua inspiração: doçura, liberdade e delicadeza de tons e sentimentos. Na adorável história da menina Ella, que gostava de pintar, Graziela resgata as inseguranças e aprendizados da infância e divide o amoroso diálogo entre a criatividade e os estímulos, que se bem percebidos e trabalhados podem transformar-se em dons e habilidades e na tão desejada e necessária autoestima na vida adulta. Em seu primeiro livro, Grazi, que é mãe de duas meninas, mostra aos pequenos e grandes leitores a importância da dedicação, da persistência e da flexibilidade de entendermos que nem tudo precisa sair exatamente como imaginamos para ser bonito, verdadeiro e transformar-se em arte.

[Compre agora e leia](#)



Bola de sebo

de Maupassant, Guy

9788574212043

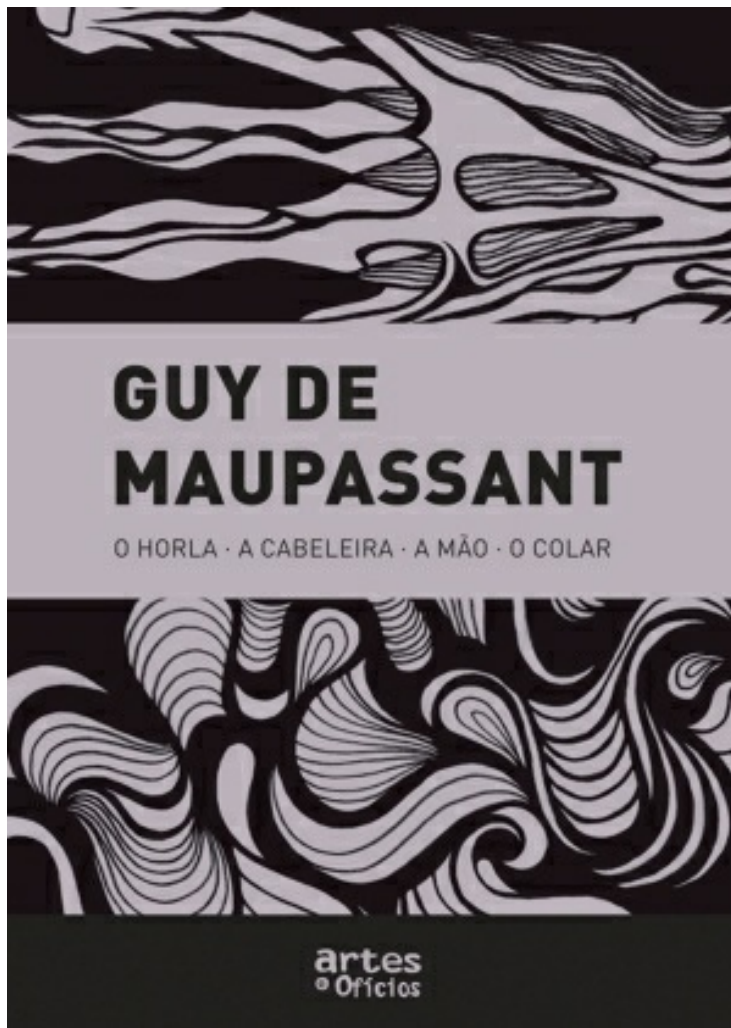
96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Durante a guerra franco-prussiana, dez moradores da cidade

francesa de Rouen, ao fugir do exército invasor, são reunidos ao acaso dentro de uma diligência. Junto a estes fugitivos (que representam a sociedade: comerciantes, burgueses, nobres, as irmãs religiosas, o político) está a prostituta Élisabeth Rousset, apelidada Bola de Sebo. A personagem, que encarna a figura do herói neste texto de Guy de Maupassant, apesar de sua generosidade capaz de salvar a vida dos companheiros de viagem, quando deixa de lhes ser útil, volta a ser desprezada por eles.

[Compre agora e leia](#)



O horla, A cabeleira, A mão, O colar

de Maupassant, Guy

9788574212029

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Horla | A Cabeleira | A Mão | O Colar Ao abrir esse livro, o

leitor mergulhará na Paris do século XIX e se entregará às experiências insólitas daquela época. O insólito, o sobrenatural e o mistério, que ainda hoje fascinam os jovens, são elementos brilhantemente explorados pelo contista Guy de Maupassant.

[Compre agora e leia](#)